

Universidade Católica de Santos

Mestrado em Educação

**AS RELAÇÕES ENTRE O ENSINAR E O APRENDER: O PROFESSOR
COMO MEDIADOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

MÔNICA RIBEIRO FALCÃO

**Santos
2007**

Universidade Católica de Santos

Mestrado em Educação

**AS RELAÇÕES ENTRE O ENSINAR E O APRENDER: O PROFESSOR
COMO MEDIADOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

MÔNICA RIBEIRO FALCÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Educação da Universidade Católica de
Santos, como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Barbosa Abdalla

**Santos
2007**

Dados Internacionais de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos
SIBIU

F178r FALCÃO, Mônica Ribeiro
As Relações entre o Ensinar e o Aprender: o professor como mediador do processo ensino-aprendizagem/ Mônica Ribeiro Falcão – Santos: [s.n.], 2007.
300 f.; 30 cm. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Católica de Santos, Programa em Educação.

I. FALCÃO, Mônica Ribeiro. II. Título.

CDU 37 (043.3)

BANCA EXAMINADORA

Esta pesquisa contou com o apoio financeiro do Governo do Estado de São Paulo
Programa Bolsa Mestrado – SEE/SP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a algumas pessoas muito especiais e fundamentais para a minha existência.

A meu pai, por ter sido o meu norte, companheiro e amigo de todas as horas, que, por meio de exemplos e atitudes, mostrou-me o mundo, educou-me, desde cedo, indicando o valor do saber e, ultimamente, tem me ensinado a conviver com a saudade.

A minha mãe, amiga incondicional, por ter abdicado horas de seu trabalho em favor do meu, pelo incentivo nos momentos difíceis; por suas palavras sábias e confortantes, auxiliando, com seus préstimos, as minhas conquistas e fazendo-me, sempre, acreditar que sou capaz. A você mãe, todo o meu amor e minha gratidão eternos.

A Felipe, amor da vida, que mesmo sem entender a importância desse momento, foi o meu maior incentivo. Pelo sorriso lindo nas horas improváveis, ajudando-me a construir o nosso amanhã. Esta trajetória só foi possível por você.

A Waldyr, que com muito companheirismo, acreditou nos meus ideais, dando-me apoio e estímulo constante, com paciência e compreensão, compartilhando momentos especiais alicerçados no amor e na amizade.

A meus irmãos, fontes de inspiração e de incentivo, que inculcaram em mim, desde a infância, o valor do partilhar e, hoje, mostram-me o sentido do verdadeiro amor fraterno.

*A vocês, o meu muito obrigada, por tudo:
Márcia, Marise, Júnior, Carla e Lúcia.*

À Beatriz, por fortalecer-me, cotidianamente, com sua amizade e amor, colaborando muito para este caminhar.

AGRADECIMENTOS

O percurso e a conclusão deste trabalho devem-se à dedicação e apoio de muitas pessoas que me acompanharam nesta trajetória. De formas distintas, todos foram fundamentais, em especial:

À Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Abdalla, estimada orientadora, pela orientação firme e dedicada, incentivando-me desde sempre, acreditando em mim e no meu trabalho, possibilitando uma oportunidade de crescimento ao abrir uma janela para meu futuro. Levarei este aprendizado para sempre.

À querida Prof.^a Dr.^a Sueli Mazilli, pelas excelentes contribuições para a realização e conclusão deste trabalho, apontando os caminhos possíveis, com sua energia positiva, carinho e encorajamento, pelo suporte crítico e inteligente, além da amizade e atenção demonstradas durante o curso.

À afetuosa Prof.^a Dr.^a Maria Leila Alves pelo estímulo e disposição e por seus notáveis julgamentos e contribuições em tópicos importantes, pelas observações pertinentes aos meus escritos e por contribuir para uma educação empreendedora.

A todos os professores do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Santos, que com sabedoria souberam encaminhar-me para este momento.

Aos sujeitos desta pesquisa, professores e alunos, pela participação espontânea e co-autoria deste estudo.

À Mônica Marques de Paula, companheira desta jornada, pela incansável força e estímulo sempre bem-humorado e pela disponibilidade em ajudar em todos os momentos.

Ao Prof. Vanildo J. Assis D'Antônio pelo incentivo e apoio no percurso e conclusão deste trabalho.

A todos os professores, alunos e funcionários de uma escola muito especial, para mim, CEESMA, em especial às amigas: Cristina Chagas, Estela, Gláucia, Jurema, Katie, Laura, Rosana, Solange e Valéria. Sem esse apoio, teria sido muito mais difícil.

Aos colegas do grupo de pesquisa da Universidade: Adauto, Celeste, Janaína, Renato, Sheila e Sílvia, pela amizade e aprendizado.

À Ana Lúcia, Irismar e Rosina, em nome dos demais funcionários, pelo excelente atendimento prestado, respectivamente, na Secretaria do curso de Pós-Graduação e na Biblioteca da Universidade Católica de Santos.

A todos os colegas de mestrado, pelos momentos compartilhados.

A todos os professores com quem tive a oportunidade de compartilhar vivências e aprender sempre.

A meus alunos, fonte de inspiração, que sempre me ensinaram muito mais que eu a eles.

A todos, que durante a vida, têm me ajudado a ensinar e, em especial, a aprender.

FALCÃO, Mônica Ribeiro. *As relações entre o ensinar e o aprender: o professor como mediador no processo ensino aprendizagem*. (Dissertação) Mestrado em Educação. Universidade Católica de Santos, 2007.

RESUMO

O presente trabalho enfoca o papel do professor no processo ensino-aprendizagem. Sendo assim, buscamos, nas relações pedagógicas desenvolvidas num contexto escolar, retratar a ação docente para compreender o que tem se concretizado em sala de aula através da prática dos professores. O problema da pesquisa se constitui através da questão: de que maneira o professor, como mediador do conhecimento no processo educativo, tem se utilizado de práticas pedagógicas que conduzam os alunos a uma aprendizagem mais significativa? Para tanto, estabelece como objetivo principal compreender como professores e alunos conduzem as relações entre ensinar e aprender, cotidianamente, e de que modo o professor exerce o seu papel de mediador do conhecimento nessas relações. O objeto de estudo são as relações entre ensinar e aprender e seu foco é a atividade docente que intervém e envolve o aluno no processo pedagógico, verificando em que medida as práticas dos professores estão voltadas para a aquisição de uma aprendizagem mais significativa. À luz do referencial teórico de Vygotsky (1987, 1998), Cunha (1989), Libâneo (1994, 2001, 2004), Sacristan e Pérez Gómez (1998), Charlot (2000, 2005), Fontana (2000), Abdalla (2002, 2006), Gadotti (2003), Tardif e Lessard (2005), e Rios (2006) que analisam as relações de ensino e aprendizagem, o trabalho docente, a prática pedagógica e as relações interpessoais em sala de aula. A pesquisa de cunho qualitativo utiliza, para a coleta de registros e abordagem do objeto, o estudo de caso. Como fonte dessa coleta, utiliza-se de entrevistas semi-estruturadas com seis professores e dez alunos, a observação do cotidiano escolar e a produção textual dos estudantes. Como forma de registro das observações, recorre ao diário de campo. A organização dos dados proporcionou a elaboração de três quadros de categorias de análise: *Mediação Pedagógica*, a categoria principal, que estruturou as seguintes: *o Sentido do Ensinar e o Sentido do Aprender*. Este estudo buscou apresentar alguns conceitos teóricos, no sentido de colaborar para a compreensão do papel do professor no processo ensino-aprendizagem. Os resultados demonstram que professores e alunos, apesar das adversidades, têm procurado caminhos para a construção do conhecimento em sala de aula. Os professores têm superado a deficiência dos cursos de formação, que não os preparam para a realidade escolar, e elaboram estratégias particulares de atuação. Embora, muitas vezes, as maneiras de interação estabelecidas em sala de aula não sejam ideais e as relações entre professores e alunos e, conseqüentemente, entre ensinar e aprender dependam da intervenção desse professor para que os caminhos para uma aprendizagem mais significativa sejam fortalecidos.

Palavras-chave: relações entre o ensinar e o aprender – o papel do professor – mediação pedagógica.

FALCÃO, Mônica Ribeiro. The relation between teaching and learning: the teacher as mediator in the teaching-learning process. (Essay) Master's degree in Education. Universidade Católica de Santos, 2007.

ABSTRACT

The present work focuses on the teacher's role in the teaching-learning process. Being thus, we seek, in the pedagogical relations developed in a school context, to portray the teaching action, to understand what has materialized in classroom through the teacher's practice. The problem of the research constitutes through the question: how has the teacher, as the knowledge mediator in the educative process, utilized pedagogical practices that lead the pupils to a more significant learning? For in such a way, it establishes as the main objective, to understand how teachers and students lead the relations between teach and learn relations, daily, and in what way the teacher play his role of the knowledge mediator in these relations. The study object is the relations between teaching and learning and its focus is the teaching activity that interferes and involves the student in the pedagogical process, verifying how much the teacher's practices seek for an acquisition of a more significant learning. By the light of the theoretical referential of Vygotsky (1987, 1998), Cunha (1989), Libâneo (1994, 2001, 2004), Sacristan and Pérez Gómez (1998), Charlot (2000, 2005), Fontana (2000), Abdalla (2002, 2006), Gadotti (2003), Tardif and Lessard (2005), and Rios (2006) that analyze the teaching and learning relations, the teaching work, the pedagogical practice and the interpersonal relations in classroom. The research of qualitative feature uses, for the collection of registers and approach of the object, the case study. As source of this collection, half-structuralized interviews with six teachers and ten students, the observation of the school routine and the students textual output are utilized. As form of observations register, it appeals to the daily field. The organization of the data provided the elaboration of three categories of analysis boards: Pedagogical Mediation, the main category that structuralized the following ones: the Meaning of Teaching and the Meaning of Learning. This study sought to present some theoretical concepts, in order to collaborate in the understanding of the teacher's role in the teaching-learning process. The results show that teachers and students, despite the adversities, have looked for ways to the construction of the knowledge in classroom. The teachers have overcome the formation courses deficiency that do not prepare them for the school reality, and elaborate particular strategies of performance. Although, many times, the established ways of interaction in classroom are not ideal and the relations between teachers and students and, consequently, between teaching and learning depends on the intervention of this teacher so that the ways for a more significant learning are fortified.

Key-words: relations between teaching and learning - the teacher's role - pedagogical mediation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fonte dos dados	60
Quadro 2 – Caracterização dos professores	67
Quadro 3 – Caracterização dos alunos	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Do referencial teórico à delimitação do problema	15
Da proposta de trabalho	19
CAPÍTULO I	
As relações entre ensinar e aprender: questões primeiras	26
1. Compreendendo o processo de formação de conceitos em Vygotsky	28
2. A mediação pedagógica	39
3. As relações entre ensinar e aprender	42
CAPÍTULO II	
Escolhendo caminhos e olhares da pesquisa	50
1. A natureza da pesquisa	51
2. O percurso metodológico	54
3. O contexto da pesquisa	61
3.1. Caracterizando a Escola B	64
3.2. Apresentando os professores	65
3.2.1. A abordagem metodológica utilizada pelos professores.	68
3.3. Apresentando os alunos	72
3.3.1. A produção dos alunos	76
CAPÍTULO III	
Mediação Pedagógica	81
1. O professor como mediador do conhecimento.....	83
1.1. Motivação.....	85
1.2. Atividade/Ação docente..	93
1.3. Relação entre o Ensinar e o Aprender	99
CAPÍTULO IV	
As Relações entre o Ensinar e o Aprender	109
1. O Sentido do Ensinar	111
1.1. Ser Professor (a)	116
1.2. Experiência Profissional	119
1.3. Compreensão do Processo Pedagógico	124
2. O Sentido do Aprender	128
2.1. Ser aluno	132
2.2 Família/ Escola	139
2.3. Aprendizagem Significativa	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	159
ANEXOS	167
Anexo I Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	168
Anexo II Termo de Autorização	170
Anexo III Roteiro das Entrevistas semi-estruturadas com os professores.	172
Anexo IV Roteiro das Entrevistas semi-estruturadas com os alunos.....	174
Anexo V Quadro de Categoria de Análise	176
Anexo VI Transcrição das Entrevistas com os Professores (Escola B)....	190
Anexo VII Transcrição das Entrevistas com os Alunos (Escola B).....	217
Anexo VIII As Cartas Produzidas pelos Alunos (Escola B).....	241
Anexo IX Perfil da 8ª B	251
Anexo X Observação das Aulas na Escola B.....	253
Anexo XI Dados Coletados na Escola A	285
Anexo XII Mapa Conceitual	299

INTRODUÇÃO

O mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor é tarefa dos seres humanos. É tarefa, por excelência, de educadores.
(RIOS, 2006, p. 24)

Minha interação com a educação aconteceu de maneira singular. Seduzida ainda na adolescência, pelo contato cotidiano que oferecia expectativas, descobertas, alegrias e adversidades, descobri-me professora. A partir de então, envolvida na tessitura de contextos escolares distintos, comecei a formar-me diariamente, arquitetando formas próprias de ensinar e aprender e trilhando caminhos nada fáceis, mas inesquecíveis.

As brincadeiras de criança caracterizavam uma típica professora de avental, óculos, coque, muito rígida com seus alunos. E, assim, muitas vezes essa personagem atuou com seriedade na sala de aula improvisada no quintal de casa. Cresci e busquei uma profissional diferente em mim. Sei que as transformações ocorreram e, hoje, me distancio muito daquela professora que imaginei, mas também penso que aquela menina sabia muito bem o que queria.

Obediente aos meus desejos, caminhei durante muitos anos entre os alunos não com a segurança de mestre, mas com os cuidados de uma aprendiz, atenta aos sinais das coisas. Como vocação natural, não foi difícil arvorar em mim o sentimento de amor ao ofício que escolhi. E, assim, pude seguir me percebendo e, principalmente, compreendendo o outro, buscando sempre a interação entre o que eu sabia e a forma como poderia ensinar e possibilitar, então, o aprendizado dos alunos.

Decidi formalizar minha decisão de criança ao fazer o Magistério. Depois veio a confirmação: o curso de Letras. Resolvi estudar a língua materna e reconhecer a literatura que permeou minha infância.

Os dois cursos foram fundamentais em minha formação e, durante os mesmos, procurei absorver todas as informações, teorias e técnicas. Sinto que, nessa época, esses conceitos não foram determinantes para que eu fosse apreendendo e conhecendo os caminhos da docência. Somente após o primeiro dia em que “ensinei”, percebi que o aprender a ensinar ocorreria com a prática, no exercício diário da profissão.

Vivenciei diversas fases da carreira, o entusiasmo dos iniciantes, a alegria da estabilidade, a sensação de impotência, a vontade de desistir e, após tudo isso, a sensação de dever cumprido e o sonho de acreditar que o trabalho docente pode ser renovado a cada dia.

Hoje, sei que foi muito bom ensinar porque foi sempre excelente aprender. E, nessa relação entre ensinar e aprender, a boa aprendente saiu vitoriosa e tornou-se uma “ensinadora” dedicada. Vivendo um exercício diário de mesclar emoções, reporto-me a Josso (2004) para explicar como essa rede de relações que nasce na infância atravessa nossas vidas e nos transforma profundamente:

O processo de caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos em nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. (p. 59)

Nesse processo de transformação, fui percebendo que o encantamento do início foi dando espaço para outras sensações e, com o tempo, fui sentindo a necessidade de trabalhar as dificuldades que os alunos apresentavam e as possibilidades que tinha para contribuir com seu aprendizado. Sei que durante esse processo senti-me despreparada e desmotivada ao enfrentar realidades desfavoráveis, mas sempre insisti em proporcionar aos educandos condições de estarem preparados para relacionar, refletir e questionar, buscando sempre a sua autonomia.

As experiências vividas na prática de que talvez o meu aluno não estivesse aprendendo o que eu julgasse estar ensinando e de ele não estaria relacionando, analisando, observando e, principalmente, atribuindo significado ao que estivesse aprendendo, a partir de uma ótica

particular, mostrou-me que, em uma relação de mediação, aprendo muito mais quando atribuo valor em minha interação com o outro.

Com o passar do tempo e do entusiasmo adolescente, fortaleci-me, por meio das práticas e reflexões sobre meu trabalho e tenho assumido meu papel de produtora, reprodutora e socializadora do conhecimento, tarefas que culminaram na minha envoltura com a educação: propósito firme em que acredito e deposito todas as convicções num mundo melhor.

Refletindo sobre minha trajetória profissional, reconheço-me, ainda, motivada por inquietações e desejos. Sonho vivenciar uma escola pública de qualidade para todos, fundamentada na preocupação com o aprendizado do aluno e sua formação integral.

Percebo que a relação professor-aluno é assegurada não só pelo saber formal, transmitido e acumulado, mas pela capacidade que os docentes possuem ao conduzir as relações que se estabelecem em sala de aula. Tal capacidade, que pude observar em mim e em outros profissionais, levou-me a questionar a forma como nós mediamos o processo pedagógico.

Buscando respostas para tais questionamentos ultrapassei os limites da graduação e ingressei no mestrado. A idéia de debruçar, novamente, agora, com mais maturidade e experiência sobre toda a contribuição oferecida pelo curso agiu profundamente, provocando incertezas e um enorme desafio diante do inesperado. No entanto, com a orientação de todos os professores que me acompanharam, obtive uma compreensão mais abrangente sobre educação e a segurança necessária para continuar.

Hoje, permaneço seguindo meu percurso e me vejo uma profissional que procura ser, a cada dia melhor, buscando compreender não só instrumentos metodológicos aplicáveis à minha prática, mas uma forma de enxergar o ser humano e acompanhar seu aprendizado:

forma que ecoa diretamente na minha maneira de ser professora, e, conseqüentemente, de olhar e viver a educação.

Nesse momento, surge em mim uma pesquisadora que busca, por meio do conhecimento científico ofertado pelo mestrado, o aprofundamento de teorias e práticas que sempre me foram distantes. Tenho exercitado um novo olhar para as pessoas, para a vida e, principalmente, para o que faço. No exercício cotidiano da profissão o essencial tem sido o processo de autoconhecimento e de compreensão do outro, buscando dividir minhas experiências e, dessa forma, tentando construir um saber diferente, mais rico do que sempre trouxe comigo.

Acredito que posso desenvolver, neste trabalho, uma reflexão sobre as dimensões do trabalho docente, do ser professor e de suas relações com seus alunos, numa transformação necessária de práticas educativas que possam significar caminhos para uma identidade profissional de um docente em eterno movimento de reconstrução.

Essas relações entre o ensinar e o aprender que se entrecruzam nas vozes de professores e alunos cotidianamente me fizeram indagar cada vez mais sobre os meus modos de ensinar e, principalmente, sobre os modos de aprender de meus alunos e se constituíram tema e, conseqüentemente, objeto distinto desta pesquisa.

A experiência de vida, em meio a tantas alegrias e insatisfações, assinala as etapas e momentos constitutivos de uma profissional eternamente em construção e sempre em busca de alternativas cada vez mais possíveis para um mundo mais justo. Alternativas estas que passam, certamente, por uma melhor compreensão do papel do professor como mediador no processo ensino-aprendizagem.

DO REFERENCIAL TEÓRICO À DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Ensinar e aprender traduzem o sentido da escola. *Ensinar* pressupõe a presença de um professor, que, por suas ações, transmite conhecimentos e experiências a um aluno que os recebe e, algumas vezes, reproduz o que aprendeu. Em contrapartida, *aprender* remete à idéia de um aluno que absorve, reflete, desenvolve a capacidade de relacionar, considerar, comparar e resolver problemas que surgem em seu cotidiano.

Em tese, quando alguém aprende, cresce, transforma-se e desenvolve-se. Mas, e quando alguém ensina, o que ocorre? Nesse processo, também aprende? Qual seria, então, o papel de quem ensina nas relações entre ensinar e aprender?

Na verdade, nesse processo, o professor tem a possibilidade de exercer o papel de mediador do conhecimento promovendo ao aluno a aprendizagem. Nesse sentido, a psicologia histórico-cultural de Vygotsky (1987,1998) formula um conceito importante: a *mediação*, que corresponde à idéia de intervenção de um terceiro elemento que possibilita a interação entre outros dois termos de uma relação.

Em Fontana (2000), o conceito de *mediação* que surge no conflito das relações pedagógicas é caracterizado como:

A mediação do outro desperta na mente da criança um sistema de processos complexos de compreensão ativa e responsiva. Sujeitos às experiências e habilidades que ela já domina. Mesmo que ela não elabore e não apreenda conceitualmente a palavra do adulto, é na margem dessas palavras que passa a organizar seu processo de elaboração mental, seja para assumi-las ou para recusá-las. (p.19)

O professor, na relação com os alunos, revela sua capacidade de acomodar experiências às necessidades deles, promover práticas pedagógicas diferenciadas que envolvam a participação de todos e organizar atividades que objetivem o aprender,

assumindo, no exercício da *mediação*, a articulação dos saberes que os alunos já têm a novos conhecimentos e práticas.

Rios (2006) considera algumas características dessa relação entre *ensinar e aprender* com as quais concordamos plenamente:

Quem ensina, ensina algo a alguém. O ensino se caracteriza, portanto, como uma ação que se articula à aprendizagem. Na verdade, é impossível falar de ensino desvinculado da aprendizagem. Muitas vezes, ouvimos o professor afirmar que ensinou e que “infelizmente os alunos não aprenderam”. Temos que pensar se é possível uma afirmação dessa natureza. Se pensarmos no ensino como um gesto de socialização – construção e reconstrução – de conhecimentos e valores, temos que afirmar que ele ganha significado apenas na articulação – dialética – com o processo de aprendizagem. (p.53)

Na verdade, as relações entre o ensinar e o aprender são fundamentadas nas relações interpessoais. Nesse sentido, a análise dos relacionamentos entre professor e aluno sinaliza uma complexidade de possibilidades e objetivos que convergem para a interação, aliás, o mote do processo pedagógico.

O destaque ao papel do professor está no seu fazer pedagógico. Sua prática está inserida em seu espaço de trabalho e produção, em seus objetivos, em sua forma de ensinar, nas experiências que possui, no sentido que dá ao que realiza, sua história de vida. Enfim, elementos que nos fazem valorizar o ofício do professor e nos aproximar da compreensão de seu papel. Assim, entender qual a capacidade que este professor precisa ter para desenvolver sua prática é uma questão fundamental para percebermos o sentido de ser professor.

Tardif e Lessard (2005, p. 31) nos dizem que “ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos”. Esta impregnação do trabalho pelo “objeto humano” merece ser problematizada por estar no centro do trabalho docente.

O professor tem como matéria-prima o ser humano, mas não pode moldá-lo, formatá-lo à sua vontade. Ao contrário, estabelece com ele relações humanas em que ambos participam e interagem e essa interação constitui a natureza do trabalho docente. Sua função

se destaca pela forma como conduz e organiza as atividades em sala de aula, preocupando-se com o envolvimento do outro. Essa sinergia exclui a possibilidade de se enxergar o professor como um mero executor de tarefas.

Segundo Pérez Gómez (1998), o professor pode ser visto como um artesão, um artista ou profissional clínico que pretende desenvolver sua sabedoria experiencial e sua criatividade no enfrentamento de situações únicas, ambíguas, incertas e conflitantes que configuram a vida da aula.

Pensando nisso, entendemos que um elemento importante de nossa análise é o olhar sobre a prática docente em suas diferentes dimensões. Descrever e analisar o encadeamento didático utilizado pelo professor, bem como as condições de sua elaboração são procedimentos essenciais para a compreensão do seu fazer pedagógico.

Considerando a importância da presença do professor em sala de aula, questionamos: o que tem feito em sua prática para que o processo pedagógico se efetive? Como tem enfrentado o cotidiano estabelecendo melhores relações com os alunos?

Buscamos, assim, um caminho para compreender as questões acima e, também, tecer uma reflexão sobre o papel do professor como mediador no processo ensino-aprendizagem. Sabemos do seu cotidiano permeado pelo enfrentamento de condições de trabalho adversas e de sua formação, muitas vezes, deficitária. No entanto, desejamos conceber o professor como sujeito de seu próprio processo de formação e perceber o sentido que dá ao que realiza como elementos fundamentais para compreendermos o sentido de ser professor.

Nessa perspectiva, a discussão sobre a atuação docente propiciou o surgimento de uma série de questionamentos, e nos fez lembrar de Cunha (1989), quando nos apresenta a necessidade de desvendar o cotidiano do professor na certeza de que é uma forma de construção de conhecimentos:

A vida cotidiana é a objetivação dos valores e conhecimentos do sujeito dentro de uma circunstância. É através dela que se faz concreta a prática pedagógica, no caso do professor. É tentar descobrir como ele vive e percebe as regras do jogo escolar, que idéias vivencia na sua prática e verbaliza no seu discurso e que relações estabelece com os alunos e com a sociedade em que vive. (p. 35)

A autora nos fala sobre as relações que o professor estabelece com seus alunos e acreditamos que estas sejam fundamentais para que o aprendizado ocorra. Mas o que temos visto hoje? Professores cansados pelo excesso de trabalho, algumas vezes desmotivados, acreditando que talvez não seja possível realizar seu trabalho com eficiência. Culpendo-se pelos problemas da escola, pela falta de recursos, pelas dificuldades em lidar com os alunos e não percebendo que esses elementos estão acima de suas condições. Neste sentido, Nóvoa (1998) nos fala de um mal-estar docente proveniente da crise educacional. Para o autor:

A escola faz parte de uma rede institucional onde se joga parte do futuro das nossas sociedades: o que aqui conseguimos ganhar é importante, mas as visões extremas de um professor salvador-da-humanidade ou, no pólo oposto, de um professor-que-se-limita-a-reproduzir-o-que-já-existe já não nos servem para tentarmos compreender o nosso papel. (p. 25)

Enquanto isso vemos alunos que se distanciam a cada dia da escola e da rotina escolar, preferindo muitas vezes encará-la como uma opção de lazer, descartando a possibilidade de encontrar um espaço de aprendizagem.

Enfim, ambos estão vivendo um momento de mudança. As informações precisas que chegam para o aluno em segundos, as alterações educacionais repentinas e a falta de estrutura da escola para suportá-las são alguns aspectos relevantes nesse contexto, que causam ruído nas relações entre professores e alunos.

No enfrentamento das dificuldades cotidianas, ambos elaboram críticas sobre suas respectivas formas de agir e, também, sobre as posturas que assumem em sala de aula. No entanto, essas posturas dificultam ainda mais o processo identitário desses indivíduos e,

também, de construção de conhecimento em sala de aula. Conforme o apontado por Dayrell (2001):

No dia-a-dia das relações entre professor e alunos, parecem existir dois mundos distintos: o do professor, com sua matéria, seu discurso, sua imagem e o dos alunos, com sua dinâmica própria. Os dois mundos às vezes se tocam, se cruzam, mas na maioria das vezes, permanecem separados. (p. 140)

Concordando com o autor sobre o abismo que professores e alunos impõem nas relações que estabelecem cotidianamente, pretendemos refletir sobre essas relações e sobre as percepções que têm apresentado sobre suas formas de agir em sala de aula.

Sendo assim, expomos aqui, através das falas dos protagonistas do processo pedagógico, como as relações entre ensinar e aprender se configuram no cotidiano da escola e da sala de aula e de que forma a figura do professor se destaca nesse processo. Apresentamos, ainda, a importância da relação professor-aluno como elemento fundante para se alcançar uma aprendizagem mais significativa.

DA PROPOSTA DO TRABALHO

Este trabalho parte do pressuposto de que precisamos vivenciar novas formas de compreensão do processo pedagógico, para empreender ações educativas eficazes, objetivando a formação de cidadãos críticos e conscientes da importância de saber empregar o conhecimento adquirido na escola em sua vida social.

Nossa proposta é focar o papel do professor no processo ensino-aprendizagem. Sendo assim, buscamos, nas relações pedagógicas desenvolvidas num contexto escolar, retratar o trabalho docente, através das observações em sala de aula e dos depoimentos dos professores e de seus alunos.

Tendo em vista o que foi exposto, o problema desta investigação se constitui através da questão: de que maneira o professor, como mediador do conhecimento no processo educativo, tem se utilizado de práticas pedagógicas que conduzam os alunos a uma aprendizagem mais significativa?

Nessa perspectiva, o objetivo central desta pesquisa é compreender como professores e alunos conduzem as relações entre ensinar e aprender, cotidianamente, e de que modo o professor exerce o seu papel de mediador do conhecimento nessas relações.

Para tanto, a opção metodológica utilizada na pesquisa insere-se no campo das investigações de cunho qualitativo. Nesse sentido, entendemos metodologia de abordagem qualitativa, na perspectiva de Bogdan e Biklen (1994), como a que “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (p.47-51).

Este trabalho foi iniciado com um projeto voltado para a análise das dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos em Língua Portuguesa e, por essa razão, escolhi uma escola tradicional no bairro em que resido, palco da minha primeira atuação como professora. No entanto, por problemas¹ no transcorrer da investigação precisei parar, modificar o trabalho e escolher outra escola para a realização do mesmo.

Escolhemos o estudo de caso para realizar a investigação em uma escola pública estadual, localizada no bairro Ponta da Praia, em Santos, que atende a alunos de classe média. Essa escola foi escolhida pela localização privilegiada, por ter sido muito bem recebida pela direção e por ter total liberdade para a realização das observações, conversar com os professores e alunos e desenvolver o presente trabalho.

¹ Abordarei os problemas ocorridos no transcorrer da pesquisa, na Escola A, no item 3 do Capítulo II (p. 61), O Contexto da Pesquisa.

Nesse sentido, entendemos estudo de caso, seguindo o pensamento de Lüdke & André (1986, p.17), como “um estudo que seja simples e específico, ou complexo e abstrato, mas bem delimitado, podendo ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular”.

Assisti a quinze aulas, a quatro reuniões pedagógicas e entrevistei seis professores e dez alunos. Além disso, pedi a todos os alunos da classe observada que elaborassem uma carta para um professor, dizendo a ele o que havia sido aprendido no período de convivência de ambos.

Para realização deste estudo, escolhi trabalhar com alunos concluintes do Ensino Fundamental pelo fato de ser um momento de encerramento de um ciclo e os alunos estarem com expectativas sobre o futuro, além de terem maturidade para refletir sobre o aprendizado na escola e sobre as relações interpessoais estabelecidas na mesma,

Comecei a observação dessas relações, presenciando diretamente as práticas docentes, e, também, as reações e atitudes discentes que pudessem dificultar ou impedir o processo pedagógico. Procuramos conhecer como se dá o ensinar e o aprender.

Valorizei esse sentido que os sujeitos da pesquisa dão ao que fazem, através de suas falas. A partir de então, organizei os dados da pesquisa, optando por estruturar dois grandes motes: *O Sentido de Ensinar* e *O Sentido de Aprender*. Estes dois temas representam a arcabouço do trabalho, fornecendo fundamentos para a análise dos dados realizada no Capítulo IV (p. 109 - 151).

Acredito ser importante apresentar os principais referenciais teóricos desta investigação. Confesso que, desde o princípio deste trabalho, busquei elementos conceituais que pudessem fortalecer meus pressupostos teórico-metodológicos e que focassem a dinâmica singular que se estabelece em sala de aula.

Assim, tive a oportunidade de conhecer o trabalho de Lev Semenovich Vygotsky (1987, 1998) que apresenta, em suas publicações, conceitos, princípios e reflexões sobre o funcionamento psicológico humano. Suas contribuições foram fundamentais para a compreensão de que o processo de conceitualização é uma prática mediada pelo outro.

Explicitando melhor, trago a abordagem de Fontana (2000) com a qual concordo, quando diz que:

Os conceitos têm uma história no curso do desenvolvimento individual. Como processos historicamente determinados e culturalmente organizados, as diferentes formas de generalização e abstração, estabilizadas nos sistemas lingüísticos não se desenvolvem naturalmente. Elas são apreendidas, incorporadas aos processos naturais nas condições reais de interação nas diferentes instituições humanas. (p.14)

A autora destaca, também, o papel constitutivo do trabalho pedagógico no processo das interlocuções produzidas em uma sala de aula ancorada nos pressupostos de Vygotsky sobre a abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano.

Libâneo (1994, 2001, 2004) reflete sobre o papel do professor no processo educativo, ressaltando, ainda, as questões pedagógico-didáticas como: a distribuição social do conhecimento, a dicotomia qualidade de ensino - organização escolar, a prática educativa da escola e o campo de sala de aula.

Tardif e Lessard (2005) apontam a organização do trabalho do professor, o processo desse trabalho e o ensino como trabalho coletivo. Estudam a estrutura do sistema escolar, as práticas pedagógicas induzidas pela tradição da relação professor-aluno, as avaliações e as decorrências dessas práticas na carreira escolar de cada aluno.

Também utilizei Sacristan e Pérez Gomes (1998), Charlot (2000, 2005), Abdalla (2002, 2006), Gadotti (2003) e Rios (2006), que analisam as relações de ensino e aprendizagem, a vida cotidiana produzida na escola, a prática pedagógica, as relações interpessoais em sala de aula e o movimento do processo educativo que se desenvolve em

meio a estas questões, movimento este que pode provocar formas de ensinar e conduzir alunos a uma aprendizagem mais significativa.

A partir desse modo de conceber o processo educativo, alguns trabalhos têm se preocupado em avançar na elaboração de princípios metodológicos fundantes da prática pedagógica, dentre os quais, destaco Marquesim (2003), que trata dos elementos constitutivos do ser docente, entre eles, a formação, a experiência e a identidade, abordando, ainda, as formas de capacitação que compõem o professor em sua vivência.

Também ressalto Mendes (2006), que apresenta as práticas pedagógicas de três professoras consideradas bem-sucedidas por seus alunos a partir de uma conceitualização sobre atitudes e as inferências destas no cotidiano da sala de aula.

E, ainda, no que diz respeito à *mediação pedagógica*, Silva (2000) sintetiza o conceito de *mediação* e aponta o professor como mediador no processo educativo. No entanto, a autora faz uma abordagem desse papel atribuído ao professor diante das novas tecnologias.

No presente trabalho, procurei seguir este último caminho, porém centralizando meu interesse sobre o papel do professor nas relações entre ensinar e aprender e nos modos como se desenvolvem os processos de ensino e de aprendizagem, procurando saber se professores têm se utilizado de práticas pedagógicas que conduzam seus alunos a uma aprendizagem mais significativa.

Acredito, também, que as relações entre professores e alunos são marcadas pela necessidade de mudança num contexto que parece ter parado no tempo: a escola. As experiências que eles trazem dos ambientes externos à escola são marcantes e muito ricas em informações, mas a escola não tem aproveitado essas experiências, pois não acompanha essas mudanças e o desenvolvimento rápido que vivemos.

Como nos lembra Abdalla (2006, p.65), “a escola é, sem dúvida, o espaço de ser e estar professor, local em que os professores constroem o sentido de sua profissão, para reinventar instrumentos significativos de construção da realidade”.

Na perspectiva, então, de buscar “instrumentos significativos” que permitam uma melhor compreensão das relações entre o ensinar e o aprender e o papel do professor neste processo, este trabalho apresentará a seguinte estrutura:

O primeiro capítulo – *As relações de ensino e aprendizagem: questões primeiras* - discute o processo de ensino e aprendizagem, utilizando alguns referenciais teóricos, em especial, os conceitos de Vygotsky (1987,1998), buscando enfatizar a abordagem sócio-histórica. Em seguida, serão discutidas as relações entre *ensinar* e *aprender* e a posição mediadora do professor nesse contexto.

O segundo capítulo – *Escolhendo caminhos e olhares* - apresenta o contexto metodológico da pesquisa, definindo sua natureza, identificando as escolas e os sujeitos e explicitando os procedimentos metodológicos.

O terceiro capítulo – *Mediação Pedagógica* - faz uma análise das entrevistas com os professores alicerçada numa fundamentação teórica enfocando a categoria de análise *Mediação Pedagógica* e as unidades de sentido: *motivação, atividade/ação docente e relação entre ensinar e aprender*.

O quarto capítulo – *As Relações entre Ensinar e Aprender* – indica os resultados da análise no que tange às categorias de análise *O Sentido do Ensinar e O Sentido do Aprender*, trazendo as impressões de professores e alunos sobre as relações que se estabelecem no cotidiano em sala de aula. Na perspectiva dos professores, as unidades de sentido apresentadas são: *ser professor, experiência profissional e compreensão do processo pedagógico*. Quanto ao ponto de vista dos alunos, destacam-se as unidades de ensino: *ser aluno, família/escola e aprendizagem significativa*.

E as *Considerações Finais* indicam perspectivas para o sentido da mediação pedagógica nas relações entre ensinar e aprender ocorridas em sala de aula, apontando, ainda, algumas proposições que permitam sinalizar os caminhos possíveis para que através dessas relações se construa uma aprendizagem mais significativa, que dê sentido ao processo pedagógico e ao papel do professor nessas relações.

Ocupamos, como professores, um lugar especial na vida de nossos alunos. Certamente, em muitos momentos, conseguimos alargar o tamanho do conhecimento e fazemos o mundo crescer, como diz a autora na epígrafe inicial. Que *sabor* temos dado ao *saber* com o qual lidamos? Será que temos cumprido nossa tarefa? Nossas discussões, no transcorrer do trabalho, procurarão os caminhos para encontrar algumas respostas a estas questões.

CAPÍTULO I

AS RELAÇÕES ENTRE O ENSINAR E O APRENDER: QUESTÕES PRIMEIRAS

A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto quantitativo da psicologia animal para a psicologia humana. Até agora, conhece-se apenas um esboço desse processo.
(VYGOTSKY, 1998, p.76)

A educação escolarizada é a responsável principal pelo processo pedagógico em todos os sujeitos das sociedades humanas. Para Huberman (1973), o papel tradicional dos sistemas e das instituições sociais é o de perpetuar o comportamento, a moralidade e os valores da sociedade onde funcionam.

Assim, através da educação, ocorre um processo que se organiza em dois níveis. Enquanto nível histórico transmite e reproduz conteúdos culturais, impondo-os aos outros e criando um valor em aceitar a ação pedagógica da cultura. Por outro, como nível ideológico, é um sistema de pensamento que objetiva camuflar, através do discurso articulado, as reais relações de violência material e de violência simbólica. É o pensamento pedagógico tentando mostrar sua autonomia e justificar sua validade (SEVERINO, 2002).

Segundo Gadotti (2003), educar é aproximar o ser humano do que a humanidade produziu. Se isso já foi importante no passado, hoje se torna ainda mais decisivo numa sociedade baseada no conhecimento.

Surgiram algumas questões fundamentais, para nós, a fim de adentrarmos nesta temática. Que sentido professores e alunos têm dado a seus respectivos ofícios no processo pedagógico? Como o professor tem desenvolvido o seu papel de mediador do conhecimento?

E quanto aos alunos, como têm assumido o seu papel de produtores de seu próprio conhecimento?

Na tentativa de obter respostas, organizamos este capítulo, buscando mostrar as particularidades destas relações, enfatizando nossa questão-problema: de que maneira o professor, como mediador do conhecimento no processo educativo, tem se utilizado de práticas pedagógicas que conduzam os alunos a uma aprendizagem mais significativa?

Para tanto, dividimos o capítulo em três partes. Pretendemos, primeiro, com Vygotsky (1987,1998), compreender a relação *desenvolvimento-aprendizado* do indivíduo. Nesse sentido, alguns de seus conceitos-chave – *funções psicológicas superiores, mediação, processo de internalização, atividade, relações entre desenvolvimento e aprendizado, zona de desenvolvimento proximal e pensamento e linguagem* – constituirão o embasamento teórico para nossa discussão e para tratarmos do papel da interação social na formação do sujeito. Na segunda parte, apresentaremos a questão da *mediação pedagógica*, que caracteriza a relação do homem com o mundo e com os outros homens. E, finalizaremos o capítulo, tratando das relações entre ensinar e aprender, que tomados como uma unidade definem o espaço em que o professor participa do processo de aprendizagem, de desenvolvimento do aluno e da construção de processos psíquicos de forma mediadora.

Vygotsky (1987,1998) afirma que até agora só se conhece um esboço do processo de internalização:

A internalização das atividades enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto quantitativo da psicologia animal para a psicologia humana. Até agora, conhece-se apenas um esboço desse processo. (p. 76)

E é a partir desse delineamento que buscaremos, neste capítulo, tecer, junto com o autor, as tramas do ensinar e do aprender.

1. COMPREENDENDO O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE CONCEITOS EM VYGOTSKY

A compreensão do processo de formação de conceitos pelo sujeito é um dos pontos de preocupação de Lev S. Vygotsky (1896-1934), e suas considerações a respeito constituem uma grande contribuição de seu pensamento para o ensino escolar. Segundo este autor, para o conhecimento do mundo, os conceitos são imprescindíveis, pois com eles o sujeito categoriza o real e lhe conforma significados.

Vygotsky (1987,1998) construiu sua teoria tendo por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento, sendo essa teoria considerada histórico-social.

O autor organiza suas reflexões tomando por base o materialismo histórico e dialético, tentando realizar uma leitura social da formação da mente. O pesquisador busca “caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo” (VYGOTSKY, 1998, p. 25).

Nesse sentido, buscamos, em Oliveira (1997, p.23), três pilares básicos que traduzem o pensamento de Vygotsky (1987,1998):

- *as funções psicológicas têm um suporte biológico pois são produto da atividade cerebral;*
- *o funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre indivíduo e o mundo exterior, as quais desenvolvem-se num processo histórico;*
- *a relação homem/ mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos.*

As funções psicológicas são constituídas ao longo da vida social do homem na sua relação com o outro, com o mundo, sendo mediada por símbolos e signos. Dessa forma, o ser

humano cria formas e transforma sua maneira de agir. E, ainda, todas as informações e recursos para efetivar esse processo encontram-se no cérebro que, para Oliveira (1997, p.24), é um sistema aberto de grande plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual.

Na articulação com os outros, a execução e a verificação de atividades se desenvolvem. Uma parte dessa anatomia é genética, a outra vem do outro. De certa forma, pode-se afirmar que o professor é o construtor da anatomia do cérebro, pois, muitas vezes, age como o elemento externo que estimula, provoca e participa ativamente desse processo de articulação.

Vygotsky (1987,1998) ainda fala de duas linhas de desenvolvimento, diferentes em sua origem: a primeira, de origem biológica, e a outra de ordem sócio-cultural. Do entrelaçamento dessas duas linhas nasce a história do comportamento humano.

A linha de desenvolvimento biológica é a do crescimento e da maturação, está presente no nascimento e se traduz nos processos mentais inferiores. Os processos mentais inferiores se transformam em processos mentais superiores pela interação com os outros e pela apropriação e construção de *ferramentas de mediação*. A linha sócio-cultural envolve esta apropriação de várias *ferramentas de mediação* ou meios culturais, possibilitando a própria interação e a transformação qualitativa da linha biológica.

Nessa sentido, *a mediação* seria um conceito fundamental para compreendermos suas concepções sobre o funcionamento psicológico. O homem, mesmo não tendo acesso direto aos objetos é capaz de fazer uma representação mental de natureza simbólica. Essa capacidade possibilita ao indivíduo fazer relações mentais sem precisar dos referentes concretos (VYGOTSKY, 1987,1998).

O autor distingue dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos. O instrumento tem a função de regular as ações sobre os objetos e o signo regular as ações sobre

o psiquismo das pessoas. Assim sendo, insiste e enfatiza algumas qualidades únicas da espécie humana que são construídas e transformadas em diferentes contextos sociais e históricos. Nessa perspectiva, considera que:

A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e uso dos instrumentos, só que agora no campo psicológico. Os signos agem como instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. Mas essa analogia, como qualquer outra, não implica uma identidade desses conceitos similares. (VYGOTSKY, 1998, p.70)

O homem utiliza os signos como instrumentos psicológicos em diversas situações. Assim, o signo seria uma marca externa, que ajuda o homem em tarefas que exigem memória ou atenção. Vygotsky (1987,1998) nos fala sobre algumas formas de utilização de signos como instrumentos que auxiliam no desempenho de atividades psicológicas.

Com o objetivo de entender o papel comportamental do signo em tudo o que ele tem de característico realiza estudos empíricos enfatizando sua intenção de perceber como signos e instrumentos estão ligados, ainda que separados, no desenvolvimento cultural da criança. A partir de então, estabelece três condições como ponto de partida para seu trabalho. A primeira considera que a analogia básica entre *signo* e *instrumento* se incide na função mediadora que os caracteriza:

Essa análise fornece uma base sólida para que se designe o uso de signos à categoria de atividade mediada, uma vez que a essência de seu comportamento consiste em os homens afetarem o seu comportamento através dos signos. A função indireta (mediada) torna-se evidente. (VYGOTSKY, 1998, p.72)

A segunda condição consiste nas duas maneiras diferentes com que o signo e o instrumento orientam o comportamento humano. O instrumento tem como função “servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade”, ou seja, é orientado externamente. O signo, por outro lado, “não irá modificar o objeto da operação psicológica,

sendo orientado internamente. Porém, tanto um como outro são criações humanas que objetivam intervir na realidade”. Essas atividades são tão distintas que a natureza dos meios que elas utilizam não pode ser a mesma (VYGOTSKY, 1998 p.73).

O terceiro ponto trata do elo real do desenvolvimento dessas atividades na filogênese e na ontogênese². Para o autor, o controle da natureza e o controle do comportamento estão profundamente ligados, da mesma forma que a alteração provocada pelo homem altera a própria natureza dele. Na filogênese, pode haver a reconstituição de um elo por meio de evidências documentais fragmentadas, porém convincentes, enquanto na ontogênese pode se estabelecer experimentalmente (VYGOTSKY, 1998, p. 73).

Os estudos do autor representam sua tentativa de compreender que o processo de mediação por meio de instrumentos e signos é aspecto relevante para que as funções psicológicas superiores se desenvolvam e distingam o homem de outros animais. A *mediação*, segundo Oliveira (1997, p. 33), seria um processo essencial para possibilitar atividades psicológicas voluntárias, controladas pelo próprio indivíduo.

Podemos considerar, ainda, a expressão *função psicológica superior* com referência à combinação entre *signo* e *instrumento* na atividade psicológica. Esse processo que envolve a reconstrução interna de uma operação externa é chamado, por Vygotsky (1987,1998), de *internalização*.

Para o autor, esse processo de internalização consiste em uma série de transformações:

- *uma operação que representa, inicialmente, uma atividade externa é reconstruída e começa a correr internamente: é de particular importância para o desenvolvimento dos processos mentais superiores a transformação da atividade que utiliza signos, cuja história e*

² As características próprias de um ser humano são, a todo o momento, o produto de milhões de anos de evolução e, portanto, da filogênese (origem da espécie). Mas todas elas são ao mesmo tempo o produto de seus processos de desenvolvimento individual, isto é, de sua ontogênese (origem do homem), como indivíduo imerso em processos sócio-culturais específicos. Assim como a espécie humana se caracteriza por uma forma de evolução que é única no reino animal, da mesma forma ela o é graças à forma única que possuem os processos de desenvolvimento individual de seus membros (MOLINA, s/d, p.81).

características são ilustradas pelo desenvolvimento da inteligência prática, da atenção voluntária e da memória.

- *um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal*: todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.
- *a transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal*: é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento: o processo, sendo transformado, continua a existir e a mudar como uma forma externa de atividade por um longo período de tempo, antes de internalizar-se definitivamente. Para muitas funções, o estágio de signos externos dura para sempre, ou seja, é o estágio final do desenvolvimento. Outras funções vão além ao seu desenvolvimento, tornando-se gradualmente funções interiores. Entretanto, elas somente adquirem o caráter de processos internos como resultado de um desenvolvimento prolongado. Sua transferência para dentro está ligada à mudança nas leis que governam sua atividade; elas são incorporadas em um novo sistema com suas próprias leis. (VYGOTSKY, 1998, p.75)

Assim, perguntamos: qual o papel do contexto sócio-histórico na formação da inteligência humana?

Para Vygotsky (1998, p. 75), “o processo de internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos”.

Concluimos então, que, para o autor, a formação da mente está enraizada no contexto sócio-cultural, sendo a relação entre o homem e a realidade mediada socialmente por um sistema de signos, que irá também modificar as atividades psicológicas.

Retomando nosso objetivo de *compreender o papel do professor no processo ensino-aprendizagem*, constatamos que a aprendizagem é sempre um processo mediado pela ação do outro. Nesse sentido, signos e instrumentos fundamentam esse processo de interação e de ação do homem com o mundo.

Vygotsky (1987, 1998) e seus colaboradores, Alexander Romanovich Luria (1902-1977) e Alexei Nikolaievich Leontiev (1904-1979), realizaram alguns experimentos para estudar o papel dos signos na atividade psicológica, considerando as atividades humanas como formas de relação do homem com o mundo.

Elaboraram a *teoria da atividade* cuja idéia envolve a noção de que o homem orienta-se por objetivos, agindo de maneira intencional, por meio de ações planejadas. Sendo essa capacidade de alcançar objetivos uma característica que distingue o homem dos outros animais.

Segundo Vygotsky, Luria e Leontiev (1988):

A atividade principal é então a atividade cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança, em um certo estágio de seu desenvolvimento. (p.65)

O autor designa por atividade os processos psicologicamente caracterizados por aquilo a que o processo, como um todo, se dirige (seu objeto), coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar essa atividade, ou seja, *o motivo*.

Segundo Vygotsky, Luria e Leontiev (1988, p. 69), há um processo chamado ação da atividade, cujo motivo não coincide com seu objetivo, (com aquilo para o qual ele se dirige), mas reside na atividade na qual ele faz parte. Para que a ação surja e seja executada é necessário que seu objetivo apareça para o sujeito, em sua relação com o motivo da atividade da qual ele faz parte. Para ele:

Existe uma relação particular entre atividade e ação. O motivo da atividade, sendo substituída, pode passar para o objeto (o alvo) da ação, com o resultado de que a ação é transformada em uma atividade. Este é um ponto excepcionalmente importante. Esta é a maneira pela qual surgem todas as atividades e novas relações com a realidade. Esse processo é precisamente a base psicológica concreta sobre a qual ocorrem mudanças na atividade principal e, conseqüentemente, as transições de um estágio do desenvolvimento para o outro. (p. 69)

Podemos perceber que a teoria da atividade contém alguns elementos que formam uma estrutura. Apresenta os seguintes componentes: *necessidade – motivo – finalidade – condições para obter a finalidade* (a unidade da finalidade e das condições conformam a *tarefa*) e os componentes, correlacionáveis com aqueles: *atividade – ação – operação*. A necessidade é o fator desencadeador da atividade; ela motiva o sujeito a ter objetivos e a realizar ações para supri-la. Considerando essa definição de atividade, podemos deduzir que nem todo processo é uma atividade, mas somente aquele que é movido por uma necessidade. Leontiev (1978) afirma:

Designamos pelo termo de atividade os processos que são psicologicamente determinados pelo fato de aquilo para que tendem no seu conjunto (o seu objeto) coincidir sempre com o elemento objetivo que incita o paciente a uma dada atividade, isto é, com o motivo. (p. 296)

O movimento entre atividade, ação e operação revela o processo contínuo de desenvolvimento do sujeito. É contínuo, porém não é natural, por isso é importante destacar, de acordo com o autor, os seguintes aspectos:

- para que uma ação tenha significado para o sujeito, é necessário que ela seja produzida por um motivo;
- para que as ações passem para um lugar inferior na estrutura da atividade, tornando-se operações, é preciso que novas necessidades ou motivos exijam ações mais complexas;
- para que, subjetivamente, o sujeito sinta novas necessidades ou motivos que o estimulem a agir em um nível superior, é preciso que esteja inserido em um contexto que produza, objetivamente, a necessidade de novas ações;
- para que uma operação seja automatizada de forma consciente, é necessário que ela se estruture inicialmente na condição de ação. (p. 298)

Para Oliveira (1997, p.96), a atividade de cada indivíduo se estabelece num sistema de relações sociais e de vida social, em que o trabalho ocupa um lugar central. Ainda, segundo a autora:

Os processos psicológicos do indivíduo, internalizados a partir de processos interpsicológicos, passam a mediar a atividade do sujeito no mundo, numa

interação constante entre o psiquismo e as condições concretas da existência do homem. (p.97)

Como a atividade humana é internalizada pelo indivíduo, ela constitui sua consciência, suas formas de ação e percepção do que ocorre à sua volta, ao mesmo tempo estimula a compreensão do contexto sócio-cultural em que ela ocorre, facilitando a compreensão dos processos psicológicos.

Luria (1990) realizou uma investigação sobre as capacidades cognitivas no ser humano fazendo destaque à percepção, generalização e abstração, dedução e inferência, imaginação e autoconsciência. Tais pesquisas apontaram que:

A estrutura da atividade cognitiva não permanece estática ao longo das diversas etapas do desenvolvimento histórico e as formas mais importantes de processos cognitivos – percepção, generalização, dedução, raciocínio, imaginação e auto-análise da vida interior – variam quando os rudimentos de conhecimento são adquiridos (...) Nossas investigações demonstram alterações fundamentais na atividade mental humana acompanhando as mudanças das formas básicas de atividade, a aquisição da leitura e o advento de uma nova prática sócio-histórica. (p.215)

As pesquisas de Vygotsky (1987,1998) apontam para uma *relação entre desenvolvimento e aprendizado*, salientando que a aprendizagem deve ser considerada em inter-relação com uma etapa particular de desenvolvimento alcançada, mas que também deve ser considerada como um fator de desenvolvimento.

Para o autor (1998), desde o nascimento da criança, o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento, “de fato aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida de uma criança” (p.110).

Consideramos que a importância do pensamento de Vygotsky (1987,1998) está justamente no entendimento de que desenvolvimento e aprendizagem não são a mesma coisa, e, também, não são totalmente separadas, mas interdependentes. Segundo o autor, essa relação pode ser reduzida a três grandes correntes teóricas, das quais ele discorda. A primeira delas é

aquela que afirma que não há nenhuma relação entre o desenvolvimento e o aprendizado, ocorrendo o primeiro de forma independente do segundo. Neste caso, o aprendizado apenas se utilizaria dos avanços do desenvolvimento e não poderia oferecer impulsos para modificá-lo, excluindo, dessa forma, o papel que o aprendizado poderia desempenhar no desenvolvimento, sendo este último visto como pré-condição para o aprendizado e não como resultado dele. Assim, os ciclos de desenvolvimento precedem os de aprendizagem.

Uma segunda forma de conceber o problema é a que afirma que o aprendizado é desenvolvimento. Esta afirmação acaba dando suporte a grupos diferentes de teorias, sendo que uma delas é aquela que vê o desenvolvimento como o domínio dos reflexos condicionados. Os dois processos (*desenvolvimento–aprendizagem*) são coincidentes, ocorrendo simultaneamente.

Um terceiro tipo de posicionamento tenta combinar os princípios das duas teorias anteriores, afirmando que “o desenvolvimento se baseia em dois processos inerentemente diferentes, embora relacionados, em que cada um influencia o outro” (VYGOTSKY, 1998, p.106).

Assim, o autor lança mão de dois conceitos afirmando que “embora rejeitemos todas as três posições teóricas discutidas anteriormente, a sua análise nos leva a uma visão mais adequada da relação entre aprendizado e desenvolvimento” (p. 109).

Primeiramente, *o nível de desenvolvimento real*, que corresponderia àquelas funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados (VYGOTSKY, 1998). Para o autor:

O desenvolvimento nas crianças nunca acompanha o aprendizado escolar da mesma maneira como uma sombra acompanha o objeto que o projeta. Na realidade, existem relações dinâmicas altamente complexas entre os processos desenvolvimento e de aprendizado, as quais não podem ser englobadas por uma formulação hipotética imutável. (p.111)

Um segundo nível de desenvolvimento seria aquele chamado pelo autor de *zona de desenvolvimento proximal*. Se o nível de desenvolvimento real indica aquilo que a criança é capaz de fazer por si mesma, sem passar pela ajuda do outro, a zona de desenvolvimento proximal indica aquelas atividades que as crianças são capazes de realizar contando com a ajuda de um adulto, ou mesmo de um companheiro mais capaz.

Segundo o autor:

Ela é a distância entre o desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1998, p.112)

O aprendizado irá criar a *zona de desenvolvimento proximal*, despertando processos internos de desenvolvimento, mas que acontecerão somente na interação da criança com outras pessoas, podendo converter o aprendizado em desenvolvimento.

Através do conceito de *zona de desenvolvimento proximal*, Vygotsky (1987,1998) atribui importância extrema à interação social no processo de construção das funções psicológicas humanas para o desenvolvimento individual que se dá num ambiente social determinado e a relação com o outro.

Os estudos do autor (1987,1998), quanto à teoria do desenvolvimento humano, apontam para as funções psicológicas superiores que são operações indiretas e, por isso, necessitam da presença de um signo mediador, sendo a *linguagem*, o principal. Como a linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, a questão do desenvolvimento da linguagem e suas relações com o pensamento ocupa lugar central na obra de Vygotsky, afirma Oliveira (1997, p. 42).

O pensamento e a linguagem têm origens diferentes e desenvolvem-se segundo trajetórias diferentes e independentes. Antes que ocorra a estreita relação entre esses dois fenômenos, o autor trabalha com o desenvolvimento da espécie humana e com o

desenvolvimento humano, buscando compreender a origem e a trajetória desses dois fenômenos.

Na teoria do pensamento e da linguagem, segundo Vygotsky (1987,1998), os significados das palavras se desenvolvem e podem se modificar. Assim sendo, o vínculo entre a *palavra* e o *significado* é considerado como um elo estrutural. O significado da palavra não é constante, se modifica durante o processo de desenvolvimento da criança e sob as diferentes fases de funcionamento do pensamento. Dessa forma, a compreensão das relações entre pensamento e linguagem é essencial para a compreensão do funcionamento psicológico do ser humano.

Vygotsky (1987,1998) também apresenta a concepção do *eu*, constituída através da relação com o outro. A consciência que temos de *nós* se estabelece porque temos consciência do *outro*. O outro determina o eu e ambos são mediados socialmente. Portanto, a formação humana se constitui através da experiência sócio-histórica da consciência. Processo concretizado pelo desejo, pensamento, sentimento no confronto com os desafios que se interpõem na sua história de vida.

A implicação desses conceitos para o ensino aponta, ainda, para o aprendizado que estimula o processo de desenvolvimento. Nesse sentido, seria importante dirigir o ensino para os estágios de desenvolvimento ainda não alcançados pelos alunos, estabelecendo um objetivo para novas conquistas psicológicas. Para tecer melhor as dimensões psicopedagógicas que se estabelecem nesse contexto, consideramos importante entender o conceito de *mediação pedagógica*, principalmente, pelo fato de que buscamos compreender, neste estudo, o papel do professor como mediador no processo pedagógico.

2. A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

O conceito de *mediação*, introduzido por Vygotsky (1987,1998), e já apresentado neste trabalho, caracteriza a relação do homem com o mundo e com os outros homens, sendo, através deste procedimento, que os processos psicológicos superiores se desenvolvem.

A mediação é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, que deixa de ser *direta* e passa a ser *mediada* por esse elemento. Dessa forma, a relação do homem com o mundo também não é direta, mas, fundamentalmente, mediada (OLIVEIRA, 1997, p. 26 e 27).

Fontana (2000) contribui para uma melhor compreensão da questão ao apresentar dados de sua pesquisa, investigando justamente esta temática. Para a autora, o professor tem seu papel secundarizado na relação de ensino com a criança, que é quem dirige a aprendizagem, e na condução do processo educativo, uma vez que sua concepção e planejamento ficam a cargo de outros especialistas.

Em sua análise, Fontana (2000) destaca o papel constitutivo do trabalho pedagógico nesse processo e a heterogeneidade de sentidos e de estratégias como sua característica fundamental.

O termo *mediação* é utilizado, no trabalho dessa autora, para se referir aos sistemas de signos e ao papel que estes desempenham nas relações dos homens com o seu contexto social. Os seres humanos criam continuamente instrumentos e sistemas de signos, que lhes permitem conhecer e transformar o mundo, ao mesmo tempo em que estes os transformam, impelindo o desenvolvimento de novas funções psíquicas.

A promoção do desenvolvimento de funções psicológicas admite a anterioridade do processo de aprender, que acontece na relação com um parceiro mais capaz, que oferece a ajuda. Se o ajudante for o professor, a ajuda é planejada e sistemática, pois o seu impacto no aluno é esperado como realização.

Segundo Fontana (2000), para a criança, essa relação de mediação também é explícita. Ela tem uma imagem, socialmente estabelecida, do papel do professor e do que se espera dela nesse contexto. Ou seja, fazer o que lhe é proposto, seguindo orientações e explicações dadas. Ao ser acompanhada de seus conceitos espontâneos, a criança procura raciocinar junto com o professor, reproduzindo as operações lógicas que este utiliza.

Ainda de acordo com a autora, nesse processo de elaboração conceitual interpessoal, a criança tenta imitar, mesmo sem compreender, a análise intelectual e, dessa forma, ao utilizá-la, começa a elaborá-la, dando início a sua atividade cognitiva.

Nessa relação conflituosa de elaboração da criança, os conceitos já dominados por ela e os conceitos sistematizados que a escola propõe articulam-se de forma dialética. Quando a criança se vê diante de um conceito desconhecido, busca significá-lo através da aproximação dos signos que já conhece, pois já foram elaborados e sistematizados. Ela busca relacioná-lo a experiências já consolidadas.

Deste modo, ganham relevância as ações sociais que permitem aos indivíduos compartilhar a complexa rede de significados socialmente produzidos. Portanto, é na situação interpsicológica que brota o significado da relação pedagógica.

Para Oliveira (1997, p. 64), a posição enfática de Vygotsky sobre a importância da intervenção do *outro* no desenvolvimento de cada indivíduo sugere uma re colocação da questão de quais são as modalidades de interação³, que podem ser consideradas legítimas promotoras do aprendizado na escola.

³ A autora refere-se a situações cotidianas e exemplifica: se o professor der uma tarefa individual aos alunos em sala de aula, a troca de informações e de estratégias entre as crianças não deve ser considerada como procedimento errado, pois pode tornar a tarefa um projeto coletivo extremamente produtivo para a criança. Do mesmo modo, quando um aluno recorre ao professor (ou aos pais em casa), como fonte de informação para ajudá-lo a resolver algum tipo de problema escolar, não está burlando as regras do aprendizado, ao contrário, utilizando-se de recursos legítimos para promover seu próprio desenvolvimento (p. 64).

É através da construção da própria história e da capacidade de fazer-se, inserir-se e de interferir na realidade, construir e reconstruir conhecimentos que os sujeitos podem transformá-la para um contexto melhor, tanto para si, quanto para o coletivo.

A *mediação pedagógica*, segundo Masetto (2000), significa a atitude e o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos.

A mediação da aprendizagem põe em evidência o papel de sujeito do aluno e fortalece sua ação nas atividades que lhes permitirão aprender, assim como ressignifica o papel do professor.

Destacamos, assim, a importância da mediação pedagógica: propiciar a conscientização transitivo-crítica, na qual os sujeitos se colocam como seres de relações, capazes de identificar a sua própria palavra, a do outro e conseguem, como nos revela Freire (2005), distinguir as ambigüidades, dicotomias, singularidades.

O conceito parte de uma concepção radicalmente oposta aos sistemas de instrução baseados na ênfase do ensino como mera transferência de informação. Sua importância está na existência do processo coletivo de construção do saber e de um ambiente de aprendizagem que favoreça o desenvolvimento da criatividade, da intuição do conhecimento.

Como nos diz Oliveira (1997), o processo ensino-aprendizagem na escola deve ser constituído a partir do nível de desenvolvimento real da criança e ter como chegada os objetivos estabelecidos pela escola, adequados à faixa etária e ao nível de conhecimento e habilidades de cada grupo de alunos.

A zona de desenvolvimento real ou efetivo é aquela que se conseguiu como resultado de um específico processo de desenvolvimento já realizado, enquanto a zona de desenvolvimento proximal ou potencial, como já citamos, é aquela que define o que a criança

pode realizar com o auxílio dos adultos, ou alguém mais capaz (VYGOTSKY, 1988, p. 111 e 112).

Para compreender melhor as interveniências que incidem no processo ensino-aprendizagem, buscaremos nas relações entre ensinar e aprender embasamento para nossa compreensão.

3. AS RELAÇÕES ENTRE ENSINAR E APRENDER

De acordo com a abordagem histórico-cultural de Vygotsky (1987,1998), o *ensinar* e o *aprender* formam uma unidade. Esse conceito de dois processos intrínsecos implica a idéia de que o professor participa do processo de aprendizagem, de desenvolvimento do aluno e da construção de processos psíquicos de forma mediadora.

Conforme já mencionamos, para que o aluno aprenda, ele vai recorrer a experiências que já tem sobre o assunto, à troca com outros sujeitos e consigo próprio e, a partir de então, vão se internalizando os conhecimentos, papéis e funções sociais. O que permite a construção de conhecimentos e da própria consciência (VYGOTSKY, 1998).

Podemos destacar que o foco da análise sobre o papel do professor não se incide sobre o conhecimento que o aluno constrói no seu processo de aprendizagem, mas sim sobre as funções psíquicas do aluno que, efetivamente, desdobram-se em possibilidades de desenvolvimento como resultado do processo de ensino-aprendizagem.

Para Fontana (2000), é preciso considerar as características de que se reveste a interação adulto/criança. Segundo a autora, ocorre uma relação de ensino cujo objetivo imediato, ensinar e aprender, é explícito para seus participantes que ocupam lugares sociais diferenciados e organizados de forma hierárquica.

Ensinar e aprender são ações que não acontecem da mesma forma, não se relacionam o tempo todo, algumas vezes, nem ocorrem ao mesmo tempo. Estão inseridos em uma rede de relações culturais. Assim, as palavras “ensinar” e “aprender” designam construções que têm diferentes significados.

Mas, afinal, o que é ensinar? A palavra latina *insignare* (marcar com um sinal) traduz o princípio fundamental para quem ensina: saber dar sentido, significado a algo. Rio (2006, p. 52) nos diz que por intermédio do gesto de ensinar, o professor, num exercício de mediação, proporciona aos alunos o encontro com a realidade, considerando o saber que já possuem e procurando articulá-lo a novos saberes e práticas.

Para Bordenave e Pereira (1998, p.185), ensinar não é somente transmitir, nem transferir conhecimento de uma cabeça para outra. Ensinar é fazer pensar, é estimular para a identificação e resolução de problemas, é ajudar a criar novos hábitos de pensamento e de ação.

Enquanto aprender vem de *ad* (junto de algo ou alguém) e *praehendere* (tentar prender, pegar). Quando aprendemos precisamos de alguém porque aprendemos *com*, somos feitos na relação com o outro, mediados pelo mundo e pela realidade em que vivemos (GADOTTI, 2003, p. 28).

Aprender envolve uma relação interativa. Hadji (2001) acredita que, quando o professor favorece as trocas interativas em sala de aula, estimula o crescimento de outros, provocando mudanças nas formas de ser, pensar e agir. Segundo o autor, a expressão do professor como mediador está apoiada numa concepção construtivista de aprendizagem que entende a interação como elemento fundamental e o papel do educador, nesse contexto, é mediar a construção do conhecimento a partir do conhecimento prévio de seus alunos.

Vygotsky (1987,1998) enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações. Conforme já mencionamos, o conhecimento não é visto por ele como uma ação do sujeito sobre a realidade, mas como uma relação mediada por outros sujeitos. O outro pode apresentar-se por meio de objetos, do ambiente, do mundo que rodeia o sujeito.

O desenvolvimento provoca a participação do outro, da atividade, da linguagem estabelecida entre o sujeito e seu grupo social. Assim, os significados vão sendo construídos pelo indivíduo e assinalam novas formas de generalização.

O autor colabora, ainda, para a compreensão de como os sujeitos atribuem sentido às situações que vivem nas relações sociais. Assim, não poderíamos deixar de falar no sentido de *ensinar* e de *aprender*. Para tanto, seria interessante pensar nas características individuais e condições sócio-econômicas e culturais dos indivíduos, além das referências do mundo com o qual se identificam, revelando o sentido que dão ao que realizam.

Em relação à questão do *sentido*, Charlot (2005) esclarece:

Tem sentido uma palavra, um enunciado, um acontecimento que possam ser postos em relação com outros em um sistema, ou em um conjunto; faz sentido para um indivíduo algo que lhe acontece e que tem relações com outras coisas de sua vida, coisas que ele já pensou, questões que já se propôs. É significante (...) o que é comunicável (...) e pode ser entendido como uma troca com os outros. Em suma, o sentido é produzido por estabelecimento de relação, dentro de um sistema, ou nas relações com o mundo ou com os outros. (p. 56)

O indivíduo valoriza o que faz sentido para ele, ou confere sentido ao que, para ele, apresenta algum valor. O sentido que o indivíduo dá à escola, ao trabalho, à família, à vida e a tudo o que lhe rodeia é importante para que uma informação relacionada a esses elementos tenha significado para ele.

A apropriação do conhecimento implica na transformação de cada informação que certamente modifica o aluno, apontando um olhar diferente para o mesmo assunto,

modificando a forma de pensar e de agir. No entanto, existem muitas formas de aprender, o que torna esta questão bastante complexa, pois existem maneiras de aprender que não correspondem a apropriar-se de um conhecimento.

Ainda, para o autor, esta questão merece considerações, pois à medida que crescem e, conseqüentemente, aprendem, os indivíduos estabelecem uma relação com o conhecimento que pode ser descrita como um conjunto de relações que um indivíduo estabelece com um “conteúdo de pensamento”, expresso por uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação etc, que podem estar atrelados, de certa maneira, com o aprender e o saber. E, por isso mesmo, significa também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com os outros, com o mundo e relação consigo mesmo enquanto se torna mais ou menos competente para aprender determinada coisa, numa situação específica (CHARLOT, 2000, p.81).

Bernard Charlot (2000) aponta diversificadas “figuras do aprender”, tendo em vista que aprender não equivale a adquirir um saber considerado apenas conteúdo intelectual. As investigações realizadas por sua equipe ESCOL⁴ demonstraram que muitos alunos parecem centrar-se em figuras do aprender que não são pertinentes à aquisição do saber e, conseqüentemente, à obtenção de êxito escolar.

O autor observou, em suas pesquisas, que muitas vezes alunos e professores entendem de formas distintas o que seria aprender. Para o aluno, aprender pode ser ler uma ou duas vezes, ler rapidamente sem compreender ou, inversamente, compreender sem memorizar, e até, amiúde, passar algum tempo enfurnado nos livros. Para o professor, aprender é compreender + memorizar + ser capaz de aplicar ou comentar.

⁴ “Education, Socialization et Collectivités Locales” – ESCOL – grupo de pesquisa do Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Paris, França.

Em nossa investigação, procuramos perceber como professores e alunos entendem o que é ensinar e aprender e, também, compreender como conduzem seu trabalho nas relações pedagógicas estabelecidas em sala de aula dando *sentido* ao que fazem.

Percebemos que a sala de aula observada era muito heterogênea e, ao mesmo tempo, muito produtiva, apresentando alguns alunos bastante participativos, enquanto outros, um tanto displicentes. Dessa forma, alguns conduziam os menos interessados, que respeitavam o interesse dos colegas.

Muitas vezes, vimos até alunos direcionando a aula e pedindo a um determinado professor para fazer tal atividade. Como no dia em que a professora Helena (Anexo X, p.260) estava iniciando um novo conteúdo e os alunos, em sua maioria, não estavam dispostos a participar, por várias razões: era a última aula da manhã, a professora estava muito nervosa e falava alto demais, já havia ocorrido uma discussão entre dois alunos, durante o recreio, enfim, um dia muito atribulado, o que, para os alunos, seria razão para fazer uma aula “diferente”.

Quando a professora começou a explicar, um aluno levantou a mão e pediu que esta considerasse o dia difícil para todos e trabalhasse com um assunto mais agradável. A professora, a princípio, não aceitou, o que gerou certo desconforto. No entanto, percebeu que não teria a colaboração da sala, se seguisse em seu intento.

Resolveu propor uma espécie de jogo visando à resolução de questões sobre ortografia. Nesse momento, alguns alunos, que tinham mais dificuldade no assunto, imediatamente, correram para sentar perto dos mais experientes nesse conteúdo. A aula transcorreu sem maiores problemas e pôde-se perceber a interação dos alunos, que queriam ganhar o jogo.

Vygotsky (1987,1998) nos diz que aquilo que uma criança é capaz de fazer com o auxílio de adultos ou companheiros capazes, determina a sua área de desenvolvimento

potencial. Para o autor (1998, p.117), *o bom aprendiz é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento*. Conforme já vimos, a aprendizagem não é em si mesma desenvolvimento. Porém, uma organização adequada da aprendizagem, conduz a criança ao desenvolvimento mental, ativando todo um grupo de processos voltados ao desenvolvimento que não seriam acionados sem a aprendizagem.

Os processos de ensino e de aprendizagem colaboram para o desenvolvimento, pois envolvem relações sociais fundamentais para o processo de internalização e apropriação do conhecimento. O ensino, ao promover as relações interpessoais, atua como facilitador da transição dos processos interpsicológicos para os processos intrapsicológicos, transformando as zonas de desenvolvimento proximais em desenvolvimento real, o que desenvolve as funções psicológicas superiores. A aprendizagem, dessa forma, implica na capacidade de fazer surgir processos evolutivos que só serão ativados nas interações interpessoais.

Consideramos a aprendizagem um processo que permite ao indivíduo uma relação com o mundo. Assim, nessa relação o sujeito adquire condições de pensar e saber várias coisas, reelaborando o conhecimento que organizará através do contato com os mediadores: instrumentos (computadores, jogos, brinquedos) ou as próprias relações (dentre as quais destacamos o contato com os professores). Nessa perspectiva, a escola funciona como um espaço próprio para esse processo se estabelecer.

Professores e alunos alternam-se nos papéis de ensinar e aprender, construindo coletivamente o conhecimento. Deste modo, constroem uma aprendizagem significativa que acelera o desenvolvimento, provocando uma nova forma de avaliar o nível das atividades promovidas pela escola.

Moreira e Masini (1982) nos dizem que *a aprendizagem significativa* caracteriza-se pela interação entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio. Nesse processo, o novo conhecimento adquire significados para o aprendiz e o conhecimento prévio fica mais rico,

mais diferenciado, mais elaborado em termos de significados, e adquire mais estabilidade. Esse conhecimento prévio é a variável que mais influencia a aprendizagem. Só podemos aprender a partir do que já sabemos.

O aprendiz não é um receptor passivo, faz uso dos significados que já internalizou para poder captar os significados dos materiais educativos. Nesse processo, consegue, ao mesmo tempo, diferenciar sua estrutura cognitiva e reconciliar de forma integradora, identificando semelhanças e diferenças para reorganizar seu conhecimento, construindo, assim, *o seu conhecimento*.

A partir dessas considerações, podemos dizer que cada indivíduo é singular, tem uma história pessoal, características únicas e modos particulares de agir. As relações sociais trazem a questão do valor daquilo que se aprende e que se ensina nessas relações e o papel do outro é fundamental.

Nesse sentido, “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (VYGOTSKY, 1998, p.115).

O aprendizado se estabelece num ambiente específico: a escola, espaço próprio para a criatividade, reflexão, análise, crítica, imaginação, discussão, participação, contato com o mundo, enfim, a aprendizagem. Para Libâneo (2004b):

Com efeito, as crianças e jovens vão à escola aprender cultura e internalizar os meios cognitivos de compreender e transformar o mundo. Para isso é necessário pensar – estimular a capacidade de raciocínio e julgamento, melhorar a capacidade reflexiva e desenvolver as competências do pensar. (p.5)

Abdalla (2002) afirma que a escola é um local de formação, aprendizado e desenvolvimento de novas práticas pedagógicas. É o espaço concebido como campo de reflexão e de conhecimento para que se desenvolvam os aspectos cognitivos que tornam o movimento do ato de ensinar no ato de aprender.

Quanto ao trabalho docente, a autora acredita que é o conhecer permanente da exploração, da troca, do esforço para passar da ignorância ao conhecimento. É conhecer do aprender a ensinar e do aprender a ser professor de determinados saberes e saber-fazer.

Destacamos até aqui alguns conceitos a fim de entender o processo ensino e aprendizagem, o que nos possibilitou ressignificar o ato de ensinar e, conseqüentemente, o de aprender. Dessa forma, estabelecemos, para o próximo capítulo, mostrar o percurso da pesquisa, identificando sua natureza, percurso metodológico, contexto, escolas, sujeitos e indicando, por meio das entrevistas, as relações entre ensinar e aprender permeadas pela *mediação pedagógica*.

CAPÍTULO II

ESCOLHENDO CAMINHOS E OLHARES DA PESQUISA

O professor já nasce inserido no seu cotidiano. A vida diária não está fora da história, mas, ao contrário, está no centro do acontecer histórico. Como todo indivíduo, o professor é simultaneamente um ser particular e um ser genérico. Isto significa dizer que quase toda a sua atividade tem caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares. No seu cotidiano ele trabalha com estas duas forças: as que vêm da generalização de sua função e as que partem dele enquanto individualidade. Nem sempre ambas caminham no mesmo sentido. Muitas vezes é do conflito entre elas que se origina a mudança nas atitudes do professor.
(CUNHA, 1989, p.157)

Considerando que o objetivo desta pesquisa é compreender como professores e alunos conduzem as relações entre ensinar e aprender, cotidianamente, e de que maneira o professor exerce o seu papel de mediador do conhecimento nessas relações, apresentamos, neste capítulo, a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa.

Partimos de nossa inquietação inicial de questionar o papel do professor no processo ensino-aprendizagem e dialogamos com Cunha (1989), que nos diz que do conflito entre a generalização e a individualidade origina-se a mudança nas atitudes do professor. Nessa perspectiva, uma das formas de conhecer o professor é perceber de que modo essa ambigüidade tratada pela autora permeia o seu cotidiano.

Assim, o presente capítulo objetiva introduzir os ambientes pesquisados e as relações que ali se estabeleceram. Dessa forma, descreveremos a natureza da pesquisa. Em seguida, apresentaremos os caminhos percorridos para sua realização e, por fim, a contextualização da investigação. Este item consta de três momentos: primeiro, a caracterização da escola, contextualizando os elementos relevantes para compreensão do cotidiano escolar; em seguida, a apresentação dos professores e sua abordagem metodológica; e encerraremos o capítulo, apresentando os alunos e as produções textuais.

1. A NATUREZA DA PESQUISA

Com o objetivo de investigar o processo de ensino e aprendizagem, percebendo as necessidades e dificuldades de professores e alunos, foi utilizada uma abordagem metodológica qualitativa. Segundo Guba e Wolf (apud BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.17), esta abordagem qualitativa é:

(...) freqüentemente designada “naturalista”, porque o investigador freqüenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas: conversar, visitar, observar, comer, etc.

Procuramos, por meio dessa abordagem, considerar a ordem natural dos fatos que se estabeleceram no *lôcus* da pesquisa e, nesse sentido, as informações sobre as relações que se constituíram precisam ser analisadas e interpretadas de maneira ampla, não podendo ser simplesmente quantificadas.

Bernadete Gatti (2002, p. 64) nos diz que o método oferece orientação de base necessária para garantir consistência e validade à pesquisa. No entanto, precisa ser apropriado pelo pesquisador que, pelas interposições, cria possibilidades e soluções para o emergir de dados e sua compreensão.

Ainda, segundo a autora, os procedimentos da pesquisa visam não só o registro de regularidades, mas os imprevistos, surpresas, impasses e soluções adotados em campo. Estes procedimentos são importantes no momento das anotações de cunho pessoal do pesquisador, assim como, nas entrevistas, depoimentos e julgamentos. São procedimentos que auxiliam o pesquisador em sua crítica e autocrítica e ajudam a delimitar os limites de validade das informações e conclusões.

Essa forma de investigação exige do pesquisador uma difícil atuação: observar o cotidiano de maneira neutra, resistindo ao convite de agir nesse ambiente para manter a

distância necessária. Bogdan e Biklen (1994, p.128) sugerem que ser investigador, neste sentido, significa interiorizar o objetivo da investigação, à medida que se recolhem os dados no contexto, participando com os sujeitos da pesquisa. O interesse, aqui, não é só a obtenção de dados, mas ao mesmo tempo controlar todo o processo para não fugir do que se relaciona com os objetivos da pesquisa (e do pesquisador).

Acreditamos que nossa pesquisa se encaixa no perfil de uma abordagem metodológica qualitativa que, segundo Lüdke e André (1986), tem como características cinco pontos principais:

- I. Tomar o ambiente natural como fonte direta da coleta de dados e o pesquisador como o principal instrumento;
- II. O fato de haver predominância da descrição nos dados coletados;
- III. Referir-se a ter uma preocupação muito maior com o processo que com o produto;
- IV. O fato de examinar o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida;
- V. Tendência a seguir um processo indutivo na análise dos dados coletados.

Uma pesquisa qualitativa pode concretizar-se, então, de diferentes maneiras. Escolhemos realizar no trabalho um *estudo de caso* com classes de conclusão do Ensino Fundamental em uma das duas escolas públicas pesquisadas⁵.

O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, um indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico (MERRIAM, 1988, apud BOGDAN & BIKLEN, 1994, p.89).

Tendo em vista que o estudo de caso é muito útil para, segundo André (1999), conhecer os problemas e ajudar a entender a dinâmica da prática educativa, ele irá permitir,

⁵ Fizemos a opção de realizar nosso estudo somente na Escola B, porque tivemos incongruência de dados e problemas de condução da pesquisa na Escola A.

também, um aprofundamento da realidade estudada e a possibilidade de observação de diferentes variáveis.

Para Bogdan e Biklen (1994, p. 90), a melhor técnica para recolher os dados consiste na *observação participante*, sendo que o foco do estudo se dá numa organização particular, a escola, por exemplo, ou em algum aspecto particular dessa organização.

A observação participante, cujo objetivo final é “gerar verdades práticas e teóricas sobre a cultura humana com apoio nas realidades da vida diária” (BOGDEWIC apud VIANNA, 2003, p.51) adequou-se ao contexto da investigação. Segundo Vianna (2003, p.51), a observação participante:

(...) envolve uma atividade que combina simultaneamente análise de documentos, entrevistas com respondentes e informantes, participação direta, observação e introspecção. O principal aspecto do método é que o pesquisador mergulha no campo, observa segundo a perspectiva de um membro integrante da ação e também influencia graças à sua participação.

A necessidade de observação dessas relações surgiu da importância de presenciar diretamente a forma como professores e alunos conduzem o processo educativo para perceber a partir de que elementos produzem o conhecimento escolar e em que medida as práticas docentes são exercidas de maneira a facilitar ou prejudicar o processo educativo.

Para Viana (2005, p.50), este tipo de observação difere das outras abordagens, pois coloca o observador como parte dos eventos que estão sendo pesquisados. Wilkinson (apud VIANNA, 2005, p.50) mostra algumas vantagens desse tipo de observação:

- Possibilita a entrada de determinados acontecimentos que seriam privativos e aos quais um observador estranho não teria acesso aos mesmos;
- Permite a observação não apenas de comportamentos, mas também de atitudes, opiniões e sentimentos.

Vianna (2005, p. 52) afirma que a observação participante deve ser entendida como um processo: o pesquisador deve ser cada vez mais um participante e obter acesso ao campo

de atuação e às pessoas. A observação deve, aos poucos, se tornar cada vez mais concreta e centrada em aspectos que são essenciais para responder às questões da pesquisa.

Foi o que procuramos fazer durante nosso percurso na Escola B, obter espaço e acesso às interações entre professores e alunos, à fala de cada sujeito da pesquisa, centrando, a cada dia, o foco nos elementos fundamentais para responder às questões da investigação.

Tivemos, ainda, a oportunidade de vivenciar acontecimentos que ocorreram como se não estivéssemos no local. Acreditamos que se fôssemos estranhos ao ambiente, tais situações não teriam acontecido com a mesma naturalidade.

Além disso, também presenciamos os sujeitos expressarem sentimentos e demonstrarem o que estavam pensando através de atitudes e posturas. Também, acreditamos que o fato de estarmos inseridos no contexto, envolvidos com o ambiente permitiu que presenciássemos as situações e que, os sujeitos, também, ficassem à vontade para isso.

Um outro aspecto que justifica nossa opção pelo *estudo de caso* é o fato da “singularidade da situação”, definida por Kenny e Grotelueschen (1980, apud ANDRÉ, 1999), como sendo o fato da unidade ser escolhida, porque representa em si mesma um caso digno de ser estudado, seja pelo fato de ser representativo de vários outros casos ou, ainda, por ser completamente distinto de outros casos. Para nós, a unidade de estudo torna-se representativa pela similaridade.

2. O PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa de campo aconteceu no cotidiano escolar e proporcionou diversas possibilidades de contatos, atividades e discussões: elementos importantes que enriqueceram a observação, pois forneceram dados preciosos para a análise. Percorremos todo o espaço escolar e observamos as diversas atividades que ocorriam na quadra esportiva, bem como, as

reuniões pedagógicas na sala dos professores, alguns diálogos entre pais de alunos e professores, conversas entre alunos durante as aulas e em momentos de descontração como o recreio.

Utilizamos três procedimentos metodológicos para a coleta de dados da pesquisa:

Primeiramente, optamos por realizar observações no cotidiano das salas estudadas, tendo em vista que estas possibilitariam, segundo Lüdke e André (1986), um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado.

Durante o processo de observação, procuramos manter envolvimento com o cotidiano escolar e com os envolvidos nesse processo. Observamos, ouvimos, dialogamos com os sujeitos, mantendo uma atitude de predisposição a todas as manifestações, procurando atender a todos.

No entanto, seguimos a perspectiva apontada por McMillan & Schumacher (apud VIANNA, 2005, p. 55), quando afirmam que a observação participante possibilita ao pesquisador obter as percepções das pessoas e expressões por intermédio de sentimentos, pensamentos e crenças. Adotamos esta direção, em nossa investigação, porém sem nos deixarmos levar por aparências ou situações, mas buscando sempre a compreensão dos fenômenos.

Concretizando a observação, o registro do diário de campo foi realizado através das anotações que envolveram diversas atividades e momentos diferenciados como: o intervalo, os horários de entrada e saída dos alunos, a sala dos professores e, principalmente, as relações interpessoais desenvolvidas em sala de aula.

Nesses momentos procuramos registrar o que ocorria em nosso diário de campo, anotando as situações, que consideramos importantes para composição deste trabalho. No entanto, selecionamos, aqui, o que acreditamos ser fundamental para a compreensão e foco de

nosso objeto, retringindo-nos às anotações das relações interpessoais desenvolvidas em sala de aula, que se encontram no final deste estudo (Anexo X, p. 253-284).

Não nos pareceu que, nessa escola, os professores tivessem algum tipo de preocupação com a nossa presença em sala. Pelo menos, não deixaram que percebêssemos algum incômodo que pudêssemos causar, ou que pudêssemos interferir em sua forma de trabalhar.

Nos seis meses, que permanecemos na Escola B, realizamos quinze observações distribuindo-as entre os cinco professores. Dessa forma, assistimos a, no mínimo, três aulas de cada um. Algumas disciplinas estavam disponibilizadas somente em aulas duplas, para não entrar após o professor ou sair mais cedo da sala e, possivelmente, interromper a aula. Resolvemos, assim, assistir a duas aulas duplas de Português e duas de Matemática. As aulas expositivas foram as mais assistidas, com exceção do professor de Educação Física que estimulou a discussão e participação dos alunos.

Os instrumentos de pesquisa escolhidos refletem a nossa preocupação com o contexto no qual o processo se desenvolve, e com o discurso dos sujeitos da pesquisa. Por isso, além da observação, optamos por entrevistas semi-estruturadas com professores e alunos da pesquisa.

As entrevistas com os professores tiveram como objetivo principal compreender como as relações de ensino e aprendizagem se estabelecem via condução do professor, bem como perceber que *sentido* estes dão ao seu ofício, além da compreensão que eles apresentam de suas relações com o conhecimento e de sua prática docente, e as impressões que possuem da medida da interferência de seu trabalho na aprendizagem do aluno.

Se, durante as observações realizadas, pudessem surgir indicações no sentido de restringir ou limitar alguma característica do professor, nas entrevistas tivemos a possibilidade de perceber a importância que ele dá ao ato docente e suas implicações.

Foram realizadas cinco entrevistas individuais com os professores, com duração de 60 a 90 minutos. Os encontros aconteceram em momentos de hora-atividade dos professores

(denominação dada pelas redes municipal e estadual para o momento semanal que cada professor disponibiliza para o desenvolvimento de atividades de apoio para suas aulas), respeitando, assim, o local e os horários por eles sugeridos. As entrevistas foram gravadas em fitas K7, posteriormente, transcritas e estão aqui, no Anexo VI (p. 190-216).

Em seguida, foram realizadas as entrevistas com os alunos, escolhidos na escola B de forma aleatória. Cada entrevista durou em média 45 minutos e teve como objetivos compreender a relação dos alunos com a escola, com os professores e com o conhecimento oferecido pela escola, além de também perceber que *sentido* eles dão ao seu ofício. As entrevistas também foram gravadas em fitas K7, posteriormente transcritas e estão aqui no Anexo VII (p. 217-240).

Por fim, o terceiro instrumento da pesquisa e o segundo utilizado em relação aos alunos foi a escrita de uma carta para um professor, escolhido pelos estudantes por razões pessoais e positivas, em que deveriam contar para o mesmo o que tinham aprendido durante o tempo em que estiveram juntos, ressaltando aspectos importantes dessa convivência, além do destaque ao papel do docente para o seu aprendizado. Foram produzidas 31 cartas, das quais aproveitamos 19, porque algumas apresentavam problemas de estrutura, coerência e coesão, sendo que a classe observada tinha 43 alunos matriculados. As produções encontram-se no Anexo VIII (p.241-250).

No decorrer do processo, buscou-se a compreensão do significado das atitudes dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, foram observadas as relações professor-aluno em sala de aula e fora dela, e seus registros encontram-se no Anexo X (p.253-284).

Os instrumentos foram elementos norteadores e, através destes, conseguimos obter dados e identificar:

- as informações orais dos professores e dos alunos durante as entrevistas e

- os elementos textuais das produções dos alunos.

Realizamos a coleta dos dados que serão descritos e analisados nos capítulos III e IV deste trabalho. Durante a organização do material coletado para sua posterior análise, procuramos organizá-los num quadro para que fossem consultados com maior facilidade (Anexo V, p.176-189).

Para essa organização, nossa preocupação foi buscar referências sobre a análise do conteúdo, no que diz respeito a alguns elementos referenciais, Dessa forma, referendamos Franco (2005, p.13), que nos diz:

O ponto de partida da Análise do Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental, ou diretamente provocada. Necessariamente, ela expressa um significado e um sentido. Sentido que não pode ser considerado um ato isolado.

Procuramos agrupar os dados e definir as unidades de análise recorrendo novamente a Franco (2005, p. 37), que as discrimina em:

Unidades de Registro: a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas.

Unidades de Contexto: a parte mais ampla do conteúdo a ser analisado, porém é indispensável para a análise e interpretação dos dados a serem decodificados e para estabelecer a diferenciação que resulta dos conceitos “significado” e “sentido”.

Seguindo a metodologia proposta pela autora (FRANCO, 2005, p. 48-52), foi realizada uma leitura flutuante⁶, a escolha dos documentos e a organização dos dados. Após sua transcrição, os depoimentos foram agrupados em *unidades de sentido*.

Adotamos a nomenclatura *unidade de sentido*, seguindo, ainda, o referencial de Franco (2005, p. 15), quando afirma que a semântica é “o pão cotidiano da análise de

⁶ Franco considera a *leitura flutuante* como a primeira atividade da pré-análise, que consiste em estabelecer contatos com os documentos a serem analisados e conhecer os textos e mensagens neles contidas, deixando-se invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas (p.48).

conteúdo”. Assim, os dados organizados, neste estudo, representam a procura, a análise e a interpretação do sentido que atribuímos aos sujeitos da pesquisa, através de sua linguagem verbal e não-verbal, também.

Após reunirmos os dados percebemos que possuíamos elementos de ordens distintas: o diário de campo com as observações das aulas e os aspectos mais objetivos das entrevistas, além das produções realizadas com os alunos.

Decidimos analisar o material coletado a partir de três eixos: o da *mediação pedagógica*, o do *sentido do ensinar* e o do *sentido do aprender*. Esse tripé estruturou a principal categoria de análise *mediação pedagógica*, que orientou as outras duas categorias desta pesquisa: *o sentido do ensinar* e *o sentido do aprender*.

A organização destes dados respeitou o rumo ditado pelas entrevistas com professores e alunos, sempre de acordo com nosso objetivo inicial, que era compreender como professores e alunos conduzem as relações entre ensinar e aprender e como o professor exerce o seu papel de mediador nessas relações.

Dessa forma as entrevistas semi-estruturadas realizadas com os professores inseriram-se na categoria de análise *mediação pedagógica* e deram origem às unidades de sentido: *motivação, atividade/ação docente e relação entre ensinar e aprender*. (Anexo V, p. 176-181)

As percepções dos professores ainda inseridas na categoria *o sentido do ensinar* originando as unidades de sentido: *ser professor, experiência profissional e compreensão do processo pedagógico*. (Anexo V, p.182-185) As impressões dos alunos estabeleceram o contraponto da relação inserindo-se na categoria de análise *o sentido do aprender* e geraram as unidades de sentido: *ser aluno, família/escola e aprendizagem significativa* (Anexo V, p. 186-189).

Para definir as categorias de análise e suas respectivas unidades de sentido, busquei, nas vozes dos sujeitos envolvidos, identificar a realidade em que estão inseridos, de que maneira conduzem seus modos de ensinar e aprender e o sentido que dão ao que fazem cotidianamente.

Procurei perceber, não só através das entrevistas, mas também durante a pesquisa de campo, se os professores tiveram a preocupação de procurar formas de ensinar significativas para que da mesma maneira seus alunos também vissem sentido no que estavam aprendendo.

Todos os dados apresentados, neste contexto metodológico, serviram de embasamento para a argumentação e discussão das imbricações apontadas neste trabalho, sendo apresentados no quadro, a seguir, para uma melhor compreensão e visualização de sua estrutura:

FONTE DOS DADOS	CATEGORIAS DE ANÁLISE	UNIDADES DE SENTIDO
ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS COM OS PROFESSORES	MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA	MOTIVAÇÃO ATIVIDADE/AÇÃO DOCENTE RELAÇÃO ENTRE ENSINAR E APRENDER
ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS COM OS PROFESSORES	O SENTIDO DO ENSINAR	SER PROFESSOR EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COMPREENSÃO DO PROCESSO PEDAGÓGICO
ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS COM OS ALUNOS E SUAS PRODUÇÕES TEXTUAIS	O SENTIDO DO APRENDER	SER ALUNO FAMÍLIA/ESCOLA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Quadro 1 – Fonte dos Dados

3. O CONTEXTO DA PESQUISA

Para este estudo, foram pesquisadas duas escolas. A primeira, denominada Escola A foi escolhida para minha investigação por ter sido o espaço da minha primeira atuação como professora e lá comecei a observação das aulas, acreditando que não precisaria de outra escola para realizar este trabalho.

Escola antiga e de muita tradição, situa-se no bairro em que morei por toda a vida. Escolhi esta escola, na verdade, por razões sentimentais. Diversos fatores contribuíram para o insucesso da investigação nessa escola, como indicamos a seguir.

A princípio, acreditei que minha área de atuação deveria ser o foco do trabalho por ser referência para o desenvolvimento das outras disciplinas. No entanto percebi que a professora e os alunos não se adequaram à proposta da pesquisa e, por isso, obtive poucos dados para prosseguir, ficando somente com os registros das observações das aulas.

Bogdan e Biklen (1994, p. 90) alertam para o fato de que o estudo de caso, algumas vezes pode não se efetuar, porque as fontes de informação são insuficientes para realizar um trabalho, no mínimo, aceitável. Essa constatação, na fase inicial da pesquisa, de que existe material insuficiente fornece não só um ponto de partida como um plano para a coleta de dados ⁷.

Após a coleta dos dados produzidos na escola A, verifiquei que os mesmos não seriam suficientes para alcançar os objetivos propostos naquela situação. Ao mesmo tempo, percebi que as informações que já possuía permitiriam que eu traçasse novas metas para realizar uma investigação diferente e melhor estruturada e foi o que ocorreu.

Precisei parar e refletir sobre todo o processo. Depois de algumas orientações e reflexões, repensei sobre os erros cometidos. Acreditando que, se ficasse na mesma escola,

⁷ Todos os dados referentes à Escola A encontram-se no final deste trabalho (Anexo XI, p.285-298).

poderia repetir os mesmos erros, achei melhor procurar uma outra instituição e, num outro contexto, desenvolver um trabalho diferente.

No mesmo bairro onde morei, também trabalhei, por alguns anos, em uma outra escola, na época de Ensino Fundamental, atualmente, Ensino Fundamental e Médio. Nessa escola, resolvi modificar os rumos da pesquisa. E os questionamentos acerca das dificuldades dos professores de Língua Portuguesa foram ampliados para as dificuldades dos professores de outras disciplinas.

Ainda assim, acredito que relatar todo o processo, desde o início, seria fundamental para a compreensão de todo o trabalho e das etapas atravessadas até a sua conclusão. Início o relato pela primeira escola. Para garantir o sigilo, as duas escolas serão denominadas Escola A e Escola B.

A Escola A pertence à rede municipal de ensino de Santos. Na primeira visita conversei longamente com a direção da escola, que me recebeu muito bem, enfatizando a história e tradição de 80 anos de sua existência, sempre atendendo moradores do bairro.

Na seqüência, conversei com a professora de Língua Portuguesa escolhida pela direção para me receber e conversar sobre a 8ª série a ser observada.

A observação ocorreu de setembro a dezembro de 2005 e dez aulas foram observadas. Durante o processo, conversei informalmente com alguns alunos, mas houve uma enorme resistência deles para participar do projeto. A professora, aparentemente muito simpática, deixou transparecer o incômodo que minha presença causava o que prejudicou ainda mais a fase final do percurso.

Ao final do ano, concluindo minha observação, resolvi começar as entrevistas com os alunos e a professora. No entanto, os dez alunos escolhidos disseram não gostar de falar e preferiram escrever. Imediatamente, transformei o roteiro das entrevistas em questionários, acreditando que seria minha única saída e apliquei-os, mas os estudantes novamente não

colaboraram e responderam às questões de forma monossilábica. Dessa forma, não obtive material suficiente para desenvolver o trabalho, ficando somente com a entrevista da professora.

Iniciei, então, a segunda etapa da pesquisa, que envolveu a Escola B, uma instituição da rede estadual de Ensino que atende alunos do Bairro Ponta da Praia, em Santos. A pesquisa teve início no mês de março perdurando, nessa fase, por seis meses. Nosso objetivo foi estabelecer pronto contato com professores e alunos para que não surgissem problemas semelhantes ao outro contexto e permanecemos por mais tempo nesta escola, porque encontramos um ambiente propício para realizar a investigação.

Os professores foram muito receptivos e colaboraram bastante com o trabalho, sendo que alguns deles apresentaram identificação imediata com o tema. Os alunos também agiram da mesma forma e mostraram-se curiosos querendo estabelecer pronto contato e participar do projeto.

Neste trabalho, utilizei, como instrumento principal de pesquisa as entrevistas com professores e alunos, enfatizando, desde o princípio, a entrevista semi-estruturada para que pudesse aprofundar os aspectos mais interessantes à investigação.

As entrevistas intencionaram abordar os professores e alunos, principalmente na sua forma de conceber o *sentido* que dão aos seus respectivos ofícios. Nessa perspectiva, foram elaborados roteiros de entrevistas semi-estruturadas para professores e alunos.

Foram realizadas ao todo seis entrevistas com professores: uma na Escola A e cinco na Escola B, e 10 entrevistas com alunos na Escola B e os 10 alunos escolhidos na Escola A responderam às questões por escrito de forma monossilábica, conforme mencionamos. Todas as entrevistas foram gravadas, depois transcritas e encontram-se no final deste trabalho, (Anexos VI e VII, p.190-240).

3.1. CARACTERIZANDO A ESCOLA B

Trata-se de uma escola da rede estadual de ensino, fundada na década de 1960 e que atendeu por muitos anos alunos do Ensino Fundamental do Ciclo I (1ª a 4ª séries) e, atualmente, atende alunos do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) e Ensino Médio, em três períodos: das 7h às 12h30, das 13h às 18h30 e das 19h às 23h. Situa-se num bairro residencial que abriga uma população de classe média.

O prédio, que ocupa uma quadra inteira, apresenta um bom estado de conservação e estrutura física excelente. Nele se encontram a zeladoria, a quadra de Educação Física e um pequeno terreno com algumas árvores e plantas.

Logo na entrada da escola, localizam-se a secretaria e a sala da coordenação. Em seguida, a biblioteca, a sala dos professores e seus sanitários, a sala da direção e um pequeno almoxarifado.

Na entrada da escola, já existe um clima propício para recepcionar os alunos. Primeiro, pela estrutura, que dispõe a secretaria em frente à sala de coordenação e, depois, pela biblioteca, que funciona nos três períodos e pode ser freqüentada fora do horário de estudo dos alunos, oferecendo um espaço ideal para pesquisa e para leitura. Além dos livros, há uma grande quantidade de revistas e, até mesmo, jornais doados pela comunidade e pelo projeto Jornal-Escola.

As salas de aula situam-se no pátio interno e ficam umas de frente para as outras em forma de semicírculo. Ainda, nesse pátio, encontram-se a cantina e a sala de vídeo.

São dez salas que são utilizadas em três períodos, sendo que o período da manhã funciona com seis salas para o Ensino Médio e quatro para o Fundamental. O período da tarde prioriza o Ensino Fundamental, utilizando para o mesmo sete salas, mas funciona com três classes para o Ensino Médio. O período noturno atende a oito turmas de Ensino Médio e

duas de Fundamental. As classes mantêm uma média de 40 alunos por sala e são identificadas por letras. A escola mantém uma média de 1300 alunos e 62 professores.

A escola apresenta bom estado de conservação, estando sempre limpa, apesar da pouca colaboração dos alunos. Nos pátios e corredores há sempre exposição de trabalhos e atividades realizadas durante as aulas.

Quanto à equipe pedagógica, a escola conta com uma diretora e uma coordenadora pedagógica, o que para a realidade da escola é insuficiente, porque em alguns horários não há responsável pelo período, sendo que um professor é nomeado pela direção para responder pela escola, mas continua trabalhando em sala de aula.

3.2. APRESENTANDO OS PROFESSORES

A princípio, pensamos em identificar os professores por letras e os alunos por números. No entanto, percebemos que esse tipo de identificação seria um tanto impessoal. Por essa razão resolvemos manter a primeira letra do nome de cada sujeito da pesquisa e, a partir de então, utilizar um nome fictício. Como essa observação surgiu após o período de investigação, os sujeitos não puderam participar da escolha dos nomes. Assim, apresentamos os professores, através das informações obtidas em nossas observações e, também, por meio das falas desses sujeitos durante as entrevistas. Dessa forma, os professores participantes foram:

ANA – Professora de Matemática, 46 anos, 17 de magistério. Tem especialização em Pedagogia (Complementação Pedagógica na área de Administração Escolar) pela Faculdade Dom Domênico em Guarujá. Trabalha como professora efetiva na rede estadual há 10 anos. A forma como essa professora trata seus alunos é diferenciada: apesar da expressão de

seriedade, a professora brinca muito, conta piadas, mas, ao mesmo tempo, consegue um silêncio absoluto em sala e todos dedicam um grande respeito a ela. É reconhecida pela forma como explica sua matéria e pelo trato com seus alunos.

DORA – Professora de Geografia, 50 anos, 27 dedicados à sala de aula. Trabalha na rede estadual, como professora efetiva há 19 anos e na rede particular há 25. É bastante reservada, conversa pouco com os alunos e, durante as aulas, sempre pede silêncio a todos. Costuma manter a sala ocupada e não gosta de brincadeiras entre os alunos. Durante suas aulas, a maioria dos alunos costuma “brigar” para empurrar o carrinho que a professora utiliza para conduzir os livros de sua disciplina de uma sala para outra.

HELENA – Professora de Língua Portuguesa, 52 anos, 27 dedicados à Educação. Tem Pós-Graduação *stricto sensu*: Mestrado em Educação (1982) pela UFRJ. Trabalha na rede estadual, como professora contratada e numa escola particular em Santos. Suas características principais são a alegria e espírito dinâmico para conversar com os alunos. No entanto, quando a professora explica sua matéria é bastante austera e costuma falar bem alto com eles. Aparentemente de forma não-intencional, procura dar mais atenção aos alunos que sentam nas primeiras carteiras, tratando o restante da sala com indiferença.

HÉLIO – Professor de História, 58 anos, sendo 36 dedicados à Educação. Tem Pós-Graduação *stricto sensu*: Mestrado em Educação pela USP (1987) e Doutorado (1996) pela USP. Aposentado pela rede estadual, atualmente trabalha numa universidade particular em São Paulo e retornou à rede, assumindo algumas aulas como professor contratado. Esse retorno se deve ao fato de sentir falta do ritmo das aulas, no entanto, diz estar sentindo dificuldade em lidar com os alunos. Em suas aulas, os alunos costumam ficar bastante à

vontade, alguns entram e saem da sala de aula sem que ele perceba e, quando isso acontece, “não tem problema”. Sua característica mais interessante é uma aparente tranqüilidade. Aparente, porque o professor parece não ver uma série de atitudes de indisciplina dos alunos. No entanto, em alguns momentos, tem reações de descontrole, como se determinada situação, às vezes, sem grande importância, o fizesse sair de si, gritar com os alunos e adverti-los.

JORGE – Professor de Educação Física, 50 anos, com 25 anos de profissão. Trabalhou na rede particular por mais de 10 anos e hoje se dedica exclusivamente à rede estadual. Um dos professores mais citados e queridos pelos alunos, nas entrevistas e nas cartas, pela forma como envolve a todos em suas aulas, procurando conversar, orientar, sendo muito atencioso e, ao mesmo tempo, alegre e simpático. Seu temperamento carismático atrai os alunos que, ao fim das aulas, costumam acompanhar e conversar com o professor até a classe em que este irá lecionar.

Apresentamos, no quadro seguinte, o perfil destes professores indicando seus nomes, disciplina, idade e tempo de trabalho na Escola B.

Nome	Disciplina	Idade	Tempo de trabalho na escola
ANA	Matemática	46	8 anos
DORA	Geografia	50	5 anos
HELENA	Língua Portuguesa	52	1 ano
HÉLIO	História	58	1 ano
JORGE	Educação Física	50	10 anos

Quadro 2 – Caracterização dos Professores

Os professores têm entre 46 e 58 anos. Quanto à formação, uma das docentes fez Especialização em Pedagogia, outra tem Mestrado em Educação e um professor fez Mestrado e Doutorado em Educação. Todos os professores apresentados foram entrevistados e observados durante o período de investigação.

3.2.1. A ABORDAGEM METODOLÓGICA UTILIZADA PELOS PROFESSORES

Durante o período investigativo, um dado comum entre os entrevistados foi o fato de que sentem satisfação, gostam do que fazem e mesmo enfrentado as adversidades comuns à profissão revelam que fariam tudo novamente.

Os professores, de uma maneira geral, percebem e assumem a responsabilidade pelo processo de aprendizagem dos alunos. Talvez, por essa razão, alguns se caracterizem pela rigidez e exigência em suas atividades cotidianas.

Ao observar as aulas e conversar com os sujeitos da pesquisa deparamo-nos com formas distintas de ensinar, que serão apresentadas a seguir, através das informações colhidas durante a investigação:

ANA: A característica marcante de sua atuação é o fato de estar sempre ativa, andando pela sala ou de pé e próxima à lousa. Suas aulas são fundamentadas nas explicações e exemplos que coloca diariamente no quadro-negro. Para descontrair, costuma brincar bastante com os alunos, que conhece por nome e sobrenome, conhecendo até alguns pais pelos nomes também. Apesar do silêncio que impera em sala, os alunos gostam muito de sua forma de ensinar e, também, da maneira como são tratados.

Percebemos, em Ana, uma legítima preocupação com o aprendizado dos alunos, além disso, com os próprios alunos, a quem trata muito bem. Em sua rotina, encerra as aulas com propostas de exercícios e inicia as seguintes com a correção dos mesmos, pedindo a

participação dos alunos, que, normalmente, respondem juntos e em voz alta. Mesmo quando percebe resistência de um aluno ou grupo, insiste, às vezes com mais firmeza, para que participem. O respeito e a admiração estão expressos na maioria das produções (cartas) endereçadas a ela:

Professora Ana, tenho aprendido muito com a senhora, então voltando ao assunto, aprendi a fazer o Delta, da fórmula Bhaskara, a respeitar os professores, não conversar em sala de aula, pedir ajuda quando estou com dificuldades e principalmente peço ajuda a minha amiga Nathália. As lições andam crescendo, minhas folhas acabando, as respostas dos exercícios também crescendo muito, eu aprendendo mais e mais com você. Gosto muito de ter aula com você, mas confesso que é bom porque a senhora é a única professora que põe ordem na classe. Também gosto muito dos seus desenhos, de suas piadas engraçadas e de suas respostas melhores ainda. Obrigada por tudo. (Tatiana, Anexo VIII, p.249)

Um dos fatores de destaque no trabalho da professora Ana é o fato de que, em suas aulas, os alunos permanecem em silêncio e atentos ao que fala. Outro ponto positivo é a sua forma de tratá-los. Procura estabelecer um bom relacionamento com os alunos. Na fala da professora, também se percebe como encara sua maneira de trabalhar:

Com o passar do tempo deixei de ser uma professora teórica para utilizar outras técnicas de trabalho que têm sido bem legais. Sempre que ensino eu penso em motivar, assim não passo mais os 50 minutos explicando teorias sem fim. Utilizo 15, no máximo 20 minutos com explicações e, depois, deixo que se reúnam em duplas ou trios e eles começam a trabalhar e a discutir o que expliquei, vou andando pela sala conversando com os grupos e tentando ajudar. (Prof^a. Ana, Anexo V, p.178)

DORA: Em suas aulas, costuma usar os livros didáticos fornecidos pelo Estado. Alguns alunos reclamam do mau estado do material, mas a professora diz que é a melhor forma de estudar Geografia. Costuma conversar pouco e, também, não estabelece um contato mais estreito com os alunos, que a respeitam, mas não a elegem como uma professora querida. Avalia os alunos pela produção referente aos livros que utiliza, bem como alguma atividade extra que traz para a sala como: palavras-cruzadas, textos da Internet, caça-palavras etc.

Apesar de sua retração, a professora Dora consegue fazer com que os alunos participem de suas aulas. Para ela, os recursos que a Escola possa dispor para ajudá-la são importantes e usa sua criatividade para efetivar seu trabalho em sala:

(...) Se a escola tem infra-estrutura, uso *datashow*, *power point* e o que for preciso. Mas se não tenho livros suficientes para todos, o que fazer? Improvisar, não? Aqui, faço assim, mas não fico só nisso. Eles fazem bastante resumo, trabalhos cartográficos, leitura e interpretação de texto, eu acho que não é só responsabilidade do professor de Português. Quando tenho tempo, elaboro palavras cruzadas e, também, trabalho com jornais. (Profª Dora, Anexo V, p.177)

HELENA: A professora tem uma forma peculiar de tratar seus alunos. Muitas vezes, entra em sala falando alto e gesticulando bastante, pedindo sempre para uma aluna passar uma atividade ou conteúdo, na lousa, enquanto fica sentada olhando para a classe e pedindo silêncio. Em suas aulas, é bastante exigente. Considera atitudes e produções dos alunos como elementos importantes para avaliação. Não gosta de conversa em sala, a não ser nos momentos em que ela participa. Assim, prefere que os alunos conversem com ela, sem conversas paralelas.

A professora procura trabalhar com as dificuldades dos alunos, solicitando que realizem atividades diversas, principalmente em casa. Corrige tudo o que solicita e devolve aos alunos com as observações e orientações para os trabalhos seguintes. Apresenta uma preocupação no sentido de que todos os seus alunos devam aprender e, para tanto, insiste em atividades diversificadas. No entanto, não se preocupa em estabelecer laços de proximidade com os alunos:

Nunca conversei com eles. Acho que não precisa, se você democratiza demais, acaba virando bagunça. Sei que muitos deles não gostam. Mas quando eu aprendi, foi dessa forma, nunca reclamei e hoje sou muito agradecida à educação que obtive nas escolas públicas que freqüentei. Espero que um dia eles reconheçam meu empenho e, mais que isso, espero que aprendam alguma coisa comigo. Esse é o objetivo do meu trabalho, não? Fazer com que meus alunos aprendam. Se puder enriquecer o processo fazendo aulas diferentes, tudo bem. Mas não vou transformar minhas aulas em *shows*, por causa disso. (Profª Helena, Anexo V, p.185)

HÉLIO: O professor procura estabelecer uma ligação entre suas aulas. Sempre que encerra uma aula já pede uma espécie de resumo para a seguinte. Na aula subsequente, recolhe o material que leva para a casa e traz corrigido no dia seguinte. Procura seguir essa rotina sem atrasos, mas grande parte dos alunos não participa de suas aulas. O professor é bastante sério e, apesar da tranquilidade, não se aproxima muito de seus alunos. Quando não está olhando os cadernos dos alunos, fica sentado escrevendo em seu diário. Não utiliza livros didáticos e traz os textos de casa para que os alunos leiam e realizem as pesquisas. Na entrevista realizada, revelou que:

Trabalhava com o resumo diário e era a forma de avaliar todos sempre. No final do bimestre tinha bastante material e conseguia ver quem realmente tinha trabalhado. Agora, estou começando a fazer diferente. Estou pedindo trabalhos em duplas, olhando os cadernos, pedindo para eles elaborarem cartazes, e coisas assim. Não gosto de fazer aquela avaliação com data marcada, com matéria para estudar em casa, acho que se o professor trabalhar bem em sala de aula, ele consegue atingir seus objetivos. (Prof. Hélio, Anexo V, p. 184)

JORGE: Suas aulas não têm um roteiro pré-estabelecido. Às vezes, utiliza a quadra de esportes, outras vezes fica em sala de aula. É muito dinâmico e carismático, tratando todos os alunos da mesma forma, sem distinção. Inicia suas aulas com alguma notícia ocorrida na semana para, a partir dos comentários, buscar a aproximação com os alunos. Procura trabalhar bastante com teoria esportiva e, nesses momentos, aproveita para conversar com os alunos sobre diversos assuntos: família, amigos, drogas, namoro, problemas da escola. Suas aulas são as preferidas da maioria dos alunos, das outras salas também, que o elegem o melhor professor da escola.

Caro Jorge, obrigado por tudo que o senhor me ensinou, não só sobre esporte, mas também sobre a vida. Com suas lições de moral, me corrigindo quando eu erro, me incentivando quando eu estou mal e me aplaudindo quando eu acerto. Quero que o senhor saiba que é muito importante para a escola e para todas as classes. (André, Anexo VIII, p.244)

Percebemos que o professor Jorge, além de cuidar do aprendizado dos alunos, preocupa-se em transmitir valores. É ele quem nos diz:

Quando penso que um dia vão lembrar de mim como um cara que enxergou eles com outros olhos, fico emocionado, de verdade. Acho que a função do professor é justamente fazer a diferença, não se acomodar diante das dificuldades, encarar tudo porque acredita num sonho. (Prof. Jorge, Anexo V, p.182)

Apresentamos os professores e sua abordagem metodológica procurando inserir trechos das produções dos alunos, com o intuito de demonstrar que muitas atitudes tomadas pelos professores são perfeitamente entendidas pelos alunos e que quando estes são tratados com respeito, atenção e, principalmente, são tocados, na forma de um olhar, de uma conversa mais séria ou de uma conversa bem informal num momento de tensão. Enfim, de alguma forma esses momentos vão constituindo sentimentos de amor, respeito e valor que, certamente, proporcionam um ambiente ideal para que as relações entre ensinar e aprender se concretizem.

3.3. APRESENTANDO OS ALUNOS

O mesmo critério que usamos para identificar os professores foi utilizado para os alunos. Dessa forma, cada aluno recebeu um nome fictício com a mesma inicial de seu nome. Sendo assim, os alunos participantes foram:

ALEXANDRE: 15 anos, há quatro anos na escola. Mora com os pais nas proximidades da escola. Acha que o professor é importante para que aprenda e que precisa ter paciência e dedicação para ser um bom professor. Gostaria que a escola fosse mais atraente e que houvesse computadores em sala e uma decoração mais agradável, com quadros e murais, além de uma merenda melhor. Durante as aulas, conversa bastante e também desconcentra os

amigos com suas brincadeiras, geralmente, em tom bem alto. Acha bom estudar, mas não tem preferência por algum professor em especial.

ANDRÉ: 15 anos, há dois na escola. Filho único, também mora com os pais. Adora música e tem uma banda de rock. Acredita que não precisa estudar para conseguir ser um bom profissional. Durante as aulas, sua participação não é marcante, na verdade, pouco faz, gosta de conversar e gostaria que a escola fosse um lugar mais divertido. Continuará os estudos, porque seu pai o está obrigando. Elege Jorge e Ana como os melhores professores.

BEATRIZ: 14 anos, há quatro na escola. Filha mais velha, mora com a mãe, num bairro próximo à escola, e os irmãos bem menores moram com o pai num bairro mais distante. Adora estudar e é uma aluna muito participativa e dinâmica. Gosta muito da escola e sua crítica se faz quanto à dedicação de alguns professores, que demonstram cansaço e pouca disposição. Já ganhou um concurso de redação e não gosta de muita conversa. Não tem laços de amizade na sala que sejam significativos. Sonha ser médica e já estuda para isso. Durante a entrevista, não elegeu os professores mais marcantes.

CLARA: 14 anos, há um ano na escola. Mora com os pais e duas irmãs num bairro próximo à escola. É muito estudiosa e demonstra isso durante as aulas. Gosta da escola e, em especial, dos professores. Diz que a matéria fica mais interessante se o professor consegue deixar as aulas assim, mais atraentes. Gostaria que a escola fosse mais “inteligente”, porque ensina muitos assuntos que não são usados. Elege Jorge, Ana e Marina⁸ como os melhores professores da escola.

⁸ A professora de Inglês, Marina, apesar de se destacar na preferência dos alunos, não se mostrou disposta a participar da pesquisa. Esquivou-se tanto das observações, quanto da entrevista. Mantendo o mesmo critério de troca de nomes aplicado aos outros professores, conservamos a inicial de seu nome.

FERNANDA: 14 anos, há quatro estuda na escola. Mora com os pais e dois irmãos. Sonha em ser veterinária e ajudar os pais. Gosta de estudar, mas gostaria que a escola fosse diferente com atividades mais dinâmicas. Durante as aulas, participa bastante e é bastante atenta. Elege como professores ideais Ana e Jorge porque se dedicam ao que fazem e dão atenção aos alunos.

ÍTALO: 14 anos, há dois na escola. Mora com os pais e o irmão num bairro um pouco distante da escola. Adora Informática e pretende fazer uma faculdade nessa área. Gosta da escola, dos amigos e de alguns professores: Ana, Jorge, Helena, Marina. Durante as aulas, é um aluno tranquilo, que participa e realiza o que lhe é proposto e acha que a escola poderia ser melhor, se houvesse mais liberdade.

JOÃO: 14 anos, há três na escola. Filho único, mora com a mãe e se apresenta como um aluno com bastante dificuldade para aprender. Sente necessidade de alguém para orientá-lo, durante as aulas e, depois, também. Diz não gostar de estudar. Durante as aulas, brinca muito e conversa bastante. Acha que a escola é um local para fazer amigos e para namorar. Não gosta da escola, em sua estrutura, gostaria de ver outra disposição das salas, carteiras e pátio, também. Ana e Jorge são os seus professores preferidos

MARIANA: 14 anos, há quatro na escola. Mora com a mãe nas proximidades da escola. Durante as aulas aparenta ser uma aluna reservada e fala pouco. Gosta muito da escola, em especial a Escola B, pois tem amigos e professores queridos, lá. Acha a vida do professor muito difícil porque precisa trabalhar bastante e é responsabilizado por vários problemas que ocorrem. Sonha em ser alguém na vida, mas não definiu uma profissão. Não mencionou seus professores preferidos.

TATIANA: 14 anos, há quatro na escola. Mora com os pais e sonha ser fisioterapeuta. Para tanto, pretende ingressar numa universidade pública. Já está se preparando e estudando bastante. Adora estudar e sua postura em sala é de uma aluna participativa e estudiosa. Adora os professores também e acha que eles têm sido desrespeitados demais. Reconhece a dedicação da família e espera ajudá-la no futuro também. Acha que a escola tem aspectos positivos e negativos e, na junção de ambos, o saldo é muito bom. Ana é a sua professora preferida.

VINÍCIUS: 15 anos, há um ano na escola. Mora com os pais e acredita que para aprender não precisa de um professor, pois pode ler ou perguntar a alguém que tudo se resolve. Estuda porque os pais determinam e acha que a escola é um lugar para se fazer amigos. Durante as aulas, conversa e brinca bastante. Critica o fato de alguns alunos concluírem os estudos, sem saber ler, nem escrever e, conseqüentemente, condena o Sistema de Progressão Continuada. Possivelmente, fará o Ensino Médio numa escola técnica. Não fez destaque a nenhum professor da escola.

Apresentamos, no quadro seguinte, os dez alunos participantes da pesquisa, todos da 8ª série B, entrevistados e observados durante o período de investigação. As informações constantes no quadro são nome, idade e tempo de estudo na escola.

Nome	Idade	Tempo na escola
Alexandre	15	4 anos
André	14	2 anos
Beatriz	14	4 anos
Clara	14	1 ano
Fernanda	14	4 anos
Ítalo	14	2 anos
João	15	3 anos
Mariana	14	4 anos
Tatiana	14	2 anos
Vinícius	15	1 anos

Quadro 3 - Caracterização dos Alunos

Todos os dados foram colhidos nas entrevistas realizadas no período vespertino, portanto, fora do horário das aulas. Combinamos os horários com os alunos que, apesar de chegarem em grupos, participaram de nossa conversa individualmente. Enquanto aguardavam os amigos, permaneciam na biblioteca ou na quadra de esportes.

3.3.1. A PRODUÇÃO DOS ALUNOS

Um dos instrumentos utilizados na pesquisa foi o desenvolvimento de uma atividade em sala de aula. O que foi solicitado aos alunos em sua produção, conforme já foi mencionado, foi a elaboração de uma carta, enfatizando a importância de determinado professor e o que foi aprendido com este, durante o período de convivência.

De uma maneira geral, foram produzidos textos muito ricos, no sentido de que a maioria dos alunos revelou gostar realmente do professor escolhido e que, à sua maneira, aprendeu algo com ele. Um aspecto a ser observado é que, durante as aulas, esses mesmos alunos apresentaram uma postura diferente do reconhecimento e agradecimento explícitos nas cartas, muitas vezes, com atitudes de displicência, não dando atenção à fala do professor.

O tamanho dos textos não ultrapassou a uma página, ficando numa média de 10 linhas. Alguns alunos demonstraram uma preocupação em realizar a atividade como se fosse realmente para a leitura do professor e, dessa forma, buscaram agradar e elogiar bastante, mostrando a importância da figura do professor:

Professora Ana, você é uma das melhores professoras que eu tive, pois ensina as matérias bem. Na hora de ser rígida, você é mesmo e até demais. E na hora de ser engraçada ou fazer piadinhas você faz mesmo. Quando as pessoas precisam de nota para recuperar, sempre vêm uma prova de recuperação para ajudar ou as listas de reforço. Você impõe respeito na classe, quando você entra, todos ficam quietos, pois se não ficarem sabem que vão ouvir “menos cinco pontos!” E é isso, gosto do seu jeito de ensinar e aprendo muito fácil. (João, Anexo VII, p. 247)

Este trecho apresenta uma frase interessante: *Você impõe respeito na classe, quando você entra, todos ficam quietos, pois se não ficarem, sabem que vão ouvir “menos cinco pontos”*. A brincadeira que a professora faz é exagerada, pois se tirar cinco pontos dos alunos, eles não conseguirão atingir a média bimestral e os alunos sabem disso e riem toda vez que a professora cita essa expressão. Dessa forma, a professora Ana exerce um poder sobre os alunos, mas, ao mesmo tempo, sabe tirar proveito disso e faz essa brincadeira para conseguir o silêncio de que precisa para lecionar. Alguns professores tentam usar do mesmo artifício, mas o fazem de maneira ríspida e exigem o comportamento dos alunos com ameaças que perturbam o ritmo da aula e não apresentam resultado positivo.

Outras cartas revelaram uma natureza de julgamento, estabelecendo, ainda, uma espécie de comparação entre os docentes:

Você é muito legal uma qualidade que poucos professores têm porque a maioria dos professores são muitos chatos e pegam no pé, mas você consegue nos ensinar sem ser chata. (Carla, Anexo VIII, p.245)

Apesar de algumas coisas eu não concordar e não gostar, respeito, as opiniões são diferentes, mas você é legal, sua opinião sobre a vida é especial. Sei lá é uma maneira de pensar diferente dos outros professores, eles pensam que o professor só ensina, e não aprende também, mas você não, você ensina e aprende com a gente. (Júlio, Anexo VII, p.247)

Acho que o seu jeito de dar aula muito melhor, mais legal do que os professores que só pensam em dar matéria para fazer a classe ficar quieta, sem se quer explicar a matéria. Consigo aprender muito mais com você. (Nayara, Anexo VII, p.249)

Sei que muitos alunos preferem professores que não passam lição, que não são rigorosos, e que realmente não se importam se o aluno está realmente aprendendo. Gosto de ti, professora, pois é justamente o contrário desses professores. (Fernanda, Anexo VII, p. 246)

O que este instrumento nos revela é que na sutileza das diferenças entre os textos destaca-se a delicadeza da relação entre professores e alunos constituída de uma mescla de sentimentos como o respeito, a admiração, o carinho e a consideração. E, ao mesmo tempo, na comparação entre os docentes, as qualidades de um profissional acabam por desmerecer a figura de outro professor. É um paradoxo que envolve a figura do professor que não tem condições de agradar a todos, mas, ainda assim, consegue cativar seus alunos e realizar um bom trabalho.

Também, percebemos que, por meio das cartas, os alunos destacam o papel do professor como elemento importante em sua aprendizagem. A mediação, exercida por alguns docentes, é fator importante para os alunos. Vejamos alguns trechos destas cartas:

O que posso dizer da professora Ana, ela é uma ótima professora. Com ela eu aprendi muitas coisas, pois ela explica bem a matéria, tira várias dúvidas quando se precisa e ela também percebe se você entendeu ou não. Além disso, ela também sabe brincar, mas quando temos que trabalhar e aprender, ela é dura, não deixa conversar, mas isso é ótimo, pois aprender Matemática com barulho, não dá. Ela, apesar de ser rigorosa, ela sabe de tudo o que acontece com a gente na aula. Muitos alunos não entendem o modo que ela explica, mas ela explica da melhor maneira para que todos entendam. (Alexandre, Anexo VII, p.242)

Professora Ana, você ensina de um jeito que todos entendem, só não entende quem não quer e quem não presta atenção nas aulas. Quando não entendemos a matéria você explica de novo até entendermos. (...) Obrigada por me ensinar tudo o que sei, obrigada por ser minha professora. (Amanda, Anexo VII, p.243)

Professora Marina, resolvi lhe escrever esta carta para falar o quanto tenho aprendido em suas aulas. Você é uma das professoras mais simpáticas do colégio. Sua forma de ensino em classe tem uma ótima didática, que nos proporciona facilidade no aprendizado. Nós adoramos sua presença, além de relaxarmos durante a aula. Inglês é uma matéria fascinante, que nos envolve bastante. (Clara, Anexo VII, p.245)

Olá, professora Ana, lhe escrevo essa carta, para dizer o quanto tem sido importante para mim, tanto na minha formação escolar, quanto na minha formação como pessoa. (...) Posso dizer, que eu não gostava muito de matemática, não por, realmente não gostar, mas sim, por não entender muito bem. Com você professora Angelina, aprendi a gostar muito de matemática e a cada dia que passa, venho melhorando e ampliando meus conhecimentos. (Fernanda, Anexo VII, p.246)

Professora Ana, você é uma das melhores professoras que eu tive, pois ensina as matérias bem. (...). Quando as pessoas precisam de nota para recuperar, sempre vêm uma prova de recuperação para ajudar ou as listas de reforço. Você impõe respeito na classe, quando você entra, todos ficam quietos, pois se não ficarem sabem que vão ouvir “menos cinco pontos!”. E é isso, gosto do seu jeito de ensinar e aprendo muito fácil. (João, Anexo VII, p. 247)

A maioria dos alunos escolheu um professor especial para si e o que pudemos perceber nos trechos destacados é que os alunos valorizam quando o professor procura criar um clima ameno proporcionando um bom entrosamento com seus alunos. Vários pontos em comum podem ser destacados nos trechos selecionados: a atenção do professor ao explicar, percebendo se os alunos possuem dúvidas; o saber explicar bem; o bom-humor e, ao mesmo tempo, a rigidez ao deixar bem claro que tudo tem sua hora; a responsabilidade assumida tanto na formação escolar, quanto na formação pessoal.

Enfim, são várias características que o professor precisa desenvolver para assumir o seu papel de mediador do conhecimento. Afinal, como nos diz Freire (2005, p.97) “saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebam me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com meu desempenho”.

O professor, no contato com seus alunos, transmite sua cultura, sua forma de ver o mundo, seus valores, posturas, atitudes, opiniões e críticas. Todas essas características, de certa forma, influenciam e têm um significado distinto para cada aprendiz. E é, por meio delas que o professor exerce o seu papel de mediador do conhecimento, deixando de reproduzir conteúdos. Ensinando e aprendendo.

Encerramos, então, este capítulo acreditando que os caminhos percorridos, a escolha das escolas e dos sujeitos, o envolvimento com o ritmo das escolas, possibilitou-nos um mergulho em outra realidade e pudemos perceber que a forma distinta de trabalho adotada pelos professores sinalizou a identificação com os conceitos de Vygotsky (1987,1998), apresentados no Capítulo I (p.26-49), como a *mediação*, por exemplo, abordada pelos professores e alunos em seus discursos e observada durante as aulas.

E, é, nesse sentido, que realizaremos, no próximo capítulo, a análise dos dados obtidos na investigação de campo e das falas de professores e alunos, além das cartas e observações das aulas, procurando destacar o papel do professor nas relações de ensino e aprendizagem, nosso objetivo principal.

CAPÍTULO III

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

A tarefa do docente consiste em desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes; não em reforçar a nossa capacidade geral de prestar atenção, mas em desenvolver diferentes faculdades de concentrar a atenção sobre diferentes matérias.

(VYGOTSKY, LURIA, LEONTIEV 1988, p.108)

Acho que esse é o objetivo de todo o professor. Quero que meu aluno entenda, me pergunte, converse comigo e participe das aulas com interesse e com vontade de aprender.

Não é sempre que isso ocorre, é claro. Mas quando isso acontece me sinto bem, tenho a sensação de dever cumprido.

(Profª Dora, Anexo, V, p. 177)

A tentativa de esquadrihar, na fala dos professores, os dados fundantes deste capítulo revela nossa intenção de destacar a sua forma de atuação em sala de aula. Ao ouvi-los começamos a buscar as respostas para nossa questão inicial. Nessa perspectiva, o cotidiano escolar tornou-se palco privilegiado para nossa busca e, também, um espaço ideal para conhecer esse professor e descobrir seu universo, compreendendo, principalmente, seu papel de mediador nas relações de ensino e aprendizagem.

Assim, faremos a análise e interpretação dos dados coletados com esses sujeitos da pesquisa. Trataremos dos aspectos constitutivos de sua ação, abordando as relações entre ensinar e aprender. Discutiremos o processo abordando a mediação docente, afinal como nos fala a professora Dora quando cumprimos nosso papel, a sensação é indescritível.

Os dados colhidos e organizados, através das entrevistas semi-estruturadas, geraram a categoria de análise: *a mediação pedagógica* que apresentará a concepção que os professores

têm acerca de seu trabalho e da forma como ensinam através das unidades de sentido: *motivação, atividade/ação docente e relação entre ensinar e aprender.*

Quanto à *motivação*, trataremos desse aspecto bem discutido pelos professores entrevistados, que buscam, cotidianamente, fazer com que os alunos sintam-se mais atraídos para suas aulas. Em seguida, abordaremos a relação *atividade/ação docente*, para percebermos em que medida as atividades organizadas e planejadas pelos professores conduzem os alunos ao caminho da aprendizagem, alcançando, assim, os seus objetivos e os de sua disciplina, analisando, ainda, as ações dos professores entrevistados e observados. Por fim, analisaremos na *relação entre ensinar e aprender* o papel que o professor exerce em sala de aula.

No entanto, antes de tratarmos das unidades de sentido, consideramos relevante apresentar o papel do professor nas relações entre ensinar e aprender o objeto deste estudo e a fala de Libâneo (2004a) resume o sentido desse papel:

O professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar. (p. 29)

Na relação com o aluno, o professor intervém e provoca-o para a sua aula. Assim, essa categoria de análise foi elaborada com o objetivo de buscar a perspectiva da mediação, a partir da fala dos professores, procurando também indícios de uma mudança de postura quanto à ação docente. Buscaremos, ainda, apresentar as ações e atitudes dos professores, observadas durante o período de investigação.

1. O PROFESSOR COMO MEDIADOR DO CONHECIMENTO

(...) A essência de nosso trabalho é essa: ajudar, ensinar e, com certeza, aprender bastante. Temos as dificuldades, o cansaço é enorme, o desânimo diante das dificuldades, também. É um trabalho que exige paciência, dedicação, persistência, criatividade, enfim, um profissional multimídia (risos). Temos pouco, às vezes, nenhum reconhecimento e só seguimos esse caminho por amor.
(Profª Helena, Anexo V, p.182)

Ora, ser professor, séria e rigorosamente, é trazer uma contribuição à descoberta do mundo pelos alunos, é proporcionar crescimento e alegria com a construção e a reconstrução do conhecimento.
(RIOS, 2006, p.131)

Apresentei, na Introdução, os motivos que me levaram a estudar o papel do professor no processo pedagógico. Por toda minha experiência, como professora, sempre entendi que as relações que estabelecesse com meus alunos deveriam ser ricas, prazerosas e cheias de energia, acreditando que, assim, o trabalho docente tomaria sentido para quem ensinasse e, conseqüentemente, para quem aprendesse.

Sempre entendi, também, que, para atrair o aluno para a aula, o professor precisaria provocá-lo através da *motivação*, das *atividades/ações docentes* e refletir, principalmente, sobre a delicada *relação entre ensinar e aprender*. Pensando nisso, esses três elementos constituem a estrutura deste capítulo, sendo articulados com a realidade da pesquisa e, principalmente, com as falas dos entrevistados.

Ao perceber os caminhos da pesquisa, retomo Vygotsky (1987, 1998), quando examina teoricamente as relações entre aprendizagem e desenvolvimento e formula o conceito de *zona de desenvolvimento proximal*. Como esse conceito serve de reflexão a respeito do contexto educacional e da questão proposta sobre mediação? Segundo essa ótica, o que podemos falar a respeito da relação professor-aluno?

Neste momento da reflexão, a professora Helena nos relembra que ensinar é tarefa delicada. Os elementos que compõem o universo da docência são multifacetados e complexos. Para Morin (apud. Perrenoud, 2001), “se a tarefa de ensinar fosse apenas complicada, seria mais suficiente decompô-la em tarefas mais elementares, dar uma resposta ótima a cada uma delas e reunir o todo, como faz a NASA quando constrói um foguete”. No entanto, Perrenoud (2001) acredita que ensinar é, sobretudo, “agir na urgência, decidir na incerteza” (p.22).

Entretanto, ao discutirmos o papel do professor sabemos que ele não é o único responsável pela transmissão e aquisição de conhecimento. Um fator imprescindível na construção do conhecimento é a predisposição do aluno para aprender. Quando o aluno encontra um conteúdo significativo vai querer entender, caso contrário, nenhum professor e nenhuma metodologia conseguirão que o aluno aprenda algo que ele não deseja e não quer aprender.

Dentro da escola, é o educador, enquanto mediador, que possibilita ao aluno percorrer caminhos que não percorreria sozinho, conduzindo-o à conquista da autonomia incentivando-o, também. Assim, a curiosidade e a criatividade oferecem elementos desafiadores para o docente.

A organização do trabalho docente, nesta perspectiva, é diferente a partir do momento em que apontamos que é possível construir relações sólidas e importantes em sala de aula. Cada um tem o seu lugar no processo, e o professor é o alguém com quem o aluno pode e deve contar, para resgatar sua auto-estima e sua capacidade de aprender.

Buscando estabelecer caminhos para responder a tais questões, procuramos conduzir entrevistas com os professores, a fim de compreender sua visão sobre a própria prática, as formas de interação entre alunos e conhecimento, a influência dos cursos de formação e como percebiam a contribuição para a formação dos alunos. As respostas para tais questões foram

variadas e estão organizadas neste capítulo. Em alguns momentos, também buscamos nas falas dos alunos elementos que nos conduzissem à análise de nossos temas.

1.1. MOTIVAÇÃO

O trabalho tem frequentemente motivações particulares, mas a atividade do trabalho efetivo, isto é, socialmente necessário, é sempre humano-genérica. As motivações para o trabalho de muitos desses professores vão além da experiência profissional, do êxito de uma carreira, do sucesso profissional, da riqueza, fama ou poder que daí possam advir. Embora tudo possa atraí-los, não se constituem no motivo primordial de suas decisões.
(PIMENTEL, 1998, p.76)

Motivação é um tema bastante discutido entre profissionais da educação. Muitos pesquisadores têm-se dedicado à compreensão e extensão desse conceito, mas poucos têm enfatizado o papel das emoções nas interações sociais voltadas à aprendizagem. Acreditamos que, se o uso das emoções é importante no incremento dessas interações, como o próprio Vygotsky (1987,1998) reconhece, é essencial o estudo do papel das emoções e, associadas a elas, o da motivação.

Existem motivos diversos para a discussão sobre este tema, pela existência de dois tipos de motivação: aquela que parte do aluno, que tem vontade de aprender e procurar respostas para problemas e escolhe a realização de tarefas que sejam atraentes para ele, além da necessidade de reconhecimento e aprovação no grupo (motivação intrínseca) e a que vem de fora, os estímulos externos: a família, o professor e a aprovação do término do ano letivo, por exemplo (motivação extrínseca).

Uma questão importante a ser discutida é que do despertar o interesse para o assimilar da informação não existem parâmetros que possibilitem uma avaliação de como esse processo

de aprendizagem ocorre em cada aluno. Será que o simples desejo de aprender aliado a estímulos externos pode promover a aprendizagem?

Pozo (2002) afirma que aprender costuma ser algo difícil e que os motivos para aprender devem ser suficientes para superar a inércia de não aprender. Alguns professores costumam atribuir o fracasso de seus alunos a uma falta de motivação. No entanto, para o autor, não é que os alunos não estejam motivados, que não se movam de forma alguma, mas que se movem para coisas e sentidos diferentes dos propostos pelo professor.

Claxton (apud POZO, 2002) complementa o pensamento do autor ao dizer que:

Motivar é mudar as prioridades de uma pessoa, gerar novos motivos onde antes não existiam. A motivação pela aprendizagem não é só um problema dos alunos, é também dos professores que não devem supor que seus alunos estão sempre, ao começar a aula ou propor uma tarefa, em “posição de aprendizagem” (na raia de largada, preparados, prontos, já!) mas que devem se assegurar de que os alunos têm motivos suficientes para empreender a aprendizagem. (p.139)

Nesse sentido, é preciso entender quais são as características fundamentais dos processos motivacionais e como elas se relacionam visando tanto à elaboração de atividades e modos de desenvolvê-las em sala de aula, quanto ao desencadeamento de interações sociais, que possam ser realmente significativas para a aprendizagem dos alunos.

A questão da motivação é tomada por Kuethe (1978) da seguinte forma:

Sempre que se discute a motivação, dá-se ênfase à natureza proposital da conduta. A etimologia do termo motivação remonta ao verbo latino *movere*. Quando uma pessoa é motivada para alcançar uma meta, sua atividade consiste num movimento em direção a essa meta. (p.117)

Durante a pesquisa de campo, pudemos perceber a preocupação de alguns professores em motivar seus alunos de formas diversas: aulas diferentes, temas interessantes, bate-papos descontraídos. Enfim, ficou clara a intenção de atrair os alunos e motivá-los para a realização das atividades e alcance dos objetivos da disciplina. É o que afirma a professora Dora ao relatar a sua preocupação com este tema:

(...) Eles fazem bastante resumo, trabalhos cartográficos, leitura e interpretação de texto, eu acho que não é só responsabilidade do professor de Português. Quando tenho tempo, elaboro palavras cruzadas e também trabalho com jornais. Procuro diversificar bastante para que eles tenham acesso a vários tipos de informação e, também, a várias maneiras de aprender. Minha prática se resume a ficar inventando atividades diárias e bem diversificadas. (Profª Dora, Anexo, V, p. 177)

Para Vygotsky (1988):

A aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam nas crianças essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente. (p.115)

O autor ressalta, ainda, que um elemento auxiliar no trabalho do professor é o uso das emoções como uma forma de comportamento que deve ser aceitável e desejável ao trabalho de ensinar, haja vista que tais funções exercem um papel organizador interno do nosso comportamento. Ele afirma que a emoção não é um agente menor do que o pensamento, sendo importante que os alunos não só pensem e assimilem, mas que sintam a aprendizagem.

Para Almeida (1999):

Devemos estudar a emoção como um aspecto tão importante quanto à própria inteligência e que, como ela, está presente no ser humano. A emoção deve ser entendida como uma ponte que liga a vida orgânica à psíquica. É o elo necessário para a compreensão da pessoa como um ente completo. (p.12)

Atitude semelhante à da professora Dora foi apresentada pela professora Ana ao relatar experiências positivas de motivação com seus alunos:

Agora tenho me preocupado mais com a realidade dos alunos. Acho que os conteúdos para serem aprendidos precisam ter utilidade para eles. Então vamos ao supermercado, com uma lista de cesta básica, pesquisamos preços, fazemos cálculos, e assim tornamos o ensino mais agradável. (Profª Ana, Anexo V, p.177)

O vínculo entre emoção e motivação é abordado por Moysés (1994), que enfatiza os processos emocionais no seu sentido organizador e adaptativo. No entanto, a autora afirma que a motivação que se circunscreve apenas no campo emocional não garante a compreensão do que está sendo ensinado.

Outro aspecto positivo com relação à prática da professora Ana é que ela gosta de levar seus alunos para realizar atividades fora da escola. Delors (2000 p, 154) acredita que à medida que a separação entre a sala de aula e o mundo exterior se torna menos rígida, os professores devem também esforçar-se por prolongar o processo educativo para fora da instituição escolar, organizando experiências de aprendizagem praticadas no exterior e, em termos de conteúdos, estabelecendo ligação entre as matérias ensinadas e a vida quotidiana dos alunos.

Mais recentemente, Bzuneck (2001) afirma que as tarefas para as quais se espera observar a motivação do aluno sala de aula - atenção, concentração, processamento, elaboração e integração da informação, raciocínio e resolução de problemas - são de natureza cognitiva e devem receber uma análise dentro deste contexto.

O autor destaca, ainda, para o fato de que a motivação em sala de aula apresenta uma inversão gradativa de orientação com o acréscimo do nível de escolaridade: curiosidade, prazer e alegria podem caracterizar a participação da criança em situação de aprendizagem, mas são geralmente características de uma não participação efetiva, em termos de aprendizagem, quando nos referimos ao adolescente.

Percebemos, em alguns momentos, que determinados alunos demonstravam extrema alegria e até mesmo prazer em sala de aula, mas essas atitudes, normalmente, não tinham relação com o que acontecia como resposta às propostas dos professores. Na verdade, essas atitudes relacionavam-se a conversas paralelas e outros interesses.

Observamos, também, que alguns professores indicaram algumas atitudes em torno da motivação:

Depois que incluí atividades assim no cotidiano, senti que tudo ficou melhor. A relação entre a gente ficou mais agradável e o fato de levar as classes para fora da escola também faz bastante diferença. Continuei a ser a mesma professora exigente, mas consegui aproximar os alunos de mim. (Prof Ana, Anexo V, p.177)

Os alunos sabem o que estão fazendo, têm liberdade de perguntar, discordar, participar. Isso que é legal. (Prof. Jorge, Anexo V, p. 178)

(...) Cabe ao professor enxergar a medida da sua relação com os alunos para estabelecer canais para que eles aprendam. Para isso, o professor precisa se colocar no lugar do aluno, ver se gostaria de ser tratado de tal forma, respeitar as necessidades e dificuldades de cada um se tal conteúdo é tão fundamental para a vida deles. Então é um trabalho de formiguinha e grande parte do trabalho do professor é voltada para a motivação, para despertar no aluno a vontade de aprender e quando isso não é possível, é preciso haver consciência para não atrapalhar os que querem. (Profª Ana, Anexo, V, p. 178)

Para Postic (1995, p. 23), quando o professor demonstra, através de seu comportamento, uma confiança real nas possibilidades do aluno, este também consegue acreditar na sua capacidade de ultrapassar as dificuldades:

Quero que meu aluno entenda, me pergunte, converse comigo e participe das aulas com interesse e com vontade de aprender. Não é sempre que isso ocorre, é claro. (Profª Dora, Anexo V, p.178)

(...) sei que em algum momento da vida, como eu, vão encontrar a motivação que precisam. (Prof. Jorge, Anexo V, p.177)

Vygotsky, Luria e Leontiev (1988) afirmam que a interação é importante para que a aprendizagem tenha sentido para o aprendiz. Segundo o autor:

A característica essencial da aprendizagem é que engendra a área de desenvolvimento potencial, ou seja, que faz nascer, estimula e ativa na criança um grupo de processos internos de desenvolvimento no âmbito das inter-relações com outros, que, na continuação, são absorvidos pelo curso interior de desenvolvimento e se convertem em aquisições internas da criança. (p.115)

Alguns professores, de nossa pesquisa, rejeitam a visão da aprendizagem mecânica e alguns enfatizam o ambiente que provoca a produção do conhecimento dos alunos. Outros acreditam que o esforço para lidar com o aspecto emocional dos estudantes, fazendo com que estes produzam sem receios, também é fundamental. De qualquer forma, o que se percebe é uma nítida intenção de provocar nos alunos a motivação necessária para a produção do saber:

Sei que preciso, antes de abrir a boca, conquistar os alunos. Acho que assim fica mais fácil para eles se aproximarem de mim e também da minha matéria. O professor que coloca uma barreira entre ele e os alunos hoje sofre mais, na época em que estudei era assim e preciso te dizer que era a muito chato. Tem gente que fala que aprendia mais, aprendia nada! Era obrigado a ficar decorando e morrendo de medo do dia da avaliação. Hoje acho bem melhor. Os alunos sabem o que estão fazendo, têm liberdade de perguntar, discordar, participar. Isso que é legal. (Prof. Jorge, Anexo IV, p.177)

O professor Jorge é bastante comunicativo e procura descontrair suas aulas, fazendo com que os alunos participem de suas discussões e debates sobre temas bastante interessantes.

No entanto, vimos, no transcorrer da pesquisa, algumas situações, dentre as quais destacaremos os aspectos relativos à motivação.

A professora Dora apresenta, em suas atitudes cotidianas, extrema preocupação em motivar seus alunos. A primeira atitude que demonstra isso é o fato de levar para seus alunos os livros didáticos para facilitar o acesso aos textos e conteúdos da disciplina. O segundo aspecto positivo é a variedade de atividades que elabora e leva para a sala de aula com o objetivo de melhorar a qualidade de sua aula e atrair os alunos para a mesma. São suas palavras:

Acho que esse é o objetivo de todo o professor. Quero que meu aluno entenda, me pergunte, converse comigo e participe das aulas com interesse e com vontade de aprender. Não é sempre que isso ocorre, é claro. Mas quando isso acontece me sinto bem, tenho a sensação de dever cumprido. (Profª Dora, Anexo, V, p. 177)

Ao assistir uma de suas aulas, chamou-nos a atenção o fato de que os alunos, em sua maioria, demonstraram compreensão do assunto tratado, ainda que, para a professora, isso estivesse bem aquém de seus objetivos. Nessa aula, a professora apresentou-se bastante cansada porque alguns alunos estavam em sala com aparente objetivo de perturbá-la. No entanto, não era esse o intuito do restante da sala, que trabalhava tranqüilamente tentando finalizar as atividades preparadas pela professora.

Ao apresentarmos a professora Helena apontamos suas características, algumas delas extremamente positivas, como a alegria e disposição para o trabalho. No entanto, em sua rotina, a transmissão de conhecimentos é muito mecânica, como se estivesse sendo obrigada a transmitir conteúdos sem sentido para seus alunos. Nosso objetivo ao realizar a pesquisa de campo nunca foi de comparar procedimentos e atitudes dos professores envolvidos no processo. Entretanto, pudemos observar que essa professora, apesar de manter seu discurso em torno da motivação de seus alunos, não mantém atitudes coerentes com sua fala:

Eu acho que a chave do processo de ensino-aprendizagem está aí: manter o aluno interessado na tua aula. É por isso que tenho me surpreendido fazendo pequenos acertos no planejamento quando isso ocorre. Uma das formas eu já te falei, fazer atividades diferenciadas. (Profª Helena, Anexo V, p.177)

Até mesmo em momentos de descontração como numa proposta de produção de textos, a professora apresenta uma postura um pouco mais distante, além de sempre pedir para uma aluna escrever na lousa os conteúdos da aula. Essa atitude pode ser comprovada pelas observações registradas em nosso diário de campo (Anexo X, p. 255):

Alguns alunos começaram a querer conversar comigo, mas evitei as conversas paralelas, já que a professora estava começando a selecionar a atividade para uma aluna “passar” na lousa.

Professora: Quem pode passar para mim?

Aluna: Eu passo, professora.

Professora: Siga esta página toda e aqui pode parar. Pode ser, por favor?

Aluna: Tudo bem.

Outro aluno: Vê se passa devagar, você corre muito e a tua letra é bem ruinzinha.

O mais interessante é que essa professora é muito alegre e comunicativa. Inicia suas aulas conversando com os alunos sempre em tom de brincadeira, sorrindo bastante. Sendo carioca, fala muito sobre o Rio de Janeiro e relata momentos de sua vida na cidade, sempre de maneira bem-humorada. Mas quando começa a lidar com os conteúdos de sua disciplina, modifica sua postura e exige que todos fiquem sentados, não olhem para os lados e façam silêncio absoluto. Essa professora acredita que consegue motivar seus alunos e não se pode negar que, em alguns momentos, isso possa acontecer.

Assim, podemos constatar que, embora alguns professores apresentem preocupação com as aulas diferentes e com as diversas maneiras de atrair seus alunos para o que ensinam, a realidade ainda aponta que alguns professores, assim como a professora Helena, insistem em repetir as mesmas técnicas e métodos de muitos anos.

Para Meirieu (1998), o confronto com a realidade da prática pode gerar algumas resistências que surgem a partir das próprias representações da aprendizagem do educador e da sua crença na possibilidade de aprendizagem do educando.

De qualquer forma, é significativo observar que os professores deixaram transparecer, por meio de palavras ou atitudes, que sua atuação só tem sentido se conseguem motivar seus alunos. E o que se pôde observar nas relações cotidianas em sala de aula é que as atitudes dos professores são fundamentais para que os alunos aprendam e que, realmente, quando o que se é ensinado tem algum significado para a vida de quem aprende, há uma grande diferença.

1.2. ATIVIDADE/AÇÃO DOCENTE

Distinguimos o processo que chamamos de ação da atividade. Um ato ou ação é um processo cujo motivo não coincide com seu objetivo, mas reside na atividade da qual ele faz parte
(VYGOTSKU, LURIA e LEONTIEV, 1988, p.69).

Esta unidade de sentido foi concebida em função da teoria de Leontiev (1988) sobre atividade. Sentimo-nos atraídas pelo tema e resolvemos fazer uma abordagem, contrapondo os conceitos de atividade e de ação docente, já tratados no Capítulo I (p.26-49) e, agora, trabalharemos em função da discussão e análise das falas dos professores.

Para tanto, é preciso lembrar a diferença existente entre atividade e ação. A atividade humana, segundo Vygotsky, Luria e Leontiev (1988), constitui-se de um conjunto de ações, e a necessidade objetiva ou o motivo pelo qual o indivíduo age não coincide com o fim ou o resultado imediato de cada uma das ações constitutivas da atividade.

É somente através de suas relações com as demais ações que a compõem, que o resultado imediato de uma ação se relaciona com o motivo da atividade. Não é, portanto, cada ação que se justifica pelo motivo da atividade, mas o conjunto delas que precisa manter coerência com tal motivo.

Tomando, por exemplo, a ação cotidiana da professora Ana em sala de aula, podemos perceber:

Com o passar do tempo deixei de ser uma professora teórica para utilizar outras técnicas de trabalho que têm sido bem legais. Sempre que ensino eu penso em motivar, assim não passo mais os 50 minutos explicando teorias sem fim. Utilizo 15, no máximo 20 minutos com explicações e, depois, deixo que se reúnam em duplas ou trios e eles começam a trabalhar e a discutir o que expliquei, vou andando pela sala conversando com os grupos e tentando ajudar. (Profª Ana, Anexo V, p.178)

A atitude de organizar os alunos, de maneira que favoreça sua interação e troca de idéias, pode parecer uma ação contrária ao bom andamento das produções escolares, em

função da desorganização das carteiras e tumulto gerado nesse tipo de atividade. Mas manteria coerência com uma atividade tão importante como o entendimento do conteúdo em pares ou grupos, quando os alunos discutiriam as possibilidades de solução de problemas, as formas para se chegar ao resultado final etc.

No entanto, se os alunos não entenderem que estão se sentando mais próximos e sendo estimulados a trocarem idéias para participar de uma atividade para resolução de problemas em duplas ou grupos, isto é, se não captarem a relação entre essas ações e o motivo da atividade, o mais provável é que se estabeleça uma confusão e o bom andamento dessa produção escolar seja afetado. Assim, o sentido das ações de todos os participantes da atividade toma significado para eles, proporcionando para essas ações o sentido correspondente ao seu objetivo.

Os professores, sujeitos desta pesquisa, também deixaram clara a importância do sentido do que ensinam para os alunos. Acreditando, assim, que a compreensão dos conteúdos ficaria mais fácil se os alunos entendessem qual a utilidade prática do que apreendem. Os depoimentos dos dois professores, a seguir, mostram essa intenção de ensinar, buscando a compreensão e a utilidade prática dos conteúdos:

Penso, também, no quanto aquele assunto poderá ser útil em sua vida e me esforço para mostrar que para minha serviu de alguma forma. Se o aluno não vê utilidade naquilo acho que perde o interesse. Eu lido com uma matéria que consegue atrair mais os alunos, mas não é por isso que relaxo, não. A prática de esportes é fundamentada na rotina, no respeito, na disciplina. Em minhas aulas, eles fazem de tudo, apesar da falta de material específico para a prática de alguns esportes. (Prof. Jorge, Anexo V, p.179)

(...) quando eles estão mais dispostos, dou atividades e espero o suficiente para que pensem sobre o que estão lendo. (Profª Dora, Anexo V, p.179)

Para Vygotsky, Luria e Leontiev (1988), a significação é o reflexo da realidade independentemente da relação individual ou pessoal do homem a esta. O homem encontra um

sistema de significações pronto, elaborado historicamente, e apropria-se dele, tal como se apropria de um instrumento.

Nesse sentido, vemos que a professora Helena também apresenta preocupação com o significado do que ensina e com a aplicação desses conteúdos na vida prática dos estudantes.

Procura, também, exercitar em sua rotina justamente essa relação:

Acho que o que tenho buscado na rotina diária é justamente isso. Outro dia, estava dando uma aula sobre Colocação Pronominal e fiquei me perguntando por que o aluno deveria aprender o que é uma Mesóclise? Quantas vezes na vida dele a Mesóclise fará alguma diferença? No Vestibular? Será? E, aí, parei um pouco, expliquei superficialmente o assunto e não voltei mais nele. (Profª Helena, Anexo IV, p.179)

A adequação de processos de aprendizagem e de ensino é necessária. Afirma Pozo (2002), que é possível adequar as atividades de ensino às formas de aprendizagem dos alunos e às condições reais em que são realizadas. Muitos professores já se preocuparam e sentiram-se incomodados com o fato de ensinar "coisas" que seus alunos não aprendem e os educandos, por sua vez, irritam-se e tornam-se impacientes por ver alguém que lhes ensina o que eles não estão com disposição para aprender ou de uma maneira que não compreendem.

No caso dos professores, o significado de seu trabalho é definido pela finalidade da ação de ensinar, pelo objetivo e conteúdo concreto efetivado através das operações realizadas conscientemente pelo professor, considerando as condições reais e objetivas na condução do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno. Os professores Dora e Jorge apresentaram, durante o período em que mantivemos contato, extrema preocupação com as formas diversas de ensinar e, principalmente, com as maneiras que os alunos utilizavam-se para aprender. É o que ambos demonstram a seguir:

Procuro diversificar bastante para que eles tenham acesso a vários tipos de informação e, também, a várias maneiras de aprender. Minha prática se resume a ficar inventando atividades diárias bem diversificadas. (Profª. Dora, Anexo V, p.178)

Respeito as limitações de todos porque sei que nem todos têm as mesmas habilidades. Vejo de que maneira participam das aulas, se num dia em que converso mais, tem um tipo de participação, se no dia da prática, o cara tem pelo menos boa vontade. E vou fazendo assim. Fico doido da vida quando um aluno diz que a minha disciplina não reprova, que não preciso fazer prova que no final do ano fica tudo certo (Prof. Jorge, Anexo V, p.178).

Para podermos compreender o significado do trabalho docente, é preciso destacar a ação mediadora realizada pelo outro, ou outros, indivíduos no processo de apropriação dos resultados da prática social (VIGOTSKY, LURIA, LEONTIEV, 1988).

O que se pode destacar, na atuação da maioria dos professores observados, é que estes priorizam o atendimento individual. Quando estão em sala de aula e sendo solicitados pelos alunos, dispõem-se a ajudá-los, indo até a carteira de quem apresenta dificuldades ou chamando-os até a sua mesa; também, utilizam a lousa como um recurso para suas explicações. Percebemos através dessas atitudes, que estes professores procuraram a interação com os alunos por meio das dificuldades. E essa forma, individual, de tratá-los buscou acompanhar as dificuldades dos alunos, atuando num clima de cumplicidade na aprendizagem deles. Como relata a professora Ana:

Comecei a lecionar imaginando que seria só passar para eles o que eu sabia e eles aprenderiam rapidamente os assuntos, da mesma forma que eu, ou do jeito que meus alunos particulares aprendiam. Foi com surpresa que percebia meus alunos com dificuldades e fui trabalhando essas dificuldades ao longo da vida e, hoje, posso dizer que não é o professor que ensina, os alunos é que aprendem. O professor explica e facilita do seu jeito, para que o aluno entenda, mas se não houver boa vontade, não haverá milagres, ainda mais em Matemática. Então, depende muito mais do interesse do aluno, da sua vontade do que da minha aula maravilhosa. (Profª Ana, Anexo V, p.178)

A professora faz uma observação quanto à sua forma de perceber o processo educativo: “hoje, posso dizer que não é o professor que ensina, os alunos é que aprendem”. Para Raths (1972, p. 313), a aprendizagem é um ato do aprendiz e não do professor. Como dois seres humanos nunca são iguais, a aprendizagem é estimulada quando o professor está consciente das diferenças e ensina de diferentes formas, de modo a considerar tais diferenças.

Quando a apropriação do saber se realiza na escola, o professor desempenha a mediação necessária entre o aluno e o conhecimento. Nesta perspectiva, Vygotsky, Luria e Leontiev (1988) apontam essa ação mediadora do homem no processo de apropriação. Esse conceito de mediação dos outros indivíduos, do grupo social entre o indivíduo que se forma e o mundo cultural, desenvolvido por Vygotsky (1987,1998) é de suma importância para a compreensão do trabalho que se realiza na escola. A professora Dora fala sobre sua função mediadora no processo educativo:

Procuo fazer das dificuldades motivo de vitória e, também, para mostrar a todos, inclusive aos alunos, que somos capazes de superar problemas e obter sucesso em nossas empreitadas. Dos cursos de formação que faço, procuro usar tudo e sei que, quando um curso acaba, minha forma de trabalhar também muda; quanto mais interessante for o curso, mais atividades eu vou tirar dele e aí vou usando, recriando, inventando até cansar. Os alunos vão respondendo em sala de aula, quando fazem as atividades com mais atenção e quando participam mais das aulas. (Profª. Dora, Anexo V, p.179)

Quando a professora relata a sua forma de ensinar, procura ressaltar a importância dos cursos de formação e de que maneira esses cursos trouxeram elementos importantes para sua prática. O aspecto positivo dessa análise é que a professora consegue atingir, em sua atuação em sala de aula, a sua função de mediadora, na medida em que procura acompanhar o desenvolvimento dos alunos e sua participação em função das atividades que propõe e da sua forma de ensinar.

Essa mediação realizada pela professora entre o aluno e o conhecimento apresenta particularidades. Sua intenção tem por finalidade promover a apropriação de elementos básicos que permitam o entendimento da realidade e, principalmente, o desenvolvimento do aluno. Nesse sentido, a atividade pedagógica do professor representa esse conjunto de ações intencionais conduzidas a um objetivo específico.

A tarefa do professor consiste em desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas diversas particularidades de pensar em campos diferentes. Não em reforçar a nossa

capacidade de prestar atenção, mas em desenvolver diferentes faculdades de concentrar atenção sobre diferentes matérias (VYGOTSKY, LURIA, LEONTIEV, 1988, p. 108).

Outra questão discutida pelos entrevistados foi a função da escola na apropriação do conhecimento pelos alunos. De maneiras distintas, os professores ressaltaram a importância da escola e, apesar dos problemas estruturais que ela apresenta, ainda vêem a instituição como um caminho para as mudanças necessárias, como diz a professora Ana:

Então, o que sempre procuro fazer é orientar os alunos para que procurem ocupar o seu tempo na escola. Se eles têm de frequentar a escola, que tirem proveito disso, que o nosso compromisso é transformar o mundo de forma positiva e, muitas vezes, fico conversando com eles por duas, três aulas e eles acham que estou “matando aula”, quando, na verdade, estou ganhando alunos mais motivados, ou pelo menos mais conscientizados. Modificar a mentalidade dos alunos também faz parte de minhas funções e, a partir do momento em que comecei a fazer isso, minhas aulas ficaram muito melhores. (Profª. Ana, Anexo V, p.179)

Para Saviani (2003), a própria existência da escola está voltada para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber.

Considerado o objetivo da atividade do professor, é preciso descobrir o que motiva e o que incita o docente a realizá-la. Em outras palavras: qual o sentido desta atividade para o professor. Atividade esta que é produto da relação entre ensinar e aprender, cuja temática desenvolveremos a seguir.

1.3. RELAÇÃO ENTRE O ENSINAR E O APRENDER

Não é só o professor que influencia os alunos, mas estes, por sua vez, influem no professor, criando-se um círculo que não deveria ser vicioso, mas potencializar de uma boa relação e de um bom aprendizado.
(MORALES, 1999, p.59)

Há algo errado na velha idéia de que as aulas mais ou menos bem dadas (um bom ensino) geram necessariamente boas aprendizagens. Os próprios conceitos de ensino e aprendizagem estão hoje submetidos a uma profunda revisão.
(RATHS, 1972, p. 20)

Já discutimos, neste trabalho, que o ensinar e o aprender caminham juntos. Mais do que ensinar conteúdos, quem ensina procura abrir caminhos, mostrar opções para quem aprende. Não transmite conhecimento, mas, sim, sinais deste, para que o outro possa fazer uso dele e transformá-lo.

Quem aprende, seleciona as informações novas e as agrega aos conhecimentos que já possui e, a partir, de então relaciona, reflete, pergunta, associa e dá um novo significado à informação adquirida.

Para Aquino (1996, p. 95), o que deve regular a relação pedagógica é um princípio de ação fundado intrinsecamente no conhecimento. Por meio dele, poder-se-ia fundar e recuperar a moralidade discente, uma vez que o trabalho epistêmico pressupõe a observância de regras, de semelhanças e diferenças de regras e exceções.

Durante nosso percurso na Escola B, procuramos compreender como professores e alunos conduzem as relações entre o ensinar e o aprender. Será que teoria e prática se afinam? Na análise desta unidade de sentido, buscaremos indícios de que na condução dessas relações, o professor tem atuado como mediador do processo, agindo de forma não invasiva e

mostrando os caminhos para a aprendizagem dos alunos. Não uma aprendizagem mecânica e esvaziada de sentido, mas aquela que o aluno incorpora e vivencia um novo saber: uma aprendizagem significativa.

De acordo com Morales (1999), o processo educativo é um círculo que potencializa uma boa relação e um bom aprendizado. Os diversos depoimentos e observações realizadas propiciaram nossa análise acerca desse processo. Buscamos, nas relações entre ensinar e aprender, um processo educativo salutar que evidencia o papel do professor como mediador do conhecimento nessas relações.

Os professores, durante as entrevistas, tentaram teorizar quais seriam as tarefas inerentes à sua função. Já dissemos, aqui, que todos os docentes entrevistados e observados apresentaram intenção positiva de participar de nossa pesquisa. Esse fato, por si só, implicaria na possibilidade de se tornar mais fácil identificar se os caminhos, utilizados pelos docentes, estariam realmente conduzindo seus alunos para uma aprendizagem mais significativa.

O que pudemos perceber foi que, em muitas vezes, aprender correspondeu a compreender o sentido do conteúdo. Um bom exemplo que corresponde a essa afirmação foi observar a atitude da professora Ana e analisar nitidamente a sua intenção de fazer com que seus alunos aprendessem, porque percebemos que ela buscou fazer uma ligação entre o tema da aula em questão com a aula anterior. Selecionamos um trecho de sua entrevista e, também, de uma observação registrada no diário de campo para confirmar nossa afirmação:

Acho que a nossa função principal é educar nossos alunos e isso, nos últimos tempos tem envolvido as regras básicas de educação. Ninguém aprende com barulho, a bagunça desconcentra, provoca confusão e tumultua. (Prof.^a Ana, Anexo V, p.180)

Procurro fazer com que isso ocorra diariamente. Mas acho que os alunos são as pessoas mais indicadas para responder a esta questão. Para isso, o professor precisa se colocar no lugar do aluno, ver se gostaria de ser tratado de tal forma, respeitar as necessidades e dificuldades de cada um se tal conteúdo é tão fundamental para a vida deles. (Prof.^a Ana, Anexo V, p.180)

Quando a professora diz que procura fazer com que “isso” ocorra diariamente, refere-se ao fato de trabalhar para que seus alunos aprendam. Outro aspecto observado, na fala da professora, é que, em suas aulas, não há tumulto, nem bagunça. Há um silêncio que, para alguns, é perturbador, mas, para outros, é um sinal de espaço para produção. Percebemos que esse silêncio existe e permanece durante a aula inteira. Os alunos ficam mais tranquilos nas aulas dessa professora, que é simpática, sorridente e brinca com eles nas horas que julga adequadas.

Essa postura não faz com que eles ajam de forma diferente com ela, ao contrário, todos a tratam com muito respeito e educação. A atitude da professora de tratar todos os seus alunos pelo primeiro nome, utilizando sempre expressões como: “por favor”, “com licença”, “obrigada”, demonstra o respeito e a tentativa de não constranger quem por acaso não consegue entender a matéria.

A professora é bastante determinada nesse sentido e estabelece regras claras, criando rotinas em sala de aula, acreditando que um bom trabalho de aprendizagem necessita de ordem, organização para ser proveitoso. O clima em sala de aula, que poderia ser tenso, revela-se ideal para a aprendizagem. Os alunos sabem a hora de conversar, de produzir, de brincar e, também, de aprender:

Esta potencialidade e desejo de aprender, descobrir, ampliar conhecimento e experiência, pode ser libertada sob condições apropriadas. Trata-se de tendência em que se pode confiar e todas as vias de acesso à educação que temos descrito fundamentam-se em torno do natural desejo de aprender do aluno. (ROGERS, 1978, p. 160)

Numa das aulas observadas, a professora, após perceber que uma aluna não havia entendido o conteúdo, parou o que estava fazendo e voltou ao assunto explicando por diversas vezes e, ainda, aplicando exercícios para que todos tirassem suas dúvidas. Essa atitude foi importante para que outros alunos, que não estivessem entendendo o assunto, pudessem compreendê-lo e, assim, participar da aula.

O que nos chamou a atenção foi a forma como a professora conduziu os alunos a essa compreensão. Sempre brincando com eles, avisando que os que errassem teriam “menos cinco pontos” e perguntando qual seria o próximo caminho, qual a resposta correta, enfim, fazendo as perguntas ideais para alcançar a solução correta. Podemos dizer que, dessa forma, a professora Ana estaria utilizando a *zona de desenvolvimento proximal*.

Ela teria a opção de seguir em frente e quem não estivesse entendendo que procurasse aprender de outra forma, ou, com outra pessoa, ou, ainda, em suas explanações, dar as respostas certas, impedindo que os alunos chegassem a elas de forma natural. Mas procurou seguir o melhor caminho: a compreensão do significado do que os alunos estavam aprendendo.

Os estudos, realizados por Coll (1994, p.141), indicam que a complexidade, variedade e quantidade de atividades que possam estabelecer conexões entre o novo conteúdo da aprendizagem e os elementos já presentes na estrutura cognoscitiva do aluno provocam melhor *assimilação e significatividade* da aprendizagem realizada. Para o autor, maior número e riqueza de significados poderão ser atribuídos à nova aprendizagem.

Então, para o professor empenhado em promover a aprendizagem de seu aluno, existe a necessidade de interferir em sua atividade psíquica. Essa necessidade conduz a escolha dos modos de ensinar, pois o professor sabe que os métodos são eficazes somente quando estão, de alguma forma, ordenados com os modos de pensar do aluno.

Vygotsky (1998) esclarece essa questão ao afirmar que:

A zona de desenvolvimento proximal provê psicólogos e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados como também daqueles processos que estão em estado de formação, ou seja, que estão apenas começando a se desenvolver. Assim a zona de desenvolvimento proximal permite-nos delimitar o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também aquilo que já está em processo de maturação. (p. 113)

Um outro exemplo, que podemos citar, ocorreu com a professora Dora em uma de suas aulas. A docente levou para a sala um texto bastante interessante sobre atitudes do homem que têm colaborado para a destruição da natureza. Muitos alunos acompanharam a leitura e, após o seu término, a professora iniciou um debate bastante interessante. Nesse momento, alguns alunos iniciaram uma conversa paralela que perturbou o andamento das discussões. No entanto, alguns alunos estavam bem envolvidos com a problemática. A professora interrompeu o debate e entregou uma atividade envolvendo palavras-cruzadas, muito bem elaborada por ela.

Quanto às atitudes da professora, em questão, podemos dizer que houve um aspecto muito positivo: o texto bastante atual e envolvente que atraiu a sala no primeiro momento e, em seguida, a aplicação de uma atividade diferenciada, com a qual os alunos não apresentaram familiaridade, mas gostaram de realizá-la. No entanto, o aspecto negativo foi o fato da professora não saber conduzir a discussão, sabendo que nesses momentos as conversas paralelas são inevitáveis porque todos querem falar.

De qualquer forma, alguns alunos gostaram da aula, ainda mais, aqueles que leram o texto e resolveram a atividade com facilidade. Desse modo, a utilização de situações reais da vida do ser humano permite ao aluno compreender o mundo em que vive, fazendo com que a aprendizagem cumpra o seu objetivo.

A professora Dora demonstra, por meio de seu discurso, a preocupação com a formação do ser humano e com as formas de que se utiliza para que esse processo se concretize. Além de falar de maneira sensível e, até, bem-humorada do sentido de *ser professor (a)*:

Então, lógico que me preocupo com a formação dos alunos. A contribuição que procuro dar é apresentar textos atuais que possibilitem a discussão, a reflexão e procuro conversar sempre com eles sobre tudo. Quando eles estão mais dispostos, dou atividades e espero o suficiente para que pensem sobre o que estão lendo. (Profª Dora, Anexo V, p.180)

Ser professora é isso, viver um mistério diário ser surpreendida por acontecimentos bons e ruins buscando energia, que na minha idade não se tem mais, para atrair os alunos para o que você deseja e tendo a plena satisfação quando isso acontece. (Profª Dora Anexo V, p.180)

Convém ressaltar que apesar da professora não ter acreditado que sua aula tinha dado certo e, também, que seus alunos não se envolveram com a questão, o que ocorreu foi justamente o oposto. Embora a professora não tenha sido capaz de acreditar no sucesso de sua aula, este ocorreu e é preciso salientar que, nesses momentos, o professor costuma aparentar uma sensação de fracasso, sem analisar o que realmente aconteceu.

Macedo (1997) acredita que um dos desafios a se enfrentar na carreira docente é permitir-se cometer erros. Estabelecer uma relação construtiva com o erro inclui sua aceitação como inerente ao processo de construção do conhecimento. O autor coloca, ainda, que o erro é um indicador de limite entre o que é positivo ou negativo, o que deve ser feito ou não em uma determinada situação.

Talvez, a professora não tenha feito a reflexão adequada em função do fato ter ocorrido repentinamente e, logo em seguida, a aula havia terminado. Infelizmente, não tivemos a oportunidade de conversar com a docente sobre o ocorrido.

Como última observação sobre esse episódio, é importante dizer que a professora utilizou-se de técnicas de aprendizagem muito interessantes. Num primeiro momento, a leitura envolveu a sala inteira. Na seqüência, o debate que mostraria pontos antagônicos e gerariam a reflexão sobre o tema e, por fim, a atividade em duplas. A professora utilizou formas diversas e importantes de interação: entre ela e a sala, a sala entre si e entre duplas. Dessa forma, também trabalhou na zona desenvolvimento proximal dos alunos.

Falando sobre interação, Vygotsky, Luria e Leontiev (1988, p. 82) acreditam que:

As relações que se estabelecem entre a criança e o mundo circundante são, por natureza, relações sociais, pois é precisamente a sociedade que constitui a condição real, primária, de sua vida, determinando tanto seu conteúdo como sua motivação. (p. 82)

Seguindo nessa direção, pudemos observar que alguns professores, além de Dora, também apresentaram formas de interação. Quando o professor envolve todos os alunos, provocando-os, fazendo com que pensem, perguntem e se expressem, acaba enriquecendo o conhecimento de todos.

Pozo (2002) concorda com a importância para a aprendizagem das interações entre aprendizes e mestres, mas considera os processos de interação social mais como condições facilitadoras da aprendizagem do que como impulsionadores da mesma, salientando que a aprendizagem como prática se dá em contextos de interação, sendo ela social, cujas características afetam positivamente ou negativamente a eficácia dos resultados obtidos.

Conseguimos acompanhar, nas aulas do professor Jorge, essa intenção. O professor estimula seus alunos e demonstra articulação dos assuntos de diferentes formas. Pudemos observar que há o domínio do conteúdo e uma preocupação constante com o processo de aquisição e construção do conhecimento.

Através de nossa entrevista, percebemos que o professor é bastante objetivo e não se vê como um mero transmissor de conteúdos. Procura criar um clima de interação e estímulo para que os alunos consigam ultrapassar seus próprios limites. É o que ele nos diz:

Uma grande parte da tarefa do professor é buscar o aluno na sua dificuldade e trazer para a sua aula. Sei que em algum momento da vida, como eu, vão encontrar a motivação que precisam. Acho que a função do professor é justamente fazer a diferença, não se acomodar diante das dificuldades, encarar tudo porque acredita num sonho. Cada um tem o seu, mas acho que todos pensam no bem-estar dos alunos. Trabalhamos por eles, para que tenham possibilidades de trabalho, de convivência melhor com a família ou com os amigos. (Prof. Jorge, Anexo V, p.179)

Para Vygotsky, Luria e Leontiev (1988), a característica essencial da aprendizagem é que engendra a área de desenvolvimento que ativa no aprendiz um grupo de processos internos de desenvolvimento, no âmbito das inter-relações com o outro, e, na continuação, são absorvidos pelo curso interior de desenvolvimento e se convertem em aquisições internas.

Giddens (1993, p.122) vê que o essencial, em qualquer análise adequada da interação enquanto produto das capacidades constitutivas dos atores, é que ocorra o reconhecimento de que sua *significância* é contínua e ativamente negociada e não é meramente a comunicação de significados desde já estabelecidos.

Para o autor, toda interação comporta o interesse e a habilidade de quem se propõe falar. Estes aspectos interativos, que revelam modos de entendimento do comportamento de alguém, extrapolam a captação mútua na intenção comunicativa.

Acreditamos que nessas relações interativas existem poderes sutis, que permeiam o cotidiano e que influenciam diretamente as atitudes e posturas dos sujeitos em suas relações sociais. Essa espécie de jogo se impõe e esses sujeitos das interações aceitam as regras do jogo. No caso do professor Jorge, ele é o condutor do processo.

Na verdade, acreditamos que é, ao longo do processo interativo, que as crianças aprendem como abordar e resolver problemas variados. É por meio do processo de *internalização* que as crianças começam a desempenhar suas atividades sob orientação e guia de outros e, paulatinamente, aprendem a resolvê-las de forma independente. Quanto a este conceito, Smolka e Goes (2001) esclarecem:

A internalização implica a transformação de fenômenos sociais em fenômenos psicológicos envolvendo a apropriação pelo sujeito do significado dos objetos, dos lugares ocupados pelos objetos e pelas pessoas e do significado das relações num processo que transcorre ao longo do desenvolvimento. (p.66)

Assim, vemos a interação como elemento que deva ser trabalhado por professores, no sentido de propiciar que a assimilação do que está sendo discutido seja eficaz. Percebemos formas distintas de interação, no cotidiano da escola, já citamos algumas em nossa análise, entre o professor e seus alunos. Agora, podemos citar o momento em que o professor trabalha com a formação de atitudes.

Acreditamos que abordar hábitos e atitudes em momentos de descontração visando justamente à formação dos alunos, evidenciou-se como uma prática deste professor. Por essa razão, observamos a interação entre professor e alunos acontecer de forma tão intensa. O fato de o professor acreditar em seus alunos, em sua capacidade de aprendizado e, principalmente, na possibilidade de transformar o mundo, atrai o aluno que gosta e espera ser valorizado e respeitado. Nesta perspectiva, o professor Jorge nos fala:

Precisamos conscientizar essa moçada da necessidade de acreditar em alguma coisa, num sonho, na vontade de mudar o mundo, como os jovens da minha época, como os professores no início da carreira, sei lá. Por mais dificuldades que um país possa ter, a gente deve acreditar num mundo melhor, com pessoas melhores e com certeza com mais professores. Na minha matéria, procuro sair um pouco do conteúdo e conversar com eles sobre isso, procuro valorizar a auto-estima deles, falar sobre respeito, educação, valores e vou pincelando um pouco todo dia. (...) (Prof. Jorge, Anexo V, p.180).

Como observadora, pude perceber que quando há interação parece haver também uma compreensão das necessidades e obrigações que ambos assumem no processo. Para Vygotsky, Luria e Leontiev (1988, p.82), quando o aprendiz se desenvolve, transforma-se em um membro da sociedade e suporta todas as obrigações que a sociedade impõe. Ainda, segundo os autores:

Do ponto de vista da consciência, essa transição para a idade da escola secundária é marcada pelo crescimento de uma atividade crítica em face das exigências, do comportamento e das qualidades pessoais dos adultos, e pelo nascimento de novos interesses que são, pela primeira vez, verdadeiramente teóricos. Surge a necessidade no aluno da escola secundária de conhecer não apenas a realidade que o cerca, mas de saber também o que é conhecido acerca dessa realidade. (p. 62 e 63)

Observa-se, nas aulas do professor Jorge, que há uma forte união entre ele e seus alunos. Essa aliança é traduzida pelo respeito e confiança que estabelecem entre si. É interessante observar que, nessa relação, de maneira intencional (ou não) o professor deixa claro qual é a função de cada um nesse processo. E são papéis bem definidos o do “ensinante” e o do “aprendente”.

Por isso, conseguimos analisar, nessas relações entre ensinar e aprender, vários elementos importantes como a *motivação*, a *atividade/ação docente* e a *interação* que remetem à construção do conhecimento em sala de aula. Para isso, verificamos que os professores praticam cotidianamente atitudes de respeito com seus alunos sempre que isso se faz necessário.

Assim, trilham caminhos importantes para assumirem seus papéis de mediadores do conhecimento num processo em fase de mudança, acompanhando a evolução dos tempos. Encerramos este capítulo, acreditando que, ao abordar o papel do professor no processo ensino-aprendizagem, enfatizamos também sua função mediadora.

Por isso, buscaremos, no próximo capítulo, perceber que *sentido* professores e alunos têm dado ao que fazem cotidianamente.

CAPÍTULO VI

AS RELAÇÕES ENTRE O ENSINAR E O APRENDER

Comecei a lecionar imaginando que seria só passar para eles o que eu sabia e eles aprenderiam rapidamente os assuntos da mesma forma que eu, ou do jeito que meus alunos particulares aprendiam. Foi com surpresa que percebia meus alunos com dificuldades e fui trabalhando essas dificuldades ao longo da vida e, hoje, posso dizer que não é o professor que ensina, os alunos é que aprendem. (...).
(Profª. Ana, Anexo V, p. 181)

Acho que a escola poderia ser mais inteligente. A gente perde muito tempo estudando coisas que não usa nunca. Ficamos muito tempo parados, só ouvindo, tem professor que manda demais e não deixa a gente nem respirar e tem outros que nem ligam pra gente e deixam a gente muito à vontade. Poderia ser diferente. (...).
(Clara, Anexo VI, p. 187)

Apresentamos, neste capítulo, as percepções dos professores e dos alunos sobre a realidade escolar, as relações interpessoais estabelecidas em sala de aula, o papel do professor em sua aprendizagem, além de buscar conhecer as formas de ação, interação e consciência que os discentes assumem em relação a seu próprio aprendizado, pois a professora Ana e a aluna Clara expressam que a escola nos ensina muitas coisas, mas ainda precisa buscar os caminhos mais significativos para a aprendizagem que perpassam pelas mãos do professor.

Agrupamos os dados referentes às duas categorias de análise: *o sentido do ensinar e o sentido do aprender*. Para abordarmos a mediação exercida pelos professores na relação entre ensinar e aprender, acreditamos ser importante apresentar as reflexões que os professores apresentaram sobre suas experiências, as maneiras como compreendem o processo pedagógico, elementos constitutivos de sua identidade docente. Dessa forma, iniciaremos nossa análise com as seguintes unidades de sentido: *ser professor (a), experiência profissional, compreensão do processo pedagógico*.

Ao mesmo tempo, consideramos fundamental apresentar, na perspectiva dos alunos, em que medida essa mediação pode ser considerada importante. Será que professores têm aprendido que atualmente a postura docente mudou? Que, hoje, a transmissão de conteúdos desconexos não tem funcionado eficientemente? Sabemos que ainda existem sistemas educativos organizados desta maneira e uma enorme quantidade de docentes que apenas concebem a educação como transmissão de conhecimentos. Mas, também, sabemos que existem professores que acompanham as mudanças e, nesse sentido, percebemos o que os alunos têm observado nessa relação.

Objetivando conhecer melhor como o professor conduz as relações entre ensinar e aprender, como promove a interação e busca o aprendizado de seus alunos, apresentamos os dados coletados nas entrevistas referentes à identidade do aluno como: suas percepções sobre o que é ser aluno, as relações com a família e a forma como vêm a escola, as percepções que os alunos apresentam sobre suas relações com os professores, como aprendem e estudam, quais são suas dificuldades e necessidades e, também, sobre como atribuem aos professores a qualidade de bom profissional geraram as unidades de sentido: *ser aluno, família/escola e aprendizagem significativa*.

As informações coletadas serão analisadas e interpretadas a partir das entrevistas semi-estruturadas e das cartas produzidas pelos alunos. Em relação a essa análise e interpretação de dados, utilizaremos os dados organizados e agrupados nos quadros de categorias de análise (Anexo V, p. 176-189).

Sendo assim, neste capítulo trataremos das relações entre alunos e professores, enfatizando os aspectos relevantes quanto ao aprendizado dos alunos. E, por fim, buscaremos identificar como se dá o aprender do aluno na relação com o professor e com o objeto de conhecimento.

E, com o intuito de conhecer como o aluno vê as possibilidades que lhe são apresentadas para que aprenda, em que momentos e de que forma tem interesse em determinada aula e suas condições de desenvolvimento, procuraremos utilizar os elementos produzidos nas cartas pessoais.

1. O SENTIDO DO ENSINAR

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade.
(FREIRE, 2005, p.85)

Acho que é ser uma pessoa preocupada com a formação do ser humano, com o seu futuro, esperando sempre que ao sair da escola coisas boas aconteçam e tudo aquilo que você semeou, as contribuições que deu, tudo o que ensinou. É muito gratificante, te dá um impulso pra seguir em frente (...).
(Prof. Hélio, Anexo V, p.182)

Ser curioso, qualidade constitutiva da identidade do professor. Sem a curiosidade, ele não vai além, nem experimenta o novo. Como diz Freire (2005), não aprende, nem ensina. Os professores têm vivido dias difíceis e as entrevistas realizadas mostram isso. Mas continuam ousando, sendo curiosos, inseridos na busca por melhores momentos em que ensinar e aprender correspondam a um direito, sempre.

Agrupamos os dados referentes à categoria *o sentido do ensinar*, tentando articular depoimentos que indicassem como os elementos constitutivos do *ser professor(a)* se entrecruzam e se interpõem na dinâmica das relações cotidianas, como o professor descreve sua experiência profissional e como compreende o processo pedagógico.

Nossa análise permeia, justamente, essas percepções dos professores acerca de suas experiências, atitudes e consciência de seu papel na formação do aluno, na condução e organização do processo pedagógico.

Os professores, de modo geral, têm vivido uma série de indagações quanto ao seu ofício, de que forma consideram aspectos do como, do quê, do porquê e do para quê ensinar no contexto atual. Questões que constituem e conduzem o caminhar do trabalho docente.

Segundo Pozo (2002):

Se os mestres não concebem seu trabalho de ensinar e instruir como uma tarefa complexa e aberta, como um problema, diante do qual é preciso adotar estratégias diversas de acordo com metas concretas, se ensinar é uma tarefa monótona (cada professorzinho tem seu livrinho) em vez de uma tarefa diversificada e divertida, dificilmente os aprendizes abandonarão a rotina da aprendizagem monótona. (p.244)

Com relação ao processo ensino-aprendizagem, a concepção de Vygotsky (1987, 1998) sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizado estabelece forte ligação com o desenvolvimento e a relação do sujeito. Neste caso, o aluno, que, em alguns momentos, não consegue se desenvolver plenamente, sem a ajuda de outras pessoas, realiza o que lhe é proposto e, conseqüentemente, se desenvolve com a ajuda de alguém mais experiente, o professor. É na relação com o outro que o sujeito se desenvolve.

Percebemos, no discurso dos professores entrevistados, essa preocupação com a formação do outro. Os professores têm ciência da responsabilidade assumida ao lidar com os alunos e prepará-los para o enfrentamento das possíveis situações fora do universo escolar. Destacam, ainda, problemas enfrentados: o cansaço; o acúmulo de trabalho; o fato da família, em alguns momentos, ficar em segundo plano; a necessidade de buscar forças internas para a dedicação; a paciência; a persistência; a sensibilidade; o medo do inesperado, entre outros fatores, como elementos fundamentais para o exercício da função.

No entanto, também deixam transparecer a sensação de dever cumprido, de realização e de que, se fosse preciso, fariam tudo novamente. Apesar das dificuldades apontadas por

todos, estes sentem satisfação com o que fazem e a fala do Professor Jorge comprova essa afirmação:

Gosto do que faço, gosto muito. Me realizo vendo essa moçada cheia de gás, de vontade. Mesmo quando vejo os que não querem nada. A gente lida com seres humanos e precisa de sensibilidade para saber a hora certa de agir, pensar sempre como o aluno, se colocar na posição dele para perceber as dificuldades que ele tem. (Prof. Jorge, Anexo V, p.182)

O depoimento do professor indica que a identidade também é uma construção que se dá a partir da relação com o outro, que ocorre em determinado espaço (a sala de aula), entre indivíduos e grupos que organizam sua vida cotidiana em torno de atividades semelhantes, compartilhando valores e atitudes. É o que nos diz Candau (2001):

A construção da identidade se faz a partir da definição e da relação com o diferente, ou seja, por oposição entre a partícula e o universal, entre o individual e o coletivo, entre o nacional e o internacional, entre o estável e o dinâmico, através do movimento entre estas polaridades, produzindo sínteses que se diferenciam a partir das condições que estão historicamente dadas. (p. 149)

A forma como cada pessoa vive a profissão de professor é tão, ou mais importante, do que as técnicas que aplica ou os conhecimentos que transmite. Entretanto, percebemos que o exercício da função é fundamentado num processo em que os conteúdos são transmitidos do modo como o professor aprendeu pelo fato dele acreditar que assim efetiva o seu trabalho, dando continuidade a uma espécie de tradição. Muitas vezes, esse professor conhece bem sua disciplina, mas a sua forma de ensinar não permite que seu conhecimento seja transmitido a contento. A professora Helena fala sobre isso:

Procuro mesclar atividades desse tipo com exercícios de fixação como você viu. Eles odeiam, mas não ligo. Insisto para que consigam aprender. Foi assim que aprendi e acho que, dessa forma, eles aprendem também. (Profª Helena, Anexo V, p.182)

Quanto à postura da professora, os estudos de Demo (1999, p. 44) apontam que não é possível inovar sem se inovar, assim como é contraditório questionar e não admitir ser questionado, ou avaliar e fugir de ser avaliado, é absurdo pretender-se inovador, permanecendo-se sempre o mesmo.

A professora tem uma postura rígida quanto a sua forma de trabalhar e acreditamos que essa rigidez perfaz o seu *ser professor (a)*. Nesta perspectiva o trabalho docente é determinado pelas diferentes experiências pessoais, profissionais e existenciais que compõem o *ser* e o *fazer* do professor. Em sala de aula, o professor organiza sua prática a partir de suas experiências, cultura e valores que estão enraizadas em sua história de vida e em seus saberes como professor.

Um outro aspecto que constitui a identidade do professor é o fato de que hoje ele não é mais visto pela sociedade como um profissional nobre, culto, cuja complexidade do trabalho o torna especial. Sua auto-estima inexistente, em alguns momentos. Diante dessas questões, enfrenta situações de desconforto e constrangimento. É o que nos diz o professor Jorge:

Outro dia fui fazer uma compra com a esposa e tive que preencher uma ficha com uma recepcionista, balconista, sei lá. Quando eu disse que era professor, ela parou, me olhou e disse: coitado! Te juro que fiquei indignado. (Prof. Jorge, Anexo V, p.183)

Durante esses vinte e tantos anos que estou dando aulas tenho enfrentado muitas dificuldades. Às vezes, encontro amigos meus da época do /Colegial e vejo que eles têm outro padrão de vida. Seguiram outras profissões e não sei se estão realizados no que fazem. O que percebo são as pessoas ainda menosprezando o nosso trabalho, tornando ele sem importância e isso me chateia. (Prof. Jorge, Anexo V, p.183)

Dessa forma, o professor fica impedido de resgatar sua conciliação com os valores impostos por aqueles que esperam dele, o cumprimento de seus deveres com eficiência e ignoram os direitos de viver em sociedade como um cidadão digno. Não estamos discutindo, aqui, a visão que a sociedade tinha do professor há algumas décadas, quando era visto como

alguém superior, que possuía *status*, poder e um conhecimento inquestionável⁹. Apontamos, contudo, elementos que conduzem à perda da identidade do professor.

Se o professor perde o significado do trabalho tanto para si próprio, como para a sociedade, ele perde a identidade com sua profissão. O mal-estar, a frustração, a baixa auto-estima, são algumas conseqüências que podem resultar na perda da identidade profissional (LIBÂNEO, 2001, p.65).

No entanto, o que se busca é a ressignificação de sua identidade, considerando sua história de vida, seus projetos, suas crenças e atitudes, valores e ideais. Entendendo a importância da ação profissional do docente, bem como sua ação como ser humano.

Como é que cada um se tornou o professor que é hoje? Cunha (1989, p. 37) afirma que “o professor nasceu numa época, num local, numa circunstância que interferem no seu modo de ser e de agir. Suas experiências e sua história são fatores determinantes do seu comportamento cotidiano”.

Para Josso (2004, p.72), a reflexão sobre a vida é centrada nas experiências que consideramos significativas, para compreendermos o que nos tornamos hoje, e de que forma somos conduzidos ao pensamento que temos sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre o nosso ambiente humano e natural. De acordo com a autora, são estas recordações de nossas experiências de vida que são significativas, tanto positivas, quanto negativas, e acabam unindo nossos referenciais teóricos e práticos e nos constituem profissionais docentes.

Nesse sentido, entendemos que a identidade profissional do professor está relacionada a características específicas como posturas e atitudes, valores e crenças, habilidades e competências, saberes e fazeres, cultura. Enfim, características que conduzem a sua forma

⁹ De acordo com Nóvoa (1998, p.25), os professores já foram considerados *apóstolos das luzes*, tinham autonomia para criticar educação produzida nas famílias, principalmente, as mais humildes e exigiam toda a responsabilidade da educação dos alunos, que lhes eram entregues por completo, só tirando-os de sua influência quando estivessem preparados.

particular de agir, inserida num contexto sócio-cultural amplo, que determina a sua identidade.

Sendo assim, para esta análise, destacamos o *ser professor (a)*, a primeira *unidade de sentido* desta categoria o *sentido do ensinar*.

1.1. SER PROFESSOR (A)

Ser professora é isso, viver um mistério diário, ser surpreendida por acontecimentos bons e ruins buscando energia, que na minha idade não se tem mais, para atrair os alunos para o que você quer tendo a plena satisfação quando isso acontece. É isso aí!
(Prof^a Dora, Anexo V, p.180)

Os seres humanos têm a particularidade de existirem como indivíduos. Mesmo que pertençam a grupos, a coletividades, eles existem primeiro por si mesmos como indivíduos. Esse fenômeno da individualidade está no cerne do trabalho dos professores, pois, embora eles trabalhem com grupos de alunos, devem atingir os indivíduos que os compõem, pois são os indivíduos que aprendem.
(TARDIF, 2000, p.16)

Para a Professora, viver o mistério e o inesperado é importante e, para lidar com eles, a energia do início da carreira não existe mais. No entanto a satisfação e a realização obtidas são as mesmas ao conseguir alcançar um de seus objetivos: atrair os alunos para o que ela deseja. Aliás, como a Professora Dora, muitos professores desejam isso e é o que procuram cotidianamente.

Durante as entrevistas pudemos perceber que o *ser professor (a)* estava presente na maioria das respostas. Quando a professora Ana afirma ser muito exigente e acredita que assim os alunos aprendem mais e melhor, está valorizando essa característica em sua forma de agir, compondo, assim, sua essência docente:

Acho que a nossa função principal é educar nossos alunos e isso, nos últimos tempos, tem envolvido as regras básicas de educação. Ninguém aprende com

barulho, a bagunça desconcentra, provoca confusão e tumultua. (Prof.ª Ana, Anexo V, p.183)

Libâneo (1994, 251) revela que a relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. O professor precisa aprender a combinar severidade e respeito. Cabe a ele controlar esse processo, estabelecendo normas e deixando bem claro o que espera dos alunos. Ainda, para o autor, na sala de aula, o professor exerce autoridade, que é fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas, atributo da condição profissional do professor e exercida como um estímulo e ajuda para o desenvolvimento independente dos alunos.

Assim, essa característica valorizada pela professora indica que, para se ter boas relações com os alunos, não há necessidade de se tornar amigo ou ter um comportamento paternalista. Segundo Rogers (1978, p. 111), a facilitação da aprendizagem significativa baseia-se em certas qualidades de comportamento que ocorrem no relacionamento pessoal entre o facilitador e o aprendiz.

Com o rigor e a autoridade exercida em sala de aula, esta professora é uma das preferidas pelos alunos e isso se comprova através das cartas produzidas por eles¹⁰ (Anexo VIII, p.239-248).

Com ela eu aprendi muitas coisas, pois ela explica bem a matéria, tira várias dúvidas quando se precisa e ela também percebe se você entendeu ou não. Além disso, ela também sabe brincar, mas quando temos que trabalhar e aprender, ela é dura, não deixa conversar, mais isso é ótimo, pois aprender Matemática com barulho, não dá. Ela apesar de ser rigorosa, ela sabe de tudo o que acontece com a gente na aula. Muitos alunos não entendem o modo que ela explica, mas ela explica da melhor maneira para que todos entendam. (Alexandre, Anexo VIII, p.242)

Cara professora Eu queria agradecer por tudo o que me ensinou, a postura, o respeito em primeiro lugar. A senhora é um pouco rígida, mas a senhora deste jeito houve um certo respeito que vai se durar por muito tempo. Espero que este respeito dure bastante tempo e lógico esse respeito eu passo a outros professores. Espero ser assim com postura, o respeito e educação. (Anderson, Anexo VIII, p.243)

¹⁰ Procuramos preservar o registro da fala dos alunos que, em alguns momentos, foge dos padrões lingüísticos. Nossa intenção envolve o fato de não quisermos alterar a ordem do pensamento desses sujeitos.

Ao falarmos sobre o *ser professor (a)* não podemos deixar de mencionar um conceito importante de Vygotsky, a chamada *zona de desenvolvimento proximal*, conforme já mencionamos no Capítulo I (p.26-49). Este conceito representa a diferença entre a capacidade da criança de resolver problemas por si própria e a capacidade de resolvê-los com ajuda de alguém, abrangendo todas as funções e atividades que a criança (ou o aluno) consegue desempenhar se houver ajuda de alguém. Esta pessoa que intervém de forma não-intrusiva para assistir e orientar a criança pode ser tanto um adulto (progenitor, professor, responsável, instrutor de língua estrangeira), quanto um colega que já tenha desenvolvido a habilidade requerida.

As falas dos professores Ana e Jorge sobre a sua forma de ensinar mostram a sua preocupação em ajudar os alunos em suas dificuldades, procurando promover seu aprendizado e autonomia:

Foi com surpresa que percebia meus alunos com dificuldades e fui trabalhando essas dificuldades ao longo da vida e, hoje, posso dizer que não é o professor que ensina, os alunos é que aprendem. O professor explica e facilita do seu jeito, para que o aluno entenda, mas se não houver boa vontade, não haverá milagres, ainda mais em Matemática. (Profª Ana, Anexo V, p.183)

Uma grande parte da tarefa do professor é buscar o aluno na sua dificuldade e trazer para a sua aula. Sei que em algum momento da vida, como eu, vão encontrar a motivação que precisam. Acho que a função do professor é justamente fazer a diferença, não se acomodar diante das dificuldades, encarar tudo porque acredita num sonho. (Prof. Jorge, Anexo V, p.183)

A concepção de Vygotsky (1987,1998) sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizado, e, especialmente, *a zona de desenvolvimento proximal* estabelece forte ligação entre o processo de desenvolvimento e a relação do indivíduo com seu ambiente sócio-cultural e com sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie. É na zona de desenvolvimento proximal que a interferência do outro é mais transformadora (OLIVEIRA, 1997, p.61).

Para isso, é importante considerar que o questionamento sobre o fazer, a reflexão, torna-se vital como mecanismo que rejeita uma prática alienada. Ser educador liga-se a um estado de consciência do ser, do fazer, do conviver, do conhecer e do sentir (DELORS, 2000).

Como vimos, pelas falas e atitudes dos professores, existem profissionais que procuram ser sujeitos de sua ação, revendo posturas e conceitos, tornando-se mais críticos sobre suas formas de agir, colocando-se à disposição para que o aprendizado dos alunos se efetive.

Ao analisarmos o *ser professor*, seguimos para a próxima *unidade de sentido*, tentando mostrar a importância da experiência profissional, uma vez que traz os saberes e práticas provenientes do exercício cotidiano da função docente, como elemento importante para a construção da identidade do professor.

1.2. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Não me arrependo de nada. Adoro o que faço, de verdade. Hoje me vejo muito realizada. Tenho muita sorte, porque sempre penso em quantas pessoas no mundo têm a felicidade de trabalhar naquilo que gostam. É muito bom ser professora. Acreditar no crescimento e na formação de nossos alunos é muito bom, gratificante mesmo, embora seja um trabalho muito solitário e, ultimamente, muito mais difícil.
(Profª Ana, Anexo V, p.183)

Enfim, descortinar um projeto profissional de construção e produção do sentido no conjunto das práticas educacionais é uma tarefa árdua, mas não impossível, desde que saibamos ouvir das diferentes vozes, nem sempre harmoniosas, aquelas que apontam insistentemente para o transformar da escola.
(ABDALLA, 2006, p.113)

Percebemos, no discurso da Professora Ana, o amor à profissão e a alegria de trabalhar, fazendo o que sabe e gosta, além da consciência de seu papel na formação dos alunos. Esses aspectos foram sendo adquiridos na prática e são advindos da experiência profissional. Ela realizou-se na profissão, só aprendeu a ensinar, ensinando e, embora sofra

pela solidão e pelas dificuldades, continua buscando os caminhos necessários ao aperfeiçoamento e à realização.

Acreditamos que uma das formas de se constituir a identidade do professor é o seu fazer diário. No entanto, elementos como condições de trabalho e cargas horárias excessivas obrigam os professores a trabalhar demais para sobreviver. Eis uma fala que representa algumas dificuldades:

Essa política vergonhosa nos expõe e a sociedade pensa que estamos ganhando mais, mas continuamos trabalhando em salas super lotadas com alunos cada vez mais barulhentos e agressivos,... As famílias acham que somos empregados e quando queremos conversar nunca dá, mas no dia em que encostamos um dedo na “santa criatura” vem a família e a vizinhança toda para nos linchar. Vivemos assim, no meio de muitas dificuldades. (Prof. Hélio, Anexo V, p.184)

Essas condições impedem o acesso a novas concepções sobre o ensino e a aprendizagem e os levam a repetir por muitos anos uma prática, muitas vezes, mal-sucedida.

Demo (2002, p.55) aponta que o professor é vítima de um processo de treinamento que o estigmatiza como repassador copiado. Destituído de propedêutica básica, afastado da pesquisa, alheio à inovação pelo conhecimento, não sabe mais o que é dar aula, entendendo por dar aula o repasse da cópia da cópia.

Por isso, acreditamos na promoção de cursos de formação para dar continuidade à sua formação. A professora Dora resente a participação em cursos de formação, no entanto, ela nos diz:

Sempre que faço um curso, procuro absorver as informações e também aplicar logo as atividades que me interessam bastante. Gosto de estudar, mas não fiz muitos cursos na minha vida. São opções que fazemos, temos casa, maridos, filhos, problemas, somos normais. (Profª Dora, Anexo V, p.184)

Essas dificuldades remetem à idéia de que alguns professores pararam no tempo, resistindo em seu desenvolvimento profissional e na sua formação, insistindo em práticas

conservadoras que não contribuem para o sucesso do processo pedagógico. Acreditamos que a formação é um caminho para estimular a autonomia, o autoconhecimento e o conhecimento do outro e o despertar de uma nova identidade. A fala da professora Helena comprova a importância desses momentos de crescimento profissional, através dos cursos de formação:

Foi um curso muito interessante porque forneceu uma série de atividades para meu trabalho em sala de aula e a partir dele comecei a enxergar o aluno de outra forma. É sério! Antes, eu só trabalhava com cópias de texto, para melhorar a caligrafia, a leitura em voz alta e os exercícios de fixação. Agora, você viu quantas coisas diferentes eu faço em sala de aula, para dinamizar e atrair o aluno para o que eu quero que ele aprenda. (Profª. Helena, Anexo V, p.184)

Este depoimento nos mostra que a formação continuada, as vivências dos professores e o dia-a-dia na escola são espaços de formação. No caso da professora Helena, houve a possibilidade de participar de um curso e, a partir dele, inovar sua prática, fazê-la diferente e, segundo ela, melhor.

É o que nos diz Candau (2001, p.144), quando afirma que o cotidiano escolar é um *locus* de formação. Nessa rotina, o professor aprende, desaprende, reestrutura o aprendizado, faz descobertas e, portanto, é nesse *locus* que, muitas vezes, aprimora sua formação.

E é essa a visão que os entrevistados apresentam. Para eles, a idéia de aprendizado e crescimento na profissão está associada à sua prática cotidiana, a seu trabalho desenvolvido em sala de aula. No entanto, entendemos que os espaços de formação não se restringem à escola. Envolvem os momentos em que o professor alia conhecimentos teóricos à vivência cotidiana citada pelos sujeitos desta pesquisa.

Na visão de Tardif e Lessard (2005, p.168), a carreira docente é *chata*. Em função de diversos fatores como: a ausência de possibilidades de promoção ou a fraca diversificação das posições de trabalho. Ensinar, para os autores, é fazer, de certo modo, sempre a mesma coisa, todos os dias, durante 25, muitas vezes, 35 anos. Esse trabalho rotineiro acarreta uma tensão interna, na medida em que ela recobre situações, pessoas e eventos que se transformam

dinamicamente. Levada ao limite, a rotinização do trabalho gera comportamentos repetitivos, atitudes formais, gestos mecânicos. Como nos dizem as professoras:

Quando terminei a faculdade, tinha muitos sonhos, pensava que podia mudar o mundo, mas a rotina foi me mostrando que só a dedicação ao trabalho não chegaria nem perto do que eu queria mudar. Hoje, tenho muitas dificuldades em me relacionar com a molecada, parece que quanto mais velhos ficam, mais trabalho dão. É um desafio diário bem difícil, eu não posso dizer que estou arrependida, mas nunca pensei que no fim da minha carreira enfrentaria tantas dificuldades. (Prof^ª. Helena, Anexo V, p.183)

Sinto falta de alunos mais educados, respeitosos e interessados. Não posso dizer que não me sinto realizada. Tenho uma sensação de dever cumprido. De ter feito tudo o que estava ao meu alcance para que eles aprendessem e, se isso não acontecer, não foi por acomodação ou por ter fechado meus olhos para alguma situação. A realização envolve muitos fatores: eu não posso me sentir realizada ganhando esse salário. O Estado deve achar que me paga o suficiente, ou talvez mais do que eu mereça, eles gostam de dizer que professor não trabalha, não ensina, que se o aluno não sabe ler, nem escrever o problema está no professor. Nós somos culpados de muitas coisas e como dizem que a corda sempre arrebenta do lado mais fraco, fazer o quê? (Prof^ª. Dora, Anexo V, p.183)

Sabe-se que um profissional que tem muitos anos de exercício na carreira docente, nem sempre tem o mesmo tempo em experiência. Esta afirmação refere-se ao que explica Oliveira e Chadwick (2001), sobre a existência de um profissional que se repete a si mesmo, porque não incorporou novas realidades à sua prática, parou de aprender, ou seja, tem a mesma experiência repetida vinte vezes.

Diversos aspectos negativos foram levantados pelos professores, pois prejudicam sua atuação, sendo que o mais evidente é fator salarial. Aliás, várias questões são muito fortes no discurso dos docentes: sobrecarga de trabalho, falta de reconhecimento pela escola e pela sociedade os baixos níveis de remuneração, a responsabilidade pelo fracasso escolar dos alunos, assumida por muitos profissionais. Dessa forma, diante de desse contexto, a formação deixa de ser um estímulo e aquele profissional desmotivado, passa a ser desqualificado, pois não se atualizou.

Entre os entrevistados há verbalizações sobre o fato de que tiveram a certeza do que fariam muito cedo, alguns afirmaram que ingressaram nos seus cursos com mais expectativas do que com certezas sobre a condução dos caminhos a seguir. Apesar das dificuldades e contradições percebemos um valor significativo na *experiência* como fonte de aprendizagem. Como se aprendessem a *ser professor (a)* através do exercício da função. É o que percebemos na fala da professora Helena:

Acho que a minha prática é voltada: primeiro, para a forma como eu aprendi; depois, para a forma como eu comecei a ensinar e, nos últimos anos, para a forma que eu tenho conseguido trabalhar, porque se eu encho a lousa ou se penso em fazer uma avaliação surpresa, acho que apanho. Preciso olhar para o aluno e tentar fazer algo que chame a sua atenção, caso contrário, ele não faz. (Profª. Helena, Anexo V, p.184)

Esse envolvimento pessoal na atividade profissional favorece a construção de uma identidade. Nesse sentido, destacamos a importância da *prática* como forma de produção do conhecimento e, principalmente, do valor da experiência em função da aprendizagem dos alunos e do sucesso do processo ensino-aprendizagem. Esse processo de construção coletiva fundamentada na interação se organiza como um agente importante de crescimento profissional e de resignificação de valores próprios da atividade docente.

Como nos dizem Abreu e Landini (2003):

A identidade docente se constitui nesse âmbito de mediações do qual podemos concluir que nem a formação, nem a experiência individual, nem as políticas públicas têm, isoladamente, papel determinante na definição do caráter identitário. Somente a investigação dialética entre essas esferas pode permitir que capturemos os desejos de emancipação, os mecanismos de cooptação e reprodução sociais e, neste conflito, aquilo que determina a identidade docente neste momento histórico. (p. 25)

E, assim, buscamos destacar o valor da experiência profissional como espaço de formação e desenvolvimento para se efetivar o processo ensino-aprendizagem. E, para compreendê-lo melhor, seguiremos para a próxima *unidade de sentido*.

1.3. COMPREENSÃO DO PROCESSO PEDAGÓGICO

Ensinar envolve estabelecer uma série de relações que devem conduzir à elaboração, por parte do aprendiz, de representações pessoais sobre o conteúdo objeto da aprendizagem. A pessoa, no processo de aproximação aos objetos da cultura, utiliza sua experiência e os instrumentos que lhe permitem construir uma interpretação pessoal e subjetiva do que é tratado.
(ZABALA, 1998, p.90)

Há várias formas de se conceber o processo educativo. Por sua própria natureza não é uma realidade acabada que se dá a conhecer de forma única e precisa em seus múltiplos aspectos. É um fenômeno histórico e multidimensional.
(MIZUKAMI, 1986, p.1)

Para apresentarmos a compreensão dos sujeitos desta investigação, acreditamos ser necessário retomarmos, novamente, o conceito desse processo que consiste na atividade do professor garantindo a unidade didática entre ensino e aprendizagem, através do ensino. Ambos são duas facetas de um mesmo processo. O professor conduz e controla o ensino, estimulando a atividade dos alunos para a aprendizagem (Libâneo, 1994, p. 81).

As relações entre professor e aluno são conduzidas pelo professor e, por isso, requerem uma estruturação dos vários momentos de desenvolvimento da aula ou da unidade didática. Libâneo (1994, p.180) apresenta esses momentos através de fases: a preparação e a introdução, a transmissão e assimilação da matéria, a consolidação, a aplicação e o controle e avaliação.

Observamos que alguns professores não se utilizam dessa estrutura, mesmo porque segundo o autor (2004a, p.191), os professores com mais tempo de trabalho vão adquirindo com a experiência suas próprias formas de organização e distribuição nas aulas conforme a disciplina, o conteúdo, o número de aulas semanais, procurando adequar ao tipo de aula, o método de ensino. É o que a professora Ana fala sobre a sua forma de estruturar a aula:

Resumindo, já sei o que trabalhar em sala de aula, mas não fico presa à programação, se surgir um assunto novo ou se aparecer um imprevisto, modifico mesmo. Conheço tão bem todos os alunos que sei muito bem quem entendeu, quem está se esforçando para entender e quem não está nem aí para o que estou explicando. (Profª Ana, Anexo V, p.185)

Quanto à compreensão do processo pedagógico, os professores entrevistados têm consciência de suas possibilidades e limitações, mas, também, têm procurado realizar seu trabalho com dedicação, buscando a superação dos problemas.

O que percebemos em suas falas é a preocupação de ensinar, de fazer com que o aluno aprenda e, ao mesmo tempo, assumem o desejo de se tornar, a cada dia, melhores professores:

Estou buscando ser um professor melhor, mas também sei que mesmo que eu conheça toda a teoria do mundo, se eu não conseguir lidar com o aluno, não adianta nada. Sei que o que estudei me ajudou também a modificar a minha postura, rever a minha forma de trabalhar e, principalmente, de lidar com os alunos. (Prof. Hélio, Anexo V, p.185)

Se na Internet o aluno tem acesso a tantas informações, o professor não pode ficar mostrando, por exemplo, o corpo humano através de uma foto distorcida de um livro didático, mas também levo em conta o fato das classes serem bem diferentes uma das outras. Aí, eu sei que para algumas salas essas informações e atividades funcionam muito bem, enquanto que, para outras, preciso seguir o planejamento à risca e sei que eles adoram acabar o ano e terminar o livro didático junto. É uma questão muito relativa, porque depende de nós, professores, e deles para que haja um entrosamento e que eles aprendam mais. (Profª. Dora, Anexo V, p.185)

Essa demonstração de consciência do trabalho e, ao mesmo tempo, de procura para fazer o melhor comprova o que já afirmamos, aqui: o professor, hoje, não é mais um transmissor de conhecimentos. Ensinar a pensar, colocar-se na posição do aluno, antes de tomar decisões e medidas, propor alternativas para a solução de um problema, contextualizar um fato para que o aluno entenda suas conseqüências são algumas tarefas que observamos na atuação dos professores.

Como nos lembra Gadotti (2003, p. 5), o professor é um mediador do conhecimento diante do aluno que é sujeito de sua formação. Para o autor, o professor precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer de seus alunos,

deixando de ser um “lecionador” para se tornar um organizador do conhecimento e da aprendizagem.

Os dois professores apresentam aspectos distintos que constituem a sua compreensão do processo pedagógico. A professora Dora nos fala da *internet*, recurso utilizado por alguns professores em suas aulas, bem sabemos que vivemos na era da informação e que esta chega em segundos. Existe o desafio de incorporar as tecnologias aos processos de ensino e aprendizagem para transformar uma informação em conhecimento.

Para Demo (2002):

O que muda no mundo moderno é a necessidade de construir conhecimento em vez de permanecer apenas na transmissão. Esta não desaparece, apenas ocupa lugar próprio instrumental e será cada vez mais manejada pela eletrônica. A grande expectativa está em que pela via eletrônica, o conhecimento disponível possa cada vez mais ser acessível a todos facilitando o processo construtivo. (p. 46)

O professor Hélio, também, apresenta uma preocupação muito pertinente ao trabalho docente que é a aproximação com o aluno, saber lidar com suas necessidades e angústias, porque de nada adianta ensinar se os alunos não conseguem organizar o pensamento, tornando-se sujeitos de sua aprendizagem, em função da distância entre ambos, professor e alunos.

Libâneo (1994, p. 249) vê a interação professor-aluno como um processo fundamental da organização da situação didática, pois busca alcançar os objetivos do processo de ensino: transmitir e assimilar os conhecimentos, hábitos e habilidades. O autor, ainda, afirma que esse não é o único elemento determinante da organização do ensino, por isso necessita de um estudo em conjunto com outros fatores e destaca a forma de aula como o principal. A professora Helena acredita que, após alguns anos enfatizando conteúdos, percebeu que o mais importante, hoje, é a forma de ensinar:

Passei anos copiando planejamentos anteriores. Ultimamente, tenho selecionado mais estratégias que conteúdos. Acho que a grande diferença está na forma de ensinar, nas atividades que surgem após a explicação e no retorno que se obtém dos alunos. (Profª Helena, Anexo V, p.185)

Raths (1972, p.119) acredita que um aspecto negativo são as alterações no currículo e concepções de ensino que assolam a prática educativa, sem que o profissional tenha tempo hábil para refletir sobre elas e incorporá-las à sua atuação. Vê-se, então, o abandono de algumas práticas para a adoção de outras, independentemente das crenças do professor em relação ao seu papel e exigência do contexto.

O relato da professora Ana mostra a preocupação com as suas atitudes e, também, com a interação entre ela e seus alunos, afirmando que a sensibilidade é um aspecto importante e que precisa ser considerado nessas relações:

Todos os dias, reflito sobre minhas atitudes em sala de aula e sei que cometo muitos erros. Às vezes, falo o que não devo e já magoei muitos alunos, sem querer. É difícil para gente lidar com a sensibilidade do outro e superar nossas dificuldades. A nossa profissão expõe a gente demais e quando a gente entra em sala de aula, sem máscaras, é muito difícil. (Profª Ana, Anexo V, p.184)

As duas professoras são bem comprometidas com seu trabalho. Organizam suas aulas, com atenção, preocupam-se em dar continuidade ao trabalho, quer dizer, não costumam perguntar: “onde parei?” no início de cada aula. E, principalmente, preocupam-se em buscar formas de interação entre seus alunos e o conhecimento. Ambas questionam sua prática, o que é um aspecto significativo, para nós.

Libâneo (2004a, 249) considera importante ressaltar dois aspectos dessa interação professor-aluno no trabalho do professor:

- o aspecto cognoscitivo – refere-se a formas de comunicação dos conteúdos escolares e às tarefas escolares indicadas aos alunos.

- o aspecto sócio-emocional – refere-se às relações pessoais entre professor e aluno e às normas disciplinares indispensáveis ao trabalho do professor.

Analisando as afirmações das professoras e as condições organizacionais apontadas pelo autor, podemos perceber que, apesar da preocupação e disposição das docentes, a organização do ensino apresenta, ainda, algumas falhas que comprometem o desenvolvimento do processo ensino – aprendizagem.

Na concepção de Vygotsky (1987,1998), a interação é aspecto relevante nesse processo, pois, conforme já mencionamos no Capítulo I (p.26-49), o autor atribui importância extrema à interação social no processo de construção das funções psicológicas humanas para o desenvolvimento individual que se dá num ambiente social determinado e a relação com o outro. E, é, nesse caminho, que seguiremos para a próxima unidade de sentido *o sentido do aprender*.

2. O SENTIDO DO APRENDER

Aprender é mudar, formar-se é mudar. Não se pode aprender sem mudar pessoalmente, porque, se estou aprendendo as coisas que têm um sentido, vou mudar minha visão do mundo, minha visão da vida. Pelo menos um pouco. E se eu estiver aprendendo coisas que não têm nenhum sentido, não estou aprendendo e, por isso, vou esquecê-las depois da prova. Aprender é mudar.
(CHARLOT, 2005, p. 71)

(...) desde pequena, estudo assim, sempre li bastante e agora adoro pesquisar na Internet. Aprendi a estudar desse jeito e acho bem legal.
Estudo para saber.
(Clara, Anexo VI, p.186)

Diante da variedade de teorias e práticas pedagógicas voltadas para a aprendizagem dos alunos, reservamo-nos o direito de perguntar ao próprio aluno, o que este pensa sobre a escola, quais as influências que recebe da família, como vê os professores e suas diferentes

formas de atuação e, também, quais são os seus anseios e expectativas com relação ao futuro e, especialmente, ao Ensino Médio.

Bordenave e Pereira (1998, p.37) afirmam que muitas teorias apontam para a necessidade de prestar atenção às diferenças individuais entre os alunos e de acompanhar de maneira mais individualizada sua aprendizagem e que destacam a necessidade de uma seqüência lógica e psicológica na aprendizagem de qualquer assunto.

Com relação a nossa pesquisa, agrupamos os dados referentes a esta categoria, tentando articular depoimentos que indicassem como os elementos constitutivos do *ser aluno* podem conduzir, ou não, ao aprendizado, às relações que se estabelecem cotidianamente no espaço escolar e, também, se os conteúdos, da forma que se apresentam, trazem algum sentido para eles, pois, como nos fala Charlot (2005), aprendemos e mudamos e, só mudamos, quando lidamos com coisas que têm sentido. A aluna Clara estuda para saber. Qual o valor desse saber? O que realmente interessa para essa aluna aprender? Este é o nosso objetivo neste item, buscar na voz dos alunos o valor e o significado do conhecimento.

Nossa análise permeia, justamente, essas percepções dos alunos sobre suas experiências, atitudes e posturas e, também, sobre sua análise do ambiente escolar adequado para sua aprendizagem. Afinal de contas, quais seriam os entraves desse processo? De que forma o professor poderia facilitar a aprendizagem desses alunos? Qual o papel da escola no processo pedagógico? São questões que procuraremos responder em nossa análise.

Vygotsky, Luria e Leontiev (1988, p. 116) nos norteiam, nesse sentido, quando afirmam que a aprendizagem escolar orienta e estimula processos internos de desenvolvimento. A tarefa real de uma análise do processo educativo consiste em descobrir o aparecimento e o desaparecimento das linhas internas de desenvolvimento no momento em que se verificam, durante a aprendizagem escolar.

Os alunos entrevistados demonstram certa insatisfação com o sistema escolar. No entanto, a estrutura familiar é fundamental para a maioria, que deseja uma escola melhor com professores mais presentes, que consigam falar a mesma linguagem deles. A maioria dos entrevistados reconhece o valor da instituição escola e do que já aprenderam através desta. No entanto, só conseguem vê-la como uma das poucas possibilidades de acesso ao mercado de trabalho e de reconhecimento social.

Apesar das dificuldades, deixam transparecer que dentre os pontos positivos mais citados, as amizades, inclusive com os professores, merecem destaque, e a importância destas para a realização pessoal e o estreitamento de laços fundamentais para essa fase da vida fica evidente na fala dos estudantes:

Às vezes, a gente sente uma alegria de estar aqui, com pessoas legais, amigos e professores que eu acho que nunca vou esquecer. Mas tem vezes que é chato ter que ficar sentado, calado, copiando sem parar, e também sem entender. É mais ou menos. Se a gente pudesse ficar mais livre na escola, ia ser muito bom. (Ítalo, Anexo VI, p.188)

Mas é bem mais legal quando o professor conversa, pergunta coisa para gente e também quando ele explica e conta piada, diverte a gente... mas vem para sala de aula para saber da gente, se está tudo bem, ajuda, conta umas história legais e a gente nunca reclama de ficar aqui, em vez de ir para quadra. (André, Anexo VI, p.186)

Os alunos ressentem a falta de oportunidades de tempos para o desenvolvimento das relações interpessoais, tão importantes para a construção da identidade, já discutida neste trabalho. Esse processo não se constrói somente em sala de aula, os outros espaços que a escola oferece, onde os alunos gostam de estar, como: o pátio, a quadra de esportes, a cantina e, até mesmo, a biblioteca são opções de locais que acolhem os estudantes e propiciam oportunidades importantes de compartilhar atitudes, vivências e sensações.

Vygotsky, Luria e Leontiev (1988) nos dizem que a aprendizagem e o desenvolvimento não se produzem de maneira simétrica e paralela em todos os alunos. O desenvolvimento de cada um não acompanha a aprendizagem escolar.

Assim, as experiências dos alunos que se dão de forma sistemática no mundo escolar, parecem implicar mais desenvolvimento e maior conhecimento sobre a realidade. Por isso, a intervenção das pessoas mais experientes na vida das crianças, criando-lhes espaços diferenciados de interlocução, parece ser ideal para o desenvolvimento e a constituição de seu modo de ser.

Seguindo nesta direção, ainda sob a perspectiva de Vygotsky (1987,1998), o desenvolvimento se produz não apenas por meio da soma de experiências, mas, pelas vivências das diferenças. O aluno aprende imitando, concordando, fazendo oposições e comparações e internalizando símbolos e significados, tudo isto num ambiente social.

Para Perrenoud (1995):

Em qualquer escola existe uma vida relacional muito rica e diversificada entre alunos ou entre estes e os adultos. Raiva, amor, desejo, inveja, admiração, devoção, submissão, apatia, entusiasmo, alegria (...): todas as componentes da vida sentimental e relacional dos adultos se encontram na escola, as atitudes, as paixões, os mecanismos de agressão e de defesa, de identificação ou de projecção que funcionam, de resto, em todas as situações. (p. 29)

Estabelecendo um espaço de interações e experiências, os alunos podem vivenciar conflitos e oposições buscando acordos sempre mediados por outros indivíduos. Entretanto não é a presença do professor ou do aluno, mas é no campo de interação, que está entre as pessoas, que acontecem as transformações e se constitui o que consideramos essencial neste processo: as ações partilhadas, em que a construção do conhecimento se dá de forma conjunta.

Tal construção ocorre de maneira sistemática e, para Zabala (1998, p. 37), o aluno produz uma aprendizagem com sentido, quando se estabelecem relações não-arbitrárias entre o que já fazia parte de sua estrutura cognitiva e o que lhe foi ensinado. Na medida em que a distância entre o que se aprende e o que já se sabe é adequada, quando o novo

conteúdo tem uma estrutura que o possibilita e quando o aluno tem disposição para refletir, relacionar e tirar suas próprias conclusões.

Ainda, segundo o autor, os resultados de um processo de aprendizagem que resulta em conhecimento também refletem no autoconceito e na forma de perceber a escola, o professor, os outros alunos e na forma de se relacionar com todos.

Nesse sentido, entendemos que o papel do aluno no processo educativo está relacionado e sujeito a diversas condições, muitas vezes adversas, mas que merecem ser consideradas como: identidade, atitudes, valores, habilidades e competências e posturas. Todos esses elementos perfazem o papel do aluno, cada dia mais ativo no processo pedagógico.

2.1. SER ALUNO

Ser aluno é ser aprendente. Em constante interação com as oportunidades que o mundo lhe oferece. Mais do que isso: é aprender a ser aprendente ao longo da vida(...) Tem de se convencer de que tem que ir à procura do saber. Buscar ajuda nos livros, nas discussões, nas conversas, no pensamento, no professor. Confiar no professor a quem a sociedade entrega a missão de o orientar nessa caminhada. Mas é ele que tem de descobrir o prazer de ser uma mente activa e não meramente receptiva.
(ALARCÃO, 2004, p.26)

Eu gosto de estudar. Meus pais me ensinaram que preciso estudar para aprender. Que quanto mais souber, melhor vai ser para mim na escola e depois que eu acabar de estudar. Desde pequena, estudo assim, sempre li bastante e agora adoro pesquisar na Internet. Aprendi a estudar desse jeito e acho bem legal. Estudo para saber.
(Clara, Anexo VI, p. 186)

Clara gosta de estudar e afirma que estuda para saber. Mas quais são os saberes que interessam aos alunos atualmente? A escola tem se preparado para a realidade que rodeia os estudantes? Alarcão (2004) fala sobre o aluno ser aprendente durante toda a vida, mas se a

escola não prepará-lo para isso, dificilmente esse caminho será percorrido pela maioria dos alunos. Mas, como fazê-lo?

Perrenoud (1995, p. 15) nos fala sobre o ofício do aluno e trata da questão abordando o trabalho escolar “o aluno exerce um gênero de trabalho determinado, reconhecido ou tolerado pela sociedade e do qual retira os seus meios de sobrevivência”. Falar de um ofício de aluno é, pois, aceitável de um ponto de vista semântico. Há alunos que não aprendem porque exercem o seu ofício não se sabe como, ou que não aprendem por outras razões. Alguns não querem aprender e contentam-se em executar manualmente as tarefas do ofício, enquanto a cabeça está ausente.

Encarar as atividades cotidianas como um ofício possibilitaria que os alunos se tornassem aprendentes por toda a vida? Tentaremos perceber como os alunos têm atuado em sala de aula em função das atividades propostas e nas relações sociais colocadas pela escola.

Nossa experiência diz que não há caminhos pré-determinados, nem receitas infalíveis, pois, se assim o fosse, não travaríamos esta discussão. Traçarmos caminhos para delinear o ser aluno perpassa pela análise do processo de aprendizagem e, também, pelas vivências abordadas em nossa investigação.

Nesse sentido, Bordenave e Pereira (1998) afirmam que:

A aprendizagem é um processo integrado no qual toda a pessoa (intelecto, afetividade, sistema muscular) se mobiliza de maneira orgânica. Em outras palavras, a aprendizagem é um processo qualitativo pelo qual a pessoa fica mais bem preparada para novas aprendizagens. Não se trata, pois, de um aumento quantitativo de conhecimento, mas de uma transformação estrutural da inteligência da pessoa. (p. 25)

Durante a investigação pudemos perceber que os alunos assumem uma postura bastante crítica em relação à escola e aos professores. Dessa forma, assumem o *ser aluno*, expondo atitudes consideradas ideais e formas diferentes de se relacionar com as informações recebidas cotidianamente.

Esta escola tem bons professores e eles me ajudam bastante a aprender o que ensinam. Pretendo prestar vestibular e meus pais não têm condições de pagar uma faculdade. Então preciso estudar bastante desde agora para conseguir o que quero. (Beatriz, Anexo VI, p.186)

Às vezes, fico conversando durante a aula e depois quando vou pra casa, leio o que copiei ou pego o caderno de alguém e entendo do mesmo jeito. Tem vezes que nem vou para aula e pego o caderno de alguém e consigo entender. Quando eu não entendo alguma coisa, espero uma aula e depois que o professor fala, já fica mais fácil. (Vinícius, Anexo VI, p.186)

Para Rath (1972, p. 341), “aprender é descobrir o sentido. Quando interpretamos, reconhecemos o sentido”. Pode-se alinhar, aqui, o conceito de aprender com que se preocupa este trabalho: o professor como um elemento de mediação. A informação é o objetivo a ser absorvido e relacionado pelos alunos. O interesse pela informação indica uma possibilidade de aprendizagem, porque se o aluno não se sentir atraído pelo tema, não o absorverá. Com relação ao aprendizado, Vygotsky (1998) diz que:

O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera nossa capacidade global de focalizar a atenção: ao invés disso, no entanto, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas. (p. 108)

Pode-se reconhecer que o aprendizado tem o seu início com o reconhecimento do aluno, da necessidade de ultrapassar algum obstáculo que se interponha entre ele e os seus objetivos. Reconhece, portanto, que há um objetivo a ser alcançado, e isso ocorre de maneira espontânea ou induzida. A curiosidade é algo que o aluno sente por si, mas o professor é o estímulo da indução. A questão é: como vencer o obstáculo?

Fico olhando o professor falar, explicar a mesma coisa por várias vezes e de repente, na 3ª ou 4ª vez, consigo entender. Alguns explicam melhor e, na primeira vez, já consigo acompanhar a aula. Tem professores que passam pesquisa para gente fazer na Internet e isso é bem legal. Tem vezes que um texto está tão explicado que ajuda mais ainda. Acho que a Internet tem ajudado a gente também. (Alexandre, Anexo VI, p.186)

Alexandre explica que, para ele, existem outras formas de aprendizado além da vivência na escola. O uso do computador tem ajudado os alunos a encontrar caminhos para aprender. Este aluno apresenta certa dificuldade para aprender e essa característica tem se mostrado comum em diversas salas de aula. Na verdade, muitos alunos não tem demonstrado interesse em aprender.

Acreditamos que saber mais sobre como o ser humano aprende, sobre como se dá o seu desenvolvimento mental, sobre motivação, pode ser, pelo menos, tão útil ao professor, na melhoria do ensino, quanto à familiaridade dos recursos, métodos e técnicas instrucionais. (MOREIRA, 1985, p. 9)

Assim, apontamos que a palavra conhecimento associada ao aprender adquire uma proporção mais presente na linguagem do dia-a-dia. Apresenta-se em diferentes expressões "sociedade do conhecimento", "sociedade aprendente", "gestão do conhecimento", "engenharia do conhecimento", "ecologia cognitiva", etc. (ASSMAN, 2001, p.23).

Alarcão (2004) utiliza a nomenclatura *sociedade da aprendizagem* acreditando que não há conhecimento sem aprendizagem e que a informação, por ser uma condição necessária para o conhecimento não é condição suficiente. Para a autora a sede de conhecimento é inesgotável, mas a fonte, como no caso exemplificado por Alexandre: a internet, é escassa, pois nem todos os estudantes têm acesso a esse recurso.

Ainda de acordo com Alarcão:

O desenvolvimento destas múltiplas fontes de informação exige re-estruturações na relação do professor e do aluno com o saber disponível e com o uso que se faz desse saber. Se hoje em dia a ênfase é colocada no saber e na sua utilização em situação, é fundamental que os alunos abandonem os papéis de meros receptores e os professores sejam muito mais do que simples transmissores de um saber acumulado. (p.25)

Ao falar de aprendizagem, Zabala (1998, p. 94) acredita que para conseguir que os alunos se interessem é preciso que os objetivos de saber, realizar, informar-se e aprofundar

sejam conseqüência dos interesses verificados, para que eles possam saber sempre o que se pretende nas atividades que realizam e que sintam que o que fazem satisfaz alguma necessidade, além de terem oportunidade de expressar suas próprias idéias e, a partir delas, potencializar as condições que lhes permitam revisar a fundo estas idéias e ampliar as experiências com outras novas, fazendo com que se dêem conta, também de suas limitações, situando-os em condição de modificá-las se for necessário, ao mesmo tempo em que buscam outras alternativas.

Todas essas condições correspondem ao que muitos professores considerariam o ideal para que seus alunos aprendessem. Mas, de alguma forma, não conseguem fazê-lo e os alunos continuam a apresentar as mesmas dificuldades.

Ao falarmos sobre *ser aluno* gostaríamos de falar sobre João, um aluno sujeito de nossa investigação que se apresenta como um aluno com bastante dificuldade para aprender. Ressente a presença de alguém para orientá-lo e, também, não gostar de estudar. Ele apresenta um comportamento típico de quem realmente não está entendendo e o que é pior, perturba a sala de maneira que poucos conseguem prestar atenção no que se está ensinando.

Acho que a culpa é minha. Eu nunca gostei de estudar. Achava um "saco" ter que ficar lendo, estudando em casa, decorando um mundo de coisas, nada a ver, e acabava sem fazer. No começo, era a maior zona. As professoras chamavam minha mãe, ela brigava comigo e dizia que eu ia melhorar, me punha de castigo, mas eu repetia tudo de novo e ela passou a não ligar mais. Tem um monte de gente que nem eu. Eu troco as letras, não sei onde põe acento, vírgula, ponto e essas coisas. A professora de Português pega no meu pé, mas não adianta nada. Ela vai falando, falando e eu vou ficar do mesmo jeito. Acho que agora não adianta mais. Não tem mais jeito. (João, Anexo VI, p. 186)

Preciso de mais tempo do que os outros. Eu precisava de mais alguém que ficasse comigo pra me ajudar, na hora da explicação do professor e também na hora de fazer lição. (João, Anexo VI, p. 186)

João diz que nunca gostou de memorizar. Para ele, aprender tem este significado. Ele não tem por hábito relacionar o que aprende com outras informações que já possui e, assim,

construir um novo conhecimento. Este aluno, também apresenta a necessidade de alguém para aprender.

Esse fato denota que João não é capaz de fazer as atividades cotidianas por si mesmo, sem passar pela ajuda de alguém. Constatamos, por meio do conceito de *zona de desenvolvimento proximal*, que o processo de aprendizagem, para João, ocorre num ambiente de interação social em que a relação com o outro é fundamental. No entanto, como essa intervenção não ocorre o tempo inteiro, João não transfere para a *zona de desenvolvimento real* aquilo que está presente na *zona de desenvolvimento proximal* e não se organiza para desenvolver as atividades sem a ajuda de outros.

Sabemos que a zona do desenvolvimento proximal prepara para o que o indivíduo poderá posteriormente realizar sozinho. A aprendizagem precede o desenvolvimento; a zona de desenvolvimento proximal assegura o elo entre os dois.

Estudo porque meus pais sempre me falaram que é bom. Se eu precisar de um emprego, pelo menos o Ensino Médio eu preciso ter. Não gosto muito de estudar, não. Meus pais é que me obrigam. (André, Anexo VI, p.186)

Eu gosto de estudar. Meus pais me ensinaram que preciso estudar para aprender. Que quanto mais souber, melhor vai ser para mim na escola e depois que eu acabar de estudar. (...) (Clara, Anexo VI, p. 186)

Clara afirma gostar de estudar. Mas também diz que isto ocorre em função da estrutura familiar que a apóia e mostra os caminhos futuros que a escola ajuda a traçar. No entanto, afirma que estuda para saber. Esta informação faz toda a diferença no contexto em que Clara está inserida. A realidade dos alunos que a rodeiam não é essa. De alguma forma, os estudantes, como André, mostram que estudam por razões distintas: pressão familiar, expectativas quanto ao futuro profissional, não estudam, vêm a escola como opção de lazer e, assim, seguem várias razões. Mas estudar para saber é uma informação distinta, a qual nos remete aos conceitos da relação com o saber de Charlot (2005). O autor afirma que alguns

alunos têm o *habitus*, no sentido de Bourdieu¹¹, de estudar e o fazem sempre, nos finais de semana, nas férias e tem o estudo como segunda natureza. Enquanto outros freqüentam a escola, mas nunca entraram na sua lógica. Estão fisicamente presentes, matriculados, mas não estão inseridos no processo. A postura de Vinícius demonstra que não ele não tem interesse pela aprendizagem. É ele que nos diz:

Tem muita coisa que a gente é obrigado a aprender e nem sabe pra que serve. Pra que aprender essas coisas? A gente termina a 8ª e tem analfabeto na sala. Eu sei que não sou bom, mas tem aluno que foi passando de ano sem saber nada, nem vinha pra escola. Ta certo que teve gente que ficou doente, mas tem neguinho que se deu bem, sem fazer nada. (Vinícius, Anexo VI, p. 186)

Pode-se ver, assim, que o aprendizado envolve emoções e ansiedade, entusiasmo e frustrações, em que sucesso e fracasso se comparam e se identificam na mesma medida em que os obstáculos são ultrapassados. E cada experiência bem sucedida estimula um novo passo. A curiosidade, estímulo espontâneo ou induzido, a impaciência para alcançar as respostas procuradas, e várias outras emoções “configuram o processo de aprender” (BORDENAVE e PEREIRA, 1998, p.25).

Em face dessa representação do ser aluno, tentamos mostrar que as características individuais conduzem os professores a trabalharem coletivamente. De certa forma, essas características são indícios que o ser aluno é estruturado em conceitos fortes: a família e a escola e essa estrutura aponta ainda os caminhos para uma aprendizagem significativa, nossas próximas unidades de sentido.

¹¹ Bourdieu refere-se a *habitus* como *princípio gerador e unificador*, que retraduz características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco (Bourdieu, apud ABDALLA, 2006, p. 79).

2.2. FAMÍLIA/ESCOLA

Eles gostam que eu estude e sempre ficam perguntando como é que tá na escola, se tem algum problema. Nunca dei trabalho para eles na escola. Não sou um ótimo aluno, mas tento não ser horrível. Só não quero deixar eles decepcionados com alguma coisa errada que eu faço na escola.
(Ítalo, Anexo VI, p.187)

Acho que a escola podia ser mais inteligente. A gente perde muito tempo estudando coisas que não usa nunca. Ficamos muito tempo parados, só ouvindo, tem professor que manda demais e não deixa a gente nem respirar e tem outros que nem ligam pra gente e deixam a gente muito à vontade. Podia ser diferente. A gente podia vir pra cá e aprender o que gostasse mais, indo pras aulas mais cansativas menos dias na semana e devia estudar mais o que a gente gosta, sei lá. Acho que devia ser diferente.
(Clara, Anexo VI, p. 187)

Procuramos, na análise desta unidade de sentido, agrupar dois elementos fundamentais para a formação do ser humano: a família e a escola. Sabemos que a iniciação das pessoas na cultura, nos valores e nas normas da sociedade começam na família. Para que o desenvolvimento da personalidade das crianças seja harmonioso é necessário que seu ambiente familiar traduza uma atmosfera de crescente progressão educativa e a escola complementa essa educação familiar agregando conceitos científicos aos conhecimentos que os indivíduos já possuem ou que vão construindo ao longo da vida escolar.

Clara gostaria que sua escola fosse mais inteligente. O que a aluna realmente quer? Uma escola mais funcional, em que o conhecimento seja mais acessível e também tenha maior significado. A escola sonhada por Clara talvez esteja distante da realidade, mas o fato de ser idealizada contribua para uma real mudança nos valores e conceitos trabalhados por ela atualmente.

Ítalo afirma que não quer decepcionar sua família, com relação a problemas de aprendizagem e também de comportamento na escola. Normalmente, os pais apresentam essa preocupação. Desejam que seus filhos apresentem para a sociedade que assimilaram os conceitos adquiridos na estrutura familiar. Dias (1992, p. 13) acredita que a família reproduz no seu interior os padrões da cultura em que vive. Tais padrões (valores, sentimentos, idéias, etc.) que orientam a vida em sociedade são transmitidos ao indivíduo no processo de socialização.

Sabemos que a família reflete os problemas da sociedade e também a presença ou ausência desses valores nas diversas esferas em que a sociedade se apresenta e desse modo relaciona-os com a questão do desempenho escolar.

Em suas entrevistas, a maioria dos alunos mostrou postura semelhante à de Ítalo. Preocupação em não decepcionar a família que acredita ser fundamental uma vivência salutar na escola condicionada a um futuro profissional promissor.

Em casa todos sabem que precisam terminar o E.M. é nossa obrigação, depois eles não têm como ajudar. Eu escolhi ser veterinária, porque acho uma profissão linda e desde pequena vivo atrás de bichos para cuidar e criar. Sempre deixei meus pais doidos. Eles sonham em poder me ajudar e dizem que até lá muita coisa pode acontecer. (Fernanda, Anexo VI, p.187)

Meu pai já começou a falar que isso não dá futuro que eu preciso estudar, que dinheiro vai embora. Ele fala muito. Acho que isso me faz detestar mais ainda a escola. Se ele falasse mais comigo, tipo pra me escutar, saber o que eu quero ia ser mais legal, mas assim eu não agüento. (André, Anexo VI, p. 187)

Para Rath (1972, p.370) um interesse fundamental dos pais com relação à escola é saber se seus filhos estão ou não aprendendo. A preocupação com a aprendizagem se exprime de várias formas: “Será que meu filho conseguirá entrar na universidade?” “Triunfará na vida?” De uma forma ou de outra, essas perguntas estão ligadas à aprendizagem. O autor considera que a preocupação dos pais com relação à escola tende a ser menor quando os filhos aprendem.

Observamos que alguns pais exigem essa postura de seus filhos, porque também não tiveram a oportunidade de estudar. Em função de problemas distintos o afastamento da escola ocorreu e esses pais ressentem a impossibilidade de retomar os estudos e insistem em que seus filhos devem fazê-lo. Mariana fala sobre essa questão:

Meus pais se separaram quando eu era pequena e hoje quase não tenho contato com meu pai. Sei que ele mora em São Paulo e trabalha numa firma de advocacia, mas não é advogado. Minha mãe sempre me fala que eu preciso estudar para não fazer como ela que se casou cedo, se dedicou pra família e meu pai foi embora deixando a gente numa situação difícil, que eu preciso ser alguém na vida. (Mariana, Anexo VI, p. 187)

Um outro aspecto abordado pela aluna aponta para uma questão muito importante que, também, se reflete na escola cotidianamente. A estrutura familiar que a sociedade apresenta atualmente representa uma das mudanças mais significativas. Aquela família tradicional, constituída de pai, mãe e filhos não representa mais um padrão.

Existem famílias dentro de famílias. Com as separações e os novos casamentos, aquele núcleo familiar mais tradicional tem cedido espaço para diferentes famílias vivendo sob o mesmo teto e se relacionando intimamente. Esses novos contextos familiares geram, muitas vezes, uma sensação de insegurança e até mesmo de abandono, pois a idéia de um pai e de uma mãe tutores de seus filhos dá lugar a diferentes pais e mães “gerenciadores” de filhos que nem sempre são seus.

É o que João e Beatriz relatam sobre suas famílias:

Minha mãe fez o Ensino Médio e depois um concurso e passou. Está quase pra aposentar. Meu pai eu não conheço. (João, Anexo VI, p.187)

Meus pais são separados. Mas se dão super bem, ainda mais quando o assunto sou eu. Eles são muito preocupados comigo. Meu pai não pode pagar uma faculdade pra mim porque aqui em Santos é muito caro. Depois que ele se separou da minha mãe, casou de novo e tem dois filhos pequenos. Eu entendo que agora ele tem outra família, no fim de semana quando fico lá, vejo que pra ele tudo está bem difícil Minha mãe não quis casar mais, ela tem um namorado bem legal, mas cada um mora na sua casa. (Beatriz, Anexo VI, p.187)

Uma das soluções para situações de conflito que a família enfrenta é sugerida por Kaloustian (2004, p.55) quando diz que a construção de uma sociedade democrática passa por uma transformação das relações familiares por uma nova compreensão da vitalidade do conflito pela produção de novas respostas centradas no dialogar e aprender a conviver com as diferenças. Estes princípios são instrumentos fundamentais para esta mudança no relacionamento do mundo adulto com o infanto-juvenil.

Constata-se, também, um outro elemento que pode estar ocorrendo em função das mudanças estruturais pelas quais as famílias têm se deparado nas últimas décadas. Observa-se hoje uma verdadeira exaltação de se estabelecer um diálogo assertivo entre a escola e a família. Talvez, em face das constantes e, às vezes, radicais alterações observadas na escola, bem como da conseqüente discussão acerca do lugar dessas instituições na formação das novas gerações.

Maldonado (1984) destaca que educar é uma arte que consiste na possibilidade de os pais crescerem junto com cada filho respeitando e acompanhando a trajetória que vai da dependência quase total da primeira infância para a autonomia e individualidade do filho adulto.

Um aspecto observado e comentado pelos professores é o fato de alguns professores ressentirem a presença dos pais na escola, tanto em momentos importantes, como em situações cotidianas. A integração entre família e escola não deveria ser reduzida apenas a reuniões formais e contatos rápidos, mas ocorrer regularmente em momentos de maior intercâmbio nos quais as famílias pudessem efetivamente participar do cotidiano da escola.

Nessa perspectiva, a escola por sua maior aproximação às famílias constitui-se em instituição social importante na busca de mecanismos que favoreçam um trabalho avançado em favor de uma atuação que prepare tanto os integrantes da escola, quanto da família, em direção a uma maior capacidade de dar respostas aos desafios que impõe nossa sociedade.

Essa visão, certamente, contribui para que tenhamos uma maior clareza do que podemos fazer no enfrentamento das questões complexas apresentadas no cotidiano da escola.

Alarcão (2004) vê a escola como comunidade, que cumpre um papel missionário e em conjunto com a sociedade:

Comunidade em que participam vários actores sociais que nela desempenham papéis activos, embora diversificados. Comunidade que tem uma missão: educar. Missão que não é exclusiva da escola, mas também pertence à família, à municipalidade, e à sociedade em geral. (p. 81)

Ao falar da escola, os alunos deixaram claro que estão cansados do modelo que lhes é imposto e expressam que gostariam de vivenciar outras experiências que não têm nada de extraordinário:

(...) Eu vejo que tem alunos que não gostam de fazer nada, mas em algumas aulas eles prestam atenção, conversam menos, não fazem tanta bagunça. (Beatriz, Anexo VI, p. 187)

As salas de aula podiam ser maiores. As aulas podiam ser diferentes. Os professores também. Computadores pra gente usar durante as aulas, quem não quisesse podia ler. (Alexandre, Anexo VI, p. 187)

Beatriz adora a escola, mas também anseia por mudanças. Clara, na epígrafe, disse que os professores têm posturas muito diferentes e esse fato atrapalha o funcionamento da escola. Beatriz faz a mesma afirmação e com um agravante: avalia que alguns professores não sabem ensinar.

Adoro a escola. Acho que algumas coisas precisavam mudar. Por que alguns professores conseguem fazer tantas coisas diferentes e outros parecem que dão a mesma aula há 50 anos? As escolas deviam poder contratar professores melhores pra ensinar pra gente e aqueles que estão cansados ou que não sabem ensinar, deviam fazer outras coisas na escola (Beatriz, Anexo VI, p. 187)

Penin (1999, p.83) acredita que o fato de gostar de ir à escola pode ter, como motivo, além dos objetivos sociais gerais da escolarização, o gosto pelo que ali se realiza. O que se pratica na escola pode acontecer dentro e fora de uma sala de aula. No âmbito desta e no que

se refere aos conteúdos básicos do ensino na série, a manifestação da maioria das crianças evidencia a existência de um interesse mais extrínseco do que intrínseco ao saber trabalhado.

Nesse sentido, as falas de João e Ítalo representam o pensamento da autora:

Acho que a escola é um lugar legal pra amizade, pra gente ficar, pra aprender algumas coisas, mas é “um saco” ficar sentado o dia todo, copiando lição sem parar, não pode conversar, não pode levantar, não pode um monte de coisa. É muito chato, por isso que eu queria parar agora, mas como minha mãe não deixou... (João, Anexo VI, p. 188)

Às vezes a gente sente uma alegria de estar aqui, com pessoas legais, amigos e professores que eu acho que nunca vou esquecer. Mas tem vezes que é chato ter que ficar sentado, calado, copiando sem parar, e também sem entender. É mais ou menos. Se a gente pudesse ficar mais livre na escola, ia ser muito bom. (Ítalo, Anexo VI, p. 188)

Delors (2000) apresenta um desafio para a escola e seus professores:

Tendo assim perdido em grande parte a preeminência que tinham na educação, os professores e escola encontram-se confrontados com novas tarefas: fazer a escola um lugar mais atraente para os alunos e fornecer-lhes as chaves de uma compreensão verdadeira da sociedade da informação. (p.154)

Concordamos com Abdalla (2006), quando esta afirma que a escola é o espaço de ser e estar professor. É o lócus da formação do professor, em que estes constroem o sentido de sua profissão para reinventar instrumentos significativos de construção da realidade. A autora ainda afirma que os professores aprendem com a escola, que pode aprender com os docentes e nesse espaço de produção e reconceitualização da cultura escolar (p. 70).

Nesse sentido, o papel da cultura, na construção teórica de Vygotsky (1987, 1998), é bastante importante e é a essência de sua explicação sobre o funcionamento mental humano e a mediação semiótica nesse funcionamento. Para este autor, a cultura tem a ver com a existência concreta dos homens em processo sociais.

Quando a aluna Clara disse querer uma escola mais inteligente estava ansiando por mudanças. A aluna, que estuda para saber, deseja um melhor funcionamento da escola e que esta se transforme num espaço de socialização do conhecimento.

Reforçando essa idéia, Libâneo (2004a, p. 26) fala de uma nova escola que precisa ser repensada em face às novas mudanças na sociedade da informação. Para isso será preciso reconsiderar o fato de que a escola não é detentora absoluta do saber. O autor destaca, ainda, que além da família a educação ocorre em outros ambientes sociais e, por isso, sugere que a escola transforme-se num espaço de análises críticas e produção da informação, em que o conhecimento possibilita a atribuição de significados à informação.

Alexandre também quer uma escola diferente, em que possa aproveitar melhor o tempo e utilizar, da mesma forma, o conhecimento:

As salas de aula podiam ser maiores. As aulas podiam ser diferentes. Os professores também. Computadores pra gente usar durante as aulas, quem não quisesse podia ler. (Alexandre, Anexo VI, p. 187)

Esse anseio por mudanças remete a uma escola melhor, mas que só será construída com o apoio da comunidade escolar: diretores, professores, alunos e família juntos possibilitarão uma escola como a descrita por Teixeira (1994):

Ler, escrever, contar e desenhar serão por certo técnicas a ser ensinadas, mas como técnicas sociais, no seu contexto real, como habilidades, sem as quais não se pode viver. O programa da escola, será a própria vida da comunidade, com o seu trabalho, as suas tradições, as suas características devidamente selecionadas e harmonizadas. (p. 64)

Quando ansiamos por uma escola melhor, sabemos que os caminhos percorrem um processo educativo mais significativo, em que os papéis de professores e alunos sejam bem definidos e que ambos procurem construir um novo conhecimento.

2.3. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

(...) levou a gente para o pátio outro dia para ensinar geometria pelos azulejos. Gostei tanto que acho que nunca vou esquecer. A gente podia rir, conversar e aprender também.
(Fernanda, Anexo V 188)

Todo conhecimento opera por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos. Estas operações, que utilizam a lógica, são de fato comandadas por princípios “supra lógicos” de organização do pensamento ou paradigmas, princípios ocultos que governam a nossa visão das coisas e do mundo sem que disso tenhamos consciência.
(MORIN, 2001, p.14 e 15)

Nosso caminhar até a voz dos alunos teve como objetivo perceber se os professores, sujeitos de nossa investigação realizaram práticas pedagógicas que os conduzissem a uma aprendizagem com sentido para os estudantes. Esta categoria de análise foi criada com este objetivo e, nesta última unidade de sentido, procuraremos finalizar tal análise, acreditando que os alunos, como Fernanda, nos dêem indícios positivos nesta direção.

A aprendizagem significativa que buscamos é aquela que faça algum sentido para o aluno, para que ele aprenda e descubra os caminhos para isso. Discutimos, neste estudo, o conceito de mediação e apontamos o papel fundamental do professor neste processo.

Becker (2001), ao ressaltar a pedagogia relacional enquanto proposta que propicia ao aluno a ação e a problematização da sua ação mediada pelo professor, afirma que há duas condições necessárias para que algum conhecimento possa ser construído: que o aluno aja e que responda por si mesmo às perturbações provocadas pela assimilação do material. Para o autor, “o aluno já traz um saber que ele precisa, apenas, trazer à consciência, organizar, ou, ainda, recheiar de conteúdo” (p. 19).

Esses saberes que os alunos possuem advém da cultura de cada um e se socializam na escola. Quais são os saberes importantes para o aprendizado e a vivência de cada aluno? Como a escola trabalha esse aspecto? Qual o papel do professor? E o do aluno?

São questões já discutidas neste trabalho, mas enfatizaremos as respostas que se relacionam diretamente com a nossa questão inicial: de que maneira o professor, como mediador do conhecimento no processo educativo, tem se utilizado de práticas pedagógicas que conduzam os alunos a uma aprendizagem mais significativa?

Moreira (1985), considerando os estudos de David Ausubel, nos indica que a aquisição do conhecimento, por parte do aluno, é o principal aspecto a ser considerado em sala de aula, ou seja:

Para Ausubel, a aquisição, por parte do aluno, de um conhecimento claro, estável e organizado é mais do que o principal objetivo do ensino em sala de aula ou a principal variável dependente usada na avaliação da eficácia do ensino, uma vez adquirido, esse conhecimento passa a ser o principal fator a influenciar a aquisição de novos conhecimentos na mesma área. (p. 128)

Nesse sentido, Coll (2001, p. 141) acredita que a aprendizagem significativa é, por definição, uma aprendizagem globalizada, na medida em que supõe que o novo material de aprendizagem relaciona-se de forma substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aluno já sabe.

No entanto, durante a investigação, defrontamo-nos com situações complexas. Alguns alunos mostraram-se muito críticos com relação à escola e, principalmente, aos professores.

Esses alunos apresentam opiniões distintas dos seguintes que criticam posturas e atitudes dos docentes. Nesta perspectiva, Raths (1972, p.312) acredita que, quando os alunos estabelecem padrões para crítica, tornam-se conscientes de que não estão somente descobrindo erros, mas indicando o que é bom em alguma coisa, o que é mau em outra e o que pode ser aperfeiçoado. Para ele, quando os alunos podem criticar há oportunidade para que assumam um papel mais ativo em relação à sua aprendizagem.

São informações distintas que nos fazem refletir: alunos da mesma sala de aula, com os mesmos professores e apresentam pensamentos tão variados com relação ao aprendizado. Alexandre, por exemplo, vai à escola porque fez um acordo com o amigo para não faltarem e, como já está na escola, aproveita a oportunidade e estuda. Dessa forma, mostra que seu objetivo ao ir à escola não é estudar:

Gosto muito de vir para escola. Venho todo dia. Esse ano ainda não faltei. Eu fico apostando com o Thiago para ver quem vai faltar primeiro. Quem perder vai pagar um lanche para o outro e já que eu estou aqui eu estudo, não é? (Alexandre, Anexo VI, p.188)

Presenciamos algumas situações, no decorrer da pesquisa, que mostraram atitudes semelhantes em outros alunos. A escola não é atraente para alguns alunos e não desperta o sentido para o aprender. Já discutimos, aqui, a necessidade de repensar a escola como um espaço de construção de conhecimento. No entanto, tais mudanças não ocorrem instantaneamente. Demo (1999) revela que:

Não se inventa transformação social de qualquer maneira, nem educação provém de instrução apenas. Transformação social é resultado de uma estratégia complexa, avassaladora, mas que encontra na educação seu móvel principal, porque não buscamos apenas transformar, mas, sobretudo nos desenvolver em termos humanos. (p. 80)

O que percebemos é que para a formação do ser humano as diferenças são fundamentais. É, através dos confrontos apresentados, principalmente, na escola, que os

alunos se reúnem frente a realidades diferentes e, no conjunto de tantas opiniões, acabam por perceber significados para determinadas coisas que na individualidade de cada um poderiam ter sentidos diferentes.

Assim, Libâneo (2004a) vê que os resultados escolares estão relacionados às diferenças sociais, à situação pessoal, familiar e cultural e, também, com relação com os professores e esses fatores se sobrepõem à inteligência. E estas questões têm razões muito abrangentes que interferem na forma como os alunos aprendem. Quando os alunos expõem o que pensam e sentem com relação à postura dos professores estão deixando claro que tais atitudes interferem na sua forma de aprender.

Quando eu falei que o professor maltrata a gente, isso é chato, porque quem faz isso manda a gente ficar copiando textos enormes da lousa ou do caderno, fica mandando a gente fazer resumos e ficam sentados durante a aula toda. (Fernanda, Anexo VI, p.188)

Tem professor que é muito legal, conversa, dá um tempo para gente conversar entre a gente mesmo e não fica perturbando muito a gente. Mas tem professor que “fala sério”, é bem difícil de entender. (Vinícius, Anexo VI, p.188)

Não dá sossego, sempre gritando e enche muito a lousa. Tem dias que ela manda uma menina encher a lousa e fica sentada lendo. Se alguém levanta ou vira de lado, ela já começa a gritar. (Ítalo, Anexo VI, p.188)

(...) pensa que a gente está na escola só para ficar copiando, fazendo lição. Mas eu acho que a gente pode fazer isso na escola também, mas é bem mais legal quando o professor conversa, pergunta coisa para gente e, também, quando ele explica e conta piada, diverte a gente. (André, Anexo VI, p.188)

Um outro aspecto é destacado por Fagali (2001), quando alerta para o fato de que algumas dificuldades de aprendizagem, que são atribuídas aos alunos, podem ter relação com a utilização de estratégias por parte do professor, de maneira a atender às necessidades de somente uma parcela de alunos, diante das diferentes formas de aprender.

Fernanda usa um termo muito diferente com relação ao aprendizado: “depósito”. Como o professor pode *depositar* lição nesses alunos? A aluna resente a falta de atividades diferenciadas e, num tom irônico, utilizou o termo, que, para ela, foi ideal. Na seqüência,

outros alunos fazem tantos comentários sobre o que os tem perturbado na rotina da escola e diante de tantas críticas:

Tem muito professor que fica depositando um monte de lição na gente. (Fernanda, Anexo VI, p.189)

Aí, chega um e fala um monte sem parar, depois enche a lousa de coisa para gente copiar, dá o sinal, vem outro que faz a mesma coisa, depois, vem a outra que não deixa nem a gente abrir a boca, banheiro? Nem pensar, tem que ficar quieto e fazer a lição toda, mesmo sem entender. Como eu não entendo, copio dos outros. Aí, vem o legal: o recreio, todo mundo fica livre. (André, Anexo VI, p.189)

Tem coisas que eu aprendo que são muito chatas e eu não sei para que eu preciso saber. Os professores também não se esforçam muito, tem uns que são diferentes. (João, Anexo VI, p.189)

Tem muita coisa que a gente é obrigado a aprender e nem sabe para que serve. Para que aprender essas coisas? A gente termina a 8ª e tem analfabeto na sala. (Vinícius, Anexo VI, p.188)

Tal realidade não difere das muitas escolas brasileiras. É um problema que envolve uma complexidade de razões e este trabalho não teria condições de avaliá-las. Nosso objetivo principal era buscar indícios de que os alunos estivessem assimilando as informações apresentadas em sala de aula, dando sentido a elas e acreditamos que com alguns alunos isso foi possível, pois, nas entrevistas, obtivemos dados valiosos como as falas das alunas Fernanda e Clara:

(...) levou a gente para o pátio outro dia para ensinar geometria pelos azulejos. Gostei tanto que acho que nunca vou esquecer. A gente podia rir, conversar e aprender também. O Jorge, outro dia, tirou uma aula só para gente conversar. Falar sobre o que a gente está vivendo, as nossas dificuldades para conversar com os pais sobre alguns assuntos. (Fernanda, Anexo VI, p.188)

Tem dias que a gente não sai da sala e nem percebe porque a aula é interessante, divertida e a gente adora. (Clara, Anexo VI, p.189)

Esses alunos mostraram de formas distintas que têm interesse em aprender e, quando as situações têm significado para eles, fica mais fácil. Leontiev (1978, p.96) revela que: a significação é o reflexo da realidade independentemente da relação individual ou pessoal do homem a esta. O homem encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente, e apropria-se dele, tal como se apropria de um instrumento.

As falas dos alunos refletem o valor da aprendizagem para eles e, também, a importância do professor como elemento facilitador da aprendizagem:

(...) ela conhece muito a matéria e quando ela vai para lousa, a gente entende direitinho, só não entende quem é muito “burro”. (Clara, Anexo VI, p.189)

Os professores sempre me ajudam muito. Se não fosse por eles acho que não teria chegado até aqui. Não sou muito fácil para aprender. (João, Anexo VI, p.189)

Eu acho que quando o professor é legal, ele me ajuda mais, porque acaba me fazendo gostar mais da matéria dele. (Clara, Anexo VI, p.189)

A primeira coisa que me ajuda a gostar e a entender uma matéria é o professor. Esta escola tem alguns professores muito bons, mas alguns parecem que não sabem o que estão fazendo aqui e até tratam a gente mal. (Fernanda, Anexo VI, p. 189)

Essas observações reforçam a idéia de que o professor é, inevitavelmente, o responsável pelo direcionamento do ensino e da aprendizagem na sala de aula. As diferenças e oposições apresentadas pelos alunos só demonstram que não há formas de trabalhar de modo que todos sejam beneficiados o tempo todo. Por isso, ressaltamos a necessidade de estratégias diferentes para contemplar todos os alunos. Nesse sentido, pode ser que a prática docente seja pouco reflexiva, mas não é por isso que passa ilesa pela vida dos alunos, pois evidencia valores, sentimentos, reflexões e a vivência que cada um traz para o processo.

Ao observar a atuação desses sujeitos, percebemos que vivenciamos um momento de transição, em que o desejo de encontrar formas alternativas de construir o saber convive com a utilização de práticas utilizadas há muito tempo. Esse conflito de idéias permanece vivo nos professores e, talvez, ainda, persista por algum tempo.

Se os alunos têm aprendido, percebemos que sim. No entanto, os caminhos para a aprendizagem ainda são muito tortuosos e não queremos aqui deixar um discurso de que amanhã poderá ser um dia melhor. Acreditamos que o amanhã será melhor, se começarmos a modificá-lo hoje. Refletindo sobre o sentido que professores e alunos podem dar ao que fazem, cotidianamente, teremos a consciência necessária para essa mudança imediata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função este processo é, portanto, um processo de educação.
(LEONTIEV, 1978, p. 290)

Quando iniciei este trabalho possuía várias incertezas, mas uma única convicção: não faria uma pesquisa sobre uma escola falida, não falaria de faltas, nem de carências, de erros e desencontros. Ao destacar o papel do professor no processo pedagógico não iria criticar o seu trabalho, nem responsabilizá-lo pelas mazelas encontradas na escola, nem procurar desmascarar seus inevitáveis problemas e desacertos.

Apesar de não apresentar tal intenção, não pude fugir de situações que apontassem alguns aspectos negativos no cotidiano da escola, bem como do trabalho docente. Tais situações ocorrem em todas as escolas do mundo, porque o trabalho pedagógico é realizado por seres humanos, portanto, passível de erros e acertos, encontros e desencontros.

Professores e alunos realizam suas tarefas diárias com dificuldades pertinentes ao processo e, apesar das adversidades, procuram seguir em frente, alguns mais convictos, outros mais resignados. De qualquer forma, vivem um momento em que alunos têm mais liberdade para participar, discutir, opinar e se envolver, ou não, com o processo educativo.

Ambos estão vivendo na prática as conseqüências de tal liberdade e, por conta disso, também vivenciam novas posturas e práticas que resultam em novas formas de aprender, pensar, refletir e expressar seus sentimentos, desejos, de modo que trazem para a aula sua realidade, formando assim a cultura escolar.

Do diálogo com os autores, busquei encontrar e perceber o sentido que o professor dá ao ensinar e que o aluno dá ao aprender, e percebi que esses sentidos se entrecruzam. O professor dá um sentido mágico ao ato de ensinar os conteúdos de sua disciplina; o aluno, por sua vez, dá um sentido prático, para seu futuro, para ter sucesso na vida.

Com Vygotsky (1987, 1998), compreendi que a aprendizagem é um processo mediado pela ação do outro. Os alunos, no momento em que aprendem, percebem também as formas distintas de se relacionar com esse saber, que se agrega ao conhecimento que ele já possui.

A partir das análises do material referente às aulas, posso afirmar que, apesar de todas as dificuldades presentes no cotidiano da escola, a aula se faz como um espaço para a construção do conhecimento, de um saber especialmente delineado por oferecer aos alunos a possibilidade de buscar as informações. Até mesmo as questões negativas que pude absorver refletem a mesma possibilidade de aprendizado, oportunidade esta, possivelmente maior, porque sei que o erro também ensina.

Ouvir depoimentos tão ricos como: *estudo para saber; adoro a escola; acho que a escola deveria ser mais inteligente*. E, também: *adoro o que faço de verdade; estou buscando ser um professor melhor; eu acho que a chave do processo ensino-aprendizagem é manter o*

aluno interessado na tua aula, nos mostram as possibilidades de riqueza que o processo educativo ainda pode produzir.

E, a partir dessas falas, posso afirmar que este estudo possibilitou o alcance de algumas respostas sobre o papel do professor no processo pedagógico.

Procurei apresentar, desde o início da pesquisa, como professores e alunos se relacionam entre si e com o conhecimento: o que tem profunda relação com a forma de aprender. A maneira de se relacionar com o conhecimento é muito particular e tal relação é intensamente influenciada pela escola e pela forma como ele é apresentado.

Quando penso em conhecimento como um produto, algo pronto, finalizado e já elaborado, sei que terei uma postura respeitosa diante dele. No entanto, quando o vejo como um processo, que busca um resultado final de professores e alunos, em suas relações sociais, penso como algo que deve ser realmente socializado e conquistado por todos para atingir seu real valor, e não como um presente que poderá ser apenas apresentado e observado.

Compreendi que o conceito de *mediação*, elaborado por Vygotsky (1987,1998), refere-se aos sistemas de signos e ao papel que estes desempenham nas relações dos homens com o seu contexto social. Vi que os seres humanos criam continuamente instrumentos e sistemas de signos, que lhes permitem conhecer e transformar o mundo, ao mesmo tempo em que estes os transformam, conduzindo ao desenvolvimento de novas funções psíquicas.

Busquei o conceito de *professor mediador* e percebi que tal professor tem o conceito do que é ser um bom professor, gosta do seu trabalho e de si mesmo. Tem um conceito positivo de si e de seu trabalho, sentindo-se realizado por ser professor. Busca as possibilidades de fazer boas coisas diante da adversidade, em vez de procurar excelentes razões para se desculpar por não fazê-las.

Esse professor mediador não está delineado em livros e teorias. Ele existe e, talvez, viva alheio a teorias como as de Vygotsky (1987,1998) e de seus colaboradores. Em sua

rotina, trabalha, muitas vezes, de forma intuitiva e sabe, através de sua experiência, de que formas tentar conduzir seus alunos à aprendizagem.

Sei que esse professor, que vive em meio às relações entre ensinar e aprender, possui uma outra série de saberes (os da experiência, por exemplo) e, com ele, aprendi muito. Esse aprendizado aliado ao que descobri com os teóricos com quem dialoguei fez-me perceber que o papel de mediador do conhecimento é fruto de um trabalho sério e constante.

A partir das respostas que obtive nesta pesquisa outras vêm se formulando. Uma delas diz respeito à possibilidade de, a partir das questões, aqui apontadas, investigar a delicada questão da motivação, fato que acabou não sendo tão contemplado neste trabalho. Por outro lado, senti falta, também, de um registro que centrasse mais a figura do aluno, principalmente na interação com outros alunos.

Acredito, também, que há grande necessidade de se repensar os cursos de formação em relação a novas formas de trabalhar em novos tempos na escola, bem como, de apresentar aos docentes tais práticas, sem a tentativa de desqualificar o que já vem sendo feito. Nesta perspectiva, os resultados obtidos na pesquisa com os professores, também, sinalizaram a falta de conhecimento teórico sobre técnicas diferenciadas de abordagem e práticas de ensino voltadas para a aprendizagem.

A compreensão que o professor tem do aluno e do que deve realizar com ele tem muitas implicações para o seu trabalho. Percebo que seu papel desdobra-se em muitas funções que devem ser descobertas e assumidas conforme o desenvolvimento do aluno. O professor é o organizador do ambiente social, conforme escreveu Vygotsky (1987,1988), e, é por isso, que o autor enfatiza a posição do aluno como aquele que dirige o seu próprio processo de aprendizagem.

Assumir-se como professor requer a clareza de muitos aspectos constituintes da missão a ser realizada. É preciso, sim, ter metas e objetivos, saber sobre o que se vai ensinar,

mas não se pode perder de vista, um segundo sequer, para quem se está ensinando e é disso que decorre o *como* realizar. Rios (2006, p.30) disse-me o quanto foi significativo o exercício do aprender ao ensinar, e perceber, aí, o propósito de ensino e aprendizagem, de educação continuada, de educação à distância, de educação no sentido mais amplo que o conceito guarda.

Combinar isso exige compromisso e responsabilidade com o aluno, o que permite avançar em amplas possibilidades da compreensão do ser humano no processo de ensinar e aprender.

Certamente, observei, também, alguns desafios em momentos de aplicação de dinâmicas voltadas à interação com os alunos, buscando-se criar situações de ensino e de aprendizagem favoráveis e de alguns limites à mudança e incorporação de estratégias diferenciadas. Os docentes apontaram vários exemplos, como: cronograma de trabalho, número de alunos por turma, falta de autonomia do professor diante da postura enrijecida da escola, entre outros fatores.

Observei que apesar do excesso de aulas expositivas, os professores começam a mesclar seus fazeres e, muitas vezes, utilizam-se de estratégias diferentes intervindo de acordo com as necessidades dos alunos. Alguns procuram evitar o uso incisivo de algum recurso, porque observam que, na prática, os resultados são insatisfatórios.

Embora presentes, esses e outros tantos desafios não podem ser vistos como obstáculos que venham enrijecer, também, o professor, limitando seu fazer. O professor como mediador tem, em suas mãos e na realidade que o envolve, possibilidades de qualificação da ação pedagógica, mesmo que assuma, de certa maneira, um papel secundário em relação ao aluno, sabe que não é menos importante.

A partir de seu desempenho, o professor assume o lugar que lhe compete, podendo contribuir significativamente através da troca com o outro. Os mesmos professores que nas

entrevistas afirmaram levar em consideração a realidade e, principalmente, as dificuldades dos alunos, reconheceram que isto não ocorre de maneira geral com seus colegas de profissão e muitos ressentiram o fato de não haver coleguismo em algumas situações.

Quanto aos alunos, percebemos que sua realidade é bastante adversa e que eles não sabem lidar com os conflitos que ocorrem em sala. Criticam duramente seus professores e suas atitudes, em algumas situações provocam o conflito. No entanto, alguns alunos fogem desse perfil e, buscam, na escola, a possibilidade de mudança: de obtenção de sucesso profissional, muitas vezes para sensibilizar a família, elemento fundamental em sua formação e revelado na pesquisa como alicerce.

Concluído este trabalho, ao retomar o capítulo sobre as relações entre ensinar e aprender, percebo a diversidade e as possibilidades de olhares para os sujeitos do processo educativo, de acordo com a ótica dos diferentes autores com quem dialoguei. Aprofundar-me em alguns aspectos referentes a tantos conceitos e conseguir articular estes saberes com a prática é um sonho, que espero, não ser utópico.

Nesta direção, este trabalho aponta algumas proposições que sinalizam aspectos importantes para se alcançar caminhos possíveis, que valorizem as relações entre ensinar e aprender, para a construção de uma aprendizagem mais significativa:

- implementação de políticas públicas de formação de professores que priorizem estratégias e práticas docentes, permitindo o desenvolvimento profissional, a vivência de formas diferenciadas de reconstrução dos saberes e a articulação destes aspectos com a valorização de uma aprendizagem mais significativa;
- incentivo à organização da escola como contexto da ação e da formação de professores, propiciando momentos de produção de conhecimento e de interação entre os docentes, bem como, entre estes e seus alunos, que

produzem, dessa forma, a cultura escolar. Essa organização se estrutura, no sentido de procurar, por meio dessa interação, os caminhos para o aprendizado dos alunos;

- reconhecimento da sala de aula como espaço para o professor desenvolver seu papel de mediador das condições cognitivas e afetivas dos alunos, possibilitando que estes atribuam sentido ao que descobrem nas relações entre o ensinar e o aprender, promovendo, assim, a reflexão e o aprendizado desses educandos;
- analisar a aplicação de estratégias de ensino e aprendizagem, que visem à construção do conhecimento, considerando a realidade de cada aluno, de cada professor e de cada escola. Diversificando as atividades e as técnicas de abordagem e procurando acompanhar os resultados dessas intervenções.

Nossos mestres mostraram que estão procurando caminhos para a aprendizagem de seus alunos, afinal, esse é o ideal da educação. A atuação dos professores, sujeitos desta pesquisa, envolve sua luta e crença nas mudanças necessárias para uma educação melhor para seus alunos e esse processo acaba por projetar-se num percurso de reconstrução, que visa a uma nova dinâmica de atuação.

Definir o papel do professor nesse processo é tarefa difícil. Esse profissional tem percebido o momento em que vive e tem buscado caminhos para seu desempenho. Precisa, agora, buscar uma compreensão mais estruturada das diferenças existentes entre seus alunos, respeitando o tempo de cada um e proporcionando, a cada dia, espaços de troca, de reflexão e de diálogo.

Finalizo este percurso traduzindo esta pesquisa não como um ponto final, mas o registro de um caminho percorrido, que, certamente, procurará outras indagações que movimentarão, animarão e conduzirão esta professora, hoje, pesquisadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Maria de Fátima B. *Sobre o conhecimento profissional: maneiras de ser e estar na profissão*. Goiânia: Anais do 11º Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino/ ENDIPE, 2002 (CD ROM).

_____. *O senso prático de ser e estar na profissão*. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Questões da Nossa Época; v.128).

_____. O senso de ser e estar na profissão: das necessidades da prática. In: MARIN, A. J. SILVA, A. M. M. ; SOUZA, M. I. M. (orgs). *Situações didáticas*. Araraquara: JM Editora, 2003, p.71-97.

ABREU, Cláudia B. de M. e LANDINI, Sônica R Trabalho docente: a dinâmica entre formação, profissionalização e proletarização na constituição da identidade. *Revista Quaestio*, ano 5, nº 1, maio de 2003, p. 17-25.

ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos numa escola reflexiva. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época, 103).

ALMEIDA, Ana Rita Silva. A emoção em sala de aula. Campinas: Papirus, 1999.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo. *Etnografia da Prática Escolar*. 5ª ed. São Paulo: Papirus, 1999.

AQUINO, Julio Groppa. *Relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional*. São Paulo: Summus, 1996.

ASSMANN, Hugo. *Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática*. 3ª ed. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2001.

BECKER, Fernando. *Educação e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BITTENCOURT, Marcos R. *Formação de Professores Fisioterapeutas: saberes e práticas docentes*. Dissertação de Mestrado. Santos, Universidade Católica de Santos, 2005.

BOGDAN, Robert, BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BORDENAVE, Juan D. E; PEREIRA, Adair Martins. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BZUNECK, J. A. A motivação dos alunos: Aspectos Introdutórios. *In: BORUCHOVITCH, E. & BZUNECK, J. A. (orgs) A motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis, Vozes, 2001.

CANDAU, Vera Maria. *Formação continuada de professores: tendências atuais*. In Reali, M de M.R. e Mizukami, M.G. (orgs). *A Formação de Professores: Tendências atuais*. São Carlos: Edufscar, 1996, p. 139-153.

_____. *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender*. 2ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. Bernard. *Relação com o saber, Formação dos Professores e Globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CUNHA, Maria Isabel da. *O Bom Professor e Sua Prática*. 16ª ed. Campinas: Papirus, 1989.

_____. A construção do conhecimento na prática pedagógica do professor do ensino superior. In: MARIN, A. J. SILVA, A. M. M.; SOUZA, M. I. M. (orgs). *Situações didáticas*. Araraquara: JM Editora, 2003, p.47-70.

COLL, César Salvador. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

COLL, César et. al. *O construtivismo na sala de aula*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001. (Série Fundamentos)

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In Dayrell, J, (org) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 136-161.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, Pedro. *Educação e desenvolvimento: mito e realidade de uma relação possível e fantasiosa*. Campinas: Papirus, 1999.

_____. *Educação e qualidade*. 7ª. ed. Campinas: Papirus, 2002.

DIAS, Maria Luiza. *Vivendo em Família: relações de afeto e conflito*. 9. ed. Sao Paulo: Moderna, 1992.

FAGALI, Eloísa Quadros. *Múltiplas faces do aprender: novos paradigmas da pós-modernidade*. São Paulo: Editoras Unidas, 2001.

FERREIRA, Aurélio B.H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S/A, 1988.

FONTANA, Roseli Ap. Cação. *Mediação Pedagógica na sala de aula*. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

FRANCO, Maria Laura P.B. *Análise do Conteúdo*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. (Série Pesquisa n°. 6).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. *A boniteza de um sonho ensinar e aprender com sentido*. São Paulo: Grubhas, 2003.

GATTI, Bernardete A. *A construção da pesquisa em Educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2002. (Série Pesquisa em Educação, v. 1).

GIDDENS, Anthony. *Novas regras do método sociológico: uma crítica positiva às sociologias interpretativas*. 2ª. ed. Lisboa: Gradiva, 1996.

HADJI, Charles. *Pensar e agir a educação: da inteligência do desenvolvimento ao desenvolvimento da inteligência*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HUBERMAN, A. M. *Como se realizam as mudanças em educação*. Subsídios para o estudo do problema da inovação. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

JOSSO, Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

KALOUSTIAN, Silvio M. UNICEF. *Família brasileira: a base de tudo*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

KUETHE, James L. *O processo ensino-aprendizagem*. 3ª ed. Porto Alegre. Editora Globo. 1978.

LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: LIVROS HORIZONTE, 1978.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Magistério. Ensino Médio. Série Formação do Professor).

_____. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia. Editora Alternativa, 2001.

_____. *Adeus Professor, Adeus Professora?* Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2004a (Coleção Questões da Nossa Época; v.67).

_____. Os desafios da escola e da didática atual e a contribuição da Teoria Histórico-social da Atividade. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender. *Revista Brasileira de Educação* n°. 5, setembro, outubro e novembro de 2004b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01.pdf>. Acesso em Setembro/2006.

LOCH, Valdeci, Valentim. *Jeito de construir: o construtivismo e o processo de aprendizagem*. Curitiba. Renascer, 1995.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. *A pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, Alexander Romnovich. *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. 3ª ed. São Paulo: Ícone, 1990.

MACEDO, Lino de. *Quatro Cores, senha e dominó: oficinas de jogos em uma perspectiva construtivista e psicopedagógica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MALDONADO, Maria Tereza. *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

MARQUESIM, Dejanira F. *A construção do ser professor e a capacitação docente*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

MASETTO, M. T. *Mediação Pedagógica e o Uso da Tecnologia*. In: Moran, J.M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2000, p.133-172.

MEIRIEU, Philippe. *Aprender, sim... mas, como?* 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MENDES, Maria Celeste de Jesus. *Práticas Significativas de professoras bem-sucedidas. A voz do aluno do Ensino Médio*. Dissertação de Mestrado. Santos: Universidade Católica de Santos, 2006.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986. (Temas Básicos de Educação e Ensino)

MOLINA, Victor B. *Educação, evolução e individuação: aproximações a uma indagação sobre os sentidos da educação*. *Revista Prelac*, s/d. Disponível em <http://unesco.cl/médios/biblioteca/documentos/> Acesso em janeiro 2007.

MORALES, Pedro, *A relação professor-aluno: como é como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. 10ªed. Campinas: Papirus, 2004. (Coleção Práxis)

MOREIRA, Marco A. *Aprendizagem: perspectivas teóricas*. Rio Grande do Sul: UNIVERSIDADE, 1985.

MOREIRA, M. A; MASINI, E. F. S. *Aprendizagem Significativa: a Teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 3ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MOYSÉS, Lúcia. *O desafio de saber ensinar*. Campinas: Papirus, 1994.

NÓVOA, Antônio et al. *Profissão professor*. Coleção Ciências da Educação. 2ª ed. Porto/Portugal: Editora Porto, 1995.

_____. Nóvoa. *Formação de professores*. In. SERBINO, R. V. (Org.). São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998, P. 19-39.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento*. Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e CHADWICK, Clifton. *Aprender e ensinar*. São Paulo: Global, 2001.

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. *A aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura*. 4ª ed. Campinas: Papirus, 1999. (Magistério: formação e trabalho pedagógico).

PÉREZ GÓMEZ A. I. Função e Formação do Professor/a no Ensino para a Compreensão: diferentes perspectivas. In: SACRISTAN, J. G; PÉREZ GÓMEZ, A I. *Compreender e transformar o ensino*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p.352-379

PERRENOUD, Philippe. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Portugal: Porto, 1995.

PIMENTA, Selma G. e GHEDIN, Evandro (orgs.) *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PIMENTEL, Maria da Glória. *O professor em construção*. 4.ed. Campinas: Papyrus, 1998.

POSTIC, Marcel. *Para uma estratégia pedagógica do sucesso escolar*. Porto: Porto Editora, 1995.

POZO, Juan Ignacio. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto: Artes Médicas, 2002.

RATHS, Louis E. *Ensinar a pensar: teoria e aplicação*. São Paulo: HERDER/USP, 1972.

RIOS, Terezinha A. *Compreender e Ensinar: Por uma decência da melhor qualidade*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ROGERS, Carl R. *Liberdade para aprender*. 4ªed. Belo Horizonte: INTERLIVROS, 1978.

SACRISTAN, J. PÉREZ GÓMES. A I. *Compreender e transformar o ensino*. 4ª ed. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa, Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 8ª ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 2003.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho D'Água. 2002.

SILVA, Cláudia M. C. *Novas Tecnologias na Educação: o professor como mediador no processo educativo*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

SOUZA, Regina A. M. *A mediação pedagógica da professora: o erro na sala de aula*. Tese de Doutorado. Campinas. Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SMOLKA, Ana Luiza; GOES, Maria Cecília R. De (orgs.) *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. 8ª ed. Campinas: Papyrus, 2001. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico)

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. *Revista Brasileira de Educação* n° 13, p. 5-24, Jan./Fev./Mar./Abr. 2000.

TARDIF, M e LESSARD, Claude. *O Trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes, 2005.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1994

VIANNA, Heraldo Marelim. *Pesquisa em Educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003. (Série Pesquisa em Educação n°. 5).

VYGOTSKY, Lev. Semenivitch. *Pensamento e Linguagem*. Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

_____. LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. Maria da Penha Villalobos. 2ª ed. São Paulo: Ícone, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. *A Formação Social da Mente*. 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1998.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre. Artmed, 1998.

ANEXOS

**ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____

_____ declaro estar devidamente esclarecido (a) e concordo em participar do estudo cujo título é: *As relações entre o ensinar e o aprender: o professor como mediador no processo ensino-aprendizagem*. Estudo realizado por Mônica Ribeiro Falcão de Oliveira, mestranda em Educação pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Serei entrevistado (a) pela pesquisadora e concedo as informações prestadas para o uso que se fizer necessário.

assinatura do professor entrevistado

ANEXO II – TERMO DE AUTORIZAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____
_____ responsável por
_____ declaro estar devidamente esclarecido (a) e autorizo meu (a) filho (a) a participar do estudo cujo título é: *As relações entre o ensinar e o aprender: o professor como mediador no processo ensino-aprendizagem*. Estudo realizado por Mônica Ribeiro Falcão de Oliveira, mestranda em Educação pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Seu filho (a) será entrevistado (a) pela pesquisadora e concederá as informações prestadas para o uso que se fizer necessário.

assinatura do responsável

**ANEXO III – ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-
ESTRUTURADAS COM OS PROFESSORES**

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS PARA PROFESSORES

Este roteiro de perguntas, parte integrante desta pesquisa para a conclusão do Mestrado em Educação, a qual trata do papel do professor nas relações de ensino e aprendizagem, é um instrumento que nos possibilita atingir a fala dos professores da investigação. Todos os dados coletados foram utilizados apenas com essa finalidade, preservando, assim, a identidade dos entrevistados.

As entrevistas compreenderam assuntos diversos que, a nosso ver, apresentaram relevância ao nosso tema. Este roteiro serviu como guia para a realização das entrevistas, no entanto, em função das respostas dos entrevistados, foram feitas questões adicionais. Os temas abordados nas entrevistas foram: Identidade e Realização Profissional, Práticas Pedagógicas, Formação Inicial e Continuada, Relações interpessoais, Dificuldades, Planejamento e Avaliação, Sentido do Ofício.

DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Idade:

Tempo no Magistério:

Disciplina:

Formação Acadêmica:

Pós – Graduação *lato sensu*:

Pós – Graduação *stricto sensu*:

ROTEIRO DE QUESTÕES PARA OS PROFESSORES:

- Após os anos de experiência, como você se vê hoje em relação a sua escolha?
- Como você vê a sua prática diária em sala de aula?

- A sua prática tem relação com algum curso de formação ou foi desenvolvida no cotidiano? De que forma?
- Acredita que consegue, através de sua prática, interagir alunos e conhecimento? Como?
- Falando sobre a relação professor e aluno, você poderia citar quais as situações que envolvem as relações profissionais mais encontradas no exercício do Magistério?
- Como vê a escola hoje em meio a tantas mudanças sociais e políticas que afetam diretamente a Educação?
- De que forma você acredita que contribui para a formação dos alunos?
- Como escolhe o que ensina em sua disciplina?
- Como avalia seus alunos?
- O que é ser professor para você?

ANEXO IV - ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS COM OS ALUNOS

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS PARA OS ALUNOS

Este roteiro de perguntas direcionadas aos alunos é parte integrante deste estudo para a conclusão do Mestrado em Educação, o qual trata do papel do professor nas relações de ensino e aprendizagem. Sendo, ainda um instrumento que nos possibilita compreender a fala desses sujeitos da investigação. Tivemos os cuidados de ao coletar os dados preservar a identidade dos entrevistados.

As entrevistas objetivaram a compreensão de assuntos, para nós, pertinentes e relevantes ao nosso tema. Este roteiro serviu como guia para a realização das entrevistas, no entanto, em função das respostas dos entrevistados, foram feitas questões adicionais. Os temas abordados nas entrevistas foram: Identidade, O Papel do Professor na Aprendizagem, As Necessidade e Dificuldades, O Sentido do Estudar, A Importância da Família, a Escola, O Bom Professor, As Expectativas para o Futuro.

DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Idade:

Tempo de estudo na escola:

ROTEIRO DE QUESTÕES PARA OS ALUNOS:

- Até que ponto o trabalho de um professor auxilia em seu aprendizado?
- Como você avalia o trabalho de um professor em sala de aula?
- Qual o sentido de estudar para você? Você estuda para quê?

- Qual a formação de seus pais? Que influência você recebe em casa quanto ao estudo e à escolha profissional?
- O que você pensa sobre a escola?
- Você tem bons professores? Através de que elementos você pode avaliar e considerar um bom professor?
- Ao final de um ciclo importante em sua vida (a conclusão do Ensino Fundamental), o que você aprendeu na escola? Quais são as suas expectativas para o Ensino Médio?

ANEXO V – QUADROS DE CATEGORIAS DE ANÁLISE

QUADRO I - MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

<p>MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA (categoria de análise)</p>
<p>MOTIVAÇÃO (unidade de sentido)</p>
<p>(...) sei que em algum momento da vida, como eu, vão encontrar a motivação que precisam. (Prof. Jorge)</p> <p>Agora tenho me preocupado mais com a realidade dos alunos. Acho que os conteúdos para serem aprendidos precisam ter utilidade para eles. Então vamos ao supermercado, com uma lista de cesta básica, pesquisamos preços, fazemos cálculos, e assim tornamos o ensino mais agradável. (Profª Ana)</p> <p>Minha prática é voltada para a realidade que enfrento na escola. Se a escola tem infra-estrutura, uso <i>datashow</i>, <i>power point</i> e o que for preciso. Mas se não tenho livros suficientes para todos, o que fazer? Improvisar, não? Aqui, faço assim, mas não fico só nisso. Eles fazem bastante resumo, trabalhos cartográficos, leitura e interpretação de texto, eu acho que não é só responsabilidade do professor de Português. Quando tenho tempo, elaboro palavras cruzadas e também trabalho com jornais. Procuo diversificar bastante para que eles tenham acesso a vários tipos de informação e, também, a várias maneiras de aprender. Minha prática se resume a ficar inventando atividades diárias e bem diversificadas. (Profª Dora)</p> <p>Acho que esse é o objetivo de todo o professor. Quero que meu aluno entenda, me pergunte, converse comigo e participe das aulas com interesse e com vontade de aprender. Não é sempre que isso ocorre, é claro. Mas quando isso acontece me sinto bem, tenho a sensação de dever cumprido. (Profª Dora)</p> <p>Sei que preciso, antes de abrir a boca, conquistar os alunos. Acho que assim fica mais fácil para</p>

eles se aproximarem de mim e também da minha matéria. O professor que coloca uma barreira entre ele e os alunos hoje sofre mais, na época em que estudei era assim e preciso te dizer que era a muito chato. Tem gente que fala que aprendia mais, aprendia nada! Era obrigado a ficar decorando e morrendo de medo do dia da avaliação. Hoje acho bem melhor. Os alunos sabem o que estão fazendo, têm liberdade de perguntar, discordar, participar. Isso que é legal. (Prof. Jorge)

Depois que incluí atividades assim no cotidiano, senti que tudo ficou melhor. A relação entre a gente ficou mais agradável e o fato de levar as classes para fora da escola também faz bastante diferença. Continuei a ser a mesma professora exigente, mas consegui aproximar os alunos de mim. (Profª Ana)

Eu acho que a chave do processo de ensino-aprendizagem está aí: manter o aluno interessado na tua aula. É por isso que tenho me surpreendido fazendo pequenos acertos no planejamento quando isso ocorre. Uma das formas eu já te falei, fazer atividades diferenciadas. (Profª Helena)

Procuro fazer com que isso ocorra diariamente. Mas acho que os alunos são as pessoas mais indicadas para responder a esta questão. Eles podem até falar professora X é chata, professora Y pega no meu pé, mas sei que lá no fundo eles gostam de mim e de certa forma farei uma diferença na vida escolar deles. Cabe ao professor enxergar a medida da sua relação com os alunos para estabelecer canais para que eles aprendam. Para isso, o professor precisa se colocar no lugar do aluno, ver se gostaria de ser tratado de tal forma, respeitar as necessidades e dificuldades de cada um se tal conteúdo é tão fundamental para a vida deles. Então é um trabalho de formiguinha e grande parte do trabalho do professor é voltada para a motivação, para despertar no aluno a vontade de aprender e quando isso não é possível, a consciência para não atrapalhar os que querem. (Profª Ana)

Os alunos sabem o que estão fazendo, têm liberdade de perguntar, discordar, participar. Isso que é legal. (Prof. Jorge)

Quero que meu aluno entenda, me pergunte, converse comigo e participe das aulas com interesse e com vontade de aprender. Não é sempre que isso ocorre, é claro. (Profª Dora)

ATIVIDADE/AÇÃO DOCENTE (unidade de sentido)

Com o passar do tempo deixei de ser uma professora teórica para utilizar outras técnicas de trabalho que têm sido bem legais. Sempre que ensino eu penso em motivar, assim não passo mais os 50 minutos explicando teorias sem fim. Utilizo 15, no máximo 20 minutos com explicações e, depois, deixo que se reúnam em duplas ou trios e eles começam a trabalhar e a discutir o que expliquei, vou andando pela sala conversando com os grupos e tentando ajudar. (Profª Ana)

Respeito as limitações de todos porque sei que nem todos têm as mesmas habilidades. Vejo de que maneira participam das aulas, se num dia em que converso mais, tem um tipo de participação, se no dia da prática, o cara tem pelo menos boa vontade. E vou fazendo assim. Fico doido da vida quando um aluno diz que a minha disciplina não reprova, que não preciso fazer prova que no final do ano fica tudo certo. (Prof. Jorge)

A perda de valores, do respeito, da compreensão, tudo isso está aqui. E nós não estamos sabendo lidar com o problema. Não falo só de mim não. A conversa na sala dos professores é essa. Como fazer? A gente tem visto colegas mudando de profissão, resolvendo aposentar pela

proporcional. Literalmente fugindo da sala de aula. Está um campo de batalhas mesmo. Esta escola ainda tem alunos diferenciados e ainda conseguimos trabalhar um pouco melhor, mas a nossa realidade está bem difícil. (Prof. Hélio)

Nunca abri mão da lousa e do giz, não sei se conseguiria trabalhar de outra forma. O que mudou com o tempo é que agora a lousa e o giz são utilizados para explicar a teoria, na hora da prática modifico tudo, o que tem melhorado bastante o ensino em minhas aulas. (Profª. Ana)

Comecei a lecionar imaginando que seria só passar para eles o que eu sabia e eles aprenderiam rapidamente os assuntos da mesma forma que eu, ou do jeito que meus alunos particulares aprendiam. Foi com surpresa que percebia meus alunos com dificuldades e fui trabalhando essas dificuldades ao longo da vida e, hoje, posso dizer que não é o professor que ensina, os alunos é que aprendem. O professor explica e facilita do seu jeito, para que o aluno entenda, mas se não houver boa vontade, não haverá milagres, ainda mais em Matemática. Então depende muito mais do interesse do aluno, da sua vontade do que da minha aula maravilhosa. (Profª Ana)

Procuro diversificar bastante para que eles tenham acesso a vários tipos de informação e, também, a várias maneiras de aprender. Minha prática se resume a ficar inventando atividades diárias bem diversificadas. (Profª. Dora)

Procuro fazer das dificuldades motivo de vitória e, também, para mostrar a todos, inclusive aos alunos, que somos capazes de superar problemas e obter sucesso em nossas empreitadas. Dos cursos de formação que faço, procuro usar tudo e sei que, quando um curso acaba, minha forma de trabalhar também muda; quanto mais interessante for o curso, mais atividades eu vou tirar dele e aí vou usando, recriando, inventando até cansar. Os alunos vão respondendo em sala de aula, quando fazem as atividades com mais atenção e quando participam mais das aulas. (Profª. Dora)

Acho que o que tenho buscado na rotina diária é justamente isso. Outro dia, estava dando uma aula sobre Colocação Pronominal e fiquei me perguntando por que o aluno deveria aprender o que é uma Mesóclise? Quantas vezes na vida dele a Mesóclise fará alguma diferença? No Vestibular? Será? E aí parei um pouco, expliquei superficialmente o assunto e não voltei mais nele. (Profª. Helena)

(...) uma das formas eu já te falei, fazer atividades diferenciadas. (Profª Helena)

Depois que incluí atividades assim no cotidiano, senti que tudo ficou melhor (...) (Profª Ana)

(...) quando eles estão mais dispostos, dou atividades e espero o suficiente para que pensem sobre o que estão lendo. (Profª Dora)

Então, o que sempre procuro fazer é orientar os alunos para que procurem ocupar o seu tempo na escola. Se eles têm de frequentar a escola, que tirem proveito disso, que o nosso compromisso é transformar o mundo de forma positiva e, muitas vezes, fico conversando com eles por duas, três aulas e eles acham que estou “matando” aula, quando na verdade estou ganhando alunos mais motivados, ou pelo menos mais conscientizados. Modificar a mentalidade dos alunos também faz parte de minhas funções e a partir do momento em que comecei a fazer isso, minhas aulas ficaram muito melhores. (Profª. Ana)

Penso, também, no quanto aquele assunto poderá ser útil em sua vida e me esforço para mostrar que para minha serviu de alguma forma. Se o aluno não vê utilidade naquilo acho que perde o interesse. Eu lido com uma matéria que consegue atrair mais os alunos, mas não é por isso que relaxo, não. A prática de esportes é fundamentada na rotina, no respeito, na disciplina. Em minhas aulas, eles fazem de tudo, apesar da falta de material específico para a prática de alguns esportes. (Prof. Jorge)

RELAÇÃO ENTRE ENSINAR E APRENDER (unidade de sentido)

Uma grande parte da tarefa do professor é buscar o aluno na sua dificuldade e trazer para a sua aula. Sei que em algum momento da vida, como eu, vão encontrar a motivação de que precisam. Acho que a função do professor é justamente fazer a diferença, não se acomodar diante das dificuldades, encarar tudo porque acredita num sonho. Cada um tem o seu, mas acho que todos pensam no bem-estar dos alunos. Trabalhamos por eles, para que tenham possibilidades de trabalho, de convivência melhor com a família ou com os amigos. (Prof. Jorge)

Eles riram com os nomes, espero que tenham entendido a explicação e pensei naquela hora do planejamento, quando incluí o tema com a maior segurança pensando na importância daquela matéria e a necessidade de que eles a aprendessem. Às vezes, me pego fazendo coisas assim, mas é justamente para não distanciar os alunos de mim e do conhecimento. (Profª Helena)

Então, lógico que me preocupo com a formação dos alunos. A contribuição que procuro dar é apresentar textos atuais que possibilitem a discussão, a reflexão e procuro conversar sempre com eles sobre tudo. Quando eles estão mais dispostos, dou atividades e espero o suficiente para que pensem sobre o que estão lendo. (Profª Dora)

Precisamos conscientizar essa moçada da necessidade de acreditar em alguma coisa, num sonho, na vontade de mudar o mundo, como os jovens da minha época, como os professores no início da carreira, sei lá. Por mais dificuldades que um país possa ter, a gente deve acreditar num mundo melhor, com pessoas melhores e com certeza com mais professores. Na minha matéria, procuro sair um pouco do conteúdo e conversar com eles sobre isso, procuro valorizar a auto-estima deles, falar sobre respeito, educação, valores e vou pincelando um pouco todo dia. Acho que é muito importante mostrar para eles que sou feliz com o que faço e que apesar das dificuldades, sou um funcionário público, concursado, efetivo, com direitos que poucas pessoas têm hoje no mercado de trabalho e mais: faço aquilo que gosto. (Prof. Jorge)

Ainda não sei te responder. De verdade. Estou reaprendendo e sentindo muitas dificuldades. Eles não são bobos e já perceberam o que estou vivendo. Tenho procurando trabalhar com textos mais atuais e, também, variar as atividades. (Prof. Hélio)

Acho que a nossa função principal é educar nossos alunos e isso, nos últimos tempos tem envolvido as regras básicas de educação. Ninguém aprende com barulho, a bagunça desconcentra, provoca confusão e tumultua. (Prof.ª Ana)

Agora, vejo uma preguiça, uma falta de vontade, além de perceber que muitos deles realmente não sabem o que estão fazendo aqui na escola. A aula tem que ir mastigada, você praticamente precisa fazer para eles as atividades. Parece que eles têm preguiça de pensar. Fica mais cansativo. (Prof. Hélio)

Se eles não têm motivação eu não tenho aula. Dou exemplos e falo curiosidades sobre alguns atletas que eles conheçam, a final emocionante de um campeonato importante. Eles gostam bastante de ouvir e eu me sinto o rei do pedaço (risos). Sério, não estou me gabando, não. É uma sensação muito boa, não dá pra explicar, ver 45, muitas vezes mais de 50 alunos olhando para você, ouvindo com atenção uma história que a gente está contando, é muito bom (Prof. Jorge)

Procuro fazer com que isso ocorra diariamente. Mas acho que os alunos são as pessoas mais

indicadas para responder a esta questão. Para isso, o professor precisa se colocar no lugar do aluno, ver se gostaria de ser tratado de tal forma, respeitar as necessidades e dificuldades de cada um se tal conteúdo é tão fundamental para a vida deles. (Prof.^a Ana)

Ser professora é isso, viver um mistério diário ser surpreendida por acontecimentos bons e ruins buscando energia, que na minha idade não se tem mais, para atrair os alunos para o que você e tendo a plena satisfação quando isso acontece. (Prof.^a Dora)

Porque a repetição desestimula, causa o desinteresse. Os alunos perdem contato com os amigos, que muitas vezes são de anos. Na teoria, o aluno teria um acompanhamento, o professor teria um respaldo e a aprendizagem ocorreria. Como tem acontecido, os alunos estão presentes, diariamente, mas não conseguem aprender. O que deveriam ter aprendido na 3^a série ficou pra trás e os conteúdos seguintes foram jogados em cima, provocando um acúmulo de informações sem sentido. (Prof.^a Helena)

Acho que para a formação deles é preciso um pouco de tudo, principalmente orientação. Sou um complemento da educação que ele recebe em casa e cada aluno encara e assimila de um jeito aquilo que me vê fazer em sala. Se eu posso fazer melhor, farei. Se posso fazer diferente, também. (Prof. Jorge)

Comecei a lecionar imaginando que seria só passar para eles o que eu sabia e eles aprenderiam rapidamente os assuntos da mesma forma que eu, ou do jeito que meus alunos particulares aprendiam. Foi com surpresa que percebia meus alunos com dificuldades e fui trabalhando essas dificuldades ao longo da vida e, hoje, posso dizer que não é o professor que ensina, os alunos é que aprendem. (...) (Prof.^a Ana)

QUADRO II - O SENTIDO DO ENSINAR

SER PROFESSOR (A) (unidade de sentido)

Ser professora é uma profissão linda, que envolve sonhos e realizações (...) A essência de nosso trabalho é essa: ajudar, ensinar e, com certeza, aprender bastante. (...) Temos as dificuldades, o cansaço é enorme, o desânimo diante das dificuldades, também. É um trabalho que exige paciência, dedicação, persistência, criatividade, enfim, um profissional multimídia. (Prof^a. Helena)

Quando penso que um dia vão lembrar de mim como um cara que enxergou eles com outros olhos, fico emocionado, de verdade. Acho que a função do professor é justamente fazer a diferença, não se acomodar diante das dificuldades, encarar tudo porque acredita num sonho. (Prof. Jorge)

É um trabalho que suga a gente aqui e em casa quando precisamos corrigir um calhamaço de provas e deixamos a família de lado. É estar sempre preocupado com o outro, se pode ajudar, como fazer, a quem pedir socorro. (Prof^a Ana)

Quando penso que a 5^a série vai me enlouquecer, entro no paraíso e dou uma aula maravilhosa No 3^o ano vou ter uma aula com um pessoal mais maduro e responsável e me vejo em meio a uma zona sem tamanho. Na hora, fico louca, mas depois, quando fico sozinha, lembro das coisas que me acontecem e me pego rindo. Ser professora é isso, viver um mistério diário ser surpreendida por acontecimentos bons e ruins buscando energia, que na minha idade não se tem mais, para atrair os alunos para o que você e tendo a plena satisfação quando isso acontece. É isso aí! (Prof^a Dora)

No início foi minha forma de sobreviver, mas com o tempo foi se tornando uma paixão. Gosto do que faço, gosto muito. Me realizo vendo essa moçada cheia de gás, de vontade. Mesmo quando vejo os que não querem nada. A gente lida com seres humanos e precisa de sensibilidade para

saber a hora certa de agir, pensar sempre como o aluno, se colocar na posição dele para perceber as dificuldades que ele tem. (Prof. Jorge)

Acho que é ser uma pessoa preocupada com a formação do ser humano, com o seu futuro, esperando sempre que ao sair da escola coisas boas aconteçam e tudo aquilo que você semeou, as contribuições que deu, tudo o que ensinou é muito gratificante, te dá um impulso pra seguir em frente, em mim impulsionou pra voltar, e muitas vezes me pergunto: o que estou fazendo aqui? (Prof. Hélio)

Gosto do que faço, gosto muito. Me realizo vendo essa moçada cheia de gás, de vontade. Mesmo quando vejo os que não querem nada. A gente lida com seres humanos e precisa de sensibilidade para saber a hora certa de agir, pensar sempre como o aluno, se colocar na posição dele para perceber as dificuldades que ele tem. (Prof. Jorge)

Procuro mesclar atividades desse tipo com exercícios de fixação como você viu. Eles odeiam, mas não ligo. Insisto para que consigam aprender. Foi assim que aprendi e acho que, dessa forma, eles aprendem também. (Profª Helena)

Outro dia fui fazer uma compra com a esposa e tive que preencher uma ficha com uma recepcionista, balconista, sei lá. Quando eu disse que era professor, ela parou, me olhou e disse: coitado! Te juro que fiquei indignado. (Prof. Jorge)

Acho que a nossa função principal é educar nossos alunos e isso, nos últimos tempos, tem envolvido as regras básicas de educação. Ninguém aprende com barulho, a bagunça desconcentra, provoca confusão e tumultua. (Prof.ª Ana)

Durante esses vinte e tantos anos que estou dando aulas tenho enfrentado muitas dificuldades. Às vezes, encontro amigos meus da época do Colegial e vejo que eles têm outro padrão de vida. Seguiram outras profissões e não sei se estão realizados no que fazem. O que percebo são as pessoas ainda menosprezando o nosso trabalho, tornando ele sem importância e isso me chateia. (Prof. Jorge)

Foi com surpresa que percebia meus alunos com dificuldades e fui trabalhando essas dificuldades ao longo da vida e, hoje, posso dizer que não é o professor que ensina, os alunos é que aprendem. O professor explica e facilita do seu jeito, para que o aluno entenda, mas se não houver boa vontade, não haverá milagres, ainda mais em Matemática. (Profª Ana)

Uma grande parte da tarefa do professor é buscar o aluno na sua dificuldade e trazer para a sua aula. Sei que em algum momento da vida, como eu, vão encontrar a motivação que precisam. Acho que a função do professor é justamente fazer a diferença, não se acomodar diante das dificuldades, encarar tudo porque acredita num sonho. (Prof. Jorge)

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL (unidade de sentido)

Quando terminei a faculdade, tinha muitos sonhos, pensava que podia mudar o mundo, mas a rotina foi me mostrando que só a dedicação ao trabalho não chegaria nem perto do que eu queria mudar. Hoje tenho muitas dificuldades em me relacionar com a molecada, parece que quanto mais velhos ficam, mais trabalho dão. É um desafio diário bem difícil, eu não posso dizer que estou arrependida, mas nunca pensei que o fim da minha carreira enfrentaria tantas dificuldades. (Profª. Helena)

Não me arrependo de nada. Adoro o que faço, de verdade. Hoje me vejo muito realizada. Tenho muita sorte, porque sempre penso em quantas pessoas no mundo têm a felicidade de trabalhar naquilo que gostam? É muito bom ser professora. Acreditar no crescimento e na formação de nossos alunos é muito bom, gratificante mesmo, embora seja um trabalho muito solitário e, ultimamente, muito mais difícil. (Profª. Ana)

Sinto falta de alunos mais educados, respeitosos e interessados. Não posso dizer que não me sinto realizada. Tenho uma sensação de dever cumprido. De ter feito tudo o que estava ao meu alcance para que eles aprendessem e se isso não acontecer, não foi por acomodação ou por ter fechado meus olhos para alguma situação. A realização envolve muitos fatores: eu não posso me sentir realizada ganhando esse salário. O Estado deve achar que me paga o suficiente, ou talvez mais do que eu mereça, eles gostam de dizer que professor não trabalha, não ensina, que se o aluno não sabe ler, nem escrever o problema está no professor. Nós somos culpados de muitas coisas e como dizem que a corda sempre arrebenta do lado mais fraco, fazer o quê. (Profª. Dora)

Acho que a minha prática é voltada: primeiro, para a forma como eu aprendi; depois, para a forma como eu comecei a ensinar e, nos últimos anos, para a forma que eu tenho conseguido trabalhar, porque se eu encho a lousa ou se penso em fazer uma avaliação surpresa, acho que apanho. Preciso olhar para o aluno e tentar fazer algo que chame a sua atenção, caso contrário, ele não faz. (Profª. Helena)

Durante esses vinte e tantos anos que estou dando aulas tenho enfrentado muitas dificuldades. Às vezes, encontro amigos meus da época do Colegial e vejo que eles têm outro padrão de vida. Seguiram outras profissões e não sei se estão realizados no que fazem. O que percebo são as pessoas ainda menosprezando o nosso trabalho, tornando ele sem importância e isso me chateia. (Prof. Jorge)

Essa política vergonhosa nos expõe e a sociedade pensa que estamos ganhando mais, mas continuamos trabalhando em salas super lotadas com alunos cada vez mais barulhentos e agressivos, você viu que naquele dia eu te confundi com uma aluna tamanho era o barulho que estava na sala? Tudo bem que você é bem jovem, mas para te confundir só estando bem zozinho. As famílias acham que somos empregados e quando queremos conversar nunca dá, mas no dia em que encostamos um dedo na "santa criatura" vêm a família e a vizinhança toda para nos linchar. Vivemos assim, no meio de muitas dificuldades. (Prof. Hélio)

Foi um curso muito interessante porque forneceu uma série de atividades para meu trabalho em sala de aula e a partir dele comecei a enxergar o aluno de outra forma. É sério! Antes, eu só trabalhava com cópias de texto, para melhorar a caligrafia, a leitura em voz alta e os exercícios de fixação. Agora, você viu quantas coisas diferentes eu faço em sala de aula, para dinamizar e atrair o aluno para o que eu quero que ele aprenda. (Profª Helena)

Sempre que faço um curso, procuro absorver as informações e também aplicar logo as atividades que me interessam bastante. Gosto de estudar, mas não fiz muitos cursos na minha vida. São opções que fazemos, temos casa, maridos, filhos, problemas, somos normais. (Profª Dora)

COMPREENSÃO DO PROCESSO PEDAGÓGICO

(unidade de sentido)

Todos os dias, reflito sobre minhas atitudes em sala de aula e sei que cometo muitos erros. Às vezes falo o que não devo e já magoei muitos alunos, sem querer. É difícil para gente lidar com a sensibilidade do outro e superar nossas dificuldades. A nossa profissão expõe a gente demais e quando a gente entra em sala de aula sem máscaras, é muito difícil. (Profª Ana)

Trabalhava com o resumo diário e era a forma de avaliar todos sempre. No final do bimestre tinha bastante material e conseguia ver quem realmente tinha trabalhado. Agora, estou começando a fazer diferente. Estou pedindo trabalhos em duplas, olhando os cadernos, pedindo para eles elaborarem cartazes, e coisas assim. Não gosto de fazer aquela avaliação com data marcada, com matéria para estudar em casa, acho que se o professor trabalhar bem em sala de aula, ele consegue atingir seus objetivos. (Prof. Hélio)

Sempre que faço um curso, procuro absorver as informações e também aplicar logo as atividades que me interessam bastante. Gosto de estudar, mas não fiz muitos cursos na minha vida. São opções que fazemos, temos casa, maridos, filhos, problemas, somos normais. (Profª Dora)

Estou buscando ser um professor melhor, mas também sei que mesmo que eu conheça toda a teoria do mundo, se eu não conseguir lidar com o aluno, não adianta nada. Sei que o que estudei me ajudou também a modificar a minha postura, rever a minha forma de trabalhar e principalmente, de lidar com os alunos. (Prof. Hélio)

Passei anos copiando planejamentos anteriores. Ultimamente tenho selecionado mais estratégias que conteúdos. Acho que a grande diferença está na forma de ensinar, nas atividades que surgem após a explicação e no retorno que se obtém dos alunos. (Profª Helena)

Resumindo, já sei o que trabalhar em sala de aula, mas não fico presa à programação, se surgir um assunto novo ou se aparecer um imprevisto, modifico mesmo. Conheço tão bem todos os alunos que sei muito bem quem entendeu, quem está se esforçando para entender e quem não está nem aí para o que estou explicando. (Profª Ana)

(...) tenho procurando trabalhar com textos mais atuais e, também, variar as atividades (Prof. Hélio)

Se na Internet o aluno tem acesso a tantas informações, o professor não pode ficar mostrando, por exemplo, o corpo humano através de uma foto distorcida de um livro didático, mas também levo em conta o fato das classes serem bem diferentes uma das outras. Aí, eu sei que para algumas salas essas informações e atividades funcionam muito bem, enquanto que para outras preciso seguir o planejamento à risca e sei que eles adoram acabar o ano e terminar o livro didático junto. É uma questão muito relativa, porque depende de nós, professores e deles para que haja um entrosamento e que eles aprendam mais. (Profª. Dora)

Acho muito positivo o fato de nós podermos inovar e acrescentar o que quisermos como instrumento de avaliação... nós conseguimos enxergar outras possibilidades de avaliar nossos alunos. (Profª. Helena)

É claro que em muitas vezes a avaliação só vem confirmar o que percebemos na nossa rotina em sala de aula, mas algumas vezes temos surpresas. Se eu não dou outras possibilidades de avaliação, não posso analisar meu aluno de maneira coerente e às vezes, invento alguma atividade diferente que também considero um instrumento para avaliá-los. Gosto de avaliar e procuro ser justa no processo. (Profª. Dora)

Nunca conversei com eles. Acho que não precisa, se você democratiza demais, acaba virando bagunça. Sei que muitos deles não gostam. Mas quando eu aprendi, foi dessa forma, nunca

reclamei e hoje sou muito agradecida à educação que obtive nas escolas públicas que freqüentei. Espero que um dia eles reconheçam meu empenho e, mais que isso, espero que aprendam alguma coisa comigo. Esse é o objetivo do meu trabalho, não? Fazer com que meus alunos aprendam. Se puder enriquecer o processo fazendo aulas diferentes, tudo bem. Mas não vou transformar minhas aulas em *shows*, por causa disso. (Profª Helena)

QUADRO III - O SENTIDO DO APRENDER

SER ALUNO (unidade de sentido)

Estudo porque meus pais sempre me falaram que é bom. Se eu precisar de um emprego, pelo menos o Ensino Médio eu preciso ter. Não gosto muito de estudar, não. Meus pais é que me obrigam. (André)

Esta escola tem bons professores e eles me ajudam bastante a aprender o que ensinam. Pretendo prestar vestibular e meus pais não tem condições de pagar uma faculdade, então preciso estudar bastante desde agora pra conseguir o que quero. (Beatriz)

Preciso de mais tempo do que os outros. Eu precisava de mais, alguém que ficasse comigo para me ajudar, na hora da explicação do professor e também na hora de fazer lição. (João)

Eu gosto de estudar. Meus pais me ensinaram que preciso estudar para aprender. Que quanto mais souber, melhor vai ser para mim na escola e depois que eu acabar de estudar. Desde pequena, estudo assim, sempre li bastante e agora adoro pesquisar na Internet. Aprendi a estudar desse jeito e acho bem legal. Estudo para saber. (Clara)

Às vezes, fico conversando durante a aula e depois quando vou pra casa, leio o que copieei ou pego o caderno de alguém e entendo do mesmo jeito. Tem vezes que nem vou para aula e pego o caderno de alguém e consigo entender. Quando eu não entendo alguma coisa, espero uma aula e depois que o professor fala, já fica mais fácil. (Vinícius)

Tem muita coisa que a gente é obrigado a aprender e nem sabe pra que serve. Pra que aprender essas coisas? A gente termina a 8ª e tem analfabeto na sala. Eu sei que não sou bom, mas tem aluno que foi passando de ano sem saber nada, nem vinha pra escola. Ta certo que teve gente que ficou doente, mas tem neguinho que se deu bem, sem fazer nada. (Vinícius)

Fico olhando o professor falar, explicar a mesma coisa por várias vezes e de repente, na 3ª ou 4ª vez, consigo entender. Alguns explicam melhor e, na primeira vez, já consigo acompanhar a aula.

Tem professores que passam pesquisa pra gente fazer na Internet e isso é bem legal. Tem vezes que um texto está tão explicado que ajuda mais ainda. Acho que a Internet tem ajudado a gente também. (Alexandre)

Acho que a culpa é minha. Eu nunca gostei de estudar. Achava um "saco" ter que ficar lendo, estudando em casa, decorando um mundo de coisas, nada a ver, e acabava sem fazer. No começo, era a maior zona. As professoras chamavam minha mãe, ela brigava comigo e dizia que eu ia melhorar, me punha de castigo, mas eu repetia tudo de novo e ela passou a não ligar mais. Tem um monte de gente que nem eu. Eu troco as letras, não sei onde põe acento, vírgula, ponto e essas coisas. A professora de Português pega no meu pé, mas não adianta nada. Ela vai falando, falando e eu vou ficar do mesmo jeito. Acho que agora não adianta mais. Não tem mais jeito. (João)

Mas é bem mais legal quando o professor conversa, pergunta coisa para gente e também quando ele explica e conta piada, diverte a gente....mas vem para sala de aula para saber da gente, se está tudo bem, ajuda, conta umas história legais e a gente nunca reclama de ficar aqui, em vez de ir para quadra. (André)

FAMÍLIA/ ESCOLA
(unidade de sentido)

Em casa todos sabem que precisam terminar o E.M. é nossa obrigação, depois eles não têm como ajudar. Eu escolhi ser veterinária, porque acho uma profissão linda e desde pequena vivo atrás de bichos para cuidar e criar. Sempre deixei meus pais doidos. Eles sonham em poder me ajudar e dizem que até lá muita coisa pode acontecer. (Fernanda)

Meus pais estudaram sempre e bastante. Minha mãe é professora e meu pai tem uma lojinha de R\$ 1,99. Eles sempre ensinaram pra gente que é importante estudar, que precisamos saber e entender o que estamos vendo e sempre nos deram força nos estudos (Clara)

Meu pai já começou a falar que isso não dá futuro que eu preciso estudar, que dinheiro vai embora. Ele fala muito. Acho que isso me faz detestar mais ainda a escola. Se ele falasse mais comigo, tipo pra me escutar, saber o que eu quero ia ser mais legal, mas assim eu não agüento. (André)

Meus pais se separaram quando eu era pequena e hoje quase não tenho contato com meu pai. Sei que ele mora em São Paulo e trabalha numa firma de advocacia, mas não é advogado. Minha mãe sempre me fala que eu preciso estudar para não fazer como ela que se casou cedo, se dedicou pra família e meu pai foi embora deixando a gente numa situação difícil, que eu preciso ser alguém na vida. (Mariana)

Meus pais são separados. Mas se dão super bem, ainda mais quando o assunto sou eu. Eles são muito preocupados comigo. Meu pai não pode pagar uma faculdade pra mim porque aqui em Santos é muito caro. Depois que ele se separou da minha mãe, casou de novo e tem dois filhos pequenos. Eu entendo que agora ele tem outra família, no fim de semana quando fico lá, vejo que pra ele tudo está bem difícil Minha mãe não quis casar mais, ela tem um namorado bem legal, mas cada um mora na sua casa. (Beatriz)

Minha mãe fez o Ensino Médio e depois um concurso e passou. Está quase pra aposentar. Meu pai eu não conheço. (João)

Eles gostam que eu estude e sempre ficam perguntando como é que tá na escola, se tem algum problema. Nunca dei trabalho para eles na escola. Não sou um ótimo aluno, mas tento não ser horrível. Só não quero deixar eles decepcionados com alguma coisa errada que eu faço na

escola. (Ítalo)

Adoro a escola. Acho que algumas coisas precisavam mudar. Por que alguns professores conseguem fazer tantas coisas diferentes e outros parece que dão a mesma aula há 50 anos? As escolas deviam poder contratar professores melhores pra ensinar pra gente e aqueles que estão cansados ou que não sabem ensinar, deviam fazer outras coisas na escola. Eu vejo que tem alunos que não gostam de fazer nada, mas em algumas aulas eles prestam atenção, conversam menos, não fazem tanta bagunça. (Beatriz)

As salas de aula podiam ser maiores. As aulas podiam ser diferentes. Os professores também. Computadores pra gente usar durante as aulas, quem não quisesse podia ler. (Alexandre)

Acho que a escola poderia ser mais inteligente. A gente perde muito tempo estudando coisas que não usa nunca. Ficamos muito tempo parados, só ouvindo, tem professor que manda demais e não deixa a gente nem respirar e tem outros que nem ligam pra gente e deixam a gente muito à vontade. Podia ser diferente. A gente podia vir pra cá e aprender o que gostasse mais, indo pras aulas mais cansativas menos dias na semana e devia estudar mais o que a gente gosta, sei lá. Acho que deveria ser diferente. (Clara)

Às vezes a gente sente uma alegria de estar aqui, com pessoas legais, amigos e professores que eu acho que nunca vou esquecer. Mas tem vezes que é chato ter que ficar sentado, calado, copiando sem parar, e também sem entender. É mais ou menos. Se a gente pudesse ficar mais livre na escola, ia ser muito bom. (Ítalo)

Acho que a escola é um lugar legal pra amizade, pra gente ficar, pra aprender algumas coisas, mas é um saco ficar sentado o dia todo, copiando lição sem parar, não pode conversar, não pode levantar, não pode um monte de coisa. É muito chato, por isso que eu queria parar agora, mas como minha mãe não deixou. (João)

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA (unidade de sentido)

Gosto muito de vir para escola. Venho todo dia. Esse ano ainda não faltei. Eu fico apostando com o Thiago para ver quem vai faltar primeiro. Quem perder vai pagar um lanche para o outro e já que eu estou aqui eu estudo, não é? (Alexandre)

Apreendi a me virar, saber que tem horas que papai e mamãe não podem me ajudar. Que tem gente amiga e também tem "sacana". (Vinícius)

Tem professor que é muito legal, conversa, dá um tempo para gente conversar entre a gente mesmo e não fica perturbando muito a gente. Mas tem professor que "fala sério", é bem difícil de entender. (Vinícius)

Falar sobre o que a gente está vivendo, as nossas dificuldades para conversar com os pais sobre alguns assuntos, explicou algumas coisas para gente sobre como se relacionar melhor com quem a gente convive. Falou até de "ficar". (Fernanda)

Quando eu falei que o professor maltrata a gente, isso é chato, porque quem faz isso manda a gente ficar copiando textos enormes da lousa ou do caderno, fica mandando a gente fazer resumos e ficam sentados durante a aula toda. (Fernanda)

Jogos, brincadeiras, conversas pelo pátio e até mesmo uma gincana como a que tivemos na 5ª

série, foi muito legal. (Fernanda)

(...) levou a gente para o pátio outro dia para ensinar geometria pelos azulejos. Gostei tanto que acho que nunca vou esquecer. A gente podia rir, conversar e aprender também. O Jorge, outro dia, tirou uma aula só para gente conversar. Falar sobre o que a gente está vivendo, as nossas dificuldades para conversar com os pais sobre alguns assuntos. (Fernanda)

Não dá sossego, sempre gritando e enche muito a lousa. Tem dias que ela manda uma menina encher a lousa e fica sentada lendo. Se alguém levanta ou vira de lado ela já começa a gritar. (Ítalo)

(...) pensa que a gente está na escola só para ficar copiando, fazendo lição. Mas eu acho que a gente pode fazer isso na escola também, mas é bem mais legal quando o professor conversa, pergunta coisa para gente e, também, quando ele explica e conta piada, diverte a gente. (André)

Tem muita coisa que a gente é obrigado a aprender e nem sabe para que serve. Para que aprender essas coisas? A gente termina a 8ª e tem analfabeto na sala. (Vinícius)

Tem muito professor que fica depositando um monte de lição na gente. (Fernanda)

Aí, chega um e fala um monte sem parar depois enche a lousa de coisa para gente copiar, dá o sinal, vem outro que faz a mesma coisa, depois, vem a outra que não deixa nem a gente abrir a boca, banheiro? Nem pensar, tem que ficar quieto e fazer a lição toda, mesmo sem entender. Como eu não entendo, copio dos outros. Aí, vem o legal: o recreio, todo mundo fica livre. (André)

A professora de Português adora minhas redações e diz que eu tenho estilo. Eu me preparo tirando minhas dúvidas com os professores. Às vezes, durante as aulas, não dá. Tem professor, que não liga pra bagunça e tem aulas em que a gente fica surda. É horrível. (Beatriz)

Por que alguns professores conseguem fazer tantas coisas diferentes e outros parecem que dão a mesma aula há 50 anos? (Beatriz)

Tem coisas que eu aprendo que são muito chatas e eu não sei para que eu preciso saber. Os professores também não se esforçam muito, tem uns que são diferentes. (João)

(...) ela conhece muito a matéria e quando ela vai para lousa, a gente entende direitinho, só não entende quem é muito burro. (Clara)

Tem dias que a gente não sai da sala e nem percebe porque a aula é interessante, divertida e a gente adora. (Clara)

Quando eu não entendo alguma coisa, espero uma aula e depois que o professor fala já fica mais fácil. Tem vezes que meu pai também me dá uma força. Mas muitas vezes eu aprendo só de ler. (Vinícius)

Eu precisava de mais alguém que ficasse comigo para me ajudar, na hora da explicação do professor e também na hora de fazer lição (João)

A primeira coisa que me ajuda a gostar e a entender uma matéria é o professor. Esta escola tem alguns professores muito bons, mas alguns parecem que não sabem o que estão fazendo aqui e até tratam a gente mal. (Fernanda)

Os professores sempre me ajudam muito. Se não fosse por eles acho que não teria chegado até aqui. Não sou muito fácil para aprender. (João)

Eu acho que quando o professor é legal ele me ajuda mais, porque acaba me fazendo gostar mais da matéria dele. (Clara)

ANEXO VI – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES (ESCOLA B)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: PROFESSORA ANA

IDADE: 46

TEMPO NO MAGISTÉRIO: 18

DISCIPLINA: MATEMÁTICA

APÓS OS ANOS DE EXPERIÊNCIA, COMO VOCÊ SE VÊ HOJE EM RELAÇÃO A SUA ESCOLHA?

Não me arrependo de nada. Adoro o que faço, de verdade. Hoje, me vejo muito realizada. O caminho que escolhi me faz um ser humano melhor a cada dia, com muitos ideais. Tenho muita sorte, porque sempre penso em quantas pessoas no mundo têm a felicidade de trabalhar naquilo que gostam? É muito bom ser professora. Acreditar no crescimento e na formação de nossos alunos é muito bom, gratificante mesmo, embora seja um trabalho muito solitário e, ultimamente, muito mais difícil. Veja só. Nos últimos tempos, o que a mídia tem mostrado à sociedade? Somente exemplos de pessoas muito bem-sucedidas e que não frequentaram a escola, ou se frequentaram, foi por pouquíssimo tempo. Esses exemplos só mostram a nossos alunos que a escola não tem compromisso com o sucesso. Idéia totalmente diferente da época em que estudei. Se eu perguntar a meus alunos por que eles vêm pra escola ou se acham que estudar é importante, as respostas serão vazias, porque aprender perdeu o sentido, não tem mais relação com ganhar dinheiro, *status*, e coisas do tipo. Eu já ouvi um aluno dizer que eu estava perdendo meu tempo dando aulas e com o trabalho dele “informal” tinha um salário maior que o meu. Eu não tenho argumentos para essas horas. Talvez, precise ler e estudar mais. Então, voltando a falar da realização profissional, comecei a lecionar imaginando que seria só passar para eles o que eu sabia e eles aprenderiam rapidamente os assuntos da mesma forma que eu, ou do jeito que meus alunos particulares aprendiam. Foi com surpresa que percebia meus alunos com dificuldades e fui trabalhando essas dificuldades ao longo da vida e, hoje, posso dizer que não é o professor que ensina, os alunos é que aprendem. O professor explica e facilita do seu jeito, para que o aluno entenda, mas se não houver boa vontade, não haverá milagres, ainda mais em Matemática. Então, depende muito mais do interesse do

aluno, da sua vontade do que da minha aula maravilhosa. Então, o que sempre procuro fazer é orientar os alunos para que procurem ocupar o seu tempo na escola. Se eles têm de freqüentar a escola, que tirem proveito disso, que o nosso compromisso é transformar o mundo de forma positiva e, muitas vezes, fico conversando com eles por duas, três aulas e eles acham que estou matando aula, quando na verdade estou ganhando alunos mais motivados, ou pelo menos mais conscientizados. Modificar a mentalidade dos alunos também faz parte de minhas funções e, a partir do momento em que comecei a fazer isso, minhas aulas ficaram muito melhores.

E COMO VOCÊ VÊ A SUA PRÁTICA?

Sinto que minha prática melhorou muito desde aquele dia quando levei a bola de papel na cabeça, porque eu tive que repensar toda a teoria sobre a forma tradicional de ensinar Matemática, sempre pensando que se eu tive facilidade não seria um indicador de que todos teriam. Aliás, nunca me incluí em nenhum parâmetro para comparação, não quero dizer que sou um gênio, mas a facilidade que tenho é grande. Nunca abri mão da lousa e do giz, não sei se conseguiria trabalhar de outra forma. O que mudou com o tempo é que agora a lousa e o giz são utilizados para explicar a teoria, na hora da prática modifico tudo, o que tem melhorado bastante o ensino em minhas aulas. Agora, tenho me preocupado mais com a realidade dos alunos. Acho que os conteúdos para serem aprendidos precisam ter utilidade para eles. Então, vamos ao supermercado, com uma lista de cesta básica, pesquisamos preços, fazemos cálculos, e assim tornamos o ensino mais agradável. Depois que incluí atividades assim no cotidiano, senti que tudo ficou melhor. A relação entre a gente ficou mais agradável e o fato de levar as classes para fora da escola também faz bastante diferença. Continuei a ser a mesma professora exigente, mas consegui aproximar os alunos de mim. Não sei se você está me entendendo. Com o passar do tempo deixei de ser uma professora teórica para utilizar outras técnicas de trabalho que têm sido bem legais. Sempre que ensino, eu penso em motivar, assim não passo mais os 50 minutos explicando teorias sem fim. Utilizo 15, no máximo 20 minutos com explicações e, depois, deixo que se reúnam em duplas ou trios e eles começam a trabalhar e a discutir o que expliquei. Vou andando pela sala, conversando com os grupos e tentando ajudar. Essa é a forma como trabalho todo dia. Só que tudo isso ocorre na mais santa paz. Não suporto barulho e, quando estou em sala de aula, eles se comportam muito bem. Fora da escola, já é bem diferente, podem conversar à vontade, mas sempre falo para eles que estamos representando um grupo maior que é a escola e, normalmente, todos se comportam bem.

PELO JEITO VOCÊ VALORIZA BASTANTE O COMPORTAMENTO DELES.

Ah! Sim. Acho que a nossa função principal é educar nossos alunos e isso, nos últimos tempos, tem envolvido as regras básicas de educação. Ninguém aprende com barulho, a bagunça desconcentra, provoca confusão e tumultua. Então, todos sabem o que acontece na aula de Matemática: organização. Tudo tem sua hora e seu lugar. Vou te ser bem sincera, nunca tive um problemão por causa disso. Eles sabem os seus direitos e deveres. Logicamente, eu friso mais os deveres (risos).

ENTÃO, SUA PRÁTICA É BASEADA NA SUA EXPERIÊNCIA? VOCÊ FEZ CURSOS DE FORMAÇÃO? ACREDITA QUE ELES POSSAM MODIFICAR A SUA PRÁTICA?

A minha forma de trabalhar é totalmente voltada para minha prática, para coisas que eu fui testando e vendo que davam resultados. Fiz vários cursos de formação, ultimamente, o Estado

tem nos “obrigado” a fazer, mas sinceramente, eles pouco fizeram por mim ou por minhas aulas. Todos os dias, reflito sobre minhas atitudes em sala de aula e sei que cometo muitos erros. Às vezes, falo o que não devo e já magoei muitos alunos, sem querer. É difícil para gente lidar com a sensibilidade do outro e superar nossas dificuldades. Eu, por exemplo, tenho a maior dificuldade de pedir desculpas. Faço de tudo, as pessoas sabem que estou me desculpando, mas não consigo falar. Já pensei até em fazer uma terapia (risos), não só para isso é claro, mas para resolver outros problemas pessoais também. A nossa profissão expõe a gente demais e quando a gente entra em sala de aula sem máscaras, é muito difícil. Como sou “linha dura”, acho que pedir desculpas pode mostrar fragilidade e não sei dizer por que, não consigo fazer. Vá entender (risos). Então, acho muito legal a questão da prática. Comecei a lecionar para meus colegas de sala lá no Colegial e me vejo hoje, trinta anos depois, não sabendo dizer o que mudou ou se mudou, engraçado, não é? Claro que, atualmente, converso muito mais com meus alunos do que no começo da carreira. Como te falei, muitas vezes, são duas aulas que vão embora e eu nem peguei no giz.

ENTÃO, PARA VOCÊ O GIZ E A LOUSA SÃO A BASE DA AULA?

Se você encontrar um professor de Matemática que não fale isso, é mentiroso. Você dizer que vai ensinar Matemática para 50, muitas vezes 55 alunos só na conversa e atividades lúdicas, precisa de muita coragem. Eu brinco muito com eles, levo para o pátio, para o supermercado, faço atividades diferentes. Mas isso não é a base do meu trabalho. Preciso da lousa para a teoria. Outro dia mesmo, levei todos ao pátio para trabalhar Geometria, mas toda a teoria estava muito bem trabalhada na sala e na lousa. Só sei trabalhar assim, por isso que te disse a pouca diferença que os cursos fazem em meu trabalho. Para não ser tão radical, digo que já utilizei as atividades desses cursos com os alunos, algumas vezes, e elas são boas.

VOCÊ ACHA QUE ATRAVÉS DESSA PRÁTICA CONSEGUE INTERAGIR ALUNOS E CONHECIMENTO?

Se eu falasse com certeza seria uma tremenda falta de modéstia, não? Procuro fazer com que isso ocorra diariamente. Mas acho que os alunos são as pessoas mais indicadas para responder a esta questão. Eles podem até falar que a professora x é chata, que a professora y pega no meu pé, mas sei que lá no fundo eles gostam de mim e, de certa forma, farei uma diferença na vida escolar deles. Cabe ao professor enxergar a medida da sua relação com os alunos para estabelecer canais para que eles aprendam. Para isso, o professor precisa se colocar no lugar do aluno, ver se gostaria de ser tratado de tal forma, respeitar as necessidades e dificuldades de cada um, se tal conteúdo é tão fundamental para a vida deles. Então, é um trabalho de formiguinha e grande parte do trabalho do professor é voltada para a motivação, para despertar no aluno a vontade de aprender e, quando isso não é possível, a consciência de não atrapalhar os que querem. Por isso que nos últimos anos, tenho procurado mostrar para eles a importância de cada conteúdo na vida deles e quando não tem tanta importância, deixo claro que é um assunto que servirá de base para a compreensão de outros conteúdos. Eles entendem e colaboram comigo.

VOCÊ FALOU SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO, VOCÊ PODERIA FALAR TAMBÉM SOBRE AS DIFICULDADES QUE ENFRENTA AO SE RELACIONAR COM OS OUTROS ELEMENTOS QUE COMPÕEM A ESCOLA? DIRETOR, PROFESSORES, COORDENADOR, PAIS, INSPETORES DE ALUNOS.

É a mesma conversa de sempre. O diretor não te vê porque tem um milhão de coisas para fazer, entregar uma série de dados para resolver não sei o quê. O coordenador, por sua vez age, pelo menos na teoria, como uma ponte entre os professores e a direção. O que tenho visto nos últimos anos é que o coordenador não tem autonomia, nem voz ativa. Ele fica à disposição das decisões do diretor e, se acaba discordando de algo, é trocado rapidamente por outra pessoa supostamente “mais capaz”. Acho que a burocracia e a falta de habilidade de alguns diretores prejudicam muito o andamento da escola. O Estado tem todos os coordenadores como funcionários em desvio de função, não precisam ter Pedagogia, só precisam agradar ao Conselho de Escola para serem aprovados. Por que não fazer um concurso público para preenchimento dessas vagas com pessoas especializadas? É uma pergunta que ninguém consegue responder. E vamos tocando o barco. Os colegas são profissionais que ainda precisam se auto-afirmar. Muitos acham que se contarem para o diretor o que acontece na sala dos professores vão ser premiados, ou coisa assim. Outros precisam falar bem o quanto ensinam bem e como os alunos não vivem sem eles. Se continuar falando, ficarei horas citando maus exemplos. Já consegui trabalhar algumas vezes com projetos interdisciplinares e foi muito bom, porque todos aprendem e fica muito mais dinâmico e produtivo. O problema é que para um projeto assim dar certo, todos precisam vestir a camisa e deixar de lado o egoísmo. Se em um projeto um professor se destaca, num outro momento acontecerá o mesmo com outro colega. É uma questão simples, mas quando isso ocorre, já começam as fofocas, os olhares invejosos e a idéia de levar o projeto para o fracasso começa a entrar em ação. É muito difícil lidarmos com nossos colegas. São muitos detalhes que fazem com as coisas não aconteçam. Os inspetores são elementos à parte. São umas “figurinhas”! Quando encontramos bons profissionais, tudo dá certo. Mas quando a escola tem pessoas desqualificadas, fica muito difícil. Se você chega 5 minutos depois do horário, falta. Se você demora um pouco para chegar na sala de aula após o recreio, falta. Isso sem falar na fofoca. Na falta de respeito com os alunos e na proximidade com a direção. Muitos inspetores acham que sabem tudo e conversam com os pais sobre atitudes que a gente toma em sala de aula e quando eles vêm conversar conosco são muito agressivos e nem querem nos ouvir. Os pais hoje estão muito ausentes da escola e da educação dos filhos. Muitas vezes, a gente chama um pai por semanas e ele nunca vem. Quando o dia da conversa chega, sempre há uma pressa enorme para ir embora e a promessa de que tudo vai ser resolvido. Para resolver todos esses problemas de relacionamento seria necessário que se conversasse mais e, principalmente, que as pessoas fossem mais honestas. Você falar na minha frente uma coisa e pelas costas outra diferente não funciona para ninguém.

VOCÊ FALA SOBRE A FALTA DE DIÁLOGO E DE SINCERIDADE É ASSIM QUE VOCÊ ACHA QUE CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO DOS ALUNOS?

Acho que contribuo para que eles sejam pessoas melhores através dos exemplos que dou. Palavras, o vento leva, mas as atitudes ficam. Se digo alguma coisa, procuro mostrar que é assim que faço. Além de ensinar a Matemática, preciso mostrar a eles que a escola é um reflexo da sociedade e tudo o que eles fazem aqui, de certo ou de errado, poderá ser repetido lá fora, com a diferença que lá não haverá ninguém para passar a mão em suas cabeças. Enquanto que aqui todos conversam, chamam os pais, orientam e mostram o que é certo. Minha contribuição é pequena, mas acho que importante (modeesta!) (risos). Saber se comportar em situações diferentes da vida é muito bom e é isso que converso com todos. Outro dia, surgiu outra vez o problema do boné numa sala de aula, acho que foi no 2º A, não me lembro. Todos sabem o que eu penso sobre o uso de bonés em minhas aulas. Já fui radical, tirava da sala, chamava a direção, esperneava, convocava os pais, mas com o passar dos anos fui percebendo que essas atitudes estavam me fazendo muito mal e eu não podia modificar a

cabeça desses alunos sobre esse assunto. Agora, eu falo, quem ouvir e me atender, ótimo. Do contrário, paciência!

VOCÊ FALOU QUE CONVERSA BASTANTE COM SEUS ALUNOS E QUE ISSO AJUDA BASTANTE NO RELACIONAMENTO DE VOCÊS. MAS E NA HORA DE ESCOLHER O QUE ENSINAR, COMO VOCÊ FAZ? ESCOLHE UM ASSUNTO E VAI TESTANDO, OU JÁ SABE O QUE TRABALHAR EM SALA DE AULA?

O planejamento? Ah! No começo do ano, já faço tudo. E se perceber que alguma coisa não vai bem, vou alterando. A idéia do planejamento no começo do ano é importante para gente calcular como tudo vai acontecer, mas se no primeiro bimestre a gente percebe que os alunos não dominam algum conteúdo. Estaca zero! E, então, a gente recomeça e acaba atrasando tudo. Quando isso ocorre, acabo suprimindo um ou dois assuntos para ficar com alguma folga e, com o tempo, vejo se consigo encaixá-los. Na verdade, o planejamento acontece o tempo todo e eu já sei exatamente os conteúdos de cada série e, também, consigo ter uma idéia de como tudo poderá ocorrer. É claro que imprevistos ocorrem; problemas, também. Ninguém prevê nem as doenças, e se isso ocorrer? Alteramos novamente. Resumindo, já sei o que trabalhar em sala de aula, mas não fico presa à programação, se surgir um assunto novo ou se aparecer um imprevisto, modifico mesmo.

E QUANTO À AVALIAÇÃO? O QUE VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE AVALIAR?

Tudo!!!(risos). Acho as avaliações mensais e a bimestral importantes. Levo em conta também as atividades desenvolvidas em sala de aula e a participação de todos nos bimestres. Dou um peso maior para as avaliações, mas considero bastante o que o aluno é, e também o que faz. A história de avaliar é interessante e, hoje, muito subjetiva. Na minha época de escola só havia as avaliações bem formais, as chamadas orais, quando deveríamos memorizar toda a tabuada. Muitas vezes por um ou dois décimos se perdia o ano. Eu disse subjetiva, porque sei que cada professor tem seus critérios de avaliação. Conheço uma professora que ao olhar cadernos se dá por satisfeita e atribui os conceitos para os alunos. Para mim, isso é inviável. Só olhar o caderno não me dá quase nenhum elemento para que eu consiga avaliar meus alunos. Outros professores preferem aplicar e registrar 8, às vezes 9 atividades para depois tirar uma média final. Então, como eu disse fica mais a critério pessoal do que outra coisa. Conheço tão bem todos e sei muito bem quem entendeu, quem está se esforçando para entender e quem não está nem aí para o que estou explicando e, assim, avalio todos no final do bimestre, procurando sempre ser justa.

AGORA, PARA FINALIZAR, GOSTARIA DE OUVIR O QUE É SER PROFESSOR PARA VOCÊ.

Puxa! Difícil falar, é... Ser professor é ser paciente, educado, justo, calmo, humano, é... dedicado, comprometido, responsável, honesto, sincero, amoroso, exigente, amigo, verdadeiro, é... enfim, tem muitas outras qualidades que a gente pode dar para o professor. É um trabalho que suga a gente, aqui e em casa, quando precisamos corrigir um calhamaço de provas e deixa a família de lado. É estar sempre preocupado com o outro, se pode ajudar, como fazer, a quem pedir socorro. É imaginar uma escola melhor, com uma equipe pedagógica mais coerente que se preocupe com a gente e, principalmente, com os alunos. É desejar que todos possam vencer suas dificuldades e pensar num amanhã melhor. É viver em função do outro, sem esperar um retorno, pois sabemos que nem sempre ele vem. Ah! Já filosofei demais, gastei todo o meu vocabulário e vou ficar o resto do dia muda (risos).

PROFESSORA, MUITO OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO.

Imagine. Não tem de quê.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: PROFESSORA DORA

IDADE: 50

TEMPO NO MAGISTÉRIO: 27

DISCIPLINA: GEOGRAFIA

APÓS OS ANOS DE EXPERIÊNCIA, COMO VOCÊ SE VÊ HOJE EM RELAÇÃO A SUA ESCOLHA?

Tenho uma sensação diferente. No começo, as aulas eram menos cansativas, talvez porque eu era mais jovem (risos), os alunos participavam mais e eu era vista de outra forma. Hoje, os alunos zombam de tudo, nos apelidam de todos os nomes e quando falam conosco é sempre em tom de zombaria. Não me acostumei ainda com isso. Sinto falta de alunos mais educados, respeitosos e interessados. Não posso dizer que não me sinto realizada. Tenho uma sensação de dever cumprido: de ter feito tudo o que estava ao meu alcance para que eles aprendessem e se isso não acontecer, não foi por acomodação ou por ter fechado meus olhos para alguma situação. A realização envolve muitos fatores: eu não posso me sentir realizada, ganhando esse salário. O Estado deve achar que me paga o suficiente, ou talvez, mais do que eu mereça. Mas você vê o trabalho que tenho todos os dias. Chego antes da hora, coloco os livros no carrinho e faço o transporte deles por todo o período de aulas para que todos tenham a facilidade de ler os textos e resolver as atividades sem precisar ficar copiando da lousa por duas ou três aulas. Este tipo de esforço ninguém vê, eles gostam de dizer que professor não trabalha, não ensina, que se o aluno não sabe ler, nem escrever, o problema está no professor. Nós somos culpados de muitas coisas e como dizem que a corda sempre arrebenta do lado mais fraco, fazer o quê.

ENTÃO, APESAR DE SEU DESABAFO, VOCÊ PODE DIZER QUE É UMA PROFESSORA REALIZADA?

Sim. Posso dizer que gosto do que faço. Só me incomodo com as injustiças que estão em volta da nossa profissão.

FALE UM POUCO SOBRE A SUA PRÁTICA.

Minha prática é voltada para a realidade que enfrento na escola. Se a escola tem infraestrutura, uso *datashow*, *power point* e o que for preciso. Mas se não tenho livros suficientes para todos, o que fazer? Improvisar, não? Aqui, faço assim, mas não fico só nisso. Eles fazem bastante resumo, trabalhos cartográficos, leitura e interpretação de texto, eu acho que não é só responsabilidade do professor de Português. Quando tenho tempo, elaboro palavras cruzadas e também trabalho com jornais. Procuo diversificar bastante para que eles tenham acesso a vários tipos de informação e, também, a várias maneiras de aprender. Minha prática se resume a ficar inventando atividades diárias e bem diversificadas.

E QUANTO AOS CURSOS DE FORMAÇÃO? VOCÊ ACHA QUE ELES FAZEM DIFERENÇA NA PRÁTICA DO PROFESSOR?

Depende do curso. O Estado, volta e meia, lança alguns cursos e capacitações. Uns são bem interessantes, mas outros não dizem ao que vieram. Tenho gostado da Teia do Saber porque lida com a diversidade de informações e as maneiras de utilizar. Achei um curso bem interessante. Só acho que eles deveriam fazer algum curso específico na minha área. Atualmente, faço um chamado Ler para Aprender, que é voltado para todas as matérias e é bastante interessante. Sempre que faço um curso, procuro absorver as informações e, também, aplicar logo as atividades que me interessam bastante. Gosto de estudar, mas não fiz muitos cursos na minha vida. São opções que fazemos, temos casa, maridos, filhos, problemas, somos normais (risos).

VOCÊ PROCURA MESCLAR O QUE O COTIDIANO LHE OFERECE E AS ATIVIDADES FORNECIDAS NOS CURSOS QUE FREQUENTA?

É isso mesmo. Meu cotidiano me dá tudo o que preciso para lecionar. Procuo fazer das dificuldades motivo de vitória e também para mostrar a todos, inclusive aos alunos, que somos capazes de superar problemas e obter sucesso em nossas empreitadas. Dos cursos de formação que faço, procuro usar tudo e sei que quando um curso acaba, minha forma de trabalhar também muda. Mesmo que não ache o curso tão interessante, procuro tirar dele algum proveito, para não ficar com a impressão de ter perdido tempo, mas quanto mais interessante for o curso, mais atividades eu vou tirar dele e, aí, vou usando, recriando, inventando até cansar. Os alunos vão respondendo em sala de aula, quando fazem as atividades com mais atenção e quando participam mais das aulas.

VOCÊ ACREDITA QUE CONSEGUE, ATRAVÉS DE SUA PRÁTICA, INTERAGIR ALUNOS E CONHECIMENTO?

Acho que esse é o objetivo de todo o professor. Não tenho este trabalhão de carregar diariamente 50 livros para baixo e para cima a troco de nada. Quero que meu aluno entenda, me pergunte, converse comigo e participe das aulas com interesse e com vontade de aprender. Não é sempre que isso ocorre, é claro. Mas quando isso acontece, me sinto bem, tenho a sensação de dever cumprido. Gostaria de ver uma escola mais harmoniosa, com melhores

condições financeiras e um suporte pedagógico para o professor. Isso seria uma grande contribuição para nosso trabalho. O aluno aprenderia mais e melhor e pensaria mais em seu futuro. Vejo que o nosso trabalho não desperta nos alunos a vontade de seguir a carreira no magistério. É triste ver universidades fechando salas e não abrindo classes para os cursos de graduação, porque os alunos têm buscado atividades mais rentáveis onde trabalham menos, ganham mais e têm um olhar mais positivo da sociedade para sua função. Estou dando um exemplo de quando o aluno tem condição de cursar o Ensino Superior. Normalmente, os alunos de escola pública ficam restritos a um mercado de trabalho desumano. Os meninos vão entregar os garrafões de água, as meninas trabalham em pequenos comércios e padarias e alguns mais metidos a espertos vão fazer coisas erradas, por isso que o crime tem crescido tanto nas escolas. É uma situação muito triste e está acima de nós.

VOCÊ NÃO ACHA QUE TEM POSSIBILIDADE DE CONTRIBUIR MAIS PARA A FORMAÇÃO DOS ALUNOS?

Sem dúvida. Faço o que posso, como já falei. Mas acho que o problema é maior, como diz o ditado “o buraco é mais embaixo”. Interessa para o seu trabalho falar dessa questão social?

VOCÊ FIQUE À VONTADE PARA FALAR SOBRE O QUE QUISER, MAS PREFERIA QUE VOCÊ FALASSE SOBRE A FORMAÇÃO DOS ALUNOS.

Então, lógico que me preocupo com a formação dos alunos. A contribuição que procuro dar é apresentar textos atuais que possibilitem a discussão, a reflexão e procuro conversar sempre com eles sobre tudo. Quando eles estão mais dispostos, dou atividades e espero o suficiente para que pensem sobre o que estão lendo. Depois conversamos e, muitas vezes, falamos sobre futuro, sonhos e, também, falamos sobre a realidade.

E AS DIFICULDADES? COMO VOCÊ AS ENFRENTA? FALO SOBRE O RELACIONAMENTO COM A EQUIPE PEDAGÓGICA, OS PROFESSORES, OS PAIS DE ALUNOS.

Procuro fazer meu trabalho da melhor forma para evitar problemas com a equipe. O diretor tem uma função difícil e, por causa disso, endurece. Não se torna próximo de nós nas dificuldades. Uma vez tive a experiência de trabalhar com um diretor muito democrático. Ele nos ajudava no que fosse possível e tudo o que fazíamos, por mais simples que fosse, merecia elogios. Frequentava as aulas, não para vigiar e criticar, mas para nos ajudar. Muitas vezes elogiava e conversava sobre o que estávamos ensinando. Parece um sonho, não? (risos). Mas foi verdade, no nosso aniversário não trabalhávamos e não usávamos a falta abonada, para irmos a alguma capacitação que não fosse obrigatória, também éramos dispensados. Foi uma experiência bem positiva, mas durou pouco, porque ele não era efetivo. Ele trabalhava com uma coordenadora excelente que nas reuniões não nos deixava à vontade para preencher diário, trazia textos, legislação para discutirmos e, ainda, apresentava os casos de alunos-problema para lidarmos com eles da mesma forma e tentarmos resolver as dificuldades com eles. Acho que é essa a função do coordenador, fazer um trabalho pedagógico junto a nós. O que temos visto são coordenadores envolvidos num trabalho burocrático tão grande que não conseguem nem lembrar que existem professores no mundo, quanto mais na escola em que

trabalham. O sistema educacional não permite que a equipe pedagógica se aproxime de nosso trabalho e o que ocorre na maioria das escolas é o “samba do crioulo doido” (risos). É! Cada um faz o que bem entende em sala de aula e vamos em frente.

E OS PAIS DOS ALUNOS? COMO VOCÊ OS VÊ?

Muitas vezes como um empecilho. Quando nós os chamamos nunca podem vir. Eu procuro fazer meu trabalho sem chamar os pais para resolver problemas, resolvo na hora, quando dá. É muito difícil resolver os problemas que temos com os alunos, hoje, chamando os pais. Antigamente, era mais fácil. Quando os pais eram chamados, resolviam tudo na mesma hora, e o comportamento errado não voltava a acontecer. Hoje, não uso mais esse recurso, resolvo tudo com os alunos, vou negociando, conversando e procurando não bater de frente com eles e esqueço que eles têm pais.

COMO VOCÊ VÊ A ESCOLA HOJE EM MEIO A TANTAS MUDANÇAS SOCIAIS E POLÍTICAS QUE AFETAM DIRETAMENTE A EDUCAÇÃO?

Acho que a escola tem uma função primordial: educar. Apesar de todas essas interferências, ela não pode fugir da sua função. Superar as dificuldades tem sido e é o que ela sempre fez. Essas mudanças sociais, políticas, econômicas, é claro, que se refletem na escola. A sociedade está perdida, as famílias, desestruturadas. A política, uma vergonha, e o que devemos fazer? Cruzar os braços? Claro que não. Ainda vejo a escola com um olhar positivo. Se as mudanças precisam acontecer, que comecem por ela. A gente sabe a responsabilidade que carrega e que não pode evitar as ordens que chegam diariamente. Hoje, pode isso. Amanhã, não pode aquilo. Semana que vem, tudo é permitido. Educação e política não combinam, ainda mais quando existem fins eleitorais, tudo se complica. Se, ao final de um mandato, um político deixa o cargo e o seu sucessor não é do mesmo partido, pronto: verbas são desviadas, projetos são cancelados, ou deixam de ser implantados. E quando se fala em educação não se pode pensar assim. Tudo precisa ser bem planejado, com muito cuidado, para que atitudes impensadas não gerem problemas de maiores proporções.

COMO VOCÊ ESCOLHE O QUE ENSINA EM SUA DISCIPLINA?

Tenho como referência o planejamento, mas não faço dele uma Bíblia. Sempre que vejo um assunto interessante e atual, procuro passar para os alunos e, se percebo que eles gostam, vou trazendo outros textos e referências e vou trabalhando assim. O tempo de serviço já me fez decorar os conteúdos de cada série e consigo reorganizar o que já planejei. Muitas vezes só preciso reagrupar alguns temas e tudo dá certo. Atualmente, acho muito comum o professor agir assim. Se na Internet o aluno tem acesso a tantas informações, o professor não pode ficar mostrando, por exemplo, o corpo humano através de uma foto distorcida de um livro didático. A informação, agora, é muito veloz e nossos alunos, apesar de carentes, têm acesso à tecnologia. Meu planejamento é feito assim, mas também levo em conta o fato das classes serem bem diferentes uma das outras. Aí, eu sei que para algumas salas essas informações e atividades funcionam muito bem, enquanto que para outras preciso seguir o planejamento à risca e sei que eles adoram acabar o ano e terminar o livro didático junto. É uma questão muito relativa, porque depende de nós, professores, e deles para que haja um entrosamento e que eles aprendam mais.

E COMO VOCÊ AVALIA SEUS ALUNOS?

Procuro fazer ao menos uma avaliação no bimestre. Acho importante o momento de se preparar, estudar, ler para fazer uma prova. Hoje, muitos professores aboliram a avaliação tradicional dos seus procedimentos. Não penso que seja o ideal, porque na vida deles surgirão momentos que exigirão a experiência de serem avaliados, é só pensar em vestibular, concursos públicos etc. Por mais que as pessoas digam que hoje essas avaliações estão mais modernas e possibilitam a reflexão e não o exercício da “decoreba”, o momento de preparação e da realização da prova é muito importante. É claro que, em muitas vezes, a avaliação só vem confirmar o que percebemos na nossa rotina em sala de aula, mas algumas vezes temos surpresas. Se eu não dou outras possibilidades de avaliação, não posso avaliar meu aluno de maneira coerente. Avalio de formas diversas: relatórios de textos, exercícios do livro, resumos, a avaliação bimestral, a participação em sala e, às vezes, invento alguma atividade diferente que também considero um instrumento para avaliá-los. Gosto de avaliar e procuro ser justa no processo. Quando eu estudava, adorava fazer provas e eu lembro bem que decorava tudo e recebia elogios porque sempre escrevia respostas completas, muitas vezes idênticas ao ponto que o professor passava. Mas acho, também, que não existem termos de comparação entre a minha época e os dias atuais e vejo, sinceramente, que hoje a avaliação está muito melhor, justamente porque nos dá a liberdade de escolher como avaliar e também permite que não ocorram injustiças.

O QUE É SER PROFESSOR PARA VOCÊ?

Ah! É muito bom. Apesar de tudo isso que falei (risos). É imaginar uma escola melhor, com uma equipe pedagógica mais coerente que se preocupe com a gente e, principalmente, com os alunos. Quando penso que a 5ª série vai me enlouquecer, entro no paraíso e dou uma aula maravilhosa. No 3º ano, vou ter uma aula com um pessoal mais maduro e responsável e me vejo em meio a uma zona sem tamanho. Na hora, fico louca, mas depois, quando fico sozinha, lembro das coisas que me acontecem e me pego rindo. Ser professora é isso, viver um mistério diário, ser surpreendida por acontecimentos bons e ruins, buscando energia, que na minha idade não se tem mais, para atrair os alunos para o que você deseja e tendo a plena satisfação quando isso acontece. É isso aí!

PROFESSORA, FICO MUITO GRATA POR SUA ATENÇÃO.

Não tem de quê. Boa sorte no seu trabalho e depois traz aqui para gente ver.

PODE DEIXAR.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: PROFESSORA HELENA

IDADE: 52

TEMPO NO MAGISTÉRIO: 27

DISCIPLINA: PORTUGUÊS

APÓS OS ANOS DE EXPERIÊNCIA, COMO VOCÊ SE VÊ EM RELAÇÃO A SUA ESCOLHA PROFISSIONAL?

Quando terminei a faculdade, tinha muitos sonhos, pensava que podia mudar o mundo, mas a rotina foi me mostrando que só a dedicação ao trabalho não chegaria nem perto do que eu queria mudar. Hoje, tenho muitas dificuldades em me relacionar com a molecada, parece que quanto mais velhos ficam, mais trabalho dão. O Ensino Médio age como crianças do maternal, é muito difícil. Adoro lecionar em Suplência, pelo menos são mais interessados, mas já estão aparecendo alguns alunos que também não querem nada e estão lá por causa do trabalho que exige escolaridade. É um desafio diário bem difícil, eu não posso dizer que estou arrependida, mas nunca pensei que no fim da minha carreira enfrentaria tantas dificuldades. Além do que eu já disse, acho que o maior problema é viver com meu salário e tentar equilibrar as contas. Acho que se tivesse escolhido outra profissão, não estaria passando este “sufoco”, mas ao mesmo tempo não me vejo fazendo outra coisa. Sou muito contraditória, não é? Gostaria que o Governo desse mais atenção para nós e proporcionasse melhores condições de trabalho e reformulasse, principalmente, essa política de promoção automática, que tem atrapalhado nossas vidas em sala de aula.

VOCÊ ESTÁ FALANDO SOBRE A PROGRESSÃO CONTINUADA?

Você sabe que é a mesma coisa, não? Acho que a idéia na teoria é fantástica. Também, não acho que fazer o aluno repetir 3, 4 vezes a mesma série, vá resolver o problema de aprendizagem, mas fazer com que o aluno que não faz nada, só frequenta as aulas, seja promovido automaticamente, é demais.

POR QUE VOCÊ ACHA QUE A TEORIA É FANTÁSTICA?

Porque a repetição desestimula, causa o desinteresse. Os alunos perdem contato com os amigos, que muitas vezes são de anos. Na teoria, o aluno teria um acompanhamento, o professor teria um respaldo e a aprendizagem ocorreria. Como tem acontecido, os alunos estão presentes, diariamente, mas não conseguem aprender. O que deveriam ter aprendido na 3ª série ficou pra trás e os conteúdos seguintes foram jogados em cima, provocando um acúmulo de informações sem sentido. Gostaria que houvesse uma política séria para avaliar os alunos que realmente têm dificuldade de aprendizagem e realizar um trabalho com todos para que promovesse a aprendizagem e a adaptação aos grupos em sala de aula. A cada dia temos mais dificuldade para lidar com os alunos que não sabem ler, nem escrever.

FALANDO NISSO, COMO VOCÊ TRABALHA PARA CORRIGIR ESSA DEFASAGEM?

Não sei dizer, muitas vezes tenho vontade de chorar muito. Sério! O número de alunos com este problema tem aumentado muito e isso dificulta nosso trabalho e a vida dessas crianças. Por mais que a gente trabalhe as dificuldades deles, nunca daremos as mesmas condições que os outros alunos apresentam. Em sala de aula, procuro dar atividades dinâmicas e, muitas vezes, lúdicas. Insisto na leitura e nas produções de texto. Quase enlouqueço de tantas atividades que levo para casa, mas acho que só assim posso ajudá-los. Procuro mesclar atividades desse tipo com exercícios de fixação como você viu. Eles odeiam, mas não ligo. Insisto para que consigam aprender. Foi assim que aprendi e acho que dessa forma eles aprendem também.

DESSA FORMA, A SUA PRÁTICA TEM RELAÇÃO COM ALGUM CURSO DE FORMAÇÃO OU FOI DESENVOLVIDA NO COTIDIANO?

Aprendi a lecionar na raça, no cotidiano e acho que os cursos que fiz também influenciaram a minha maneira de ensinar porque forneceram subsídios para meu trabalho.

COMO ASSIM?

Fiz um curso, há uns 10 anos, chamado Programa de Educação Continuada (PEC), promovido pelo Estado. Foi um curso muito interessante porque forneceu uma série de atividades para meu trabalho em sala de aula e, a partir dele, comecei a enxergar o aluno de outra forma. É sério! Antes, eu só trabalhava com cópias de texto, para melhorar a caligrafia, a leitura em voz alta e os exercícios de fixação. Agora, você viu quantas coisas diferentes eu faço em sala de aula, para dinamizar e atrair o aluno para o que eu quero que ele aprenda. O Estado não forneceu muitos cursos assim, desde o meu ingresso. A Teia do Saber não me acrescentou nada, tanto que só fiz o primeiro e acho que já está no quarto ano. Acho que a minha prática é voltada: primeiro, para a forma como eu aprendi; depois, para a forma como eu comecei a ensinar e, nos últimos anos, para a forma que eu tenho conseguido trabalhar, porque se eu encho a lousa ou se penso em fazer uma avaliação surpresa, acho que apanho (risos). Preciso olhar para o aluno e tentar fazer algo que chame a sua atenção, caso contrário, ele não faz.

ENTÃO, ACHA QUE ATRAVÉS DA SUA PRÁTICA CONSEGUE INTERAGIR ALUNOS E

CONHECIMENTO?

Ah! Você acha que a minha prática está com essa bola toda? (risos). Brincadeira. Acho que o que tenho buscado na rotina diária é justamente isso. Outro dia, estava dando uma aula sobre Colocação Pronominal e fiquei me perguntando por que o aluno deveria aprender o que é uma Mesóclise? Quantas vezes na vida dele a Mesóclise fará alguma diferença? No Vestibular? Será? E, aí, parei um pouco, expliquei superficialmente o assunto e não voltei mais nele. Eles riram com os nomes, espero que tenham entendido a explicação e pensei naquela hora do planejamento, quando incluí o tema com a maior segurança pensando na importância daquela matéria e a necessidade de que eles a aprendessem. Às vezes, me pego fazendo coisas assim, mas é justamente para não distanciar os alunos de mim e do conhecimento. Se eu fico falando coisas que fogem do interesse deles e quando estou explicando fico gritando, pedindo silêncio um milhão de vezes, acabou. Perdi meu tempo, eles não aprenderam nada e precisarei voltar a explicar a mesma coisa de várias formas diferentes. Fica cansativo para mim e para eles, também.

ESTE ASSUNTO É MUITO INTERESSANTE E UMA DAS MAIORES DIFICULDADES PARA TODOS OS PROFESSORES: DESPERTAR O INTERESSE DO ALUNO PARA O QUE ESTAMOS EXPLICANDO. FALE UM POUCO MAIS SOBRE ISSO. VOCÊ ACHA IMPORTANTE QUE O ALUNO GOSTE DE VOCÊ TAMBÉM, OU ISSO É UM ELEMENTO SECUNDÁRIO?

Eu acho que a chave do processo de ensino-aprendizagem está aí: manter o aluno interessado na tua aula. É por isso que tenho me surpreendido fazendo pequenos acertos no planejamento quando isso ocorre. Uma das formas eu já te falei, fazer atividades diferenciadas. Também gosto muito de projetos que envolvam todas as disciplinas. Os alunos adoram e tenho a possibilidade de me relacionar melhor com meus colegas. Perco aquela preocupação com a minha matéria, se estou em dia, se eles estão aprendendo e começo a me interessar em aprender (aprender mesmo!) os outros assuntos que sempre são discutidos. Se eles vão gostar de mim? Não é uma grande preocupação, não. Aluno é engraçado, adora te elogiar, falar do cabelo, da roupa, dos sapatos, mas ao darmos as costas, ironiza, satiriza e faz chacota. Meu objetivo é fazer com que ele aprenda, se vai gostar de mim, não é minha preocupação. Procuro não ser desagradável, porque sei que se ele me detestar, acabou. Não aprende mesmo, mas não procuro ser a Miss Simpatia da escola.

E VOCÊ JÁ CONVERSOU COM OS ALUNOS SOBRE A SUA FORMA DE TRABALHAR? O QUE ELES PENSAM SOBRE ISSO?

Nunca conversei com eles. Acho que não precisa, se você democratiza demais acaba virando bagunça. Sei que muitos deles não gostam. Mas quando eu aprendi foi dessa forma, nunca reclamei e hoje sou muito agradecida à educação que obtive nas escolas públicas que freqüentei. Espero que um dia eles reconheçam meu empenho e, mais que isso, espero que aprendam alguma coisa comigo. Esse é o objetivo do meu trabalho, não? Fazer com que meus alunos aprendam. Se puder enriquecer o processo, fazendo aulas diferentes, tudo bem. Mas não vou transformar minhas aulas em *shows*, por causa disso.

VOCÊ FALOU SOBRE A FORMA COMO VOCÊ APRENDEU. COMO ERA A ESCOLA QUE VOCÊ FREQUENTOU?

Maravilhosa! Tenho muita saudade, sinto o cheiro dos lápis, das professoras. Você lembra do

cheiro dos lápis de antigamente? Que delícia! Hoje, os lápis não têm cheiro de nada e vivem quebrando, uma porcaria! Havia muito respeito, vontade de aprender, mas também se vivia outra realidade. A gente já saía da escola com a perspectiva de conseguir um emprego, tinha os cursos profissionalizantes. Tudo era muito bom. Os alunos tinham respeito, entendiam o sentido do respeito pelo professor e que não podiam ficar saindo da sala o tempo todo, como agora. E os professores? Eram valorizados, se vestiam muito bem, possuíam carro, casa e um *status* que se perdeu com o tempo. Quando o professor entrava em sala, todos se levantavam e só sentavam quando ele autorizava. Era bem diferente.

AGORA, FALANDO DA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO, VOCÊ PODERIA CITAR QUAIS AS SITUAÇÕES QUE ENVOLVEM AS RELAÇÕES PROFISSIONAIS MAIS ENCONTRADAS NO EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO?

É uma situação bem complexa. Temos relações diárias com alunos, professores, coordenadores, diretores, inspetores de alunos e pais. Em todas elas têm pessoas boas e más. Falo isso, tanto no sentido profissional, como na questão moral, de personalidade, de caráter e postura. Acho que são os aspectos negativos que prejudicam nosso trabalho. Com relação aos alunos acho que o desgaste maior acontece porque eles não respeitam mais a figura do professor. Acho, também, que muitos professores não sabem como lidar com o aluno. É uma relação bem difícil, porque, pelo menos no meu caso, é diária e isso é um problema. Para lidarmos com os alunos precisamos, principalmente, de sensibilidade. Eles estão a cada dia mais sensíveis e se você falar uma palavra errada, na hora errada, "a vaca vai pro brejo", de verdade. Bom, para falar das relações com os professores preciso dizer que alguns são bastante arrogantes, acham que são o máximo e que sabem tudo e, assim, pensam que sua aula, sua avaliação e sua matéria são mais importantes que tudo. E quando agem assim, comprometem todos os colegas. Não acredito que existem disciplinas mais importantes que outras, mas sei que, para muitos, esse é o pensamento que impera. Saber se relacionar é uma arte. É verdade! Não posso falar com o diretor da mesma forma que falo com o pai de um aluno indisciplinado. Para falar com o diretor, sei que preciso saber o dia, a hora, o minuto e o segundo exatos de pedir ou comunicar alguma coisa. Surgem explosões a toda hora e preciso mostrar a ele que o poder está em suas mãos, o que é um absurdo. Sei que está muito distante do que vivo, porque não conhece meus alunos, as dificuldades que tenho para ensinar, a imensidão de problemas que trago de casa e preciso deixar lá no portão. Enfim, uma série de situações sobre as quais ele não tem idéia, ou se tem, não se preocupa com a forma como eu lido com tudo isso. O coordenador já é uma pessoa mais próxima do professor e não precisa ficar exercitando os efeitos de seu poder sobre nós. Sinto que falta para os coordenadores mais autonomia para desenvolver seu trabalho, eles são muito dependentes do diretor. Algumas vezes, o diretor dá alguma autonomia, quando os dois estabelecem uma relação de amizade, mas, em contrapartida, não temos mais um aliado, e sim um porta-voz do diretor. É isso.

E QUANTO AOS INSPETORES E OS PAIS E OS PAIS DE ALUNOS?

Ih! É mesmo. Bem, os inspetores são figuras à parte. Acho que o nome correto seria inspetores de professores. Eles adoram nos dar falta, muitas vezes, por cinco minutos, espalham pra todo mundo os nossos fracassos e entregam de bandeja ao diretor os nossos problemas e dificuldades em sala de aula. Desculpe falar assim, mas já sofri tanto nas mãos dessa gente que fico chateada quando ainda encontro situações parecidas.

ISSO É REGRA?

Claro que não! Já conheci gente muito profissional, que trabalhava para o bem da escola. Estabeleci um estereótipo, que é muito comum. Sei que sem eles, meu trabalho teria problemas, mas como já falei várias vezes: é um mal necessário.

E OS PAIS?

Sempre brincamos na sala dos professores que quando temos um problema com um aluno em sala de aula e chamamos os pais, sabemos exatamente o que iremos enfrentar: um pai – problema, isso é certo. O que a gente tem percebido nos últimos anos é uma transferência de responsabilidade. Estamos sobrecarregados, temos de ensinar conteúdos e, também, regras mínimas de educação, higiene, etiqueta e postura. Está a cada dia mais difícil porque para muitas famílias isso virou regra, mais que isso, virou obrigação. Não temos como enfrentar esta batalha. É um problema que está acima das nossas possibilidades, é um problema social, mas acho que estou fugindo do tema de seu trabalho, não?

FIQUE À VONTADE PARA FALAR O QUE QUISER.

Prefiro mudar de assunto. Este problema me chateia, justamente porque me faz pensar nas modificações que minha profissão tem enfrentado. Antes, eu entrava em sala de aula e transmitia os conteúdos, agora tudo ficou bem diferente. Entro em sala de aula e sempre preciso conversar sobre alguma questão como meninas de saias curtíssimas sentadas com as pernas abertas, arrotos provocativos e palavrões proferidos em alto e bom som, justamente para nos provocar. Antes eu ignorava, mas agora sinto que preciso falar. Isso tem me feito um bem enorme. Dizer o que penso e o que me faz mal em sala de aula tornou-se uma terapia.

TUDO BEM. VOU MUDAR UM POUCO DE ASSUNTO, MAS FALAR SOBRE ALGO BEM SEMELHANTE: QUERO SABER COMO VOCÊ VÊ A ESCOLA, HOJE, EM MEIO A TANTAS MUDANÇAS SOCIAIS E POLÍTICAS QUE AFETAM DIRETAMENTE A EDUCAÇÃO?

Ah! Danada! Está me fazendo responder na “marra”, não é?

NÃÃÃO! (RISOS) DESCULPE. SE VOCÊ NÃO QUISER RESPONDER, NÃO TEM PROBLEMA. ESTA PERGUNTA JÁ ESTAVA PROGRAMADA COMO VOCÊ VIU ANTES DA GENTE COMEÇAR.

Tudo bem. Estava brincando. O que posso dizer sobre a Escola, hoje? Que gostaria de voltar no tempo e reencontrar meus alunos de 30 anos atrás e as dificuldades que enfrentava, na

época, além da pele viçosa e dos 20 quilos a menos?(risos). Falando sério. A situação atual da Educação é muito triste. As mudanças caem em nossas cabeças e são todas para ontem com a desculpa de que visam à melhoria da qualidade de ensino. Não acredito. Vejo todas com olhos de desconfiança e observo um quê de politicagem em seus objetivos. Já te disse que fui bastante sonhadora, mas agora estou realista demais, acho que são os anos de estrada e a sensação de não ter modificado o mundo. Pensei, sinceramente, que meu trabalho faria diferença para as pessoas, que faria com que meus alunos fossem pessoas melhores, que aprendessem mais e tivessem a eterna vontade de aprender. Hoje, tudo é muito rápido, a Internet está aí e não me deixa mentir. E com a velocidade que o mundo tem seguido, eu fico em extrema desvantagem.

E DENTRO DESSA DESVANTAGEM QUE VOCÊ DIZ EXISTIR, COMO VOCÊ ACHA QUE CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO DOS ALUNOS?

Agindo com o meu coração. Pensando que estou lidando com meus filhos, ou da maneira que gostaria que eles fossem tratados em suas escolas. Acho que o amor e a dedicação ao trabalho fazem uma grande diferença no final das contas. Como nunca trabalhei em outra área profissional, acho que a minha contribuição para todos é justamente mostrar que sou uma pessoa feliz, por ter me encontrado profissionalmente e, também, por tentar fazê-los entender que a nossa língua é um instrumento que pode abrir portas importantes, mas também impossibilita nossa ascensão social e profissional. Tento sempre mostrar a todos a importância de nossas escolhas, que na idade escolar são fundamentais para nosso futuro.

FALANDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA NOSSA LÍNGUA, COMO VOCÊ ESCOLHE O QUE ENSINA EM SUA DISCIPLINA?

Sinceramente falando, passei anos copiando planejamentos anteriores. Ultimamente, tenho selecionado mais estratégias que conteúdos. Acho que a grande diferença está na forma de ensinar, nas atividades que surgem após a explicação e no retorno que se obtém dos alunos.

ENTÃO, É ASSIM QUE VOCÊ AVALIA SEUS ALUNOS?

Claro que não. Esse é somente um dos instrumentos. Faço duas avaliações por bimestre, diversas produções de texto e avalio também a participação em sala. Às vezes, peço resumos de livros, ou faço uma dramatização com eles, vou inventando e nunca me restrinjo a um único instrumento. Se preciso promovê-los, não posso me contradizer e apresentar um diário repleto de notas baixas e, no final do ano, fazer um milagre com todos. Acho muito positivo o fato de nós podermos inovar e acrescentar o que quisermos como instrumento de avaliação. Só a avaliação mensal ou bimestral é muito limitada e acaba excluindo, muitas vezes, alunos criativos ou com dificuldade para enfrentar momentos tensos como os de provas. Por isso que eu falei que a teoria da progressão automática... quer dizer, continuada (risos) é ótima, pois, a partir dela, que nós conseguimos enxergar outras possibilidades de avaliar nossos alunos.

PARA FINALIZAR, O QUE É SER PROFESSOR PARA VOCÊ?

Minha vida. A forma com a qual criei meus filhos, que hoje estão em universidades públicas, fora da Baixada. Ajudei meu marido a comprar nossa casa e, também, a melhorar nosso padrão de vida. Se tivesse optado por ficar em casa, teríamos mais dificuldades para alcançar nossos sonhos. Falando sobre a profissão, apesar de todas as dificuldades e contradições que acabei mostrando, sinto ainda orgulho de ser professora. É uma profissão linda, que envolve sonhos e realizações. Trago uma lembrança especial do início da carreira: lembro bem do dia em que um aluninho da 1ª série aprendeu a ler comigo. Foi muito bom! Inesquecível. Jonas, um aluno com dificuldades tremendas, mas depois que aprendeu, foi superando as dificuldades e se tornando um aluno melhor. Lembrei dele agora, porque sempre encontro sua mãe, mas só nos cumprimentamos e, outro dia, ela me falou que está empregado, casado e com filhinhos. Mais feliz ainda fico, quando penso que ele ainda se lembra de mim. São momentos assim que nos fazem felizes e dão a impressão de dever cumprido. A essência de nosso trabalho é essa: ajudar, ensinar e, com certeza, aprender bastante. Temos as dificuldades, o cansaço é enorme, o desânimo diante das dificuldades, também. É um trabalho que exige paciência, dedicação, persistência, criatividade, enfim, um profissional multimídia (risos). Temos pouco, às vezes nenhum reconhecimento e só seguimos esse caminho por amor. Não tenho outra explicação. Falei demais. Chega! Espero ter ajudado você em seu trabalho, menina. É preciso estudar sempre para que a gente se aprimore e, assim, consiga melhorar a Educação nesse país.

PROFESSORA, MUITO OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO.

Não tem de quê. Espero que tudo dê certo, quando fiz a minha dissertação, quase fiquei louca. Boa sorte e se precisar de ajuda pode me procurar.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: PROFESSOR HÉLIO

IDADE: 58

TEMPO NO MAGISTÉRIO: 36

DISCIPLINA: HISTÓRIA

APÓS OS ANOS DE EXPERIÊNCIA, COMO VOCÊ SE VÊ EM RELAÇÃO A SUA ESCOLHA PROFISSIONAL?

Ah! Eu posso dizer que gosto do que faço, mas não do que ganho. Em qualquer área em que trabalhasse com a formação que tenho, ganharia, no mínimo, umas duas vezes mais do que ganho como professor. Nossa profissão não é reconhecida por ninguém. O Governo acha que nos faz um favor e anuncia o investimento feito em nossas carreiras com essa “balela” de bônus, a bolsa para o Mestrado que você ganha, sendo que nada disso sai do bolso deles é uma verba destinada para nós e totalmente desviada. Essa política vergonhosa nos expõe e a sociedade pensa que estamos ganhando mais, mas continuamos trabalhando em salas super lotadas com alunos cada vez mais barulhentos e agressivos. Você viu que naquele dia eu te confundi com uma aluna, tamanho era o barulho que estava na sala? Tudo bem que você é bem jovem, mas para te confundir só estando bem zozinho. As famílias acham que somos empregados e quando queremos conversar nunca dá, mas no dia em que encostamos um dedo na santa criatura, vêm a família e a vizinhança toda para nos linchar. Vivemos assim, no meio de muitas dificuldades. Eu não precisava mais estar aqui, mas tenho ficado bastante tempo na Universidade e essa relação com os alunos do Ensino Fundamental estava me fazendo falta. Me aposentei como professor titular de cargo e agora sou contratado, mas estou vendo que será uma experiência bem curta. Não tenho mais o ritmo dessa molecada.

E COMO VOCÊ VÊ A SUA PRÁTICA DIÁRIA EM SALA DE AULA?

Voltei este ano para a sala de aula porque estava realmente sentindo falta de lecionar. Tenho tentado utilizar o método de resumo diário que usava antes de aposentar, mas não tem dado certo. Tudo está muito diferente.

POR QUÊ?

Acho que estou enferrujado (risos). É! Não perdi o costume de preparar minhas aulas e sempre que penso em fazer isso, procuro deixar tudo mais agradável para eles. Antes de me aposentar, eles tinham o costume de ler e sabiam fazer resumos sem problemas. Era um hábito que eu conseguia colocar na rotina deles. Mas agora, vejo uma preguiça, uma falta de vontade, além de perceber que muitos deles realmente não sabem o que estão fazendo aqui na escola. A aula tem que ir mastigada, você praticamente precisa fazer para eles as atividades. Parece que eles têm preguiça de pensar. Fica mais cansativo. Acho que tudo está muito diferente. Outro dia, fui conversar com a professora de Português, como se a culpa fosse dela, coitada e quando ela começou a se lamentar, eu vi o que estava fazendo. Mudei de assunto e deixei para lá. É esse afastamento da escola me tirou o traquejo, não sou mais o mesmo.

NOSSA, PROFESSOR! TAMBÉM NÃO É ASSIM.

É uma pena eu não poder te encontrar daqui a 30 anos. Mas sei que você vai chegar lá e se precisar voltar para sala de aula, vai saber do que estou falando. É um outro ritmo.

MAS A SUA PRÁTICA TEM RELAÇÃO SÓ COM A SUA ROTINA OU ALGUM CURSO DE FORMAÇÃO FOI IMPORTANTE?

Fiz muitos cursos e acabei me interessando mais pela pesquisa do que pela prática. Mesmo me afastando do Estado, sabia que tudo o que estava lendo durante esse afastamento, é claro, me ajudou muito e estou buscando ser um professor melhor, porque conheço mais a teoria e a prática com os jovens universitários, que são um público bem diferente. Mas também sei que mesmo que eu conheça toda a teoria do mundo, se eu não conseguir lidar com o aluno, não adianta nada. Sei que o que estudei me ajudou também a modificar a minha postura, rever a minha forma de trabalhar e, principalmente, de lidar com os alunos. Por isso, que estou vivendo esse conflito de na prática ver que tudo o que eu fazia e dava certo por tanto tempo agora está diferente. Por isso, resolvi voltar para a escola, sei que preciso aprender a fazer diferente, aliar o que eu sabia na prática com a teoria que estudei.

COMO VOCÊ ACHA QUE CONSEGUE INTERAGIR ALUNOS E CONHECIMENTO?

Ainda não sei te responder. De verdade. Estou reaprendendo e sentindo muitas dificuldades. Eles não são bobos e já perceberam o que estou vivendo. Tenho procurando trabalhar com textos mais atuais e, também, variar as atividades. É muito interessante você dar uma pausa no teu ritmo de trabalho e, depois, voltar com essa molecada que te deixa doido. Estou me sentindo o Ronaldo Fenômeno nos primeiros jogos da Copa (risos). Mas acho que uma das formas de interagir os alunos e o conhecimento hoje é mastigar o conhecimento para eles, procurar fazer atividades que eles gostem, lidar com eles com calma e educação. O que eu vejo hoje é o ensino totalmente voltado para o aluno. Em teoria, isso é bastante discutido, o que tem acontecido é uma inversão de papéis. E se o professor não se encaixa no sistema, dança.

E VOCÊ ACHA QUE ESSA MUDANÇA DE COMPORTAMENTO E DE CONHECIMENTO TEM A VER COM AS MUDANÇAS SOCIAIS E POLÍTICAS QUE ENVOLVEM A

EDUCAÇÃO?

Tudo a ver. Houve uma grande mudança nos últimos anos e a escola tem sofrido bastante com isso. Primeiro, essa parte de políticas que a gente estuda tanto e quando vai para a prática vê que não dá certo. Depois, as mudanças na própria sociedade. A perda de valores, do respeito, da compreensão, tudo isso está aqui. E nós não estamos sabendo lidar com o problema. Não falo só de mim, não. A conversa na sala dos professores é essa. Como fazer? A gente tem visto colegas mudando de profissão, resolvendo aposentar pela proporcional. Literalmente, fugindo da sala de aula. Está um campo de batalhas mesmo. Esta escola ainda tem alunos diferenciados e, ainda, conseguimos trabalhar um pouco melhor, mas a nossa realidade está bem difícil.

FALANDO SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO, VOCÊ PODERIA CITAR QUAIS AS SITUAÇÕES QUE ENVOLVEM AS RELAÇÕES PROFISSIONAIS MAIS ENCONTRADAS NO EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO?

Sempre fui um professor que procurou cumprimentar as pessoas no trabalho e parar por aí, no máximo, uma conversa superficial na hora do café. Já vi muitos colegas se prejudicando porque foram acusados de dizer coisas que nem tinham pensado, justamente por causa dessas conversas. Somos seres humanos, passíveis de erros. Alguns diretores de escola adoram ver o circo pegar fogo e elegem alguns professores que se prestam ao papel de levar e trazer informações sem sentido, muitas vezes mentirosas para eles. O que é pior a função da escola se perde, alguns professores se prejudicam, são perseguidos, começam a boicotar projetos, a faltar, não querem mais dar aulas ali e, por isso, começam a ficar desleixados. Então, muitas vezes, por uma bobagem, tudo dá errado. Acho que essa situação de relacionamento envolve, principalmente, os maus profissionais que não sabem trabalhar e procuram prejudicar os colegas.

DE QUE FORMA VOCÊ ACHA QUE CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO DOS ALUNOS?

Sendo íntegro, honesto, mostrando para eles bons exemplos. Para a formação do ser humano é muito importante seguir bons exemplos. Acredito que os pais fazem assim, educam seus filhos, pensando em exemplos bons que ficarão para a vida. Na escola, devemos agir assim também. Educar a todos mostrando o que é certo e errado através das situações que aparecem na nossa rotina. Eu sempre procurei em mais de 30 anos de magistério ensinar a todos através da disciplina, do respeito, do método, e sempre deu certo.

COMO ESCOLHE O QUE ENSINA EM SUA DISCIPLINA?

Sigo o que planejo. Não costumo fazer alterações no que planejei porque acho que normalmente não dá certo. Acho que já estou vivendo um conflito grande de relacionamento com os alunos, da dificuldade de passar o conteúdo de História que já é previsto, se eu começar a inventar, vou ficar louco. O que procuro pensar na hora de planejar é que não posso mais ser radical, preciso regular o grau de dificuldade dos conteúdos, observar as diferenças entre as classes para poder justamente regular este grau de dificuldade para cada uma delas.

E COMO VOCÊ AVALIA?

Mesmo antes de aposentar, trabalhava com o resumo diário e era a forma de avaliar todos sempre. No final do bimestre tinha bastante material e conseguia ver quem realmente tinha trabalhado. Agora, estou começando a fazer diferente. Estou pedindo trabalhos em duplas, olhando os cadernos, pedindo para eles elaborarem cartazes, e coisas assim. Não gosto de fazer aquela avaliação com data marcada, com matéria para estudar em casa, acho que se o professor trabalha bem em sala de aula, ele consegue atingir seus objetivos.

PROFESSOR, GOSTARIA DE SABER O QUE É SER PROFESSOR PARA VOCÊ?

Puxa vida! Trabalhei a vida inteira dando aulas. Comecei numa época tão diferente que não sei dizer exatamente para você o que é ser professor, hoje. Trabalhei muito tempo na rede estadual e quando surgiu a possibilidade de trabalhar na universidade foi muito bom. Lá, tenho alunos diferentes, mas não posso dizer que são tão diferentes dos que tenho aqui. São um pouco mais aplicados porque estão estudando aquilo que gostam. Mas mesmo assim, hoje a vida do professor está muito difícil. Tenho me dedicado a isso há tanto tempo que fica difícil fazer uma avaliação para você. Tenho buscado em Deus a força para seguir e... acho que durante a conversa que fui respondendo um pouco, mas ah... acho que é ser uma pessoa preocupada com a formação do ser humano, com o seu futuro, esperando sempre que ao sair da escola coisas boas aconteçam e tudo aquilo que você semeou, as contribuições que deu, tudo o que ensinou é muito gratificante, te dá um impulso pra seguir em frente. Em mim, impulsionou para voltar, e, muitas vezes, me pergunto: o que estou fazendo aqui? Mas, em seguida, penso que é a escolha que fiz para mim e é a melhor coisa que fiz e venho fazendo há tantos anos.

OBRIGADA PROFESSOR E DESCULPE A PERTURBAÇÃO DE FICAR ATRÁS DE VOCÊ MARCANDO HORÁRIOS.

Vivo correndo mesmo, não tem problema, não.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: PROFESSOR JORGE

IDADE: 50

TEMPO NO MAGISTÉRIO: 25

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA

APÓS OS ANOS DE EXPERIÊNCIA, COMO VOCÊ SE SENTE EM RELAÇÃO A SUA ESCOLHA?

Durante esses vinte e tantos anos que estou dando aulas, tenho enfrentado muitas dificuldades. Às vezes, encontro amigos meus da época do Colegial e vejo que eles têm outro padrão de vida. Seguiram outras profissões e não sei se estão realizados no que fazem. O que percebo são as pessoas ainda menosprezando o nosso trabalho, tornando ele sem importância e isso me chateia. Outro dia fui fazer uma compra com a esposa e tive que preencher uma ficha com uma recepcionista, balconista, sei lá. Quando eu disse que era professor, ela parou, me olhou e disse: coitado! Te juro que fiquei indignado e perguntei: por que minha filha? Qual é o problema? Depois de uma conversa com o gerente que pediu desculpas, tudo ficou bem. Mas são essas atitudes das pessoas que deixam a gente assim. Acho que falta, para todos, uma revisão de valores importantes, tudo tem girado em torno do dinheiro. Se eu pergunto em qualquer sala qual a profissão que eles pretendem seguir, surgirão todas que você imaginar, menos professor. Precisamos conscientizar essa moçada da necessidade de acreditar em alguma coisa, num sonho, na vontade de mudar o mundo, como os jovens da minha época, como os professores no início da carreira, sei lá. Por mais dificuldades que um país possa ter, a gente deve acreditar num mundo melhor, com pessoas melhores e com certeza com mais professores. Na minha matéria, procuro sair um pouco do conteúdo e conversar com eles sobre isso, procuro valorizar a auto-estima deles, falar sobre respeito, educação, valores e vou pincelando um pouco todo dia. Acho que é muito importante mostrar para eles que sou feliz com o que faço e que apesar das dificuldades, sou um funcionário público, concursado, efetivo, com direitos que poucas pessoas têm hoje no mercado de trabalho e mais: faço aquilo que gosto. E que não preciso da piedade de ninguém para viver. Outro dia um aluno falou para uma colega por que ela trabalhava tanto e ainda pegava no pé dele ganhando tão pouco.

Essas situações me deixam p... desculpe, doido da vida.

PERCEBO QUE, APESAR DO DISCURSO INFLAMADO, VOCÊ SE SENTE BASTANTE REALIZADO, NÃO?

Me sinto de verdade e, algumas vezes, me inflamo para defender nossa classe. Fui membro do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP) por muito tempo, mas me decepcionei lá também. Lutamos por um ideal que não pode ser vendido e, quando vi algumas coisas acontecendo, achei melhor me desligar.

VOLTANDO A FALAR DE SALA DE AULA, COMO VOCÊ VÊ SUA PRÁTICA?

Sou um professor tradicional, mas não sou um sargento. Preparo minhas aulas sempre procurando envolver os alunos e pensando se o conteúdo tem algum interesse para eles. Penso também no quanto aquele assunto poderá ser útil em sua vida e me esforço para mostrar que, para minha, serviu de alguma forma. Se o aluno não vê utilidade naquilo, acho que perde o interesse. Eu lido com uma matéria que consegue atrair mais os alunos, mas não é por isso que relaxo, não. A prática de esportes é fundamentada na rotina, no respeito, na disciplina. Em minhas aulas, eles fazem de tudo, apesar da falta de material específico para a prática de alguns esportes. Fico doido quando vejo colegas da minha área que passam o ano inteiro com uma bola de futebol debaixo do braço atuando como árbitros, em jogos de meninos, enquanto as meninas ficam sentadas assistindo, batendo papo, fazendo qualquer coisa. É uma atitude que além de excluir as meninas, ainda fortalece o sentimento de liderança dos meninos que não admitem uma mudança nesse ritmo de aula. Preparo aulas que atendam a todos, não tem conversa, não. Fico alguns dias em sala de aula para trabalhar a teoria e, também, para conversar com eles sobre tudo. Sei que sou uma exceção, mas acho que a Educação Física envolve todas as modalidades esportivas e conhecer os fundamentos de cada esporte é a função da minha matéria. Se o cara não quer fazer, que meta um atestado na secretaria da escola. Mas no dia da aula teórica, vai ter que assistir e participar. Sou meio radical assim para falar, mas sempre procuro motivar os alunos. Se eles não têm motivação, eu não tenho aula. Dou exemplos e falo curiosidades sobre alguns atletas que eles conheçam, a final emocionante de um campeonato importante. Eles gostam bastante de ouvir e eu me sinto o rei do pedaço (risos). Sério, não estou me gabando, não. É uma sensação muito boa, não dá pra explicar, ver 45, muitas vezes mais de 50 alunos olhando para você, ouvindo com atenção uma história que a gente está contando, é muito bom.

E O QUE VOCÊ DESENVOLVE EM SALA DE AULA TEM A VER COM ALGUM CURSO DE FORMAÇÃO? DE QUE MANEIRA?

Claro. A faculdade te dá um preparo para ensinar e o que você aprende lá. É muito bom. Só acho que eles deviam contar o que você vai encontrar pela frente, todas as rasteiras, empurrões (risos). Deviam te preparar melhor, mas acho que com as informações que a gente tem lá, dá pra começar a trabalhar com a moçada, o resto vai na rotina. Às vezes, a gente prepara uma aula muito boa, pelo menos para gente, e, antes de abrir a boca, já vem um atrapalhar e tua aula vai “pro beleléu”. O que eu adoro na profissão é justamente o inesperado. Quando você pensa que tudo vai dar certo, pode esperar, acontece o contrário e tem dias em que você está de “saco cheio”, tudo errado e, quando chega na escola, as coisas acontecem. É muito bom. Mas o que você perguntou?

SOBRE OS CURSOS DE FORMAÇÃO.

Ah! Então, a área de Educação Física é muito esquecida. Tem cursos de outras disciplinas com mais frequência do que para a minha. Já reclamei na Diretoria de Ensino (D.E.), mas não adianta não. Acho que é um problema cultural. É, porque se você perguntar para um professor eventual qual matéria ele gosta de substituir, na hora ele vai te dizer Educação Física. Na cabeça das pessoas a idéia que aparece sempre é a da bola e da quadra. Puxa vida! Tem tanta coisa legal que deve ser trabalhada com eles... Agora, eu não entendo o porquê de não haver mais capacitações na minha área. Mas os poucos que fiz, foram bons, gostei bastante.

FALANDO SOBRE PRÁTICA, COMO VOCÊ ACREDITA QUE CONSEGUE INTERAGIR OS ALUNOS E O CONHECIMENTO?

Com muita conversa. Sei que preciso, antes de abrir a boca, conquistar os alunos. Já que não sou adepto da bola e da quadra sem fundamento, sei que não posso jogar toda a teoria que eles precisam na lousa e afastar todos da quadra, eles me matam. Vou chegando devagar. No primeiro bimestre, faço isso aos poucos e, quando vamos para a sala, eles já sabem que vou falar, mas que também podem participar. Acho que assim fica mais fácil para eles se aproximarem de mim e, também, da minha matéria. O professor que coloca uma barreira entre ele e os alunos, hoje, sofre mais, na época em que estudei era assim e preciso te dizer que era muito chato. Tem gente que fala que aprendia mais, aprendia nada! Era obrigado a ficar decorando e morrendo de medo do dia da avaliação. Hoje, acho bem melhor. Os alunos sabem o que estão fazendo, têm liberdade de perguntar, discordar, participar. Isso que é legal.

FALANDO NISSO, COMO VOCÊ VÊ A ESCOLA HOJE EM MEIO A TANTAS MUDANÇAS SOCIAIS E POLÍTICAS QUE AFETAM DIRETAMENTE A EDUCAÇÃO?

Olha. Tudo mudou. O mundo está passando por mudanças há bastante tempo e isso acontece no Brasil também. Eu vejo isso como um ponto positivo. É bom que as mudanças ocorram, mesmo que por um momento seja para pior, porque dessa zona sairão coisas boas. Vejo assim. Mesmo que a política seja a da “sacanagem”, que “ferre com a gente”. Amanhã, dessa situação a gente pode tirar proveito. Se eu entrar na onda de pensar que tudo está ruim, com certeza ficará pior. Lógico que tudo isso prejudica a minha vida, meu trabalho, a formação de muitas crianças hoje, mas pensando diferente, alguém deve olhar para essa situação e tentar modificar isso tudo. Também, vou te dizer uma coisa: não adianta só ficar falando da política, da sociedade, e não falar de alguns colegas. Tem professor que é “fogo”! Falta demais, entra em sala e não faz nada. Diz para os alunos o que bem entende, não respeita os nossos combinados, parece que sai de casa para estragar o trabalho dos outros. Se a política está aí para nos “ferrar”, a gente precisa se unir e mostrar o nosso trabalho que pode superar o que tem de errado no papel. Mas se eu fico revoltado dizendo que ganho mal, que o governo não me valoriza, que o meu diretor é um “sacana”, o que isso vai resolver? Talvez, vá me dar uma bela úlcera, e só. Desde os tempos de faculdade, eu vejo professor reclamando que ganha mal, então isso não é um problema atual, existe há muito tempo e sem chance de melhora. Se morássemos na Coréia do Sul, não teríamos esse problema, mas veríamos muitos jovens cometendo suicídio, porque não conseguiriam corresponder às nossas expectativas de futuro para eles. É muito complicado falar das mudanças. Vivemos com problemas, mas o mundo todo também, então, precisamos enfrentar sem tanta reclamação.

VOCÊ FALOU UM POUCO SOBRE SEUS COLEGAS PROFESSORES, COMO VOCÊ VÊ AS RELAÇÕES ENTRE PROFESSORES, DIRETORES, COORDENADORES, INSPETORES DE ALUNOS E PAIS?

Olha, é muito difícil saber se relacionar, é uma arte. Como te falei, tem professores que envergonham a nossa categoria, mas também tem muita gente boa. Nessa escola mesmo, tem uns professores que são *show*. Trabalham bem com a moçada, respeitam os colegas, não vivem faltando, tirando licença-saúde sem motivo e um monte de outras coisas. Acho que ser professor é isso. Não adianta eu ficar falando mal do Estado se eu vou ao médico, tiro uma licença sem ter nada. Quem está enganando, pior, roubando o Estado, sou eu. Bom, tem vários tipos de professor, tem um que eu acho o pior: se faz de amigo, fica conversando na sala dos professores e, depois, vai para direção e entrega todo mundo. Se eu ficar falando aqui todos os tipos que conheço, vou ficar o dia inteiro (risos). Acho que o diretor, de uma maneira geral, é um cara confuso. Quer mostrar autoridade, então entra na sala dos professores de cara fechada, precisa gritar, dizer não para tudo e, assim, acha que todo mundo vai respeitar. Se os caras soubessem que é muito mais fácil ganhar a gente fazendo justamente o contrário, seria bem melhor. Quem mais? Ah! O coordenador, esse é um coitado. Fica atrás do diretor, faz cara de importante o tempo inteiro, e quando é amigo do chefe... piorou. Acho um cargo desnecessário para gente, professor, pelo menos o coordenador do dia tem tanto papel para preencher, tanta reunião para participar, tanto problema para resolver com o diretor, que quando chega a nossa vez, o dia já acabou. As funções do coordenador não são muito claras para mim, enfim.

VOCÊ SE RELACIONA BEM COM OS PAIS DOS ALUNOS?

Sim. Para lidar com eles, eu penso que estou falando com os filhos e sempre resolve. A mudança dos tempos que eu falei tem tudo a ver com a mudança nas famílias, está todo mundo perdido. Os pais não sabem mais como educar os filhos, a liberdade que foi dada acabou criando uma confusão nas famílias e, infelizmente, todo mundo agora pode tudo. Não sou “careta”, acho que você já percebeu, mas acho que as pessoas precisam de limites. Para gente viver em sociedade, você não pode invadir o espaço dos outros, mas eu consigo resolver tudo com os alunos. Posso contar nos dedos as vezes que precisei chamar um pai para resolver algum problema.

COMO VOCÊ ACHA QUE CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO DOS ALUNOS?

Ih! Não sei dizer exatamente como. Acho que na conversa mesmo. Depois que consigo conquistar. Quando percebo a hora de chegar junto, de conversar, de dar o meu recado, é, não fico só conversando, não. Acho que para a formação deles é preciso um pouco de tudo, principalmente orientação. Sou um complemento da educação que ele recebe em casa e cada aluno encara e assimila de um jeito aquilo que me vê fazer em sala. Se eu posso fazer melhor, farei. Se posso fazer diferente, também. Sempre pensei que trabalhando assim, estaria fazendo o mesmo que para meus filhos, e acho que tenho feito um trabalho coerente durante meu percurso no Magistério.

COMO ESCOLHE O QUE ENSINA EM SUA DISCIPLINA?

Sigo o planejamento. Procuro na hora de planejar, deixar algumas brechas para inserir alguns assuntos que sejam atuais. Este ano, por exemplo, já planejei Copa do Mundo e sabia que utilizaria várias aulas para falar sobre o assunto. Futebol é uma paixão, a moçada adora. Então, foi um semestre bem produtivo. As outras matérias também exploraram bastante o tema, foi bem legal. No começo do ano, deixei uma abertura no planejamento de todas as séries, porque não sabia o que iria encontrar e foi bom porque acabei fazendo coisas

diferentes e deu super certo. Normalmente, planejo e sigo o que planejei, mas você sabe que as alterações acontecem, mesmo. Não tem jeito. Acho bem legal planejar. Você não sabe quem vai encontrar pela frente, como serão as turmas, se vão gostar do que você preparou e, muitas vezes, dá tudo errado mesmo (risos). Já precisei alterar planejamentos algumas vezes por causa disso.

E COMO É A AVALIAÇÃO?

Avalio de várias formas. Aviso para eles que o bom dia que me dão já é um bom motivo para uma avaliação, se piscam, se abrem a boca, se dormem na aula e vou brincando assim. Mas, sem brincadeira, procuro avaliar sempre. Sei o nome de todos, não me pergunte como. Avalio de forma não intencional, não sei se você me entende.

ACHO QUE VOCÊ QUER DIZER INFORMAL.

Pode ser. Avalio sempre. Não dou com frequência avaliações com data marcada, em que eles precisem decorar as regras de uma modalidade específica. Dou as regras e vamos para a quadra exercitar e, aí, vou observando. Respeito as limitações de todos porque sei que nem todos têm as mesmas habilidades. Vejo de que maneira participam das aulas, se num dia em que converso mais, tem um tipo de participação, se no dia da prática, o cara tem pelo menos boa vontade. E vou fazendo assim. Fico doido (risos) da vida quando um aluno diz que a minha disciplina não reprova, que não preciso fazer prova, que no final do ano fica tudo certo. Sei que no fundo ele tem razão, mas não é só na minha matéria. Isso acontece com todas.

PARA FINALIZAR, GOSTARIA DE SABER O QUE É SER PROFESSOR PARA VOCÊ?

Depois de tudo o que falei não respondi isso, não? Caramba... ser professor... No início foi minha forma de sobreviver, mas com o tempo foi se tornando uma paixão. Gosto do que faço, gosto muito. Me realizo vendo essa moçada cheia de gás, de vontade. Mesmo quando vejo os que não querem nada. A gente lida com seres humanos e precisa de sensibilidade para saber a hora certa de agir, pensar sempre como o aluno, se colocar na posição dele para perceber as dificuldades que ele tem. Uma grande parte da tarefa do professor é buscar o aluno na sua dificuldade e trazer para a sua aula. Sei que em algum momento da vida, como eu, vão encontrar a motivação que precisam. E quando penso que um dia vão lembrar de mim como um cara que enxergou ele com outros olhos, fico emocionado, de verdade. Acho que a função do professor é justamente fazer a diferença, não se acomodar diante das dificuldades, encarar tudo porque acredita num sonho. Cada um tem o seu, mas acho que todos pensam no bem-estar dos alunos. Trabalhamos por eles, para que tenham possibilidades de trabalho, de convivência melhor com a família ou com os amigos, enfim, para que sejam pessoas melhores. Ser professor é... ah! É muito bom. Sou um professor muito realizado e sei que meus alunos conseguem ver isso em mim. Quem sabe dessas turmas todas não sairão alguns professores de Educação Física que pelo amor de Deus não sejam adeptos da bola debaixo do braço e da quadra? (risos).

MUITO OBRIGADA PELA AJUDA PROFESSOR.

Não tem de quê. Você sabe que eu não estava a fim de falar, mas até que gostei.

**ANEXO VII - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS
ALUNOS (ESCOLA B)**

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: ALUNO ALEXANDRE

ATÉ QUE PONTO O TRABALHO DE UM PROFESSOR AUXILIA EM SEU APRENDIZADO?

O trabalho do professor me ajuda bastante. Muitas vezes, fico olhando o professor falar, explicar a mesma coisa por várias vezes e, de repente, na 3ª ou 4ª vez, consigo entender. Alguns explicam melhor e, na primeira vez, já consigo acompanhar a aula. Tem professores que passam pesquisa para gente fazer na Internet e isso é bem legal. Tem vezes que um texto está tão explicado que ajuda mais ainda. Acho que a Internet tem ajudado a gente também. Eu não acho que o professor não é importante, mas hoje a gente tem outros jeitos de aprender.

COMO VOCÊ AVALIA O TRABALHO DE UM PROFESSOR EM SALA DE AULA?

Ah! Ele tem que ter paciência. O professor, que nem fala nada ou se fala rapidinho e quando a gente pergunta, fica dando fora na gente, não é bom não. A gente sabe que tem vezes que a gente não deixa ele falar, mas mesmo assim precisa ter paciência. Depois, acho que precisa fazer coisas diferentes com a gente, que nem o Jorge. Ele é bem assim. A matéria dele é bem fácil, ele não complica e sabe fazer coisas diferentes.

QUE COISAS?

Ah! Sei lá. Leva a gente para o pátio e não dá nada de Educação Física, abre uma roda no chão e fica conversando duas aulas com a gente sobre família, estudo. Ele dá lição de moral, mas não é chato.

QUAL O SENTIDO DE ESTUDAR PARA VOCÊ? VOCÊ ESTUDA PARA QUÊ?

Gosto muito de vir para escola. Venho todo dia. Esse ano ainda não faltei. Eu fico apostando com o Thiago para ver quem vai faltar primeiro. Quem perder, vai pagar um lanche para o outro e já que eu estou aqui, eu estudo, não é?

E SEUS PAIS? QUAL A FORMAÇÃO DELES? QUE INFLUÊNCIA VOCÊ RECEBE EM

CASA QUANTO AO ESTUDO E À ESCOLHA PROFISSIONAL?

Os dois terminaram o Ensino Médio. Minha mãe começou a fazer Pedagogia, mas não conseguiu pagar. Depois, foi fazer o Magistério, mas ficou sabendo que o curso não era bom. Então, ela agora faz uns bordados e vende para uma amiga que tem uma barraca na feira do Sesc, de domingo. Meu pai trabalha em Cubatão, numa empreiteira da Cosipa. Eles são muito gente boa e me ajudam bastante, me dão de tudo que eles podem e querem que eu estude sempre.

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?

Gosto muito da escola. Mas alguns professores reclamam muito. Estão sempre cansados e tratam a gente muito mal.

DESCULPE TE INTERROMPER, EU QUERO SABER SOBRE A ESCOLA DE UMA MANEIRA GERAL: A ESTRUTURA, A FORMA DAS SALAS DE AULA, AS AULAS, COISAS ASSIM.

Ah... As salas de aula podiam ser maiores. As aulas podiam ser diferentes. Os professores também. Computadores para gente usar durante as aulas, quem não quisesse podia ler. Devia ter enfeite na sala, uns quadros, mural com fotos da escola. Uma merenda decente para gente pegar na cantina. A lousa com caneta em vez do giz que faz uma poeirada só.

QUE BELEZA! EU TAMBÉM QUERIA UMA ESCOLA ASSIM (RISOS) AGORA ME DIGA, VOCÊ TEM BONS PROFESSORES? O QUE É UM BOM PROFESSOR PARA VOCÊ?

Eu tenho bons professores, sim. Uns podiam melhorar, mas tem uns três que são muito bons. Conhecem bem a matéria e sabem ensinar para gente. Um bom professor é isso, sabe ensinar e tem bastante paciência com a gente.

VOCÊ ESTÁ TERMINANDO O ENSINO FUNDAMENTAL, NÃO É? O QUE VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA? QUAIS SÃO AS SUAS EXPECTATIVAS PARA O ENSINO MÉDIO?

Eu quero continuar aqui com o pessoal. Aprender coisas diferentes. Fazer novos amigos, conhecer novos professores. Espero que aqueles que não são bons, não voltem mais. Quero começar a trabalhar e, talvez, estudar à noite.

E O QUE VOCÊ APRENDEU?

Ah, é! Aprendi tanta coisa, que nem sei. Acho que tudo o que eu sei fazer. Matemática e Português, primeiro, a gente precisa falar e escrever, e também saber fazer contas pra ninguém enganar a gente. Depois, conhecer a História das pessoas dos países, a Geografia, que é muito chata, o Inglês que ajuda a gente na Internet. Aprendi muita coisa. É bom estudar.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: ALUNO ANDRÉ

ATÉ QUE PONTO O TRABALHO DE UM PROFESSOR AUXILIA EM SEU APRENDIZADO?

Acho que ajuda bastante, quando o professor está a fim de ensinar, porque tem muito professor sem paciência que já chega na sala gritando com a gente, não conversa nada e pensa que a gente está na escola só para ficar copiando, fazendo lição. Mas eu acho que a gente pode fazer isso na escola também, mas é bem mais legal quando o professor conversa, pergunta coisa para gente e, também, quando ele explica e conta piada, diverte a gente.

ENTÃO, PARA VOCÊ, A ESCOLA PRECISA SER DIVERTIDA?

Não, se ela for é bem melhor, mas se ficar muito divertida também vai virar “zona”. Acho que o que a gente quer mesmo é os professores mais amigos da gente. O Professor Jorge conversa tanto com a gente que a aula dele nunca é chata. É um professor que dá aula de Educação Física, mas vem pra sala de aula para saber da gente, se está tudo bem, ajuda, conta umas histórias legais e a gente nunca reclama de ficar aqui, em vez de ir pra quadra.

ENTÃO, VOCÊ AVALIA O TRABALHO DE UM PROFESSOR PELA CONVERSA QUE ELE TEM.

Mais ou menos. Se além da conversa, ele se preocupa com a gente, se tem respeito, se a gente percebe que ele gosta do que faz, que nem o Jorge, o trabalho dele sempre vai ser bom. Mas tem professor que não conversa muito, mas sabe tratar a gente bem.

ESPERE AÍ, ENTÃO, PARA VOCÊ, ASSISTIR AULA O PROFESSOR PRECISA TE TRATAR BEM?

Lógico! Tem graça eu ficar sentado aqui o dia todo e chega um, chega outro, e vai ficar gritando com a gente, não deixando a gente nem falar? Eu acho que está errado, o professor quando é legal, ele ganha a gente e vira parceiro. Quando ele quiser dar aula, vai conseguir, se precisar da gente também. Nada a ver chegar tratando a gente mal, a gente quer ter espaço

para conversar, para ter aulas mais legais e professores também.

E COM AULAS E PROFESSORES ASSIM VOCÊ CONSEGUE ESTUDAR MELHOR?

Consgo. A gente não fica tão preso e consegue ouvir melhor o professor, sem pensar que ele pode começar a gritar por nada. Tem professor aqui, que parece louco. A gente está só virado de lado e ele já começa a mandar virar para frente, fechar a perna, ficar quieto. Se é comigo, eu já fico num "veneno" tão grande que não quero nem mais ouvir a voz dele. Aí, não consigo estudar.

MAS PARA VOCÊ QUAL O SENTIDO DE ESTUDAR? VOCÊ ESTUDA PARA QUÊ?

Estudo porque meus pais sempre me falaram que é bom. Se eu precisar de um emprego, pelo menos o Ensino Médio, eu preciso ter. Não gosto muito de estudar, não. Meus pais é que me obrigam. Eu tenho uma banda de rock muito "dez" e é isso o que eu quero fazer, então não preciso estudar. Meu pai é que fica falando que é bom, que eu preciso, e um monte de coisa. Então, eu venho para escola e, quando chego aqui, sei que já não gosto muito, então, procuro não atrapalhar ninguém. Essa história de estudar é meio nada a ver. Tem tanta gente que eu conheço que não tem estudo e deu a maior sorte de conseguir fazer uma coisa legal.

VOCÊ ACABOU DE FALAR EM SORTE. VOCÊ ACHA QUE TODAS AS PESSOAS TÊM A MESMA SORTE? E SE A PESSOA PERDER ESSA OPORTUNIDADE, COMO ELA VAI FAZER?

Sei lá, se ela não conseguir mais fazer aquilo que estava fazendo, volta para escola tem tanto curso de noite, agora tem até no fim de semana. E, se tem a ver com sorte mesmo, a pessoa tenta de novo e consegue outro emprego bom também.

QUAL A FORMAÇÃO DE SEUS PAIS? VOCÊ RECEBE ALGUMA INFLUÊNCIA EM CASA PARA ESTUDAR OU ESCOLHER UMA PROFISSÃO?

Meu pai trabalha na Prefeitura e minha mãe fica em casa. Minha mãe é mais na dela, ela gosta do som que eu faço e me dá uma força para que eu continue fazendo, mas meu pai é "mó chatão". "Enche o saco", diz que vai vir para escola para saber como eu estou. Se eu estou dando trabalho para algum professor, e fica dizendo que eu tenho que estudar, que vai ser bom para mim. Que ele fez faculdade, que conseguiu um emprego na Prefeitura, fez concurso, passou, que é bom. Enche o "saco"! Fiz um *show* um dia e ganhei R\$ 100,00, cheguei em casa e contei para eles e meu pai já começou a falar que isso não dá futuro que eu preciso estudar, que dinheiro vai embora. Ele fala muito. Acho que isso me faz detestar mais ainda a escola. Se ele falasse mais comigo, tipo para me escutar, saber o que eu quero ia ser mais legal, mas assim eu não agüento.

MAS O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?

Acho a escola um lugar muito chato. A gente já chega aqui dormindo. sete horas, pô! É muito cedo. Aí, chega um e fala um monte sem parar, depois enche a lousa de coisa para gente copiar. Dá o sinal, vem outro que faz a mesma coisa. Depois, vem a outra que não deixa nem a gente abrir a boca. Banheiro? Nem pensar, tem que ficar quieto e fazer a lição toda, mesmo sem entender. Como eu não entendo, copio dos outros. Aí, vem o legal: o recreio, todo mundo fica livre. A gente conversa, brinca, se diverte, mas passa tão rápido que já tem que voltar

para as mesmas coisas. De vez em quando, vem um professor legal e melhora um pouco. Acho a escola muito chata.

E COMO DEVERIA SER A ESCOLA PARA VOCÊ?

“Vixe”! Podia ser até assim, com um monte de salas para gente ficar. Mas as salas deviam ter sempre o mesmo professor e a gente ia entrando e saindo da aula que a gente mais gostasse. Devia ter aula de música, teatro, dança, coisas assim. Devia ter outros professores, porque esses já tão caídos. Eu ia gostar mais.

NÃO TERIAM AS MATÉRIAS QUE VOCÊ TEM AGORA?

Não, só algumas “tipo” Português e Matemática, para gente não ficar tão “burro”. O resto, a gente ia só escolhendo. Se quisesse, podia ficar as aulas todas numa sala só.

VOCÊ TEM BONS PROFESSORES? ATRAVÉS DE QUE ELEMENTOS VOCÊ PODE AVALIAR E CONSIDERAR UM BOM PROFESSOR?

Tenho sim. Já falei do Jorge, a Ana também é boa porque mesmo sendo bem dura, também ouve a gente. Para um professor ser bom, ele precisa ser nosso amigo. Se ele consegue isso, a gente aprende, porque gosta dele. Tem dias que a gente não está a fim. Até o Lula também fica assim. Então, todo mundo precisa de uma folga de vez em quando. Acho que é isso. O professor é bom, quando ele sabe lidar e respeitar a gente.

VOCÊ ESTÁ TERMINANDO O ENSINO FUNDAMENTAL, NÃO É? O QUE VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA? QUAIS SÃO AS SUAS EXPECTATIVAS PARA O ENSINO MÉDIO?

Aprendi bastante coisa. Primeiro, a ler e escrever; depois fazer as contas, e todo ano aprendo alguma coisa diferente. A escola é chata, mas não é tão ruim. Não queria fazer o Ensino Médio não, mas meu pai já está falando que tem que fazer. Que não vai me deixar fazer isso, fazer aquilo, vai me tirar da banda. Então, vou continuar, não sei se vai ser aqui. Vou esperar para ver.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: ALUNA BEATRIZ

ATÉ QUE PONTO O TRABALHO DE UM PROFESSOR AUXILIA EM SEU APRENDIZADO?

Ajuda bastante. Gosto muito de observar os professores e quando vejo que eles fazem o que gostam e que, principalmente, gostam da gente, é muito bom. Esta escola tem bons professores e eles me ajudam bastante a aprender o que ensinam. Pretendo prestar vestibular e meus pais não têm condições de pagar uma faculdade, então preciso estudar bastante desde agora para conseguir o que quero.

E O QUE VOCÊ QUER?

Quero ser médica.

POXA, QUE LEGAL. ENTÃO, VOCÊ JÁ ESTÁ SE PREPARANDO AGORA? COMO?

Meu pai falou que é importante eu ler, e eu já faço isso há bastante tempo. Gosto muito da leitura e leio de tudo. A professora de Português adora minhas redações e diz que eu tenho estilo. Eu me preparo tirando minhas dúvidas com os professores. Às vezes, durante as aulas, não dá. Tem professor, que não liga para bagunça e tem aulas em que a gente fica surda. É horrível. Gosto muito da aula da Ana. Ela brinca, conversa e explica muito bem e a aula dela é um silêncio só. Eu me preparo também lendo, assistindo televisão, pela Internet. Ah, vou fuçando. Gosto muito de estudar.

COMO VOCÊ AVALIA O TRABALHO DE UM PROFESSOR EM SALA DE AULA?

Vejo se o professor consegue segurar a sala. Não adianta o professor explicar muito bem, ser um amigo, mas deixa a sala tão à vontade que ninguém escuta ninguém. Ter aula no meio da bagunça, não dá. Então, eu vejo assim, um professor trabalha bem, quando explica bem, é simpático, sabe ser duro também e sabe controlar a sala.

NOSSA! VOCÊ É BEM EXIGENTE!

(Risos). Sou? Ah! Eu gosto muito de estudar e, para mim, tem ficado cada vez mais difícil. Tenho poucas amigas na sala. Todos me chamam de “C.D.F.” de “B.V.” e fico bem irritada com isso. Não tenho culpa se gosto de estudar e, por ter esse gosto, a sala me persegue. Isso é chato, mas vou em frente.

EU FALEI BRINCANDO COM VOCÊ. SERIA BOM SE TODOS OS ALUNOS TIVESSEM ESSA MESMA IDÉIA. VOCÊ TEM UM OBJETIVO COM O ESTUDO, MAS É SÓ PARA SER APROVADA NO VESTIBULAR?

Não. Ser aprovada no vestibular é um sonho que não sei se conseguirei alcançar. Estudo, porque gosto. Pesquiso em casa, converso com meus pais, os professores e leio bastante, porque gosto.

QUAL A FORMAÇÃO DE SEUS PAIS? QUE INFLUÊNCIA VOCÊ RECEBE EM CASA QUANTO AO ESTUDO E À ESCOLHA PROFISSIONAL?

Meus pais são separados. Mas se dão super bem, ainda mais quando o assunto sou eu. Eles são muito preocupados comigo. Meu pai trabalha numa indústria em Cubatão e minha mãe trabalha numa loja no *shopping*. A minha vontade de ser médica não tem influência deles, não. Desde criança tenho essa vontade. Meu pai não pode pagar uma faculdade para mim porque aqui em Santos é muito caro. Depois que ele se separou da minha mãe, casou de novo e tem dois filhos pequenos. Eu entendo que agora ele tem outra família. No fim de semana, quando fico lá, vejo que para ele tudo está bem difícil. Minha mãe não quis casar mais, ela tem um namorado bem legal, mas cada um mora na sua casa.

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?

Adoro a escola. Acho que algumas coisas precisavam mudar. Por que alguns professores conseguem fazer tantas coisas diferentes e outros parecem que dão a mesma aula há 50 anos? As escolas deviam poder contratar professores melhores para ensinar para gente e aqueles que estão cansados ou que não sabem ensinar, deviam fazer outras coisas na escola. Eu vejo que tem alunos que não gostam de fazer nada, mas em algumas aulas eles prestam atenção, conversam menos, não fazem tanta bagunça. Acho que tudo isso tem a ver com o professor.

E VOCÊ TEM BONS PROFESSORES? COMO VOCÊ PODE AVALIAR E CONSIDERAR UM BOM PROFESSOR?

Tenho ótimos professores, mas alguns são bem ruins. O de História é tão confuso que eu não sei o que ele está fazendo aqui. Na aula dele todo mundo entra e sai e ele nem vê. Anda pela sala de carteira em carteira, para ver os cadernos que ninguém faz....

MAS COMO VOCÊ AVALIA UM BOM PROFESSOR?

É....Por tudo. Mas o mais importante mesmo é se ele sabe ensinar. Tem professor que a gente percebe que sabe, mas na hora de ensinar a gente não entende. Um professor é bom quando ele ensina bem, conquista a gente só pelo jeito de falar e passar para gente o que sabe.

VOCÊ ESTÁ TERMINANDO O ENSINO FUNDAMENTAL, NÃO É? QUE VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA? QUAIS SÃO AS SUAS EXPECTATIVAS PARA O ENSINO MÉDIO?

Sempre vivi na escola. Quando era bebê, minha mãe me colocou na creche. Depois, fiz o maternal, o jardim e o pré. Tudo feito o dia inteiro, ela só me buscava de noite. Depois, na primeira série, fui para o Curumim, lá do SESC, não é escola, mas tem professor, monitor, um monte de gente para ficar com a gente e, só na 5ª série, comecei a ficar só de manhã na escola e, de tarde, em casa. Até hoje sinto falta de fazer alguma coisa de tarde. Tudo o que eu sei aprendi nesses lugares e acho que sou uma aluna bem comportada e dedicada. Tenho expectativas para o futuro, mas, para o Ensino Médio, acho que vai ficar bem parecido. Vou continuar aqui, com os mesmos colegas e professores. Acho que vai ser bem legal.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: ALUNA CLARA

ATÉ QUE PONTO O TRABALHO DE UM PROFESSOR AUXILIA EM SEU APRENDIZADO?

Gosto muito desta escola e dos professores também. Acho que quando gosto do professor, tudo fica diferente. Quando ele sabe ser legal, ouve a gente, mesmo que dê uma matéria chata, como a Ana. Ela é dez, mas Matemática, ninguém merece. Adoro quando ela faz aquelas piadas, brinca com a gente e uma aula que podia ser muito horrível fica bem legal. Daí, eu acho que quando o professor é legal, ele me ajuda mais, porque acaba me fazendo gostar mais da matéria dele.

COMO VOCÊ AVALIA O TRABALHO DE UM PROFESSOR EM SALA DE AULA?

De vários jeitos, se ele conversa com a gente, se traz algumas coisas diferentes para gente fazer se fica interessado no que a gente pergunta. A professora de Geografia anda a escola inteira com aquele carrinho cheio de livros, mas, às vezes, acho que falta alguma coisa na aula dela. É sempre a mesma coisa, não muda, não ouve a gente, quer que a gente fique quieto o tempo todo. Não maltrata, não. Mas acho que devia olhar mais para o que a gente quer. Gosto muito quando tem debate na aula. Quando a gente pode participar e deixar de copiar ou fazer exercícios um pouco. Às vezes, um professor pode dar uma matéria que já é legal, que nem o Jorge, e deixar mais legal ainda. Tem dias que a gente não sai da sala e nem percebe porque a aula é interessante, divertida e a gente adora.

QUAL O SENTIDO DE ESTUDAR PARA VOCÊ? VOCÊ ESTUDA PARA QUÊ?

Eu gosto de estudar. Meus pais me ensinaram que preciso estudar para aprender. Que quanto mais souber, melhor vai ser para mim na escola e depois que eu acabar de estudar e começar a trabalhar. Desde pequena, estudo assim, sempre li bastante e agora adoro pesquisar na Internet. Aprendi a estudar desse jeito e acho bem legal. Estudo para saber.

FALANDO NISSO, QUAL A FORMAÇÃO DE SEUS PAIS? QUE INFLUÊNCIA VOCÊ RECEBE EM CASA QUANTO AO ESTUDO E À ESCOLHA PROFISSIONAL?

Meus pais estudaram sempre e bastante. Minha mãe é professora e meu pai tem uma lojinha de R\$ 1,99. Eles sempre ensinaram para gente que é importante estudar, que precisamos saber e entender o que estamos vendo e sempre nos deram força nos estudos. Às vezes, meu pai chega mais tarde do trabalho e ainda quer saber o que aprendi na escola, me explica algumas coisas, conversa com a gente, é bem legal. Agora, sobre a profissão, eles não se metem, só acham que a gente deve estudar e fazer uma faculdade. Meu pai disse que vai trabalhar a vida toda para ajudar a pagar a nossa faculdade. Eu acho isso bem legal. Mas já falei que não precisa, porque a gente vai trabalhar.

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?

Aqui, a Escola B?

PODE SER, MAS EU FALO DE ESCOLA DE UMA MANEIRA GERAL.

Acho que a escola podia ser mais inteligente. A gente perde muito tempo estudando coisas que não usa nunca. Ficamos muito tempo parados, só ouvindo. Tem professor que manda demais e não deixa a gente nem respirar e tem outros que nem ligam para gente e deixam a gente muito à vontade. Podia ser diferente. A gente podia vir para cá e aprender o que gostasse mais, indo para as aulas mais cansativas menos dias na semana e devia estudar mais o que a gente gosta, sei lá. Acho que devia ser diferente.

VOCÊ TEM BONS PROFESSORES? ATRAVÉS DE QUE ELEMENTOS VOCÊ PODE AVALIAR E CONSIDERAR UM BOM PROFESSOR?

Aqui, a gente tem professores muito bons. A Ana é muito boa, o Jorge é muito legal, a Marina também. Tem outros que também são bons. Eu acho que um professor é bom, quando ele conhece a matéria e sabe ensinar. Tem professor que sabe muito, mas na hora de ensinar é horrível. Tem professor que ensina legal, mas não conhece bem a matéria.

VOCÊ PODE EXPLICAR MELHOR?

Então, a Ana, ela conhece muito a matéria e quando ela vai para lousa, a gente entende direitinho, só não entende quem é muito “burro”. Mas tem outros, como a Helena, a gente vê que ela sabe, mas na hora de ensinar fica gritando demais e se atrapalha toda, e a gente acaba sem entender. Todo mundo já fica preparado para atrapalhar a aula dela, porque ela não respeita a gente. É assim.

AH! CERTO. MAS AGORA QUE VOCÊ CHEGA À CONCLUSÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL, EU GOSTARIA DE SABER O QUE VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA? O QUE VOCÊ ESPERA DO ENSINO MÉDIO?

Ah! Eu aprendi muita coisa na escola. Aprendi a ler a escrever. Só com isso me tornei uma outra pessoa. Tudo que eu aprendi depois disso me mudou bastante. Agora, tenho a impressão que tenho aprendido menos, não sei dizer por quê. Mas é o que eu sinto. Espero que, no Ensino Médio, com matérias diferentes para conhecer, fique melhor.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: ALUNA FERNANDA

ATÉ QUE PONTO O TRABALHO DE UM PROFESSOR AUXILIA EM SEU APRENDIZADO?

Gosto muito de alguns professores e acho que assim acabo gostando também da sua matéria e da forma como eles ensinam. A primeira coisa que me ajuda a gostar e a entender uma matéria é o professor. Esta escola tem alguns professores muito bons, mas alguns parecem que não sabem o que estão fazendo aqui e até tratam a gente mal. Confundem alunos interessados com os que não querem nada. Isso é muito chato.

ENTÃO, PARA VOCÊ, O PROFESSOR É MAIS IMPORTANTE DO QUE ELE ENSINA?

Mais ou menos (risos). Gosto da escola e não venho aqui para brincar, mas se posso ter uma aula mais legal com alguém de que gosto, é mais divertido e a escola perde aquele ar de coisa chata.

VOCÊ AINDA PENSA ASSIM? A ESCOLA AINDA É CHATA PARA VOCÊ?

Às vezes, muito. Quando eu falei que o professor maltrata a gente, isso é chato, porque quem faz isso manda a gente ficar copiando textos enormes da lousa ou do caderno, fica mandando a gente fazer resumos e ficam sentados durante a aula toda. Não podemos nem olhar para eles. Desse jeito, não tem escola que fique legal.

COMO VOCÊ AVALIA O TRABALHO DE UM PROFESSOR EM SALA DA AULA?

Pela forma como ele ensina. Se é agitado, brincalhão e, principalmente, se ouve a gente. Adoro quando o professor, como a de Matemática, que faz isso sempre, escuta o que a gente quer falar, conversa com a gente sem diferenças e sabe o que vai ensinar, não fica enrolando.

ENROLANDO?

É! Fica mandando a gente fazer coisas nada a ver só para matar o tempo.

E O QUE VOCÊS FAZEM QUANDO ISSO ACONTECE?

A gente não faz nada. Não copia, não faz resumo nenhum. Fica conversando e esperando a aula chata acabar. Antes, a gente não tinha muito professor assim, agora parece que eles invadiram a escola.

MAS VOCÊ GOSTA DE ESTUDAR? QUAL O SENTIDO DE ESTUDAR PARA VOCÊ? VOCÊ ESTUDA PARA QUÊ?

Eu já gostei mais. Fui muito aplicada, mas agora acho que já sei muito do que os professores ensinam. Mas quando o assunto é diferente, presto atenção e faço o que o professor pede. Eu estudo, porque tenho vontade de ser veterinária, mas não sei se como aluna de escola pública terei chances de passar num vestibular e conseguir fazer a faculdade. Meu pai acha que preciso trabalhar porque gosto de sair e ele não tem como pagar minhas baladas. Eu estudo porque meus pais sempre falaram que é bom para o futuro, o futuro está chegando e não sei se fará muita diferença eu ter só o colegial.

QUAL A FORMAÇÃO DE SEUS PAIS? QUE INFLUÊNCIA VOCÊ RECEBE EM CASA QUANTO AO ESTUDO E À ESCOLHA PROFISSIONAL?

Então, meu pai tem uma lojinha que entrega água, às vezes, vou lá ajudar e ele me dá um dinheiro. Ele ficou desempregado um tempão e meu avô resolveu ajudar. Minha mãe trabalha em banco e gosta muito do que faz. Em casa, todos sabem que precisam terminar o E.M. é nossa obrigação, depois eles não têm como ajudar. Eu escolhi ser veterinária, porque acho uma profissão linda e desde pequena vivo atrás de bichos para cuidar e criar. Sempre deixei meus pais doidos. Eles sonham em poder me ajudar e dizem que até lá muita coisa pode acontecer.

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?

Eu já falei.

VOCÊ FALOU DA SUA ESCOLA, MAS DE UMA MANEIRA GERAL. TODAS AS ESCOLAS, A FORMA DE ENSINAR E APRENDER, O QUE OS ALUNOS SÃO OBRIGADOS A FAZER DESDE A INFÂNCIA?

Ah! Acho que a escola deveria ser bem diferente. A gente deveria escolher o que deveria estudar, os professores mais legais, as classes com os alunos mais divertidos, ia ser bem legal (risos)

E VOCÊ ACHA QUE IRIA APRENDER ASSIM?

Estava brincando. Acho que a escola precisa melhorar muita coisa e os professores precisam se dedicar mais. Parece que muitos vêm para a escola já de “saco cheio” e descontam tudo na gente. Todo mundo sabe que eles ganham pouco, têm problemas de dinheiro e os diretores devem perturbar. Mas quando a gente faz o que gosta, tudo deveria ser melhor. A gente não devia ficar sentado tanto tempo só ouvindo sem parar, poderia ter outras coisas para a gente fazer. Fazer coisas mais divertidas para variar seria bem melhor. Sair da escola de vez em quando, participar de decisões importantes que só a direção e os professores fazem.

COMO ASSIM?

Um dia, na época da Copa do Mundo, você estava aqui, lembra?

DO QUÊ?

Tinha um jogo de tarde e o pessoal da tarde foi todo dispensado para assistir e nós ficamos aqui sofrendo. Aí, pedimos para diretora deixar a gente ter uma manhã diferente para compensar a dispensa dos alunos por causa do jogo. Ela disse que não, porque os professores disseram que tinham muita matéria atrasada para ensinar e que um dia ia fazer muita diferença. Por que nós não pudemos decidir e fazer com que nossa vontade fosse atendida? Não pedimos nada de mais, queríamos ficar na escola, só que fazendo coisas diferentes.

QUE TIPO DE COISAS?

Jogos, brincadeiras, conversas pelo pátio e, até mesmo, uma gincana como a que tivemos na 5ª série, foi muito legal. Mas como não somos nunca ouvidos, ficou para outra vez.

VOCÊ TEM BONS PROFESSORES? ATRAVÉS DE QUE ELEMENTOS VOCÊ PODE AVALIAR E CONSIDERAR UM PROFESSOR BOM?

Já respondi isso também. Tenho 2 ótimos professores que adoro. Eles fazem aulas diferentes. A Ana levou a gente para o pátio outro dia para ensinar Geometria pelos azulejos. Gostei tanto que acho que nunca vou esquecer. A gente podia rir, conversar e aprender também. O Jorge, outro dia, tirou uma aula só para gente conversar. Falar sobre o que a gente está vivendo, as nossas dificuldades para conversar com os pais sobre alguns assuntos, explicou algumas coisas para gente sobre como se relacionar melhor com quem a gente convive. Falou até de “ficar”. Achei muito bom. E eu vejo que um professor é bom por isso, quando ele se dedica e gosta do que faz, além de conversar com a gente e perceber que a gente tem vontades, sentimentos e não ficamos como um depósito.

DEPÓSITO? DE QUÊ?

Ah! Tem muito professor que fica depositando um monte de lição na gente. Às vezes, coisas “nada a ver”. Tudo bem, pode ser que para um vestibular eu precise saber, mas eu poderia saber de forma diferente, não?

TUDO BEM. E AGORA, AO FINAL DE UM CICLO IMPORTANTE EM SUA VIDA (A CONCLUSÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL), O QUE VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA? QUAIS SÃO AS SUAS EXPECTATIVAS PARA O ENSINO MÉDIO?

Vou continuar aqui na escola e continuar a ver os mesmos amigos e professores. Espero que consiga aprender coisas novas. O que ficou para trás foi bom. De todas as séries a que mais gostei foi a 5ª. Foi muito legal, a gente estava se conhecendo, os professores também. Eram todos novos aqui e a gente sabe que aprendeu muita coisa junto. E, sei lá, acho que vai ser muito bom. Meu pai já falou em trabalhar. Pode ser que eu mude para a noite por causa disso. Tudo bem, acho que vou aprender do mesmo jeito. Estou curiosa para ver as aulas de Biologia

e Química, que me falaram que é bem legal. Estou ansiosa por isso.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: ALUNO ÍTALO

ATÉ QUE PONTO O TRABALHO DE UM PROFESSOR AUXILIA EM SEU APRENDIZADO?

Toda a ajuda que eu receber vai me ajudar sempre. Acho que o professor que gosta do que faz é mais interessado na gente. Explica melhor, conversa mais, traz exercícios diferentes, aulas mais legais, e vai fazendo coisas assim, para nos ajudar. Gosto muito dos meus professores e posso contar nos dedos os professores que não são assim.

COMO VOCÊ AVALIA O TRABALHO DE UM PROFESSOR EM SALA DE AULA?

Gosto de ficar olhando os professores na classe. Só de olhar, a gente vê quem é mais interessado, quem tem mais paciência, traz coisas diferentes para gente, leva a gente para fora da sala de vez em quando... é ... acho que é assim que a gente vê o trabalho de um professor, olhando.

QUAL O SENTIDO DE ESTUDAR PARA VOCÊ? VOCÊ ESTUDA PARA QUÊ?

Estudo para ser alguém na vida. Quero fazer alguns cursos do que eu mais gosto que é Informática e quem sabe fazer uma faculdade. Meu pai me disse que vai me dar um curso de montagem e manutenção de computadores e, depois disso, já vou poder trabalhar. Tem um amigo do meu irmão que já está trabalhando nisso e está bem legal. Daí, eu penso em fazer um curso bom e, depois, vou fazendo outros até chegar na faculdade.

QUAL A FORMAÇÃO DE SEUS PAIS? QUE INFLUÊNCIA VOCÊ RECEBE EM CASA QUANTO AO ESTUDO E À ESCOLHA PROFISSIONAL?

Meu pai trabalha no Extra e minha mãe é dona de casa. Eles gostam que eu estude e sempre ficam perguntando como é que estou na escola, se tem algum problema. Nunca dei trabalho para eles na escola. Não sou um ótimo aluno, mas tento não ser horrível. Só não quero deixá-los decepcionados com alguma coisa errada que eu faço na escola.

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?

Acho a escola um lugar estranho. Às vezes, a gente sente uma alegria de estar aqui, com pessoas legais, amigos e professores que eu acho que nunca vou esquecer. Mas tem vezes que é chato ter que ficar sentado, calado, copiando sem parar, e também sem entender. É mais ou menos. Se a gente pudesse ficar mais livre na escola, ia ser muito bom.

VOCÊ TEM BONS PROFESSORES? ATRAVÉS DE QUE ELEMENTOS VOCÊ PODE AVALIAR E CONSIDERAR UM BOM PROFESSOR?

Tem muito professor bom. Tem a Ana, o Jorge, a Marina, a Helena que tem um jeito meio doido, mas também é legal. Acho que um professor é bom quando ensina bem a matéria. A Ana faz isso e também consegue brincar com a gente e faz um negócio que ninguém faz. Na aula dela fica o maior silêncio. Todo mundo faz e quem não faz disfarça bem. Não sei o que ela faz, mas é bem legal. Ela é assim uma boa professora, sabe ensinar e também sabe deixar a sala quieta. A gente gosta bastante dela.

POR QUE VOCÊ FALOU AQUILO DA PROFESSORA HELENA?

É que ela já chega na sala gritando. Não dá sossego, sempre gritando e enche muito a lousa. Tem dias que ela manda uma menina encher a lousa e fica sentada lendo. Se alguém levanta ou vira de lado ela já começa a gritar. Não tenho raiva dela não, até gosto. Mas tem gente que tem muita raiva porque ela faz a gente passar vergonha.

VOCÊ ESTÁ TERMINANDO O ENSINO FUNDAMENTAL, NÃO É? QUE VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA? QUAIS SÃO AS SUAS EXPECTATIVAS PARA O ENSINO MÉDIO?

Estou muito animado. No ano que vem, começa o Ensino Médio e o curso de Informática também. Acho que vai ser bem legal. Todo mundo junto vai ser muito bom. Aprendi bastante na escola e espero aprender mais.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: ALUNO JOÃO

ATÉ QUE PONTO O TRABALHO DE UM PROFESSOR AUXILIA EM SEU APRENDIZADO?

Os professores sempre me ajudam muito. Se não fosse por eles, acho que não teria chegado até aqui. Não sou muito fácil para aprender.

COMO ASSIM?

Eu sei que demoro mais para aprender que os outros. Minha mãe já me levou até a uma psicóloga, mas ela disse que eu devia estudar mais e que não tinha nada errado comigo.

E COMO VOCÊ LIDA COM ESSA SITUAÇÃO?

Sei que não é assim. Preciso de mais tempo do que os outros. Passo um tempão lendo uma coisa que o professor pediu, mas parece que não li nada. É muito esquisito. A galera me ajuda quando dá, mas é pouco. Eu precisava de mais. Alguém que ficasse comigo para me ajudar, na hora da explicação do professor e, também, na hora de fazer lição.

MAS VOCÊ SABE QUE ASSIM NÃO DÁ, ENTÃO O QUE VOCÊ ACHA QUE SE PODE FAZER?

Acho que a culpa é minha. Eu nunca gostei de estudar. Achava um "saco" (sic) ter que ficar lendo, estudando em casa, decorando um mundo de coisas, nada a ver, e acabava sem fazer. No começo, era a maior zona. As professoras chamavam minha mãe, ela brigava comigo e dizia que eu ia melhorar, me punha de castigo, mas eu repetia tudo de novo e ela passou a não ligar mais. Tem um monte de gente que nem eu. Eu troco as letras, não sei onde põe acento, vírgula, ponto e essas coisas. A professora de Português pega no meu pé, mas não adianta nada. Ela vai falando, falando e eu vou ficar do mesmo jeito. Acho que agora não adianta mais. Não tem mais jeito.

COMO NÃO TEM JEITO? SE VOCÊ SE ESFORÇAR SERÁ QUE NÃO PODE MELHORAR?

Minha mãe também fala isso. Eu não venho aqui para brincar. Até começo com uma vontade, só que quando fica mais difícil, perco o interesse. Tem coisas que eu aprendo, que são muito chatas e eu não sei para que eu preciso saber. Os professores também não se esforçam muito, tem uns que são diferentes que nem a Ana, o Jorge, que são dez. Mas mesmo gostando da Ana, não consigo entender a Matemática. Com o Jorge não, além dele ser muito legal, as coisas que ele fala eu entendo.

JÁ QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO DE ALGUNS PROFESSORES, COMO VOCÊ AVALIA O TRABALHO DE UM PROFESSOR NA SALA DE AULA?

Por um monte de coisas. Se ele é legal, se fica nosso camarada, se conversa, ou fica só enchendo a lousa sem nem olhar para nossa cara. Tem professor que dá aula de uma matéria muito chata, mas é tão legal com a gente que fica muito mais legal, que nem a Ana.

E MESMO ELA SENDO LEGAL ASSIM, VOCÊ NÃO SE ANIMA NEM UM POUQUINHO?

Então, tenho vontade, mas quando já perco o raciocínio, já era. Desisto e fica para outra hora.

ENTÃO, VOCÊ VÊ ALGUM SENTIDO EM ESTUDAR? VOCÊ ESTUDA PARA QUÊ?

Para conseguir um emprego, sei lá, fazer uma faculdade. Minha mãe fica falando que se eu não fizer faculdade, vou ficar sem emprego, que eu preciso pensar no futuro, essas coisas. Mas eu não tenho vontade, acho que até onde eu fizer, vai estar bom. Se eu parasse agora e depois comesse a trabalhar, acho que seria bem melhor. Um camarada meu me chamou pra um "trampo" com o pai dele numa confecção, mas minha mãe não deixou, falou que é para terminar a escola primeiro. Fazer o quê?

ENTÃO VOCÊ NÃO VÊ UM OBJETIVO QUE POSSA CONSEGUIR ESTUDANDO?

O que eu já aprendi na escola está bom. Não tenho vontade de fazer faculdade e ficar estudando um tempão, posso conseguir um "trampo" com o que eu já sei. Então, o que eu devia aprender já aprendi... É um "saco" ficar assim, sempre atrás dos outros. Todo mundo entende, menos eu, pareço um "mané" Sei lá!

VOCÊ FALA MUITO DA SUA MÃE. QUAL A FORMAÇÃO DOS SEUS PAIS?

Minha mãe é secretária de escola. Trabalha na Prefeitura há um tempão. Ela fez o Ensino Médio e, depois, um concurso e passou. Está quase pra aposentar. Meu pai, eu não conheço.

PELO QUE A GENTE CONVERSOU JÁ SEI MAIS OU MENOS O QUE VOCÊ ACHA DA ESCOLA, MAS VOCÊ PODE FALAR UM POUCO SOBRE A ESCOLA DE UMA MANEIRA GERAL, NÃO NECESSARIAMENTE ESTA AQUI.

Acho que a escola é um lugar legal para amizade, para gente ficar, para aprender algumas coisas, mas é um "saco" ficar sentado o dia todo, copiando lição sem parar, não pode conversar, não pode levantar, não pode um monte de coisa. É muito chato, por isso que eu queria parar agora, mas como minha mãe não deixou...

VOCÊ JÁ FALOU DE ALGUNS PROFESSORES DOS QUAIS VOCÊ GOSTA, MAS COMO VOCÊ CONSEGUE DIZER SE UM PROFESSOR É BOM NO QUE FAZ?

Se ele sabe tratar a gente. Tem dias que a gente não está a fim de nada e tem professor que saca isso de cara e de uma aula que ia ser horrível, faz um *show*. È só olhar para gente. Tem professor que detesta dar aula aqui e tem outros que gostam, mas a gente só faz aquilo que o professor provoca na gente. Quem entra aqui dando patada, leva. Outro dia, a professora de Português respondeu para o Thiago que quem tinha que sair da frente dele era a mãe dele, só porque ele pediu licença para ela. Não deu outra, começou a maior zona, até a dona Ana (inspetora) veio aqui ver. Foi bagunça mesmo. Então, o professor legal é aquele que sabe chegar na gente, e também sabe ensinar direito.

JÁ QUE VOCÊ VAI TER QUE FAZER O ENSINO MÉDIO (RISOS), O QUE VOCÊ ESPERA DELE?

É vou ser obrigado mesmo. Então, espero que eu consiga melhorar e que os professores tenham mais paciência comigo. Vou ficar aqui mesmo porque já vi que quase todo mundo quer ficar aqui. Já sei que os professores também vão ser os mesmos e quem sabe eu consigo aprender mais e mudar de idéia?

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: ALUNA MARIANA

ATÉ QUE PONTO O TRABALHO DE UM PROFESSOR AUXILIA EM SEU APRENDIZADO?

Depende do professor. Quando o professor é interessado e faz aquilo que gosta, não se importa de explicar a mesma coisa um milhão de vezes até a gente aprender. Quando é assim, eu sei que vou aprender, que o trabalho dele vai me ajudar, mas tem professor que intimida a gente, dá vergonha de perguntar e levar um fora no meio da sala. Então, eu acho que depende muito do professor.

COMO VOCÊ AVALIA O TRABALHO DE UM PROFESSOR EM SALA DE AULA?

Pelo jeito que ele trata os alunos. Se sabe do que está falando, se consegue se tornar nosso amigo e, ao mesmo tempo, manter a ordem na sala. Tem professor que fica nosso amigo, mas na aula dele ninguém entende nada. É um barulho só. O trabalho do professor é muito difícil. Tem vezes que dá dó. Muitos alunos vêm para escola só para detonar as aulas. Por isso que muitos professores são do jeito que são.

COMO ASSIM?

É! Parece que não gostam de dar aula. São agressivos, perdem a paciência à toa e, por isso, tratam os bons e os maus alunos do mesmo jeito.

E VOCÊ ACHA QUE O PROFESSOR DEVE TRATAR OS ALUNOS DE JEITOS DIFERENTES?

Não, mas acho que deve tratar os alunos do jeito que é tratado. Se o professor começa a dar pancada em todo mundo a sala de aula fica horrível. Se eu fico quieta no meu canto e tudo que ele pede eu faço, acho que não é motivo para ele me tratar mal, não é? Mas se eu chego aqui para perturbar, preciso ser corrigida. Sempre me ensinaram que eu preciso respeitar para ser respeitada.

QUAL O SENTIDO DE ESTUDAR PARA VOCÊ? VOCÊ ESTUDA PARA QUÊ?

Nunca pensei nisso. Desde pequena venho para escola e nunca parei para perguntar por quê. Acho que estudo, quer dizer tudo o que faço é pensando no futuro. Ter um trabalho legal, quem sabe fazer uma faculdade. Não penso em casar, talvez em ter filhos. Estudo para o futuro. Não tenho idéia de como vai ser, mas tenho sonhos.

QUAL A FORMAÇÃO DE SEUS PAIS? QUE INFLUÊNCIA VOCÊ RECEBE EM CASA QUANTO AO ESTUDO E À ESCOLHA PROFISSIONAL?

Meus pais se separaram quando eu era pequena e, hoje, quase não tenho contato com meu pai. Sei que ele mora em São Paulo e trabalha numa firma de advocacia, mas não é advogado. Minha mãe trabalha numa loja de roupas no Gonzaga. Ela sempre me fala que eu preciso estudar para não fazer como ela que se casou cedo, se dedicou para família e meu pai foi embora deixando a gente numa situação difícil, e, por isso, eu preciso ser alguém na vida. Ela sempre compra um guia do estudante que tem um monte de profissões, cursos e faculdades e, também, se a profissão é legal, se ganha bem, para me ajudar a decidir, mas eu ainda não sei exatamente o que quero fazer.

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?

Gosto muito dessa escola, ela é muito “dez”. Estudo aqui desde a 5ª série e parece que é minha segunda casa. Fiz amigos que quero ter para sempre comigo. Professores que vivem numa situação tão difícil e se esforçam para nos ajudar. A direção muda bastante, mas todos os diretores que vêm procuram ajudar a escola a ser mais legal.

E O QUE VOCÊ ACHA DA ESCOLA DE UMA MANEIRA GERAL?

Gosto também. Só acho que tudo que acontece nas escolas jogam a culpa para o professor. Tem uns que reclamam que a direção não apóia, que precisam trabalhar em duas ou três escolas, porque ganham pouco e não conseguem viver bem assim. Acho até que a minha mãe, só com a 8ª série, ganha mais que eles com as comissões que ela tira na loja.

VOCÊ TEM BONS PROFESSORES? ATRAVÉS DE QUE ELEMENTOS VOCÊ PODE AVALIAR E CONSIDERAR UM BOM PROFESSOR?

Tenho professores muito bons. E considero um professor bom, quando ele explica e eu entendo. Quando a classe fica em silêncio nas horas certas, e quando a gente sabe que pode conversar um pouco e, também, quando a gente pode debater e conversar sobre algum assunto bem legal junto com os professores.

VOCÊ ESTÁ TERMINANDO O ENSINO FUNDAMENTAL, NÃO É? QUE VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA? QUAIS SÃO AS SUAS EXPECTATIVAS PARA O ENSINO MÉDIO?

Aprendi bastante. Já sabia que precisava respeitar os mais velhos antes de entrar na escola e até hoje faço isso. Aprendi a importância dos amigos, a pesquisar, a estudar, tanta coisa que nem sei. Espero que tudo continue assim no Ensino Médio e que seja bem legal, com a classe toda junta e com os professores também.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: ALUNA TATIANA

ATÉ QUE PONTO O TRABALHO DE UM PROFESSOR AUXILIA EM SEU APRENDIZADO?

Adoro os professores desta escola. Acho que todos são muito legais. A gente não tem tratado muito bem nossos professores. Não respeitamos mais, conversamos o tempo todo, fazemos muita bagunça nas aulas de quem não merece. O trabalho do professor é tão importante para gente e é jogado fora pelo pessoal que não está a fim de estudar. Para mim, é muito importante ter um professor me explicando alguma matéria e me ajuda muito.

COMO VOCÊ AVALIA O TRABALHO DE UM PROFESSOR EM SALA DE AULA?

Bem. Só a presença dele na sala já é bom para gente. Alguém mais velho, que já estudou, sabe melhor o que é certo e errado, pode nos ajudar bastante. O professor trabalha sempre por nossa causa. Se a gente não está aqui, ele não tem o que fazer. Tem professor que se prepara melhor, que estuda mais, que consegue se sair melhor nas dificuldades que a gente vê que eles têm.

QUAL O SENTIDO DE ESTUDAR PARA VOCÊ? VOCÊ ESTUDA PARA QUÊ?

Ah! Eu quero fazer Fisioterapia. Eu já estudo, pensando no vestibular. A Nathália também e a gente quer fazer uma faculdade pública. Tomara que a gente consiga. Tem dias que a aula acaba e a gente vai estudar em casa. A gente começou a fazer isso esse ano, mas a vontade de conseguir está aumentando. A gente já pensa em morar sozinhas, tomar conta da casa, estudar muito, fazer amigos. Nossa! Vai ser muito legal.

E OS SEUS PAIS? O QUE ELES PENSAM DISSO?

Eles dão o maior apoio. Minha mãe já fez faculdade e ela quer muito que eu consiga. Ela não quer que eu vá para longe e quer pagar meus estudos. Mas eu quero fazer uma faculdade melhor. Meu pai está com ciúme, mas acho que lá no fundo ele está orgulhoso porque sou estudiosa e estou pensando no futuro.

QUAL A FORMAÇÃO DELES? VOCÊ RECEBEU ALGUMA INFLUÊNCIA QUANTO AO ESTUDO E À ESCOLHA PROFISSIONAL?

Sempre. Desde pequena. Já estudei em escola particular e foi muito bom. Eles me ajudaram sempre. Agora, não fazem mais porque eu não peço, mas estão sempre perguntando, conversando. Pensei na Fisioterapia, porque ano passado meu pai sofreu um acidente, se machucou e precisou fazer umas sessões. Eu fui com ele e adorei. Fiquei vários dias olhando o trabalho deles e achei muito legal.

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?

Adoro. Acho que tem coisas boas e ruins. Mas é por causa dela que a gente aprende as coisas. No Novo Tempo, as salas eram menores tinha poucos alunos e os professores davam mais atenção para gente. Aqui, as pessoas são mais legais e fiz amizades super-rápido. Só acho que a escola do Estado é mais desorganizada. Tem professor que não dá prova, dá qualquer nota e ninguém vê. Nunca fui prejudicada, porque acho que o professor vê quem fica quieto e não atrapalha a aula. Acho injusto, mas também tem professor tão legal, que até se torna amigo da gente porque é justo, dá prova para gente e mostra o que a gente errou e como pode melhorar.

VOCÊ TEM BONS PROFESSORES? ATRAVÉS DE QUE ELEMENTOS VOCÊ PODE AVALIAR E CONSIDERAR UM BOM PROFESSOR?

Tenho professores muito bons. Acho que acabei de dizer isso. Mas tem professor aqui bem melhor que na outra escola. Lá, tinha uma professora de Matemática muito boazinha, mas ela tinha dificuldade para ensinar. Cheguei aqui, conheci a Ana e me apaixonei. Ela é muito dez. Adoro. Sabe ensinar, é engraçada, muito legal e bastante rígida com a gente.

VOCÊ ESTÁ TERMINANDO O ENSINO FUNDAMENTAL, NÃO É? O QUE VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA? QUAIS SÃO AS SUAS EXPECTATIVAS PARA O ENSINO MÉDIO?

Aprendi tanta coisa que nem sei. Acho que tudo o que sei veio da escola. Meus pais me ensinaram como me comportar, a respeitar as pessoas e coisas assim, mas na escola aprendi coisas que mexem com a minha inteligência. Estudo bastante porque quero ser alguém e a escola me deu isso. Estudo agora e acho que vou viver estudando. No Ensino Médio vou fazer assim e continuar me preparando para o futuro e acho que vai ser bem legal.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: ALUNO VINÍCIUS

ATÉ QUE PONTO O TRABALHO DE UM PROFESSOR AUXILIA EM SEU APRENDIZADO?

O trabalho do professor não é importante assim para que eu aprenda. Às vezes, fico conversando durante a aula e, depois, quando vou para casa, leio o que copiei ou pego o caderno de alguém e entendo do mesmo jeito. Tem vezes que nem vou para aula e pego o caderno de alguém e consigo entender. Quando eu não entendo alguma coisa, espero uma aula e, depois que o professor fala, já fica mais fácil. Tem vezes que meu pai também me dá uma força. Mas muitas vezes eu aprendo só de ler.

COMO VOCÊ AVALIA O TRABALHO DE UM PROFESSOR EM SALA DE AULA?

Tem professor que é muito legal, conversa, dá um tempo para gente conversar entre a gente mesmo e não fica perturbando muito a gente. Mas tem professor que “fala sério”, é bem difícil de entender. O professor é bom quando ele vem, dá o recado, e não fica preocupado se o diretor está ouvindo, se o outro professor vai reclamar do barulho que a gente faz depois. Ele tem que ter atitude, saber o que está fazendo.

QUAL O SENTIDO DE ESTUDAR PARA VOCÊ? VOCÊ ESTUDA PARA QUÊ?

Estudo primeiro, porque meu pai manda. Depois, porque quando eu for trabalhar, vou precisar ter algum estudo. Não gosto muito de estudar, não. Sempre tirei nota, mas acho que é porque na hora do "sufoco", consigo me virar e me dou bem.

QUAL A FORMAÇÃO DE SEUS PAIS? QUE INFLUÊNCIA VOCÊ RECEBE EM CASA QUANTO AO ESTUDO E À ESCOLHA PROFISSIONAL?

Meu pai fez o Ensino Médio e minha mãe parou na 7ª. Ela parou porque meu avô morreu e ela precisou trabalhar, mas ela sabe muito. Em Português, sabe mais que meu pai.

E A INFLUÊNCIA QUE VOCÊ RECEBE EM CASA?

Eles falam muito para eu estudar, meu pai quer que eu faça uns cursos técnicos, porque ele não tem como me ajudar na faculdade. Acho que vou lá para o Aristóteles fazer Técnico de Meio Ambiente. Lá, na fábrica do meu pai, estão precisando sempre de gente que tem esse curso. Acho que deve ser legal, mas eu preciso passar numa prova para entrar, não sei não..

E VOCÊ ACHA DIFÍCIL ESTUDAR E FAZER UMA PROVA?

É, porque eu não sei o que vai cair. Tem muita coisa que os professores passaram que eu nem vi. E se cair uma coisa dessa?

JÁ QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO SOBRE COISAS QUE VOCÊ NEM APRENDEU, O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A ESCOLA?

Então, acho que a escola é legal. Só os amigos que a gente faz aqui é muito “dez”. Mas devia melhorar o que a gente aprende.

COMO ASSIM?

Tem muita coisa que a gente é obrigado a aprender e nem sabe para que serve. Para que aprender essas coisas? A gente termina a 8ª e tem analfabeto na sala. Eu sei que não sou bom, mas tem aluno que foi passando de ano sem saber nada, nem vinha para escola. Está certo que teve gente que ficou doente, mas tem "nequinho" que se deu bem, sem fazer nada.

MAS VOCÊ ACHA QUE ESSES ALUNOS SE DERAM BEM?

É... Acho que agora não, mas o que a escola vai fazer com eles? Isso está errado tem menina que senta na frente, faz tudo, só tira notão, "puxa o saco" ... para essas alunas é ruim, ter que fazer tudo e o resto que não faz nada só passa de ano.

E ELAS NÃO ACABAM FICANDO BEM PREPARADAS PARA UMA PROVA COMO AQUELA QUE VOCÊ COMENTOU?

Pode ser... Ah! Sei lá.

VOCÊ TEM BONS PROFESSORES? ATRAVÉS DE QUE ELEMENTOS VOCÊ PODE AVALIAR E CONSIDERAR UM BOM PROFESSOR?

Tem muita gente boa aqui na escola. Gosto de um monte deles, mas tem uns “pé no saco” também. Um professor é bom quando ele não enrola, tem gente que chega na sala e pergunta: “onde eu parei?” Abre um livro e fica mandando a gente copiar. Fala sério! Não dá. Mas tem professor que sabe o que está fazendo e esse é bom.

VOCÊ ESTÁ TERMINANDO O ENSINO FUNDAMENTAL, NÃO É? QUE VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA? QUAIS SÃO AS SUAS EXPECTATIVAS PARA O ENSINO MÉDIO?

Aprendi muita coisa. Aprendi a me virar, saber que tem horas que papai e mamãe não podem me ajudar. Que tem gente amiga e também tem “sacana”. Que tem professor que ajuda, mas também tem quem atrapalha. Aprendi muita coisa. Acho que no Ensino Médio se eu não for para o Aristóteles vou continuar aqui e vai ser a mesma coisa.

**ANEXO VIII – AS CARTAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS
(ESCOLA B)**

CARTAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS¹²

Santos, 05 de julho de 2006.

Fernanda ¹³,

Oi, eu estou escrevendo esta pequena carta, só para te dizer como eu gosto de você e principalmente das suas aulas, pena que elas só são uma vez por semana.

No meu primeiro dia de aula eu não conhecia ninguém, eu estava muito assustada, mas quando você entrou na classe eu fiquei aliviada não sei por que, mais eu sabia que tinha gostado de você pela primeira vista.

Professora, adoro sua aula, com ela aprendo cada vez mais e também graças a você e a sua aula aprendi a gostar de desenhar, agora quando não tenho nada para fazer na minha casa, depois que eu estudo eu fico desenhando várias coisas diferente. Não é querendo ser “puxa saco” mais você é a minha professora preferida. Obrigado por existir na minha vida.

Beijos da aluna,
Alessandra

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Ana.

¹² Procuramos preservar a linguagem dos alunos, por isso, alguns erros apresentados nessas cartas não foram corrigidos.

¹³ A professora Fernanda não participou da pesquisa, mas para preservar sua identidade, utilizamos o mesmo critério de troca de nomes utilizado com os outros professores.

Oi, tudo bem? O que posso dizer da professora Ana, ela é uma ótima professora. Com ela eu aprendi muitas coisas, pois ela explica bem a matéria, tira várias dúvidas quando se precisa e ela também percebe se você entendeu ou não.

Além disso, ela também sabe brincar, mas quando temos que trabalhar e aprender, ela é dura, não deixa conversar, mas isso é ótimo, pois aprender matemática com barulho, não dá.

Ela, apesar de ser rigorosa, ela sabe de tudo o que acontece com a gente na aula. Muitos alunos não entendem o modo que ela explica, mas ela explica da melhor maneira para que todos entendam.

Ah! Não posso esquecer das piadas que ela solta na aula! Então isso que tenho para falar da minha professora.

Então, tchau.

Alexandre

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Ana,

Você ensina de um jeito que todos entendem, só não entende quem não quer e quem não presta atenção nas aulas. Quando não entendemos a matéria você explica de novo até entendermos. A sua aula é uma das melhores, pois ficamos em silêncio (muitos não) e fazemos as lições que passa na lousa. Suas piadas são muito engraçadas. Suas provas só são muito difíceis para os que não estudam, para os que estudam não é tão difícil. Obrigada por me ensinar tudo o que sei, obrigada por ser minha professora,

Abraços,

Amanda.

Santos, 05 de julho de 2006.

Cara professora Ana

Cara professora Eu queria agradecer por tudo o que me ensinou, a postura, o respeito em primeiro lugar. A senhora é um pouco rígida, mas a senhora deste jeito ouve um certo respeito que vai se durar por muito tempo.

Espero que este respeito dure bastante tempo e lógico esse respeito eu passo a outros professores. Espero ser assim com postura, o respeito e educação.

Continue comigo até o fim.

Anderson

Santos, 05 de julho de 2006.

Professor Jorge,

Caro Jorge, obrigado por tudo que o senhor me ensinou, não só sobre esporte, mas também sobre a vida.

Com suas lições de moral, me corrigindo quando eu erro, me incentivando quando eu estou mal e me aplaudindo quando eu acerto.

Quero que o senhor saiba que é muito importante para a escola e para todas as classes.

Muito obrigado e um abraço,

De seu aluno,

André.

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Ana,

Estou escrevendo essa carta para te dizer o quanto você é importante não só para mim, mas, sim, para a “classe”.

Bom, obrigado por tudo que você faz pela gente.

No primeiro dia que eu te conheci foi muito engraçado você chegou na classe com o seu jeito “bravo”. Sabe! Isso foi na 5ª série. Nossa! Aquele dia, eu pensei que você era a pior professora do mundo. Aí, você começou a freqüentar a minha classe, e, eu fui me identificando com a senhora. Agora tô na 8ª série, e, meu, acho que você é uma das melhores professoras que eu tenho.

Não sei como, mais, você conseguiu fazer com que ele gostasse de Matemática!
Bom, tô indo! Brigado por tudo, e, Parabéns, por ser uma professora assim, severa, engraçada e legal!

Beijos,

Beatriz

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Glória¹⁴,

Você é muito legal uma qualidade que poucos professores tem porque a maioria dos são muitos chatos e pegam no pé, mas você consegue nos ensinar sem ser chata. Aprendi várias coisas além de química que eu ainda não entendi como é que se faz as coisas. Seu jeito de ensinar é muito interessante, pois você explica direito e não dá vontade de dormir (como em outras aulas chatas como a de matemática).

Atenciosamente, para uma das poucas professoras que tem um ensino de qualidade e é legal ao mesmo tempo.
Carla.

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Marina, resolvi lhe escrever esta carta para falar o quanto tenho aprendido em suas aulas. Você é uma das professoras mais simpáticas do colégio.

Sua forma de ensino em classe tem uma ótima didática, que nos proporciona facilidade no aprendizado. Nós adoramos sua presença, além de relaxarmos durante a aula. Inglês é uma matéria fascinante, que nos envolve bastante.

Agradeço por ter alguém assim na nossa escola. Você merece!!!

¹⁴ A professora Glória de Ciências, não participou da pesquisa, mas também mudamos seu nome, da mesma forma que fizemos com os outros professores.

Beijos,

Clara

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Marina, bom, aprender nunca é pouco, por mais que já sei algumas coisas de Inglês, porque eu faço aula. Inglês é minha matéria preferida, não é difícil, só que tem, algumas coisas meio complicadas.

Estou escrevendo para falar que admiro muito seu trabalho, que você é uma das professoras mais legais da escola, com você a gente conversa sobre coisas diferentes não só sobre a matéria. Acho Inglês uma matéria muito importante para meu futuro, como eu quero fazer Turismo sou praticamente obrigada a saber outro idioma.

Como sou jovem ainda tenho muito que aprender, pois ninguém sabe tudo.

Espero que você nunca mude, e se for para mudar, mude para melhor.

Mil beijos,

Fabiana

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Ana,

Olá, professora, lhe escrevo essa carta, para dizer o quanto tem sido importante para mim, tanto na minha formação escolar, quanto na minha formação como pessoa.

Sei que muitos alunos, todos, preferem, professores que não passam muita lição, que não são rigorosos, e que realmente não se importam se o aluno está realmente aprendendo. Gosto de ti professora, pois é justamente ao contrário desses professores. Sempre está disposta a ensinar, reensinar, tirar dúvidas, sempre com seu bom humor, com suas piadinhas.

Posso dizer, que eu não gostava muito de matemática, não por, realmente não gostar, mas sim, por não entender muito bem. Com você professora Angelina, aprendi a gostar muito de matemática e a cada dia que passa, venho melhorando e ampliando meus conhecimentos.

Muito obrigada, professora Angelina, saiba que eu estou aprendendo muito com você, continue assim!

Fernanda

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Marina, estou lhe escrevendo para falar o quanto tenho aprendido em suas aulas, a sua compreensão em nos ensinar, de corrigir os exercícios em suas aulas dinâmicas, e seu empenho em ensinar nos fazer entender a matéria.

Por isso, professora se todas as outras aulas fossem iguais a sua aprenderíamos mais e não cansaríamos da aula.

Um abraço,
Ítalo

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Ana, você é uma das melhores professoras que eu tive, pois ensina as matérias bem. Na hora de ser rígida, você é mesmo e até demais. E na hora de ser engraçada ou fazer piadinhas você faz mesmo.

Quando as pessoas precisam de nota para recuperar, sempre vêm uma prova de recuperação para ajudar ou as listas de reforço. Você impõe respeito na classe, quando você entra, todos ficam quietos, pois se não ficarem sabem que vão ouvir “menos cinco pontos!”

E é isso, gosto do seu jeito de ensinar e aprendo muito fácil.

Um abraço,
João

Santos, 05 de julho de 2006.

Professor Jorge,

“Teacher”, sei lá o que dizer, mais aprendi varias coisas com você. Apesar de algumas coisas eu não concordar e não gostar, respeito, as opiniões são diferentes, mas você é legal, sua opinião sobre a vida é especial, sei lá é uma maneira de pensar diferente dos outros professores, eles pensam que o professor só ensina, e não aprende também, mais você não, você ensina e aprende com a gente.

Tá bom! Não vou puxar tanto o saco, você também tem defeitos, mais vamos ignorar isso.

Bem... É só,
Tchau!

Júlio

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Ana,

Gostei muito de ter aprendido a contar, diminuir, multiplicar e dividir com a senhora. Tudo bem que a matéria da oitava série está difícil, mas o Bhaskara (ou melhor, a fórmula dele) salvou tudo. Tenho percebido que a cada dia que passa as contas ficam maiores e seu carinho por todos nós também.

Também gosto muito de lembrar os desenhos engraçados, das piadas interessantes e das respostas mais interessantes ainda que a senhora nos falava (ah! Também lembro dos comentários da festa de Halloween!).

Obrigada por nos ensinar tantas coisas porque se tivesse outra professora de matemática em seu lugar, seria capaz de eu nunca ter tirado “A” em uma prova da sua matéria.

Mariana.

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Ana, eu aprendi muitas coisas em suas aulas, sei que eu não sou uma aluna nota “A”, mas eu tento me esforçar ao máximo. Para ser uma boa professora de Matemática também, mas eu acho que não vou ter muita paciência com os alunos que não sabem a matéria, mas vou tentar explicar da melhor forma possível!

Minha convivência com meus colegas de classe não é tão boa assim, porque eu não falo com a maioria, tipo essas meninas que se acham muito! Mas eu gosto muito das minhas amigas!

Bem, é isso que eu penso a respeito da Professora e dos alunos!

Mirella

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Ana,

Gosto muito do seu jeito de ensinar. No começo, foi difícil acostumar, pois quando cheguei na 5ª série, comecei a ter vários professores e um número de matéria muito grande.

Apesar do seu jeito “bravo” de ser, sei que você não é uma pessoa chata, pelo contrário é muito legal e engraçada.

Acho que o seu jeito de dar aula muito melhor mais legal do que de professoras que só pensam em dar matéria para fazer a classe ficar quieta, sem se quer explicar a matéria. Consigo aprender muito mais com você!

Parabéns pela super professora que você é, e por conseguir deixar a classe quieta. Obrigada por tudo!!

Nayara.

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Ana,

Professora Ana, tenho aprendido muito com a senhora, então voltando ao assunto, aprendi a fazer o Delta da fórmula Bhaskara, a respeitar os professores, não conversar em

sala de aula, pedir ajuda quando estou com dificuldades e principalmente peço ajuda a minha amiga Nathália.

As lições andam crescendo, minhas folhas acabando, as respostas dos exercícios também crescendo muito, eu aprendendo mais e mais com você.

Gosto muito de ter aula com você, mas confesso que é bom porque a senhora é a única professora que põe ordem na classe. Também gosto muito dos seus desenhos, de suas piadas engraçadas e de suas respostas melhores ainda.

Obrigada por tudo.

Tatiana

Santos, 05 de julho de 2006

Professora Marina,

Eu gosto bastante da professora Marina de Inglês, eu nem sei se é por ela ou pela matéria que eu gosto bastante. Ela é bem legal, divertida, apesar de às vezes ela grita muito e dá uns chiliques com a classe e eu sou obrigada a ouvir.

E também, às vezes eu acho que ela pronuncia as palavras meio erradas e fala meio exagerado.

Só que nas férias ela pára de dar lição, ela faz brincadeiras de vez em quando e no Natal e na Páscoa sempre dá algum presentinho.

Na minha sincera opinião ela é a melhor da escola e talvez, até, eu a leve como exemplo e uma amiga para o meu futuro.

Vanessa.

Santos, 05 de julho de 2006.

Professora Ana, você é uma boa professora, ensina toda a matéria se você não tiver entendido ela te explica de novo, ela tem muita paciência.

A professora é muito extrovertida, brinca com todos os alunos sem deixar de nos respeitar. E nós alunos a respeitamos também.

Ela é uma pessoa de muito caráter, por isso ela é minha professora preferida.

Assinado:
Vinícius

ANEXO IX – PERFIL DA 8ª B

PERFIL DA SALA OBSERVADA – 8ª SÉRIE B

Durante uma reunião pedagógica¹⁵, foi proposto ao grupo de professores presentes que elaborassem um perfil de cada sala de aula do período da manhã. As anotações realizadas nessa ocasião geraram este relatório, fundamentado, estritamente, nas informações prestadas por sete professores presentes nessa reunião e que lecionam na 8ª B. Dessa forma, podemos dizer que a sala observada apresenta uma média diária de 40 alunos e que os professores disseram gostar muito de trabalhar com esta classe. Para eles:

A 8ª série B é uma sala muito ativa, em alguns momentos, chega até a ser extremamente barulhenta. De uma maneira geral, sabe como participar das aulas, pois em momentos de explicações, por exemplo, permanecem em silêncio. Um fator positivo, para os docentes, seria que alguns alunos não querem participar das aulas, mas em muitos momentos permanecem em silêncio em respeito aos demais, demonstrando um espírito de equipe. Esses alunos que, em outras salas seriam grandes problemas, nesse contexto são somente um grupo de alunos mais agitados, que entram em sintonia com os alunos mais participativos e integrados aos professores, em muitas situações. Para os docentes, este é o elemento mais

¹⁵ Nessa reunião, a coordenadora garantiu que os problemas apresentados, nessa e em outras salas seriam solucionados em breve. O que gerou grande alívio e, até mesmo, alegria para um grupo de professores.

positivo da sala: o fator que gera mais conflitos em outras salas, as diferenças, nessa classe, não altera o curso natural das aulas. Os grupos, apesar de muito diferentes, não são antagônicos, pelo contrário, são amigos que se encontram nos finais de semana. Assim, a sala não tem problemas de relacionamento significativos e os casos isolados também não causam grandes transtornos. O que causa maior perturbação para alguns professores seria o excesso de brincadeiras de um grupo específico (aquele que não gosta de participar das aulas).

ANEXO X - OBSERVAÇÃO DAS AULAS NA ESCOLA B

OBSERVAÇÃO DAS AULAS NA ESCOLA B

Durante o período de investigação, procuramos acompanhar a rotina de professores e alunos, algumas vezes, chegando à escola mais cedo e permanecendo ao portão de entrada dos alunos, e, em outros momentos, ficamos até mais tarde na sala dos professores. Em nossos registros, procuramos relatar tudo o que vimos em todos os momentos e não só nas ocorrências em sala de aula. Nossa presença foi anunciada numa reunião pedagógica em que os professores puderam nos conhecer e ficaram à vontade para concordar, ou não, com a nossa presença em sala. Quando fomos reencontrando alguns professores, durante a pesquisa, fomos sendo informados por eles se poderíamos acompanhá-los. A professora de Ciências, por exemplo, disse que não queria observação em suas aulas, respeitamos sua posição e procuramos conversar com os outros professores durante o processo de investigação, que será detalhado a seguir:

23/03/2006

No primeiro dia, procurei chegar às 7h, sendo que as aulas começariam às 7h30min. Fiquei em pé, junto ao portão de entrada, ouvindo os comentários dos alunos sobre as aulas e os professores e observando a movimentação no horário de chegada, ainda sem saber quais seriam os alunos que iria acompanhar, nem os professores. Alguns alunos estavam comentando sobre um seminário de Biologia que seria apresentado após o recreio e que ainda não estavam preparados. Comentaram, também, que a professora seria um tanto intransigente, não permitindo que houvesse uma mudança de datas. Assim que o portão abriu, as funcionárias não impediram minha entrada, pedindo somente que eu me identificasse. Após a entrada de todos, fui até a direção e me apresentei na secretaria, pois a diretora não estava,

nem a coordenadora. Só pude entrar na segunda aula, porque não havia quem me autorizasse a observar as aulas. Aproveitei esse momento para andar pela escola e observar suas condições. Uma escola muito limpa e bem cuidada. Os funcionários não conversavam muito com os alunos, aparentando estar mais preocupados com a realização de seu trabalho. Aguardei o toque do final da primeira aula e, só assim, fui autorizada pela coordenadora a assistir à primeira aula de minha pesquisa e segunda daquela manhã. A sala escolhida teria duas aulas de Português antes do recreio. Encaminhei-me para assisti-las.

Aulas1 e 2

Professora Helena – Língua Portuguesa

A coordenadora me acompanhou até a sala de aula e me apresentou aos alunos dizendo: “Esta mocinha está realizando uma pesquisa para a universidade e, para isso, precisa observar o nosso trabalho aqui na escola”. A professora que não me conhecia até aquele momento, não se manifestou, estava sentada fazendo chamada e, assim, permaneceu dizendo somente “Bom dia”. Encaminhei-me até a última carteira no final da sala e, nesse lugar, permaneci até o último dia de observação. *Alguns alunos começaram a querer conversar comigo, mas evitei as conversas paralelas, já que a professora estava começando a selecionar a atividade para uma aluna “passar” na lousa.*

Professora: Quem pode passar para mim?

Aluna: Eu passo, professora.

Professora: Siga esta página toda e aqui pode parar, pode ser, por favor?

Aluna: Tudo bem.

Outro aluno: Vê se passa devagar, você corre muito e a tua letra é bem ruinzinha.

Assim que a professora direcionou a aula, veio conversar comigo e perguntar sobre meu trabalho, dizendo que também havia feito Mestrado no Rio de Janeiro, há alguns anos, e que isso não havia acrescentado nada em sua carreira. Nessa aula, observei que os alunos começaram a falar muito alto e começaram a se levantar e trocar de lugar, ou sentar juntos. Assim que percebeu o ocorrido, a professora pediu licença e começou a andar pela sala:

Professora: O que é isso? Eu estou aqui, não estão vendo? Cada um no seu lugar agora! Estão pensando o quê? Eu não posso conversar um minuto que vocês já confundem tudo, não? Marina, siga esta página e a seguinte, também.

A classe toda: Não professora, por favor!

Professora: Agora? Nem pensar. Não posso conversar um minuto que vocês já pensam que aqui é a “Casa da mãe Joana?” E chega, senão fica pior.

A classe ficou imediatamente em silêncio e, assim, permaneceu até o sinal do recreio.

A professora aparentou estar arrependida de seus atos e procurou conversar com alguns alunos, mas a classe não se manifestou, nem os alunos que sentam nas primeiras fileiras participaram da conversa.

A menina que estava na lousa foi interrompida pela professora que pediu para ela parar com a atividade que ficaria para a aula seguinte e avisou:

Professora: Não é para começar a bagunçar, não, viu? É que eu acho que vocês devem estar cansados. Esta atividade vai ser feita na próxima aula, porque eu ainda vou explicar. Entenderam? Não é para fazer!

Nesse momento, tocou o sinal e os alunos saíram correndo e gritando muito e falando: “Graças a Deus!”, “Ninguém merece!”, “Aleluia!”. A professora ouviu e saiu da sala conversando comigo sobre o comportamento difícil dos alunos nos últimos tempos e, também, se mostrando disponível para o que eu precisasse.

30/03/2006

Fui mais cedo para escola novamente. Dessa vez, cheguei por volta de 7h15min e como já conhecia alguns alunos fiquei observando o que faziam. Mas, nesse momento, um grupo de meninos veio correndo conversar comigo. Todos falavam ao mesmo tempo, querendo comentar sobre o ocorrido com a professora de Português. Eles começaram a se empurrar e achei melhor adotar uma outra forma de observar o momento de entrada dos alunos. Quando entramos na escola (resolvi entrar com os alunos), encaminhei-me até a porta da sala da 8ª série e fiquei esperando para conversar com a professora da primeira aula: Dora, professora de Geografia.

Aula 3

Professora Dora – Geografia

A professora chegou empurrando um carrinho de supermercado lotado de livros didáticos e logo me reconheceu, convidando-me a entrar e aguardar um pouco dizendo:

Professora: Não gosto muito das primeiras aulas da manhã. Eles chegam muito alvoroçados e não sossegam, quando vou ver já passou metade da aula e eu nem fiz chamada.

Concordei com ela e fui para o meu lugar.

Os alunos foram entrando e sentando em duplas (já havia um combinado de realizar uma atividade para ser entregue à professora). Alguns alunos não lembraram da atividade e estavam sem companhia para a tarefa, o que atrasou ainda mais a aula. Assim que tudo foi resolvido, uma aluna se aproximou de mim e disse:

Aluna: Aquela professora é muito chata, essa é mais legal você pode falar bem dela que nós gostamos. Ela é bem séria, mas é gente boa.

Professora: Pessoal! Atenção! Como nós tínhamos combinado, hoje, faremos uma atividade de cartografia e vocês farão em duplas para me entregar. Espero que tenham trazido o material que eu pedi, também.

Aluno: Que material?

Professora: Ah! Não! João, você de novo! Toda vez é a mesma coisa? Poxa vida! O que custa para você fazer o que a gente pede? É tão difícil assim?

Aluno: Ai! Professora! Que drama. Só fiz uma pergunta, se não dá para responder, eu vejo aqui com o pessoal.

Professora: E, ainda por cima, é cara-de-pau. Tudo bem, João, vire-se que é melhor para você e, para mim, principalmente. Bom, gente, vocês vão fazer a atividade da página 67, em duplas, na folha que eu pedi e colorir de acordo com a proposta da atividade. Não se esqueçam que temos uma aula só e que vocês só têm 25 minutos, por isso é melhor correr.

Dito isso, a professora sentou-se e começou a fazer chamada, observando também como os alunos estavam se portando. Grande parte dos alunos estava preocupada com a resolução da atividade, mas um grupo não se preocupou em fazê-la. Durante esse período, muitos alunos levantavam-se para trocar material, principalmente, os lápis de cor necessários para a atividade.

Professora: Gente! Não querendo ser chata e já sendo, só faltam 8 minutos para a aula acabar, é melhor que vocês se adiantem mais um pouco.

Aluna: O quê? Ah! Professora, por favor, deixa a gente entregar na próxima aula. Vai ficar mais caprichado, bonito e melhor até para a senhora corrigir.

Professora: Nem pensar! Vocês brincam demais. Se tivessem começado na hora que eu falei já teriam acabado, mas vêm para a escola sem material, brincam mais do que trabalham e ainda querem moleza. Desculpe, mas não dá.

Dito isso, bateu o sinal e a professora começou a circular pela sala para recolher as atividades dizendo:

Professora: Entreguem mesmo incompleto que eu considero o que foi feito. Podem entregar, por favor.

Alguns alunos seguiram atrás da professora, recolhendo os livros e colocando-os no carrinho que ficou encostado à porta.

Alunos: Professora! Professora! A gente pode levar o seu carrinho? Por favor!!!

Professora: Calma gente! Toda aula é isso. Vou começar a fazer uma escala para levar esse carrinho e vocês me darem sossego. Tchau pessoal! Tchau professora!

A classe não respondeu e eu me despedi com um sorriso.

10/04/2006

Cheguei no horário da 3ª aula para acompanhar a professora Helena, em mais uma aula na 8ª B, e para ver sua disponibilidade para uma entrevista. Cheguei mais cedo, pois a aula só começaria após o recreio, seria a 4ª aula e a professora também chegou mais cedo porque vinha da outra escola. Foi muito bom porque pudemos conversar por uns 30 minutos antes do recreio. Muito simpática, compartilhou comigo as dificuldades de trabalhar, estudar e cuidar da família. A professora achou melhor que eu esperasse mais uns dias para marcarmos a entrevista, porque ela achou importante que eu conhecesse mais a escola e os outros professores. Concordei e assim foi feito. Quando bateu o sinal do recreio, resolvi sair da sala dos professores e seguir até o pátio para observar e conversar com alguns alunos. Mas ao chegar à porta, deparei-me com uma confusão. Um grande número de alunos gritava e alguns funcionários tentavam socorrer. Uma briga estava começando e pelo que se observava, alguns alunos estavam estimulando dois rapazes a brigar. E, assim, começou uma grande confusão.

Foi preciso que a diretora falasse ao microfone que todos seriam seriamente punidos para que os ânimos se acalmassem. Resolvi voltar para sala dos professores e conversar com o grupo. Acabei conversando mais um pouco com a professora de Português, que comentou sobre alguns problemas financeiros e familiares que a estavam incomodando há algum tempo e que estavam perturbando sua vida profissional, também. O sinal bateu novamente e fomos caminhando até a sala. Chegamos à porta e no momento em que os alunos nos viram, começaram a gritar e perguntar por que a professora não faltou e a dizer que gostariam de ir até o pátio para uma aula diferente. A professora fingiu não ouvir e nos afastamos um pouco da porta. Foi quando ela comentou sobre a dificuldade de lidar com essa classe, segundo ela foi um problema que surgiu no primeiro dia de aula e ela não estava conseguindo desfazer a primeira impressão com a sala. A professora de Ciências saiu da sala e entramos.

Aulas 4 e 5

Professora Helena - Português

Assim que entramos, os alunos correram em direção à professora e pediram que ela os levasse ao pátio para uma aula diferente. Mas a professora disse que estava atrasada com um assunto novo e que precisaria iniciá-lo naquela aula.

Professora: Vamos, gente! Sentem-se, por favor. Vamos começar. Silêncio! Ei! Você! Senta, por favor.

A professora falava, mas não era ouvida e começou a ficar mais nervosa. Gritou muito e um aluno resolveu acudi-la.

Aluno: Professora, a gente teve um dia muito ruim, você não pode fazer uma coisa diferente?

A gente não está a fim de nada, libera hoje, professora, por favor?

A professora começou a mostrar-se irredutível e ameaçar os alunos com uma avaliação. Eles estavam, realmente, muito agitados e não atendiam aos pedidos da professora.

A professora dirigiu-se à lousa e começou a explicar a matéria nova, mas um outro aluno pediu para que a professora considerasse e só naquele momento fizesse uma atividade mais agradável. A princípio, a professora não aceitou o que gerou certo desconforto, no entanto percebeu que não teria a colaboração da sala, se seguisse em seu intento.

Professora: Está bem! Vamos lá. Todos sentados, porque faremos uma atividade diferente, mas aqui na sala mesmo, nada de ir ao pátio.

Alunos: ÊÊÊÊ!

Professora: Tudo bem. Faremos uma atividade chamada Perfil.

Aluna: A gente já conhece, é muito legal. A professora do ano passado fazia com a gente. Vamos lá, pessoal!

Imediatamente, alguns alunos trocaram de lugar e correram para procurar duplas mais competitivas. A partir desse momento, a aula transcorreu sem maiores problemas. Na verdade, foi uma aula dupla que ocorreu sem problemas e os alunos adoraram. Na saída, conversei com a professora sobre a possibilidade de utilizar um espaço de sua aula para pedir aos alunos a produção da carta. A professora concordou e pediu que eu a avisasse com antecedência, dizendo que eu poderia utilizar uma aula inteira se eu quisesse.

26/04/2006

Nesse dia, cheguei no horário da 2ª aula para assistir a duas aulas de Matemática. A professora já estava na porta da sala quando cheguei, pois o sinal já havia sido tocado. Apresentei-me e conversamos um pouco sobre o meu trabalho e a observação que faria. A

professora foi muito simpática e, assim que os alunos a viram, começaram a avisar ao professor que havia alguém na porta. Os alunos mais eufóricos vieram pegar meu material e o da professora também para acomodá-los nas mesas. Assim que entrei, dirigi-me ao local de costume. Nesse momento, observei que alguns alunos trocaram de lugar. A professora passou os olhos pela sala e disse que dois alunos estavam em lugares errados. Imediatamente, foram aos seus respectivos lugares.

Aula 6 e 7

Professora Ana – Matemática

A professora chegou e já começou a fazer a chamada. Foi interessante observar a professora chamar os alunos e ela mesma responder por eles:

Professora: Aline! Está aí. Anderson! Está aí. André! Está aí. Beatriz... Gente! Vocês têm visto a Beatriz?

Aluna: Ela está ajudando a mãe com umas encomendas para uma festa de 15 anos.

Professora: Mas a Marina está louca? (Mais tarde, descobri que a professora Ana conhece boa parte dos pais dos alunos pelos nomes). Vou chamá-la para conversar, ah! Se não vou...

E, assim, seguiu fazendo a chamada, do seu jeito. Quando terminou, dirigiu-se à lousa para corrigir as atividades.

Professora: Vamos lá! Quem vai arriscar um 10 logo de cara? Se acertar o exercício inteiro não faz a bimestral, mas se errar... Nesse momento mostrou a mão aberta para os alunos e todos responderam em coro:

Alunos: Menos cinco pontos.

E todos riram.

Aluno: Professora, e se eu for e acertar metade?

Professora: Se acertar metade, leva zero só porque teve esse pensamento pequeno. Tem que pensar que vai acertar tudo, rapaz. Mirella, o que é que você tem?

Aluna: Não sei, acho que estou com febre.

A professora dirigiu-se para a aluna e verificou que ela estava muito quente.

Professora: Vanessa, vá chamar a dona Luiza (inspetora), por favor? Gente, a região está com um surto de Dengue. Vocês precisam se cuidar. Quem já teve uma vez, se tiver novamente pode ser hemorrágica e, aí, é problema.

Dona Luiza: Pois não, dona Ana.

Professora: Será que você pode ligar para Marli, mãe da Mirella, por favor? Mirella, acompanha a dona Luiza, por favor, e se cuida, viu menina!

A aluna saiu e a professora voltou ao assunto, a fórmula de Baskhara, corrigiu os exercícios e pediu que os alunos sentassem em duplas para fazer uma atividade para entregar.

Professora: Calma, pessoal. É um exercício exatamente igual ao que acabamos de fazer, é claro que eu só mudei...

A classe em coro: Os números!

Professora: E quem errar? Perguntou mostrando a mão aberta.

A classe em coro: Menos cinco pontos.

E todos riram.

Foi interessante observar que, nessas duas aulas de Matemática, a classe permaneceu em silêncio. Agiram de forma diferente das outras aulas a que assisti. Por um instante, a professora precisou sair e, ainda assim, os alunos ficaram muito quietos. Quando voltou, veio conversar comigo enquanto aguardava o término das atividades. Como ainda faltavam alguns minutos para o término da aula e o início do recreio, a professora disse que à medida que fossem terminando e fazendo corretamente poderiam ir saindo da sala. Mas avisou também:

Professora: Se alguém sair correndo da sala só para ir para o recreio, pensando que vou dar atividade de recuperação está muito enganado. Recuperação é para quem faz por merecer e não para os metidos a espertos.

Não houve alvoroço algum. Cada dupla terminou na hora que realmente tinha resolvido e uma dupla permaneceu 5 minutos, após o sinal, tentando resolver as atividades, sem conseguir.

A professora recolheu a folha e disse que depois conversariam.

Sáímos da sala e comentei que estava realmente impressionada com a memória dela por conhecer os nomes de alguns pais de alunos. Ela sorriu e disse que os conhece por acompanhar alguns alunos desde a 5ª série.

Entramos na sala dos professores, sentei numa poltrona um pouco afastada e fiquei observando o que se passava. Os professores estavam indignados com uma atitude da direção que a partir daquela data se decidiu que se houvesse adiantamento de aulas a classe seria dispensada, mas o professor seria obrigado a cumprir seu horário. Um professor foi procurar a direção para conversar, mas a diretora estava em reunião na Diretoria de Ensino. O grupo resolveu marcar o horário de reunião pedagógica para resolver a questão. Um professor ainda protestou: “Não é possível que vamos ficar calados sendo punidos por atos que não praticamos, sendo castigados por sei lá o quê? Podem deixar que eu vou falar com ela. Talvez, esteja pensado que estamos no Jardim da Infância e, talvez, ficaremos calados?”

O sinal soou novamente e eu saí da escola com um grupo de professores que já havia encerrado o horário.

08/05/2006

Cheguei à escola às 7h20, mas achei por bem ficar na sala dos professores, porque os alunos já estavam me conhecendo melhor e a me ver ficavam bem animados, pulando, falando alto, impedindo que eu ficasse despercebida. Os professores estavam conversando sobre morar em

Santos, falando sobre a qualidade de vida da região e os benefícios de viver longe do *stress*. Fiquei sabendo que alguns professores do grupo vieram removidos de São Paulo e estavam muito satisfeitos com a cidade. O sinal bateu e o professor de História ainda não havia chegado. Resolvi esperá-lo na sala. Entrei, sentei-me no lugar de costume. O professor entrou em sala, dizendo “bom dia” e a classe não respondeu. Na verdade, muitos alunos nem perceberam que o professor estava em sala.

Aula 8

Professor Hélio - História

Professor: Pessoal, onde eu parei?

Aluno: O senhor estava andando?

Professor: Gente! Eu já devolvi os resumos da penúltima aula?

A sala não respondeu e o professor foi perguntar aos alunos das primeiras carteiras. Após breve conversa com os alunos, o professor disse que as atividades estavam em seu armário e que ele devolveria na aula seguinte. Nesse momento, um grupo de 4 ou 5 alunos saiu da sala e começou a correr para o bebedouro. O professor não viu ou fingiu não ver. Quando retornaram o professor teve a mesma atitude. Fez a chamada e só uma aluna respondeu pela sala.

Professor: Alessandra!

Aluna: Está aí.

Professor: Alexandre!

Aluna: Está aí.

E, assim, por diante. Terminada a chamada, uma aluna lembrou o professor que havia uma atividade no caderno para ser corrigida. Então, o professor começou a visar os cadernos dos

alunos, de carteira em carteira. Alguns trocavam de lugar, para o professor não chamar a atenção, outros saíam da sala pelo mesmo motivo. E de repente o professor chegou até a mesa em que eu estava sentada e disse:

Professor: Caderno, mocinha!

Eu: Professor...

Professor: Caderno mocinha! (Foi quando olhou para mim) Ah! Desculpe!

Eu: Olá professor, tudo bem?

Professor: Desculpe, viu? Estou tão distraído, também, esses alunos, hoje, estão infernais. Você é aquela mocinha da reunião pedagógica.

Eu: Isso. Não tem problema o senhor me confundir, eu até fico lisonjeada.

Professor: Mas que nada! Você ainda é uma menina.

E seguiu andando pelas carteiras. Nesse dia, acredito que somente uns 10 alunos fizeram as atividades que o professor pediu.

Na seqüência, o professor encaminhou-se para a lousa e passou uma proposta de outro resumo para a aula seguinte. Alguns copiaram, outros não. O professor sentou-se e ficou aguardando o sinal para a aula seguinte, enquanto os alunos ficaram bem à vontade, em pé na porta, sentados em cima das carteiras, brincando, conversando.

Ao final da aula, enquanto caminhávamos, o professor comentou sobre a dificuldade de lidar com as turmas do Ensino Fundamental. Muito crianças e imaturos para ele. Conversamos mais alguns minutos e fui embora enquanto o professor se encaminhava para a outra 8ª série.

17/05/06

Cheguei às 7h25 e fiquei aguardando a professora Dora na sala dos professores. Mas a professora já estava na sala que funciona como um almoxarifado, organizando os livros para colocar no seu carrinho. Fui até lá e conversamos alguns minutos enquanto a ajudava em sua

rotina. A professora, muito séria, conversou brevemente comigo e eu questioneei sobre um possível horário para nos encontrarmos para nossa entrevista. Ela pediu que eu aguardasse mais alguns dias, pois estava num momento muito atribulado. Respeitei sua posição e seguimos conversando até a sala. Uma aluna veio conversar comigo para saber se eu teria disponibilidade para aulas particulares. Disse que não podia e que talvez pudesse indicar uma amiga para ela. Entramos em sala e ficamos aguardando a entrada de todos os alunos.

Aula 9

Professora Dora – Geografia

Encaminhei-me para meu lugar de costume. A professora pediu ajuda a uma aluna para entregar os livros para os alunos. Enquanto isso, escreveu na lousa as páginas que seriam trabalhadas na aula. Um aluno perguntou se a professora não poderia fazer alguma coisa diferente, talvez um filme, ou um passeio e a professora disse que já estava programando uma atividade assim para breve.

Aluno: Professora, a senhora deve estar cansada de ficar para cá e para lá com esse material todo, não?

Professora: O que você está querendo dizer com isso?

Aluno: Eu? Nada! Só estou perguntando. Às vezes cansa só de olhar carrinho para cá, carrinho para lá.

Professora: Não estou gostando dessa ironia, rapaz!

Aluno: Ô professora! Pega leve aí! Só estou falando o que estou vendo.

Professora: Pois o que você está vendo deve ficar guardado com você. Primeiro, porque não interessa para ninguém, segundo, porque ninguém está perguntando nada.

Classe: ÊÊÊÊÊÊ!

Professora: Já chega classe! A gente acorda cedo, sai de casa, deixa a família e vem aqui passar por isso? Que é isso! Chega! Podem começar a fazer o que eu pedi, estando cansados ou não de ver isso ou aquilo. No final da aula vou olhar os cadernos, quem não tiver feito a atividade já fica com um ponto a menos.

Aluna: Calma, professora. A senhora quer um copo de água?

Professora: Não, meu bem, obrigada.

A classe ficou abalada com o ocorrido e um silêncio tomou conta da sala e o aluno que fez a provocação ficou visivelmente constrangido.

Aluno: Professora, a Copa do Mundo está chegando. A senhora acha que o Brasil vai ganhar?

Professora: Ih! Não entendo nada de futebol, Júlio. Eu torço para que ganhe. Essa época é muito boa, a gente reúne a família e os amigos com um pensamento positivo e todo mundo acaba achando que entende de futebol e se acha melhor que o técnico, não?

Os alunos voltaram-se às atividades e a professora visivelmente abalada continuou suas anotações, fez a chamada e ficou aguardando os alunos terminarem as tarefas. Isso durou uns vinte minutos. O aluno que fez a provocação foi até a mesa da professora e conversou com ela num tom muito baixo. O que se pôde perceber foi um pedido de desculpas. A professora sorriu, passou a mão pelos cabelos dele e o clima tenso se desfez. O sinal soou e a professora disse que na aula seguinte iria corrigir as atividades.

24/05/06

Nesse dia, cheguei justamente na hora do recreio e dirigi-me ao pátio. Na verdade, com a desculpa de ir até a cantina, caminhei entre os alunos e sentei-me num muro em frente ao movimento dos alunos. Algumas meninas vieram conversar comigo sobre que curso eu estava fazendo e por que precisava ficar na sala de aula com eles. Expliquei rapidamente e as

meninas seguiram pelo recreio. Ao meu lado, duas funcionárias estavam sentadas com vassouras nas mãos. Fiz um comentário sobre cansaço e muito trabalho, coisas que não combinam e as duas riram. Uma delas afirmou: “a gente trabalha em escola, mas não estudou, por isso tem que ficar limpando banheiro imundo e recolhendo sujeira que esses bacaninhas emporcalham e acham que a gente tem obrigação de limpar”.

Concordei com elas e disse que é um problema de consciência, mas que alguns alunos não são assim e que depende deles e das famílias uma mudança de atitude. Elas riram e falaram que isso não vai ocorrer nessa vida, que muita gente ainda vai limpar muito até isso acontecer. Despedi-me e segui até a sala dos professores, onde fiquei em pé junto a porta e fui convidada pela professora Helena a entrar e tomar um café. Recusei e fiquei ouvindo os comentários sobre uma aluna do 3º ano do Ensino Médio que estaria grávida e o namorado, também, do 3º ano havia terminado o namoro, afirmando que a criança não seria dele. Algumas professoras estavam tão indignadas que nem queriam entrar na sala para não ter que falar com o rapaz. Um professor comentou que isso acontece há muitos séculos e que ainda vão acontecer por muito tempo por falta de consciência dos jovens, ainda disse: “nós também temos uma parcela de culpa nisso, porque não orientamos o suficiente, não conversamos da maneira certa, não fazemos a nossa parte, achando que os jovens já sabem”.

Em seguida uma professora retrucou: “professor, não é possível que eu esteja escutando isso de um professor! Meu Deus! Sabemos de nossa responsabilidade, mas nesse momento colocar mais um fardo em nossas costas, não dá”.

Nesse momento, soou o sinal, os professores foram se levantando e o professor falou: Sônia¹⁶, “nossa conversa fica para uma outra hora, talvez eu consiga me explicar melhor.

Por favor, professor, faça questão”.

Procurei pela professora Ana e seguimos conversando até a sala de aula.

¹⁶ Esta professora leciona no Ensino Médio e não fez parte de nossa pesquisa. Como essa discussão ocorreu na hora do recreio, todos os professores do período encontravam-se na sala dos professores.

Aulas 10 e 11

Professora Ana – Matemática

Chegamos antes dos alunos e ficamos em pé ao lado da porta enquanto eles iam chegando.

Alguns cumprimentavam, outros passavam em silêncio e algumas meninas beijaram a professora, que ganhou balas e um chocolate e disse: *adoro as aulas após o recreio*.

Quando a maioria dos alunos já havia entrado, dirigimo-nos a nossos lugares.

A professora apagou a lousa e sentou-se para fazer a chamada, do seu jeito, chamando os alunos e respondendo por eles. Levantou-se e começou a fazer a correção das atividades da aula anterior na lousa. Os alunos acompanhavam a aula com atenção, quando uma aluna levantou a mão e disse não estar entendendo a resolução daquele exercício. A professora apagou a lousa e perguntou:

Professora: Pessoal! Mais alguém não está entendendo também?

Dois alunos também levantaram a mão. E a professora ficou indignada, não pelo fato de ter de explicar, porque aparentemente o faz com prazer, mas porque alguns alunos ainda tinham dúvida e receio de perguntar.

Professora: Gente! Vocês estão vendo essa cara feia aqui? Eu tenho cara feia, mas eu não mordo, caramba! Tem que perguntar, vocês já me conhecem. Eu explico quantas vezes forem necessárias, mas não quero saber de gente saindo da sala com dúvida. Perguntem. Estou aqui para isso, caso contrário. Mostrou a mão aberta.

A classe toda: Menos cinco pontos!

A professora começou a explicação e seguiu por 20 minutos, fazendo uma revisão anterior à dúvida daquela aluna. O interessante foi observar que a classe toda ficou em silêncio, ouvindo a professora, mesmo quem já sabia, não atrapalhou a explicação. Ao final, a professora falou: Professora: Pessoal, antes de começarmos a matéria nova, vamos fazer mais alguns exercícios para tirarmos todas as dúvidas, certo? Vou colocar alguns exercícios na lousa e vamos corrigir ainda hoje. Se quiserem podem fazer em duplas.

A sala se movimentou em silêncio e seguiram assim até quase o término da aula.

Professora: Podemos corrigir?

A classe: Não!

Quinze minutos depois:

Professora: Podemos corrigir?

A classe: Não!

Professora: Gente, já tivemos tempo mais que suficiente para isso, vocês estão me enrolando.

Uma aluna: Professora, por favor, espere mais um pouco.

A professora aguardou e quando faltavam quinze minutos para o término da aula, foi à lousa e corrigiu todas as atividades. Avisou depois que na aula seguinte iria começar um novo assunto, pedindo que os alunos não faltassem. O sinal soou e saímos da sala. Conversei com a professora para marcarmos um horário para nossa entrevista. A professora marcou para a semana seguinte no horário de uma aula vaga. Saímos da escola e a professora comentou sobre a necessidade de férias.

06/06/06

Cheguei à escola às 8h e fiquei aguardando o horário da 2ª aula para conhecer o professor de Educação Física. Ele estava na quadra com uma turma do Ensino Médio. Da janela da sala

dos professores, pude observar sua aula e a reação dos alunos durante as instruções para o jogo de *handball*. O professor corria em quadra, orientava os alunos, gritava com quem fazia corpo mole e os alunos gostavam muito. Foi muito divertido assistir. Logo soou o sinal para a segunda aula.

Aulas 12 e 13

Professor Jorge – Educação Física

Encaminhei-me à sala de aula e deparei-me com o professor já na porta esperando sua hora de entrar. Cumprimentei-o e conversei sobre meu trabalho.

Professor: Ah! Sei você é aquela moça da reunião pedagógica.

Eu: Isso. Teria algum problema se eu assistisse a suas aulas hoje? Já conversei com a coordenadora e ela autorizou pedindo que eu falasse com você primeiro.

Professor: Sem problemas. Pode entrar.

O professor Hélio saiu da sala nos cumprimentou e seguiu em direção ao Ensino Médio. Entramos juntos, cada um dirigiu-se a seu lugar. O professor fez a chamada e começou a conversar com os alunos sobre as eleições, o perfil dos candidatos, se em casa havia alguma conversa sobre o assunto e perguntou:

Professor: o que vocês acham sobre o voto aos 16 anos? Vocês se acham prontos para decidir se puder deixar para depois melhor?

A princípio, a sala ficou em silêncio, mas aos poucos os alunos foram falando sobre suas condições, sobre a política atual, sobre a oposição e de repente um debate se instaurou em sala. O professor ria bastante e pouco falava diante de tanta discussão. Após alguns momentos, disse:

Professor: Calma pessoal, eu só toquei no assunto porque o tempo passa tão rápido que daqui a pouco vocês já vão ter 18 anos. Só gostaria que vocês pensassem um pouco sobre essas questões, porque o que estamos sofrendo hoje, com relação à política é por causa do nosso voto de eleições de 18, 20 anos atrás. Por isso, já importante que vocês comecem a discutir para não serem enrolados pela conversa de certos políticos. Certo?

Aluno: Professor? Vamos para a quadra?

Professor: Vamos, sim. Eu só queria rever com vocês aqueles fundamentos do handball. Não se esqueçam do interclasses no próximo semestre. Vamos lá.

O professor dirigiu-se à lousa e, em 15 minutos, fez a revisão das regras e confirmou quais seriam os jogadores do time masculino e do feminino para o campeonato.

Professor: Vamos para a quadra. Para não brigarmos, vou dividir a quadra ao meio: de um lado jogam os meninos e, do outro, as meninas. Combinado? Sem confusão, sem brigas, por favor. E vamos rápido porque daqui a pouco começa o recreio e fica aquela confusão.

Fomos para a quadra e fiquei observando a tranquilidade do professor ao conduzir a aula. Correu de um lado da quadra ao outro, orientando meninos e meninas. Depois, parou no meio da quadra e ficou olhando a forma como os alunos jogavam.

Professor: Vamos fazer um joguinho rápido, meninos contra meninas?

Os meninos adoraram e as meninas acharam que seriam prejudicadas. O professor disse que seria uma brincadeira e que se os meninos abusassem, ele suspenderia o jogo. Os meninos começaram a brincar, dizendo que elas seriam medrosas que levariam muitos gols e uma delas falou:

Aluna: Estão achando que vai levar vantagem aqui? Pois, vocês vão ver.

O jogo começou e os meninos já marcaram dois gols logo no início. O professor avisou que seriam somente alguns minutos porque a aula já estaria acabando. Nesse momento, as

meninas fizeram seu primeiro gol. Os meninos quiseram reagir, mas outra aluna dominou a bola e fez um outro gol. O professor começou a rir e a provocar os meninos.

Professor: E aí, onde está a reação dos meninos? E o ritmo da Copa do Mundo?

As meninas interromperam uma jogada, dominaram a bola e fizeram o terceiro gol. Os meninos tentaram recuperar a bola com violência, mas logo bateu o sinal e tiveram que amargar as brincadeiras das meninas e do professor.

Nesse clima de brincadeira, o professor Jorge conduziu sua aula e, ao seu final, o time derrotado foi cumprimentá-lo e pedir mais um jogo de revanche. Ele disse que ia pensar e seguiu para a sala dos professores, rindo comigo sobre a situação. Conversamos mais um pouco sobre essas situações de machismo que ainda ocorrem com tanta frequência e comentamos na sala dos professores o ocorrido. Lá, algumas professoras acharam o máximo que certos alunos tinham sido colocados em seus devidos lugares pelas meninas. Tomamos café, a conversa estava bem superficial, algumas professoras falavam sobre cortes e cores de cabelo, enquanto outros falavam sobre a Copa do Mundo. Quando o recreio acabou, despedi-me dos professores e, ao sair da sala, encontrei a professora Helena que me perguntou sobre a aula de que eu precisaria para produção das cartas dos alunos. Comentei que o horário ficaria confuso por causa da Copa do Mundo e ela me disse que não, daria perfeitamente para fazer a atividade em uma aula e eu já teria algum material em mãos antes de conversar com os alunos. Eu disse que a idéia era interessante e a professora se prontificou a agendar um momento para que eu realizasse a atividade.

05/07/06

Data da produção textual

Professora Helena - Português

Voltei à escola no dia marcado com a professora. Resolvemos utilizar a última aula daquela manhã, para a professora seria uma aula dupla, mas ela disse que usaria a penúltima aula da manhã com eles e a última ficaria para mim. Ao entrar na escola, encontrei a diretora que me perguntou sobre o andamento do trabalho e se estava sendo bem tratada por todos. Eu disse que estava adorando a escola, muito organizada, e que todos estavam de parabéns pelo trabalho. Ela ficou muito feliz, desejou sorte e foi para uma reunião na Diretoria de Ensino. A professora Helena estava me aguardando na porta da sala e disse que iria sentar na sala dos professores para ter uma aula de folga. Eu sorri, mas pedi que ela ficasse ao meu lado durante o trabalho dos alunos. Ao entrar na sala, a professora perguntou se todos me conheciam, eles, naturalmente, responderam que sim e ela disse que eu teria alguma coisa a conversar com eles.

Eu: Bom dia!

A classe: Bom dia!

Eu: Pessoal! Eu estou precisando de um favor especial de vocês. Minha pesquisa precisa da participação de vocês.

Alunos: Oba! Tudo bem! Para quê?

Professora Helena: Gente! Deixem a professora falar, por favor.

Eu: Então, meu trabalho fala da importância do professor na escola e na aprendizagem dos alunos, eu imagino que para vocês deva fazer diferença ter aula com um professor especial.

Aluna: Com certeza, tem professores que são muito legais e explicam de um jeito fácil de aprender.

Eu: Então, pessoal. Eu gostaria de pedir para vocês elaborarem uma carta. Vocês já fizeram carta aqui na escola?

Aluno: Acho que sim.

Aluna: Claro que fizemos. Foi na 6ª série, com a professora Silmara.

Eu: Então, gostaria que vocês pensassem num professor bem especial para cada um de vocês e escrevessem uma carta para esse professor. Podem ficar tranquilos porque o professor não vai ler, é só para eu saber como vocês vêem um professor especial e porque ele se torna especial para vocês, pode ser?

Aluno: É para entregar?

Aluna: Dããã! É claro, não é? Legume!

Eu: Por favor, se você puder fazer numa folha à parte para me entregar, eu agradeço. Nessa carta, vocês vão dizer o que vocês aprenderam com esse professor e não precisa ser matéria, pode ser um jeito de olhar a vida, uma maneira de agir, uma conversa que vocês tiveram num dia difícil, sei lá. Vocês vão dizer na carta porque esse professor é especial para vocês.

A classe teve uma reação muito positiva. A grande maioria da sala escreveu algo, alguns apresentaram textos de difícil compreensão, mas outros fizeram cartas bem interessantes.

Não utilizei a aula inteira, talvez uns 30 minutos. À medida que os alunos foram acabando a professora deixou que ficassem à vontade esperando o sinal de saída. Agradei a todos e disse que no semestre seguinte precisaria conversar com uns 10 alunos separadamente, longe da sala. Na hora, vários voluntários se dispuseram a participar. A professora Helena disse que depois decidiríamos e comunicaríamos a eles. Soou o sinal, saímos da sala e fomos conversando até a porta da escola. Agradei a atenção da professora e acabamos marcando nossa entrevista para aquela semana mesmo.

08/08/06

Retomei as observações e, nesse dia, cheguei às 7h15 para acompanhar a chegada dos professores, que foram chegando aos poucos. O professor Jorge foi o primeiro, a professora Ana chegou na seqüência e começaram a conversar animadamente. Ficamos conversando até

7h30 e percebemos que os outros professores não chegavam. Os dois começaram a brincar comigo dizendo que eu assumiria todas as outras classes no pátio. De repente, chegaram outros dois professores e, assim, foi se completando o quadro daquela manhã. O professor Jorge ainda brincou:

Professor: Que pena! Eu ia observar e anotar tudo o que você fizesse e falasse só para te torturar de curiosidade.

Eu: Ah! Professor, o senhor é malvado. Eu não anoto nada que não esteja ocorrendo e fique tranquilo não estou aqui para atrapalhar ou criticar nada, sou só uma observadora.

Professor: Sei, conheço muita gente que só observando fez miséria.

Professora Ana: Mônica, é melhor você nem entrar na discussão, pois essa vai longe. É conversa para uma manhã inteira. Ignora e faz seu trabalho em paz.

Seguimos conversando até a sala de aula.

Aula 14

Professor Jorge – Educação Física

Professor: Bom dia, 8ª série.

Os alunos estavam se organizando para sentar e conversando enquanto chegavam.

Professor: Bom dia, 8ª série! (Num tom muito alto)

A classe toda: Bom dia, Professor!(Num tom mais alto ainda)

Professor: Agora, sim. Hoje, estou muito animado.

Aluno: A noite foi boa, professor?

Professor: Rapaz, eu estou tão animado que nem vou dar atenção ao seu comentário tremendamente infantil. Aliás, minha noite foi muito boa. Todas as minhas noites são boas,

porque fico com minha família. Minha mulher que me atura há bastante tempo, nem vale a pena falar aqui quanto tempo estamos casados.

Aluna: Ah! Fala professor...

Professor: Meu anjo, o amor não tem idade, isso é o que importa. Vocês hoje vivem um momento que eu não tive que é o tal do ficar. Ficam hoje com alguém, amanhã com outra pessoa e, assim, passa a semana e já ficaram com quantos?

Aluna: Ah! Professor, também não é assim. Tem gente que namora direito, não gosta de ficar.

Professor: Meu bem, estou falando de regra, não de exceção. Falem para mim, o que vocês esperam ficando aqui e ali. Vocês sabem o que é dançar de rosto colado? E andar pela praia de mãos dadas falando sobre a vida, dividindo sonhos?

Aluna: Ih! Professor, o senhor está muito romântico hoje, hein?

Professor: Estou mesmo, meu bem. Estou mesmo. Bem, vamos ao que interessa.

Aluno: Ô professor! Fala mais um pouco.

Professor: Falar o quê, rapaz? Que vocês estão perdendo tempo? Acho que vocês já sabem, não? Desejo para todos vocês, de verdade, um grande amor na vida. Deve ser muito chato morrer sem viver um grande amor.

Aluna: O senhor só amou a sua esposa?

Professor: Muito curiosa, você, hein? Só, nos conhecemos na escola. Eu estava no Ensino Médio e ela no Fundamental. Eu fui o primeiro e único namorado e ela também foi a primeira namorada. Hoje, sou muito feliz e estou a cada dia mais apaixonado. Mas chega dessa conversa. Já falei demais até. Hoje, vamos falar...

Algumas meninas: Não professor, por favor!

Professor: Outro dia. Então, vamos falar sobre uma competição muito interessante que ocorre no mundo inteiro e, em Santos também, e é bastante interessante. Vocês já ouviram falar em Triatlon?

Alguns alunos já conheciam e levantaram o braço e outros ainda não tinham ouvido falar.

Professor: É uma modalidade completa. Uma competição bem legal e urbana, só acontece em cidades litorâneas, porque é composta por três fases e a primeira é o nado, depois o ciclismo e finaliza com corrida. Agora, existem as modalidades de Fast Triatlon organizada por baterias. São normalmente três provas com a mesma seqüência, mas com distâncias mais curtas e pausas entre uma bateria e outra. O Brasil se destaca no mundo nessa modalidade também.

Aluna: O senhor já participou de alguma competição?

Professor: Como atleta, não. Mas na organização do evento, aqui em Santos, eu já participei da organização.

Aluno: E como os atletas são escolhidos e preparados?

Professor: Naturalmente, um atleta que tenha bastante resistência e é especialista num dos três gêneros da competição acaba se interessando por esse esporte. Na verdade, qualquer atleta especialista em uma das modalidades da prova pode se dedicar e participar das provas, desde que seja assistido por um técnico e faça parte de uma equipe.

Professor: Professora? (Dirigiu-se a mim)

Eu: Pois não.

Professor: Não estou matando aula não. Eu sempre gosto de conversar com eles sobre algum esporte que eles não conheçam para não bitolá-los no futebol. Eles sabem que eu odeio a expressão bola e quadra, então, gosto de variar e conversar sobre outros esportes também.

Concordei com a cabeça e nada falei. Os alunos observavam as explicações do professor em silêncio. Ele falava bastante, gesticulava e, em alguns momentos, andava pela sala demonstrando empolgação. Quando o sinal soou, os alunos fizeram naturalmente um “ah!”.

Aluna: Ah! Professor, fica mais um pouco.

Professor: Não posso, meu bem tenho que ir a outras salas. Um abraço. Tchau pessoal. Tchau professora.

Alguns alunos responderam, eu também e outros voltaram para suas atividades. O professor saiu da sala e eu saí em seguida.

21/08/06

Nesse dia, cheguei às 7h30 e o sinal estava sendo acionado. Corri um pouco, mas quando cheguei na porta da sala, o professor Hélio já estava sentado fazendo algumas anotações. Pedi licença e ele não levantou a cabeça, nem me ouviu. Entrei e fui falar com ele.

Aulas 15 e 16

Professor Hélio – História

Eu: Professor?

Professor: Pode falar. (Sem levantar a cabeça para ver quem estaria falando com ele)

Eu: Professor, lembra que combinamos de eu vir assistir a sua aula de hoje? Sei que hoje a aula é dupla, não? (Foi quando ele levantou a cabeça com um ar de quem não sabia exatamente com quem estava falando)

Professor: Hoje? Eles vão fazer um trabalho para nota. Hoje, não vai dar. Mesmo sendo aula dupla, você me desculpe, mas hoje não pode, não.

Eu: Tudo bem, professor. Eu aguardo a próxima aula. Obrigada, mesmo assim.

Já tinha saído da sala, quando uma aluna veio atrás de mim, dizendo que o professor estava me chamando de volta.

Chegando à sala, falei: pois não, professor.

Professor: Vá, menina, sente aí e faça suas observações.

Eu: Professor, não quero atrapalhar.

Professor: Não atrapalha. Sente e fique à vontade.

Sentei-me e percebi que o professor estava aparentemente preocupado, talvez, nervoso com alguma situação.

Professor: Vou chamar alguns de vocês para receber o trabalho corrigido da última aula. João!

Aluno: Mas professor, eu não fiz o trabalho da última aula.

Professor: Ah! Este aqui é da outra aula. Tome. Vanessa!

Aluna: Oi! Obrigada.

E o professor seguiu chamando alguns alunos que receberam os resumos e descartaram. Um dos alunos jogou no lixo. O professor diante de algumas situações finge não ver o que ocorre, talvez para fugir do enfrentamento de algumas ocorrências. Os alunos percebem essa atitude e provocam o professor constantemente de diversas formas: entrando e saindo da sala, ignorando a figura do professor, passando por ele e cumprimentando-o como uma criança. E o professor fica calado ou faz outra coisa, dando a entender que não está vendo o que ocorre.

Professor: Atenção. Nós havíamos combinado que hoje faríamos um trabalho para nota, lembram?

A classe, com exceção dos alunos que sentam nas primeiras fileiras, nem ouviu o professor falar. Ele então repetiu o que acabara de avisar e os alunos continuaram a agir da mesma forma. De repente, o professor deu um soco na mesa e um urro muito forte.

Professor: Eu já estou farto de vocês! Chega! Chega! Não agüento mais. O que vocês estão pensando, seu bando de moleques? Que eu sou feito de pedra? Chega! Peguem agora uma folha e anotem o que eu mandar, porque se vocês não fizerem o que estou pedindo hoje, eu não respondo por mim.

Os alunos ficaram boquiabertos e começaram a fazer o que o professor pediu em total silêncio. O professor veio rapidamente a minha mesa pedir desculpas e dizer que, a princípio, não me deixou entrar, porque a classe estava pedindo uma atitude daquelas há um bom tempo

e ele estava protelando, por isso não gostaria que eu assistisse à cena. Conversamos um pouco e eu disse que entendia os seus motivos e agradei a gentileza de ter me deixado ficar. E que esses momentos de descontrole são muito comuns na vida do professor. Ele concordou, sorriu e disse que pelo menos naquele resto de aula não teria problemas. Realmente, os alunos seguiram em total silêncio até a hora da troca de aulas. Saímos da sala e o professor comentou sobre a vontade de parar com essas aulas para o Ensino Fundamental e reorganizar a vida. Fomos conversando até a porta da outra sala em que ele iria entrar, desejei boa aula a ele que sorriu como se aquele fosse um desejo impossível.

21/09/06

Cheguei às 7h20 e fui até o portão pelo lado interno para observar o movimento dos alunos na entrada da escola. As inspetoras estavam atentas, porque naquela semana havia ocorrido uma confusão na hora da abertura do portão e alguns pais estavam acompanhando seus filhos para evitar possíveis problemas. Na reunião com os funcionários da escola, ficou decidido que ficariam dois funcionários dentro da escola: uma inspetora de alunos e uma servente e do lado de fora o mesmo ocorreria. As meninas estavam falando que são os mesmos alunos que fazem isso há muito tempo, a direção tem o nome deles, mas não toma nenhuma atitude. Assim que entraram alguns alunos começaram a correr e querer empurrar os demais. A inspetora que estava dentro da escola, Dona Luiza, disse que a cadeia também estaria cheia de inocentes. Quem estava por perto começou a rir do aluno que entrou rapidamente sem perturbar. Ela olhou para mim e piscou, dando a entender que tinha razão ao acusá-lo. Algumas meninas da 8ª B vieram em minha direção para falar sobre as entrevistas, combinamos os dias e horários à medida que íamos entrando na escola e, posteriormente, na sala de aula. Encontramos com a Professora Dora que aguardava os alunos na porta da sala. Conversamos rapidamente e eu

disse que aquela seria minha última observação em sala de aula. Ela perguntou se eu havia gostado da escola, dos alunos e professores e, eu disse que sim, que tinha adorado a escola, que era muito especial em relação à receptividade dos professores, alunos, equipe e funcionários, todos, excelentes profissionais.

Aula 17

Professora Dora – Geografia

Os alunos foram entrando e um aluno perguntou:

Aluno: Professora! Onde estão os livros?

Professora: Hoje, faremos uma atividade diferente. Trouxe um texto bem legal, vocês não podem reclamar, pois retirei da Internet esta semana. E, também, trouxe uma folhinha com cruzadinhas para a gente resolver.

Professora: Vocês sabiam que hoje é o último dia que a professora Mônica vai ficar com a gente?

Alguns alunos: Por quê? Ah! Que pena! Nossa! Agüentou a gente bastante tempo.

E, assim, foram surgindo os comentários e alguns alunos sorriram. Outros não deram importância, alguns já queriam levantar para me abraçar e beijar, mas a professora Dora pediu silêncio, desejando sorte e contando que todos tinham contribuído para o sucesso do trabalho.

Fiquei feliz com a homenagem e sorri.

A professora voltou à aula e pediu para alguém ler o texto. Uma aluna levantou a mão e fomos ouvindo e acompanhando em nossas cópias. O texto falava sobre natureza e a falta de cuidados do homem com o seu *habitat*. Falava ainda das conseqüências desse descaso, como *Tsunamis* e o buraco na camada de ozônio. Após a leitura, a professora encaminhou o assunto para um pequeno debate que não se estendeu por muito tempo. A professora não gosta de

conversas paralelas e alguns alunos estavam bem agitados conversando sobre outros assuntos, realmente dispersos. Ela desistiu de insistir e falou para a classe se reunir em duplas para a resolução das palavras cruzadas. Veio em minha direção e começamos a conversar:

Professora: Você vê, menina. Perco um tempão pesquisando na Internet, elaborando cruzadas, falo de um assunto bem atual e eles nem querem saber? Eu não sei mais como chamar a atenção dessa molecada. Nem corpo para *strip tease* eu tenho mais. Rimos bastante, enquanto a sala estava bem dividida: alguns faziam as atividades, outros liam, duas meninas liam uma revista, um grupo trocava figurinhas de um *game* e a professora disse que só não chorava, porque tinha naquele momento alguém para dividir sua frustração: eu.

Esperamos o toque do sinal e saímos da sala, a professora deixou a folha com os alunos, não corrigiu e ao se despedir disse: “tem dias que não devemos sair de casa, não? Tchau, meu bem. Boa sorte”.

ANEXO XI – DADOS COLETADOS NA ESCOLA A

Caracterização da Escola A

Trata-se de uma escola da rede municipal de ensino de Santos, com 80 anos de existência e tradição no bairro Aparecida. A escola funciona em um edifício antigo, muito bem conservado, com excelente localização, próximo à praia.

Está localizada num excelente bairro que apresenta atividades comerciais, possuindo várias farmácias, bancos, supermercados, centros comerciais, o 6º Batalhão da Polícia Militar e o mais novo e moderno shopping da cidade. O bairro abriga uma população de classe média.

Os alunos vêm de diferentes origens, apesar da mesma comunidade e, em sua maioria, são filhos e netos de ex-alunos da escola, que já atendeu a alunos de várias séries, inclusive Educação de Jovens e Adultos (E.J.A). Atualmente, atende alunos do Ensino Fundamental da 1ª a 8ª séries, em dois períodos: das 7h às 12h, para alunos entre 5ª e 8ª séries e, das 13h às 18h, para os alunos entre 1ª e 4ª séries.

A escola é formada por duas edificações, uma térrea e a outra com pavimentos térreo e superior. Na parte frontal, há quatro salas de aula, uma biblioteca, a secretaria e as salas para a equipe pedagógica: uma coordenadora, uma orientadora educacional, uma diretora e sua assistente. Ainda, há dois sanitários, uma pequena sala para atendimento a pais e visitantes e a sala de reuniões de professores.

Entre as duas edificações situam-se o pátio e a quadra de esportes, onde ocorrem as aulas de Educação Física, as festas e comemorações da escola. Há, também, o pátio, a sala dos professores, um depósito de materiais de limpeza e a cozinha, além de um pátio coberto e da zeladoria.

Na outra edificação, funcionam 8 salas de aula, uma sala que abriga o material pedagógico e uma sala de vídeo. A escola não possui laboratório.

O edifício foi concebido para ser uma escola, por esta razão há uma boa estrutura que permite à direção da escola observar tudo o que ocorre nas salas e no pátio. O único empecilho seriam as salas de aula da parte frontal da escola, cujas janelas são voltadas para a avenida o que distrai os alunos durante as aulas.

A iluminação natural das salas é excelente, e ainda há uma boa distribuição das luminárias em boas condições. A escola conta com cinco inspetores de alunos, quatro serventes, uma merendeira e quatro funcionários para a secretaria. Alguns são concursados e outros foram contratados em regime emergencial. A escola conta com 57 professores que se dividem nos dois períodos de funcionamento. As classes costumam apresentar 35 alunos em média, e são designadas por letras. A escola mantém um total de 920 alunos.

Os diversos caminhos apresentados durante a pesquisa, apontaram para nossa preocupação de como levantar os dados sobre o processo educativo para perceber de que forma professores e alunos conduzem seus papéis no cotidiano da escola.

Sendo assim, ao iniciarmos a pesquisa, alunos e professores participantes da investigação foram identificados por números e letras. Esta forma de denominação, já mencionada, não tem um objetivo maior que não seja preservar os sujeitos da pesquisa, não estabelecendo qualquer relação com ordem alfabética ou numérica, nem qualquer tipo de relação que permita a identificação. A 8ª série B apresentou 36 alunos, sendo 17 do sexo feminino e 19 do sexo masculino.

Todos os alunos, com idades entre 14 e 15 anos, ficaram cientes da necessidade de participar com sinceridade e seriedade da pesquisa para que pudéssemos perceber o sentido que dão a sua função na escola e, também, de como se percebem no processo educativo. E, nesse sentido, com algumas exceções, participaram com interesse e concentração, procurando ajudar no que fosse possível.

Roteiro da entrevista realizada com a professora A na Escola A

1. Como você se relaciona com a leitura e a escrita em sua rotina?
2. Qual o sentido que você dá ao seu trabalho docente? Qual a sua formação profissional?
3. A quais conclusões você chega, agora, no término do ano letivo e do Ensino Fundamental, quanto à aprendizagem dos alunos? O que ficou? O que não ficou? Tem alguma relação com a sua prática?
4. Qual a sua lembrança com relação a sua aquisição e prática da leitura e da escrita?
5. Como você vê a educação hoje? Quais os aspectos significativos de mudança?
6. Para você, como se estabelecem as relações com o conhecimento e a escrita no cotidiano da escola?

Entrevista com a professora:

1. Como você se relaciona com a leitura e a escrita em sua rotina?

Minha formação é licenciatura em Letras e leciono há 25 anos. Sempre li muito, antes da faculdade e a prática da escrita também é anterior ao curso. Sinto que já escrevi mais, no entanto ainda leio bastante. Fico entristecida ao ver os adolescentes hoje tão alienados e preocupados com outros problemas e deixem o estudo em segundo plano. Quando freqüentei a escola vivia para estudar e era muito cobrada por meus pais. Sinto que minha formação tem enorme relação com o que aprendi em família. Sei também que as novas gerações de professores que já estão trabalhando comigo, inclusive, apresentam também deficiências quanto à leitura e escrita, e percebo que este problema afeta diretamente o aprendizado dos alunos desinteressados com quem convivemos.

2. Qual o sentido que você dá ao seu trabalho docente? Qual a sua formação profissional?

Sou formada em Letras e, também, fiz Pedagogia. Já trabalhei como diretora de escola, mas prefiro a sala de aula. Meu trabalho é muito importante para mim. Já deveria ter me aposentado, mas acho que ainda posso contribuir por mais um tempo com meus alunos. Sempre me dediquei ao meu trabalho, sou uma professora tradicional que exige muito dos alunos. Acredito que, mesmo gostando muito do que faço, a aposentadoria será propícia para mim, daqui a alguns anos, porque minha forma de trabalho não tem se encaixado à realidade das salas de aula hoje (como você observou). Exijo respeito e silêncio em minhas aulas e já não tenho mais esse tipo de comportamento de meus alunos. Acredito que a nossa profissão esteja com os dias contados. Sofremos todos os tipos de pressão e não temos para quem recorrer. Ainda, guardo a lembrança dos primeiros anos de magistério, quando conseguia trabalhar com meus alunos e fazer longas exposições sem ser interrompida com o entra e sai que você acompanhou durante as aulas.

3. A quais conclusões você chega, agora, no término do ano letivo e do Ensino Fundamental, quanto à aprendizagem dos alunos? O que ficou? O que não ficou? Tem alguma relação com a sua prática?

Como já te falei, sou muito tradicional e sei que o ensino hoje pede atualização. A rede de ensino municipal não oferece qualquer forma de atualização e somos obrigados a trabalhar em outras escolas. Sinto que de tudo que expliquei para meus alunos, pouco ou quase nada ficou. Eles não têm concentração, são muito agitados e indisciplinados. Minhas aulas são muito parecidas, reconheço, mas também acho que educação e respeito são o mínimo que o professor merece receber. Talvez, isso tenha a ver com minha forma de trabalhar, não sei, mas também acho que nessa fase da vida profissional, fica difícil mudar. Sei que há alguns anos meus alunos aprendiam mais e hoje sinto que eles não têm a menor consideração pela minha presença e isso me entristece.

4. Qual a sua lembrança com relação a sua aquisição e prática da leitura e da escrita?

Fui alfabetizada com cartilha e de forma tradicional. Na escola tínhamos a obrigação de ler um livro todas as semanas e as nossas “composições” também eram obrigatórias. Tive excelentes professoras e, até hoje, sou grata a todas por terem colaborado com o meu processo de aprendizado.

5. Como você vê a Educação hoje? Quais os aspectos significativos de mudança?

Acabei falando um pouco sobre isso nas outras questões, mas minha forma de ver a Educação não é positiva. Vivemos um momento muito difícil em que as famílias despejam nas escolas a responsabilidade pela educação de seus filhos. Não tenho estrutura para este trabalho, pois sou uma profissional só. Deveria ter outras formações como psicóloga, assistente social, policial militar, juíza, delegada, enfim, não possuo estrutura, nem remuneração suficiente, muito menos preparação profissional. Infelizmente, não consigo enxergar sinais de mudança. Enquanto o governo continuar responsabilizando o professor por todos os equívocos de sua administração e não nos oferecendo melhores condições de trabalho, a situação tende a piorar.

6. Para você, como se estabelecem as relações com o conhecimento e a escrita no cotidiano da escola?

Acho que hoje os alunos aprendem somente o que lhes interessa. Se o professor é jovem e dinâmico é um ponto para ele. Os meninos não têm respeito por professoras jovens e as meninas não conseguem ver um professor jovem e bonito como o de Educação Física que enlouquecem. Houve uma inversão de valores difícil de superar. Mas, ainda assim, continuo a insistir que os alunos só apreendem quando lhes interessa ou em alguns casos de muita exigência, como às vezes eu ainda consigo fazer. Em aulas assim, sinto o peso do cansaço e não tenho condições de ir para a outra escola. Resolvo, então, trabalhar de forma mais amena, pedindo para algum aluno passar um texto e exercícios de interpretação na lousa, enquanto anoto os alunos indisciplinados (você viu que dou nota de caderno e exijo a anotação de todas as aulas). Os alunos exercitam a escrita, a ortografia e, de alguma forma, participam da aula. Sei que não é a melhor forma de ensinar, mas é a maneira que tenho encontrado para não sofrer o desgaste do cotidiano, e ainda ter registrado alguma atividade feita em sala.

Roteiro da entrevista realizada com os alunos da escola Lourdes Ortiz:

1. Até que ponto o trabalho de um professor auxilia em seu aprendizado?
2. Que relação você tem com a leitura e escrita em sua rotina?
3. Qual a formação de seus pais? Que influência você recebe em casa com relação ao estudo?
4. Qual o sentido de estudar para você? Você estuda para quê?
5. Você acha importante falar e escrever corretamente? Por quê?

Respostas por escrito às questões elaboradas para entrevistas
(A princípio seriam entrevistas, mas por problemas no decorrer da pesquisa tivemos que optar por esta alteração).

Questão 1: Até que ponto o trabalho de um professor auxilia em seu aprendizado?

- Aluno A: Auxilia no futuro
- Aluno B: Auxilia em tudo
- Aluno C: Essencial
- Aluno D: Sempre, falta prestar atenção
- Aluno E: Só até entender a matéria
- Aluno F: Só até entender a matéria.
- Aluno G: Ajuda muito, em tudo. .
- Aluno H: Na escola, na rua...
- Aluno I: Para o crescimento.
- Aluno J: Em tudo

Questão 2: Que relação você tem com a leitura e escrita em sua rotina?

- Aluno A: Relação boa.
- Aluno B: Mais ou menos.
- Aluno C: Só na escola.
- Aluno D: Quase nada.
- Aluno E: Não escrevo quase nada.
- Aluno F: Não leio, nem escrevo. Prefiro desenhar.
- Aluno G: Normal
- Aluno H: Leio e escrevo bastante.
- Aluno I: Muito bom, leio sempre.
- Aluno J: Bem. Não leio muito, mas escrevo normalmente.

Questão 3. Qual a formação de seus pais? Que influência você recebe em casa com relação ao estudo?

- Aluno A: Se você não estudar, não é ninguém.
- Aluno B: Todo tipo de influência.
- Aluno C: Meus pais me incentivam muito a estudar.
- Aluno D: Todos.
- Aluno E: Quase pouca, eles não pegam no meu pé, só quando tiro nota vermelha, isso é errado.
- Aluno F: Todo exemplo que tiveram, me deram.
- Aluno G: Meu pai é químico, minha mãe dona de casa. Eles me incentivam muito, sempre que preciso de ajuda.
- Aluno H: 2º Grau completo. Muita influência ao estudar.
- Aluno I: Minha mãe não terminou a faculdade e meu pai parou na 6ª série, mas recebo bastante incentivo para estudar.
- Aluno J: Minha família toda me ajuda.

Questão 4: Qual o sentido de estudar para você? Você estuda para quê?

Aluno A: Estudar para você mesmo e para ser alguém na vida.

Aluno B: Para ser alguém na vida.

Aluno C: Ter mais cultura e aprender mais.

Aluno D: Para ser alguém, aprender mais, ter responsabilidades.

Aluno E: Para ficar mais fácil ganhar dinheiro, ser alguém na vida, saber mais.

Aluno F: Para conseguir uma vida melhor.

Aluno G: No sentido de aprender. Para ter um futuro melhor.

Aluno H: Para ser alguém na vida, ter mais aprendizado, cultura.

Aluno I: Estudar é conhecimento. Eu estudo para poder ter um bom emprego.

Aluno J: Para ser alguém no futuro.

Questão 5: Você acha importante falar e escrever corretamente? Por quê?

Aluno A: Lógico, não “vo” ser analfabeto.

Aluno B: Sim, porque para qualquer trabalho o que devemos saber bem é ler e escrever.

Aluno C: Eu acho que não saber o básico é meio feio.

Aluno D: Sim, passos na vida que precisamos dar para isso, ler corretamente e escrever e mostrar uma boa imagem e impressão.

Aluno E: Porque sim, não quero ser considerado um analfabeto.

Aluno F: Sim, porque quando eu falar ou escrever errado para eu não passar vergonha.

Aluno G: Sim, para poder arranjar um bom emprego.

Aluno H: Sim, para não passar vergonha.

Aluno I: Sim, porque isso mostra se você é inteligente ou não.

Aluno J: Claro que sim, é muito feio “falar incorreto”.

OBSERVAÇÃO DAS AULAS:

26/09/05

Conteúdo da aula: Orações Subordinadas Adverbiais.

Estratégias: A professora já havia explicado o conteúdo em aulas anteriores e aplicou uma série de exercícios que a maioria da sala copiou, mas uma parcela muito pequena resolveu as atividades. Durante a aula, a professora ficou sentada fazendo anotações e muitos alunos ficaram à vontade conversando sobre assuntos diversos. Uma aluna olhou para minha direção e perguntou para a professora: “O que a “tiazinha tá” fazendo ali trás?”. A professora sorriu e disse que eu era uma estudante, sem me apresentar para a sala, nem dizer o objetivo da minha presença ali. Levantei a mão e perguntei se podia me apresentar, após a autorização da professora, falei um pouco sobre meu projeto e o porquê da minha presença na sala. Após a minha apresentação sob o olhar atento e um silêncio absoluto, passaram-se uns trinta minutos, a professora colocou as respostas das atividades na lousa e, na sequência, a aula acabou e todos levantaram correndo, atropelando uns aos outros.

Dinâmicas: Durante a aula os alunos tiveram total liberdade para entrar e sair da sala. A professora é muito séria e mantém-se distante de todos, não esboçando um sorriso, nem procurando conversar com seus alunos. O que não impede que todos fiquem bem à vontade, muitas vezes ignorando sua presença.

27/09/05

Conteúdo: Produção de texto

Estratégias: A professora colocou o tema da redação na lousa e lembrou orientações que ela já havia fornecido em outras aulas. Como na aula anterior, alguns alunos copiaram prontamente, e já começaram a desenvolver os textos. Outros ficaram sem fazer nada e, ao final da aula, correram para solicitar que a entrega do texto ocorresse na aula seguinte. A professora negou e disse que a atividade deveria ter sido feita por todos e quem não realizou deveria assumir suas responsabilidades.

Dinâmicas: Mais uma vez, foi observado o distanciamento entre a professora e os alunos. Em alguns momentos havia a impressão de que a professora não estava em sala. O barulho era ensurdecedor e para quem estava produzindo o texto, tentar a concentração seria algo inimaginável. Em alguns momentos a professora bateu na mesa, gritou e sua atitude não surtiu efeito. Nesse momento, ela lembrou a todos da proximidade do final do ano e da conseqüente recuperação e suposta retenção. Foi o momento em que houve uma pausa para que todos ficassem pelo menos sentados.

03/10/05

Conteúdo: Atividades no livro.

Estratégias: A professora fez a indicação das páginas a serem lidas e os exercícios que deveriam ser feitos. Porém, muitos alunos afirmaram que esqueceram o livro e a impressão que tive foi de presenciar uma prática comum entre eles. Após anotar os nomes de todos os alunos que esqueceram o material, a professora afirmou que iria tirar nota de todos no final do bimestre. Após o ocorrido quem levou o material fez o que lhes foi proposto e os demais perturbaram bastante.

Dinâmica: A professora fingiu não ver o que ocorria e continuou fazendo leituras e observações. Os alunos não se aproximam em momento algum para conversar, nem para tirar dúvidas. O que pude perceber é que, às vezes, ela esboçava um sorriso, mas não era suficiente para criar uma atmosfera de aproximação. O tratamento que recebi também foi semelhante. Embora reinasse um clima de aparente simpatia, ficou muito claro, desde o início do processo de observação que eu era uma “intrusa” e que o trabalho deveria ser acelerado.

04/10/2005

Conteúdo: Figuras de Linguagem

Estratégias: A professora passou na lousa toda a teoria sobre o assunto o que ocupou uma aula inteira. Na segunda aula, após aguardar que todos tivessem terminado, começou a explicação, utilizando a lousa para colocar os diversos exemplos sobre cada figura de linguagem. Houve um enorme silêncio na sala no momento em que a professora explicava, mas duas alunas resolveram conversar e a professora resolveu parar com a explicação, dizendo que a matéria já estava registrada e todos deveriam estar preparados para possíveis avaliações.

Dinâmicas: A aula, que até então estava muito tranqüila, passou a insuportável. Todos começaram a cantar, gritar e alguns faziam trocadilhos com o nome da professora, que aguardava na porta o momento de sair da sala, após o sinal para o recreio. Não se pode dizer que houve uma atuação voltada para o trabalho com os conteúdos propostos. Nesta aula, a professora foi vaiada e aparentemente não se importou. Na saída da sala, comentou sobre o desgaste que vem enfrentando e da necessidade de parar de lecionar, por estar em descompasso com o ritmo dos alunos.

25/10/2005

Conteúdo: Figuras de Linguagem

Estratégias: A professora utilizou a lousa para passar exercícios sobre algumas figuras de linguagem. Alguns alunos não abriram os cadernos e, quando a professora percebeu, avisou que os mesmos seriam advertidos. Os alunos, aparentemente, não se importaram com a situação e continuaram com a mesma atitude. A professora resolveu anotar no diário o ocorrido e começou a fazer a correção dos exercícios.

Dinâmicas: Os alunos que nada faziam começaram a interferir a correção, após a professora ter avisado algumas vezes que tomaria alguma atitude, eles continuaram a não se importar. Assim, a professora chamou a inspetora que retirou da sala 8 alunos encaminhados à diretoria. Após o ocorrido, a sala permaneceu em total silêncio e a professora conseguiu até conversar com algumas alunas.

28/10/2005

Conteúdo: Avaliação Mensal

Estratégias: A professora entrou em sala e já começou a separar os alunos para que não houvesse conversa durante a prova. Os alunos foram trocando de lugar e, também, reclamando bastante. Após entregar todas as avaliações, a professora sentou-se na última carteira do lado direito da sala e ficou observando a atitude dos alunos.

Dinâmicas: A sala permaneceu em total silêncio e os alunos ficaram concentrados para realizar a prova. Alguns alunos não entenderam algumas questões e a professora aproveitou as perguntas para explicar para toda a sala. À medida que os alunos foram terminando foram saindo da sala porque na seqüência seria o recreio. Após a saída de todos os alunos, a professora comentou a atitude positiva dos alunos nos momentos de avaliação, dizendo que se comportaram como crianças de 4ª série.

08/11/2005

Conteúdo: Interpretação de Texto

Estratégias: Ao entrar em sala, a professora pediu que os alunos abrissem o livro, na página 72, para que pudessem acompanhar a leitura de um texto com ela. Alguns alunos alegando não ter livro agruparam-se no fundo da sala. Fizeram várias coisas, menos acompanhar a professora na leitura, nem fazer as atividades propostas depois da leitura. A sala estava bastante agitada, e na metade da aula, o que se pode perceber foi uma tremenda agitação. Alunos andando pela sala, outros jogando cartas, algumas alunas lendo revistas e a professora fazendo anotações em seu diário.

Dinâmicas: A professora tentou fazer com que os alunos voltassem à atividade, mas sem sucesso. Quando percebeu que os alunos não iriam fazer o que estava sendo proposto. Foi à lousa e escreveu em letras garrafais: atividade para nota. Alguns alunos correram para tentar fazer, já que faltavam poucos minutos para o término da aula. Outros não se importaram. A professora voltou à lousa e escreveu: quem não fizer, leva zero e não adianta tentar fazer a prova bimestral. Nesse momento, alguns alunos levantaram e foram discutir com a professora que foi enfática. Não teria conversa, quem resolveu brincar que assumisse seus atos. Mandou todos irem aos seus lugares, encerrando a confusão.

24/11/2005

Conteúdo: Revisão do Bimestre

Estratégias: A aula começou com a revisão dos principais conteúdos trabalhados no bimestre. A professora trouxe as atividades em cópias que foram cobradas dos alunos, para tornar a aula mais dinâmica e, também, para dar tempo de rever todos os conteúdos. Nessa aula, houve participação significativa dos alunos, que perguntaram o tempo inteiro procurando tirar todas as dúvidas e, até mesmo, pedir para a professora explicar tudo novamente, como se não houvessem aprendido ainda a matéria.

Dinâmicas: A professora mostrou-se atenciosa e, na medida do possível, atendeu às questões que conseguia responder e no momento, em que foi pedido que explicasse a matéria desde o início, aproveitou para chamar a atenção dos alunos que brincaram demais, dizendo que aquela altura seria impossível ajudá-los da forma que queriam. Ainda assim, “ajudou” alguns alunos afirmando que a avaliação estaria naquele formato dos exercícios. E que se estudassem pelo que havia sido explicado, conseguiriam resolver todos os exercícios da avaliação bimestral.

06/12/2005

Última aula do ano. A classe realizou uma festa de despedida e convidou todos os professores, que foram homenageados com flores e uma festa bem agradável. No discurso da professora de Língua Portuguesa, se os alunos, durante o ano, agissem daquela forma descontraída e “desarmada” teriam um ano muito mais produtivo. Nesse sentido, obteve total concordância de todos os professores presentes. Os alunos choraram bastante, porque como a Escola pertence à rede municipal de ensino não possui Ensino Médio, por essa razão alguns não se veriam com a mesma frequência dos últimos anos.

08/12/2005

Conteúdo: Orações Subordinadas (Aula de Recuperação)

Estratégias: A professora voltou a explicar o mesmo conteúdo desenvolvido durante o bimestre. A sala apresentava, nessa aula, somente 6 alunos que permaneceram o tempo inteiro em total silêncio. Olhando atentamente para a professora, realizando as atividades propostas e tirando todas as dúvidas.

Dinâmicas: A sala mostrou-se muito produtiva e sem problemas de disciplina ou aprendizagem. A professora deixou claro que não havia intenção de reprovar algum aluno e que nos próximos dias já teria a nota de cada um para dispensá-los para as férias. Nesse momento anunciei minha saída, me despedindo da sala e desejando muita sorte e juízo a todos. A professora agradeceu a minha participação nas aulas e se mostrou interessada em saber do andamento do estudo, pedindo que eu retornasse à escola para conversarmos. Concordei e encerrei a participação na referida escola.

ANEXO XII – MAPA CONCEITUAL

